

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

RAFAEL FURLAN LO GIUDICE

**O DISCURSO DA CRISE ECONÔMICA NOS GOVERNOS DILMA ROUSSEFF (PT)
E MICHEL TEMER (MDB): A NARRATIVA DO *IMPEACHMENT* NOS JORNAIS O
ESTADO DE S. PAULO E FOLHA DE S.PAULO**

**SÃO PAULO
2019**

RAFAEL FURLAN LO GIUDICE

**O DISCURSO DA CRISE ECONÔMICA NOS GOVERNOS DILMA ROUSSEFF (PT)
E MICHEL TEMER (MDB): A NARRATIVA DO *IMPEACHMENT* NOS JORNAIS O
ESTADO DE S. PAULO E FOLHA DE S.PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade Paulista, para obtenção do
título de doutor em Comunicação, sob orientação da
Professora Dra. Carla Montuori Fernandes.

**SÃO PAULO
2019**

Lo Giudice, Rafael Furlan.

O discurso da crise econômica nos governos Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB): a narrativa do *impeachment* nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo / Rafael Furlan Lo Giudice. – 2019 176f.

Tese de Doutorado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2019.

Área de Concentração: Configuração de Linguagens e Produtos Audiovisuais na Cultura Midiática. Orientador: Profa. Dra. Carla Montuori Fernandes.

1. Dilma Rousseff. 2. Michel Temer. 3. *Impeachment*. 4. Folha de S.Paulo. 5. O Estado de S. Paulo.

RAFAEL FURLAN LO GIUDICE

**O DISCURSO DA CRISE ECONÔMICA NOS GOVERNOS DILMA ROUSSEFF (PT)
E MICHEL TEMER (MDB): A NARRATIVA DO *IMPEACHMENT* NOS JORNAIS O
ESTADO DE S. PAULO E FOLHA DE S.PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade Paulista, para obtenção do
título de doutor em Comunicação, sob orientação da
Professora Dra. Carla Montuori Fernandes.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____ / ____ / _____

Prof. Dra. Carla Montuori Fernandes - UNIP

_____ / ____ / _____

Prof. Dr. Jorge Miklos - Universidade Paulista - UNIP

_____ / ____ / _____

Prof. Dra. Carla Longui - UNIP

_____ / ____ / _____

Prof. Dra. Marília Rodrigues - UNIFRAN

_____ / ____ / _____

Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira - UFJF

_____ / ____ / _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista por apresentarem um universo amplo da comunicação, especialmente aos professores que ministram as disciplinas obrigatórias e que muito contribuíram para o meu processo de aprendizagem.

À minha orientadora, Profa. Dra. Carla Montuori Fernandes, que não mediu esforços para que eu aprendesse cada vez mais sobre esse mundo apaixonante que é a política. Você foi a minha inspiração durante o processo de escrita desta tese com o seu amplo conhecimento do assunto. Obrigado, professora, pela compreensão quanto a distância de Três Lagoas – Mato Grosso do Sul e São Paulo – SP.

À minha querida professora e orientadora do mestrado em Linguística da Unifran, Profa. Marília Rodrigues, que me acolheu após a minha qualificação no mestrado em Franca e me apresentou o universo da Análise do Discurso, metodologia que utilizo até hoje em minhas pesquisas.

Aos amigos que fiz durante o doutorado e que, mesmo morando longe, estavam presentes sempre que precisei.

Aos amigos que fiz durante esses meus 31 anos. Amigos verdadeiros compreendem às vezes que não pude sair, pois estava escrevendo, mas, mesmo assim, conseguimos compartilhar os melhores momentos da vida uns dos outros.

Aos meus familiares e alunos que me incentivaram para que eu chegasse até aqui;

A toda a equipe do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista.

O meu muito obrigado

*Precisamos mudar as
relações de força no mundo.
Não podemos ser observadores passivos
de decisões que afetam diretamente o nosso destino.*
Lula

RESUMO

Nos estudos sobre análise do discurso político, é fundamental verificar como são construídas as narrativas e qual a sua intenção no processo de construção do conteúdo. Com o tema central desta tese, o discurso da crise econômica, veiculado pelos dois jornais de maior circulação nacional do Brasil, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, será pesquisado no que concerne ao governo Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB). O período de análise é voltado aos quatro meses e dez dias de cada mandato, referentes ao ano de 2016. Buscou-se trabalhar com os conceitos de comunicação e política, jornalismo e análise do discurso, assim como analisar a conjuntura do período para entender alguns marcadores discursivos e fatos fundamentais para o processo de análise, que irão sustentar a metodologia, amparada em marcadores do silenciamento total, intertextualidade, escolhas semânticas e heterogeneidade enunciativa. Levantou-se a hipótese de que a cobertura da crise econômica ocorrida durante o segundo mandato de Dilma Rousseff (PT), em 2016, reforça o discurso de *impeachment* da presidente petista e que, após Michel Temer assumir a Presidência do Brasil, o discurso dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* são reajustados, reforçando e adjetivando um Brasil sem crise, de oportunidades e também pronto para avançar para um cenário sem recessão. A compreensão do jornalismo nos rumos da política brasileira atual envolve a análise da cobertura da mídia na esfera econômica. Esta tese ainda tem o intuito de suprir a escassez teórica acerca do processo de *impeachment* pela mídia impressa. Na análise bibliográfica, buscou-se um embasamento teórico e reflexivo em autores que abordam o assunto, contextualizando os antecedentes da crise e suas marcas no processo econômico do País.

Palavras-chave: *Impeachment*; Jornalismo; Política; Dilma Rousseff; Michel Temer; *Folha de S.Paulo*; *O Estado de S. Paulo*.

ABSTRACT

In the studies of the political discourse analysis it is fundamental to verify how the narratives are constructed and what their intention in the process of construction of the content. As a central theme of this thesis, the discourse of the crisis, transmitted by the two largest national newspapers in Brazil, *Folha de S.Paulo* and *O Estado de S. Paulo*, will be researched, as far as the Dilma Rousseff (PT) government is concerned, and Michel Temer (PMDB). The period of analysis is focused on the four months and ten days of each term, referring to the year 2016, and we sought to work with the concepts of communication and politics, journalism and discourse analysis, as well as an analysis of conjuncture in order to understand some discourse markers and fundamental facts for the analysis process, which will support the methodology, based on markers of total silencing, intertextuality, semantic choices and enunciative heterogeneity. The hypothesis was raised that the coverage of the economic crisis that occurred during Dilma Rousseff's second term in 2016 reinforces the president's impeachment speech and that after Michel Temer assumed the presidency of Brazil, the speech of the newspapers *Folha de S.Paulo* and *O Estado de S. Paulo* are modified, reinforcing and adjectivizing a Brazil without crisis, opportunities and also ready to advance to progress. The understanding of journalism in the directions of Brazilian politics totally involves the economic sphere and also seeks to overcome the theoretical scarcity of the process of impeachment by the print media. In the bibliographic analysis, a theoretical and reflective basis was sought in authors who approach the subject, contextualizing the antecedents of the crisis and its marks in the economic process of the Country.

Keywords: Impeachment; Journalism; Policy; Dilma Rousseff; Michel Temer; *Folha de S.Paulo*; *O Estado de S. Paulo*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – PIB em queda a partir de 2010.....	27
Figura 2 – Crescimento do desemprego	28
Figura 3 – Cenário relativo às contas públicas.....	29
Figura 4 – Índices de inflação	30
Figura 5 – Mapa das manifestações de março de 2015	35
Figura 6 – Variações do PIB	36
Figura 7 – Estimativa de crescimento dos países da América do Sul	36
Figura 8 – Votação do <i>impeachment</i> no Senado	38
Figura 9 – Número de senadores citados na Lava Jato	39
Figura 10 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 1º de janeiro de 2016.....	73
Figura 11 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 1º de janeiro de 2016	74
Figura 12 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 7 de fevereiro de 2016.....	79
Figura 13 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 7 de fevereiro de 2016	80
Figura 14 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 9 de abril de 2016.....	84
Figura 15 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 9 de abril de 2016	86
Figura 16 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 21 de abril de 2016.....	89
Figura 17 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 21 de abril de 2016	90
Figura 18 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 2 de maio de 2016	95
Figura 19 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 2 de maio de 2016	96
Figura 20 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 2 de junho de 2016	101
Figura 21 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 2 de junho de 2016	102
Figura 22 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 20 de junho de 2016	107
Figura 23 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 20 de junho de 2016	108
Figura 24 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 2 de julho de 2016.....	112
Figura 25 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 2 de julho de 2016	113
Figura 26 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 13 de agosto de 2016.....	118
Figura 27 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 13 de agosto de 2016	119
Figura 28 – Manchete do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 29 de setembro de 2016.....	123
Figura 29 – Reportagem do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 29 de setembro de 2016.....	124
Figura 30 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 10 de janeiro de 2016.....	129
Figura 31 – Reportagem do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 10 de janeiro de 2016.....	130
Figura 32 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 22 de janeiro de 2016.....	136
Figura 33 – Reportagem do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 22 de janeiro de 2016.....	137
Figura 34 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 28 de março de 2016.....	141
Figura 35 – Reportagem do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 28 de março de 2016.....	142
Figura 36 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 5 de abril de 2016	148
Figura 37 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 5 de abril de 2016	149
Figura 38 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 12 de maio de 2016.....	153
Figura 39 – Reportagem do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 12 de maio de 2016	154
Figura 40 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 25 de maio de 2016.....	159
Figura 41 – Manchete do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , 25 de maio de 2016.....	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Brasil pode perder até 2,2 mi de vagas formais neste ano”	77
Quadro 2 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “País caminha para a pior recessão de sua história”	83
Quadro 3 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Queda no preço da energia e crise fazem inflação recuar”	88
Quadro 4 – Análise discursiva do Jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Demissões batem recordes, e desemprego chega a 10%”	93
Quadro 5 – Análise discursiva do Jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Dilma culpa oposição pela crise econômica”, traz no <i>lead</i> o termo “pacote de bondades”	99
Quadro 6 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Recessão se aprofunda, mas surgem sinais de estabilização”	105
Quadro 7 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> : “Desigualdade no país volta a crescer com desemprego”	111
Quadro 8 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> : “Indústria dá sinais de retomada após 2 anos”	116
Quadro 9 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Governo vê indícios de melhora na arrecadação”	121
Quadro 10 – Análise discursiva do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> : “Crise acelera volta de empregos com carteira assinada”	127
Quadro 11 – Análise discursiva do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : “Crise econômica faz aumentar espera de desempregados por nova vaga”	133
Quadro 12 – Análise discursiva do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : “País fecha 1,5 milhões de vagas e analistas preveem piora”	139
Quadro 13 – Análise discursiva do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : “Crise provoca fechamento de 4,4 mil fábricas em São Paulo”	145
Quadro 14 – Análise discursiva do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : Governo sacrifica ajuste para ajudar a negociar a crise	151
Quadro 15 – Análise discursiva do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : A chance de Temer: vice de Dilma assume Presidência da República com o desafio de superar uma crise histórica e encerrar a era do PT do poder	157
Quadro 16 – Análise discursiva do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : A chance de Temer: vice de Dilma assume Presidência da República com o desafio de superar uma crise histórica e encerrar a era do PT do poder	162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de denúncias contra presidentes	23
Tabela 2 – Matérias do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> (2016)	72
Tabela 3 – Matérias do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> (2016).....	72

LISTA DE SIGLAS

PT – Partido dos Trabalhadores

MDB – Partido Movimento Democrático Brasileiro

PRN – Partido da Reconstrução Nacional

AD – Análise do Discurso

MP dos Portos- Medida Provisória dos Portos

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

MBL – Movimento Brasil Livre

VPR – Vem Pra Rua

PR – Partido da República

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

TCU – Tribunal de Contas da União

PIB – Produto Interno Bruto

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social

FUG – Fundação Ulysses Guimarães

PDT – Partido Democrático Trabalhista

MPL – Movimento Passe Livre

PSD – Partido Social Democrata

PROS – Partido Republicano da Ordem Social

STF – Supremo Tribunal Federal

EUA – Estados Unidos da América

FGV – Fundação Getulio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

DIESSE – Departamento Intersindical de estatísticas e estudos socioeconômicos

CEAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CBIG – Câmara Brasileira da Indústria da Construção

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. CONJUNTURA DA CRISE ECONÔMICA NO GOVERNO DILMA: OS ANTECEDENTES DO <i>IMPEACHMENT</i>	18
1.1 Marcadores do <i>impeachment</i> e a economia do Brasil	27
2. COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E JORNALISMO.....	41
2.1 Jornalismo e política.....	44
2.2 Jornalismo impresso e discurso midiático: os jornais <i>O Estado de S. Paulo</i> e <i>Folha de S. Paulo</i> ...	50
3. ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO	55
3.1 Contribuições da AD para as narrativas jornalísticas nos textos impressos.....	57
3.2 Bases metodológicas de análise: as ferramentas do discurso em textos jornalísticos	61
3.2.1 Escolhas semânticas	63
3.2.2 Silenciamento	64
3.2.3 Intertextualidade.....	66
3.2.4 Heterogeneidade enunciativa	68
4. A PRÁTICA DISCURSIVA NOS JORNAIS <i>FOLHA DE S.PAULO</i> E <i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	71
4.1 Jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	72
4.2 Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	165

INTRODUÇÃO

A palavra *política* tem diversos significados. Além de ser a ciência do governo dos povos, pode ser entendida como o conjunto dos negócios do Estado, da direção de um Estado e da determinação das formas de sua organização. Norberto Bobbio (2000) afirma que a política enquanto prática humana está associada ao conceito de poder, no qual todo o poder está relacionado às disputas políticas e à convivência dos indivíduos em sociedade. Bobbio aponta que a tipologia moderna das formas de poder se estrutura nos poderes econômico, político e ideológico. O poder econômico é voltado aos que possuem determinados bens, influenciando, de certa forma, o comportamento dos que não os possuem. O poder político se efetiva pela força (coação), por meio de diferentes formas de violência que permitem garantir a sobrevivência e o privilégio de determinado grupo.

Já o poder ideológico se estabelece “pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra” (BOBBIO, 2000, p. 11). Nesse cenário, percebe-se que esses dois poderes são capazes de influenciar o poder político nas esferas executiva, legislativa e judiciária. É possível estabelecer uma associação entre o poder ideológico e a mídia, na medida em que Bobbio (2000) aponta que tal poder se estabelece por meio da posse de certas formas de saber que são inacessíveis aos demais, como doutrinas, conhecimentos, informações, ou códigos de conduta, para influenciar o comportamento de outros e induzir os componentes de um grupo a agir de uma determinada forma e não de outra.

Com base no poder da mídia, a personagem principal que será estudada nesta tese de doutorado é a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em um período dividido em duas fases, os meses finais de seu mandato, de 1º de janeiro de 2016 até a data de seu afastamento, em 11 de maio de 2016, seguido dos meses iniciais da gestão de Michel Temer (MDB), de 15 de maio a 25 de setembro de 2016.

Nesse sentido, a proposta é analisar o discurso sobre a crise econômica no governo Dilma, em 2016, pelos principais jornais impressos do Brasil, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Na sequência, pretende-se analisar e comparar a cobertura da crise econômica durante o período em que Temer atuou como interino. Escolheu-se os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* por serem os principais jornais brasileiros.

Atualmente, a *Folha de S.Paulo* conta com uma média de tiragem, de segunda-feira a domingo, de 320.741 exemplares¹. Já o jornal *O Estado de S. Paulo* mantém a média de circulação, de segunda-feira a domingo, de 165.740 mil exemplares².

Além disso, a pesquisa se justifica tendo em vista a carência de trabalhos que abranjam o tema. Diversas pesquisas foram feitas em bases de dados como Scielo, Google Acadêmicos e outros, constatando-se a ausência de trabalhos que abordem o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT) na mídia associado à dimensão econômica. Encontram-se muitas discussões de pesquisadores na área da economia e poucos estudos na comunicação, todavia, com *Radiografia do golpe*, o sociológico Jessé Souza (2016) faz uma das primeiras análises do processo após o afastamento de Dilma Rousseff (PT), seguindo-se André Singer (2016), em *Por que gritamos golpe*, e *Mídia, misoginia e golpe*, organizado por Elen Cristina Geraldine *et al.*, que analisam o processo de destituição da presidente petista a partir de variáveis políticas e midiáticas, vinculadas a uma leitura de gênero. Diante disso, pretende-se analisar a narrativa abordada pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, ampliando as discussões e as relações entre política e a mídia. Temas que compõem o cotidiano nacional, como Lava Jato, política de coalizão, alianças partidárias, fisiologismo, polarização política, clientelismo e as diversas manifestações sociais que impulsionaram a crise política e econômica durante o período analisado também serão abordados no desenvolvimento do estudo.

O trabalho é relevante porque propõe compreender a atuação do jornalismo nos rumos da política brasileira. Analisando o papel do jornalismo no *impeachment* de Fernando Collor de Mello (PRN), percebemos marcas semelhantes às do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), no qual a atuação da imprensa marcou de forma decisiva sua ascensão à Presidência e sua derrocada. Percebe-se a importância dos veículos de comunicação, em especial, o jornal impresso, na formação do senso crítico da população.

A cobertura investigativa da imprensa, pautada pela crise econômica, com a volta da inflação e a visibilidade dos escândalos de corrupção, contribuiu para o processo de *impeachment* de Collor. De maneira semelhante, 25 anos depois, Dilma Rousseff (PT) também enfrenta um processo de *impeachment*, cujo tema central envolve a esfera econômica.

O problema da pesquisa está baseado na compreensão do termo *crise*, pautado pela mídia impressa. Etimologicamente, a palavra tem sua origem no grego *krisis*, que significa

¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

² Disponível em: <<http://publicidade.estadao.com.br/estadao/estadao-dados-de-mercado>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

separação, disputa, decisão, sentença ou juízo definitivo. No latim, *crisis* designa “alteração, desequilíbrio repentino; estado de dúvida e incerteza; tensão, conflito” (CUNHA, 1982, p. 228). No dicionário de política, Norberto Bobbio (2004) define crise como uma ruptura no funcionamento de um sistema e afirma que as crises podem ser caracterizadas por meio de três elementos: duração limitada, imprevisibilidade e incidência no funcionamento do sistema. A primeira é baseada na conjuntura e nos contextos internos ou externos que fazem com que uma crise tome uma proporção não planejada ou inesperada; a segunda refere-se às questões de tempo e espaço; já a terceira é relacionada aos atores e protagonistas que fazem parte de qualquer sistema capaz de gerar crises.

Assim, esta pesquisa pretende responder se a cobertura da crise econômica ocorrida durante o segundo mandato de Dilma Rousseff, em 2016, reforça o discurso de *impeachment* da presidente petista. Qual discurso prevalece nos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* após o afastamento de Dilma Rousseff?

Nesse sentido, parte-se da hipótese de que a mídia impressa atuou como protagonista no processo de *impeachment*, construindo a narrativa da crise econômica associada à gestão do governo Dilma, ao passo que amenizou o discurso durante o período em que Michel Temer atuou como presidente interino. Durante o período que antecedeu o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), verifica-se que a mídia conferiu extensa cobertura para os desdobramentos do processo, dando destaque para a crise econômica que o país enfrentava. Após o afastamento de Dilma, quando Michel Temer (MDB) assume a Presidência do país interinamente, percebe-se um agendamento diferenciado de conteúdos nos jornais, essencialmente no que tange aos aspectos econômicos.

A metodologia que dará suporte é a da Análise do Discurso (AD), que tem o objetivo de compreender a mensagem e reconhecer seu sentido, seu valor, o contexto político e sua dependência de determinado contexto, nesse caso, os discursos políticos.

Pela via da análise do discurso, metodologia criada no final dos anos 1960 por Michel Pêcheux, os períodos analisados servirão de base para a produção de sentidos e o processo de compreensão entre sujeitos, entendendo as relações do homem com a sua realidade discursiva, via discurso jornalísticos veiculados pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

Este trabalho busca referenciais nos intelectuais franceses que pesquisaram e continuam pesquisando o universo da linguagem “[...] sob o horizonte comum do marxismo e de um movimento de crescimento da linguística – que se encontra em franco desenvolvimento e ocupa

o lugar de ciência piloto” (MUSSALIM, 2000, p. 101-142). A análise do discurso, ligada diretamente aos aspectos de natureza social, tem o papel de mostrar o discurso e as causas que irão originar diversos fatores como a ideologia, a crença e a formação do sujeito. Os estudos da AD³ são resultados de diversas releituras e também da compreensão de variadas correntes linguísticas.

Os estudos para entender as manifestações da língua não se limitaram apenas aos conceitos trabalhados em Ferdinand de Saussure. Na AD, os estudos ultrapassam a “Linguística da Frase” e vão abarcar uma “Linguística do Discurso”. Mediante estudos mais aprofundados, a AD buscou uma nova maneira de interpretar a linguagem no momento em que procurou “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2002, p. 15). Os estudos da AD foram marcantes no processo de compreensão da língua e do discurso político, tema central desta tese.

O primeiro capítulo traz uma análise da conjuntura da crise econômica e da sua interferência na política. O processo de *impeachment* aparece como palavra principal nesse capítulo, uma vez que a análise abrange as manifestações de 2013 até o *impeachment* de Dilma Rousseff, que contribuíram e afetaram o processo econômico do Brasil, influenciando na política e também na forma dos discursos emitidos pelos veículos de comunicação, em especial os jornais objetos de análise desta tese.

No segundo capítulo, a comunicação política e os vários olhares sobre os diversos campos, em especial o da política e das ciências sociais aplicadas – jornalismo, serão fundamentados traçando uma relação com o processo democrático.

O jornalismo político e o impresso serão pensados como dimensões indispensáveis para a interação do leitor, uma vez que o discurso político interage diretamente com a construção de uma realidade política pautada em publicar ou negligenciar assuntos que serão expostos à opinião pública.

Também visto como uma instituição social, o jornalismo, por meio dos discursos enunciados pelos jornais impressos, trabalha a lógica da produção de conteúdo, que, para Noblat (2002), deveria ser um espelho do processo de formulação da consciência crítica.

Nesse capítulo, também será apresentada a história da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo* e como esses dois jornais de circulação nacional refletem diretamente o contexto

³ De ora em diante, a Análise de Discurso será indicada por AD.

político.

Já o terceiro capítulo recorrerá à base teórico-metodológica da análise de discurso da linha francesa. Os fatores extralinguísticos na circulação dos discursos irão complementar as análises.

Às reportagens dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* serão aplicados conceitos de escolhas semânticas capazes de analisar adjetivos, expressões valorativas e ironias presentes nos textos.

O dispositivo de silenciamento também será a metodologia de análise aplicada às reportagens dos respectivos jornais, com o intuito de analisar as estratégias discursivas, nas quais os interlocutores silenciam o que lhes convém.

A intertextualidade, presente na memória discursiva, no apagamento de um fato, irá servir para constatar a intenção do jornal em emitir alguns discursos mediante efeitos de sentido. Por fim, a heterogeneidade enunciativa, que é a citação de vozes no texto, buscará as estratégias enunciativas que se aliam às reportagens, a fim de verificar como os jornais construíram o sentido político da crise.

1. CONJUNTURA DA CRISE ECONÔMICA NO GOVERNO DILMA: OS ANTECEDENTES DO *IMPEACHMENT*

De origem anglicana, o termo *impeachment* significa impedimento em português, não apenas o impedimento do Presidente da República, mas de todo o processo que implica tal sanção. Sendo assim, trata-se de um processo em que *impeachment* e impedimento, pela ordem do discurso, são considerados sinônimos. Para Brossard (1965, p. 33), a origem do *impeachment* remonta ao final da Idade Média, na Inglaterra, quando a Câmara dos Comuns denunciava os ministros do rei e esses eram julgados pelos lordes.

Essa tradição, também adotada no Brasil, ocorre com algumas mudanças. Desde o Império, e o período da Constituição de 1824, a possibilidade do *impeachment* estava centrada na relação com os ministros, secretários e conselheiros do Estado. Esse fator não cabia ao poder do imperador. Ao Senado, cabia apenas o julgamento, a prisão e a distribuição do cargo (BROSSARD, 1965, p. 39).

Com o advento da República e da Constituição de 1891, se antes o imperador era imune, o Presidente da República passa a ser legalmente responsável no processo. No caso de crime comum, o processo seria julgado pelo Poder Judiciário. Em crises de responsabilidade, seria julgado pelo Senado Federal. Desse modo, no contexto do Brasil, o *impeachment* tem natureza político-jurídica e até político-administrativa (BULOS, 2015), não tendo natureza criminal. No contexto atual, entende-se por *impeachment* “o processo mediante o qual se promove a apuração e o julgamento dos crimes de responsabilidade” (BARROSO, 1998, p. 162). A sanção nesse caso se limita à saída do cargo e ao não exercício de função pública por um período de oito anos.

Para este estudo, é necessário retomar o contexto dos fatos que contribuíram para a perda de capital político de Dilma Rousseff (PT) e o processo de *impeachment*. Com grande complexidade e amplitude de fatos, a reconstrução de toda a trajetória que antecede o *impeachment* é fundamental para estabelecer relações entre contexto político, social e midiático que conduziu a derrocada da presidente petista.

Desde o processo do *impeachment* vivido por Fernando Collor de Mello (PRN), em 1992, em contexto diferente do vivido por Dilma Rousseff, percebe-se que existe uma situação política similar, uma vez que ambos foram destituídos do cargo pela perda da base aliada. Em Collor, tem-se uma abertura de processo de *impeachment* que sucede uma Comissão

Parlamentar de Inquérito (CPI), baseado em denúncias realizadas pelo irmão do ex-presidente, Pedro Collor, a respeito de uma rede sistêmica de corrupção.

As investigações desvelam diversas contas operadas por Paulo César Farias, o que proporcionou mais desconfiança na atuação ilícita do então presidente. Outro fator que contribuiu foram as sobras da campanha de 1989, que estavam sendo utilizadas para bancar as despesas pessoais do ex-presidente Collor, considerado um esquema de caixa 2. Em ordem de contraste com o processo de *impeachment* atual, percebe-se que Collor deixou a Presidência dois anos após o início do mandato.

Ao retomar o processo conjuntural que destituiu Dilma do poder, deve-se destacar as eleições de 2014, que polarizadas e conduzidas pela mídia e pela oposição já debatiam o processo de afastamento da então presidente logo após o resultado das urnas. Em maio de 2013, ainda no primeiro mandato de Dilma, se instaura uma crise de relacionamento entre a presidente e as casas legislativas acirrando os ânimos políticos. Com a votação da Medida Provisória n. 595/12, a conhecida MP dos Portos, o governo buscava a modernização dos polos marítimos, o que iria contribuir para dinamizar a importação e a exportação, facilitando o processo de exploração e de concessão dos portos brasileiros. Eduardo Cunha (PMDB), então líder do partido na Câmara, não satisfeito, solicitou que o projeto fosse modificado. Ao ser encaminhado novamente para a Presidência, o pedido foi negado, gerando os primeiros embates entre o Poder Executivo e o Legislativo. Essa diferença deu início ao embate de interesses entre o Planalto e a casa legislativa.

Na sequência, uma série de protestos passa a ocorrer nas principais cidades do Brasil. As mobilizações de rua, ocorridas no mês de junho de 2013, em várias capitais do país, também conhecidas como “jornadas de junho”, marcaram a história política do Brasil e também da gestão de Rousseff, levando ao declínio da sua popularidade.

As “jornadas de junho” ocorreram em função do aumento da tarifa dos ônibus, de R\$ 2,70, em janeiro, o valor foi para R\$ 3,00, superando o índice de inflação do período. A mesma medida foi adotada pelo então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), que manteve a privatização das linhas do metrô e anunciou a nova tarifa de trens e de ônibus intermunicipais, que foi para R\$ 2,90.

Em grandes cidades, os movimentos reivindicavam uma política diferenciada, o que incentivou a criação de grupos sociais contrários ao governo Dilma (PT) como o “Vem Pra Rua” e o “Movimento Brasil Livre”, identificados pelas iniciais VPR e MBL. O VPR iniciou

em setembro de 2013 e o MBL em novembro de 2014, após o fim do segundo turno das eleições presidenciais de 2014.

Ainda que diante de uma popularidade em declínio, Dilma Rousseff (PT) é reeleita, em 26 de outubro de 2014, derrotando o candidato da oposição Aécio Neves (PSDB), por uma pequena margem de votos⁴. Assim, Dilma Rousseff amplia para 16 anos o ciclo do PT no poder e dá início a pacotes de medidas para equilibrar as finanças públicas, rebatendo o discurso que propagou durante toda a campanha eleitoral de que o país não enfrentava dificuldades econômicas, discurso possivelmente utilizado para fortalecer a campanha para a reeleição.

É fato que, ao longo de 2014 e 2015, a oposição ao governo Dilma se intensificou e milhares de manifestantes foram para as ruas e se organizaram com os mais variados perfis como grupos religiosos, associações patronais, centrais sindicais e movimentos sociais. Em 15 de março de 2015, têm início as manifestações contra o governo e a favor do *impeachment*, reunindo quase 1 milhão⁵ de pessoas nas ruas em todo o Brasil. Junto a isso, o governo aprova medidas de ajuste fiscal que restringem benefícios trabalhistas e previdenciários.

A popularidade da ex-presidente petista ficou cada vez mais comprometida diante dos diversos protestos contra o governo e favoráveis ao *impeachment*, organizados por entidades da sociedade civil, como os grupos MBL, VPR e Revoltados OnLine, além dos painelaços⁶ devido à situação econômica do país.

Após a sucessão de protestos, Dilma busca alternativas econômicas supostamente para evitar que uma grave crise financeira se instaure no país. Segundo Mello e Spalador (2007), a eclosão da crise financeira tem em sua essência atitudes equivocadas, tomadas de decisão técnicas erradas e atitudes emotivas e pessoais por parte dos agentes econômicos. Passando por momentos de recessão, taxas de crescimento negativas, impostos e juros classificados como os mais altos do mundo, o governo adota medidas e planos econômicos encabeçados pelo, na ocasião, ministro da Economia, Joaquim Levy.

Uma das medidas foi a redução gradual da taxa oficial de juros (Selic). Em abril de 2015, a taxa caiu para 7,25% ao ano, o menor índice da história. Mesmo com essa medida, o

⁴ Dilma Rousseff foi reeleita com 51,64% dos votos válidos. Aécio Neves teve 48,36%. Em números absolutos, Dilma somou 54,5 milhões de votos e Aécio, 51,041 milhões.

⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603286-protestos-contr-o-governo-reune-quase-1-milhao-pelo-pais.shtml>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁶ Expressão latino-americana que foi utilizada pela primeira vez em 1971 pelos atores da classe média, que fizeram manifestações contra o governo de Salvador Allende – político marxista chileno. No Brasil, o termo é utilizado para representar uma manifestação popular, nas quais se batem panelas ou utensílios de metal como forma de protesto.

impacto das manifestações foi sentido, em especial pela indústria, com as interrupções da cadeia logística de suprimentos devido ao bloqueio das estradas.

Para Côrtes Filho (2015, p. 5):

economia desaquecida, juros altos, inflação crescente e impiedosa carga tributária, não é raro empresas virem de uma hora para outra seus passivos se agigantarem, não por culpa de sua gestão, mas sim pelas catastróficas consequências da crise hoje vivenciada pela economia brasileira.

As denúncias de corrupção reveladas pela Operação Lava Jato, iniciada em março de 2014, também serviram para fazer com que o capital político de Dilma fosse abalado. No dia 17 de março de 2014, foi deflagrada a primeira fase ostensiva da investigação, com 81 mandados de busca e apreensão, 18 mandados de prisão preventiva e dez de prisão temporária, além de 19 de condução coercitiva em 17 cidades de seis estados e no Distrito Federal.

Segundo André Singer (2016), muitos desdobramentos da Operação Lava Jato foram decisivos para o *impeachment*, já que três fatores, como a prisão de João Santana, no dia 23 de fevereiro de 2016, a delação do senador Delcídio do Amaral (PT-MS), em 3 de março e a condução coercitiva do ex-presidente Lula para depoimento a Polícia Federal, em 4 de março do mesmo ano, contribuíram para a criação de protestos organizados por várias frentes, como os grupos MBL, VPR e Revoltados OnLine, além dos painelaços.

André Singer (2016) indica que a manifestação de 13 de março de 2016, em São Paulo, foi decisiva para romper com o poder de Luiz Inácio Lula da Silva, em especial, o do PT.

Se ajustarmos ainda mais os instrumentos de observação, veremos que o processo se concentrou nos 20 dias que mediaram a detenção do já citado propagandista das campanhas do PT e a manifestação *pró-impeachment* do domingo 13 de março. Tal como a Marcha com Deus pela Liberdade, em 19 de março de 1964, sacramentou a queda de João Goulart, a multidão (500 mil pessoas, segundo o Datafolha) reunida, novamente em São Paulo, após meio século, determinou o fim do ciclo lulista.

Já nos estudos de Jessé Souza (2016), outros fatores como a Lava Jato, o Mensalão e também as manifestações sociais, em especial, as “jornadas de junho”, que ocorreram em 2013, fizeram com que o governo se enfraquecesse e se construísse, assim, uma base popular pronta para o golpe.

A grande questão é como protestos localizados com foco em políticas municipais foram manipulados de tal modo a se “federalizarem” e atingirem a popularidade da presidente Dilma, que àquela altura gozava dos mais altos índices de aprovação no seu governo [...]. Assim como no caso do suicídio de Getúlio e do golpe articulado contra Jango em 1964, uma ampla e profunda campanha de desinformação, distorção

e manipulação do tema da “corrupção seletiva” acompanhou a tentativa de destituir o PT do poder já em 2006. O Mensalão de 2005 foi um ensaio geral para o que aconteceria anos depois na Lava Jato e no processo de impedimento da presidenta Dilma. (SOUZA, 2016, p. 88)

Dantas e Jabbour (2016) atribuíram a crise econômica aos grupos empresariais, uma vez que a crise foi instituída e construída pela aproximação de diferentes grupos e interesses de empresários. Os autores também sustentam a ideia de que o Brasil vivia uma crise histórica que contribuiu diretamente para o aumento do índice de inflação e desemprego.

O foco de associar o fenômeno da corrupção à ação do Estado na economia (2016), faz com que apareça o personagem principal dessa operação, o doleiro Alberto Youssef, preso e acusado de usar o laboratório Labogen, além de outras empresas, para desvio de dinheiro público.

Outras personalidades também foram investigadas: Paulo Roberto da Costa, ex-diretor de Abastecimento da Petrobras; André Vargas – PR, Luiz Argôlo – SDD, BA; Cândido Vaccarezza e Vicente Cândido – PT, SP; Fernando Collor – PTB, AL; e Alexandre Padilha – PT, SP.

Em 2014, propriamente no dia 20 de março, ocorre a segunda fase da operação Lava Jato. O diretor da Petrobras, Paulo Roberto da Costa é preso e outros mandados de busca e apreensão são realizados pelo juiz federal Sergio Moro. As investigações continuam e 26 pessoas são acusadas de envolvimento em fraudes de contratos de fornecimento de mão de obra terceirizada. Esses outros fatores também contribuíram para que o governo de Dilma se fragilizasse cada vez mais.

Em uma pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha⁷, em março de 2015, cinco meses após a reeleição, 62% da população brasileira avaliava o desempenho da presidente Dilma como “ruim/péssimo” e 13% como “ótimo/bom”. No dia 17 de julho de 2015, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), que acolheu o pedido de *impeachment*, rompe com o governo após ser citado no esquema de corrupção da Petrobras, aumentando a crise política em torno da coalizão partidária, que tinha no então PMDB seu maior aliado.

Em dezembro de 2015, o crescimento do PIB fica em 2,7%⁸ e a inflação encosta nos 6%. O governo é acusado de usar manobras contábeis para camuflar a deterioração das contas

⁷ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/03/1604505-reprovacao-ao-governo-dilma-atinge-62-e-e-mais-alta-desde-collor.shtml>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

⁸ Disponível em: <https://issuu.com/wesleyhenriquesouza/docs/revista_guia_do_estudante_atualidad/83>. Acesso em: 10 jul. 2017.

públicas e o endividamento.

A crescente insatisfação gerou um aprofundamento da crise econômica e a progressiva perda de apoio no Congresso Federal, no qual cerca de 30 pedidos de abertura de *impeachment* foram protocolados contra Dilma no ano de 2015.

Em 2 de dezembro de 2015, Cunha (PMDB) acolhe o pedido de abertura de *impeachment* formulado pelos advogados Hélio Bicudo, um dos fundadores do PT, Miguel Reale Junior e Janaína Conceição Paschoal. Após muitas ameaças e a utilização do *impeachment* como chantagem política, que ocorreu após o PT retirar o apoio a Cunha no Conselho de Ética, Eduardo Cunha anuncia essa decisão.

A teia que construiu o *impeachment* encontrou, ainda, o respaldo de uma base legal, já que a Constituição Federal prevê que são passíveis de instauração de processo de *impeachment* os atos cometidos pelos governos que constituam crime de responsabilidade fiscal. Dados divulgados pela Câmara na imprensa mostram que desde o advento da Constituição Federal de 1988, houve 132 denúncias contra os Presidentes da República (Tabela 1), sendo que apenas duas foram admitidas, contra os ex-presidentes Collor e Dilma.

Tabela 1 – Quantidade de denúncias contra presidentes

Presidente	Quantidade de denúncias
Collor (1990-92)	29
Itamar (1992-94)	4
FHC - 1º mandato: (1995-98)	1
FHC - 2º mandato (1999-2002)	16
Lula - 1º mandato (2003-06)	25
Lula - 2º mandato (2007-10)	9
Dilma - 1º mandato (2011-14)	14
Dilma - 2º mandato (2015-16)	34

Fonte: UOL Notícias.

A Lei n.º. 1.079 de 1950, que define os crimes de responsabilidade e regula o seu processo de julgamento, em sua Segunda Parte, Capítulo I, Art. 14, determina que o primeiro passo do rito para julgar os crimes de responsabilidade fiscal de um presidente é a representação de denúncia feita por qualquer cidadão contra o Presidente da República em exercício. Assim disposto, a base legal para respaldar o pedido de *impeachment* do governo Dilma aconteceu quando o Tribunal de Contas da União (TCU) reprovou as contas públicas daquela gestão sob a alegação de que a então Presidente transferiu dinheiro de bancos públicos para custear

programas sociais, o que, segundo o mesmo Tribunal, constituía um crime chamado de “pedaladas fiscais”.

Ainda em dezembro, houve o descontrole dos gastos do governo por causa da explosão da dívida pública, que atinge R\$ 2,79 trilhões (66,2% do PIB)⁹. Quando Dilma assumiu, ela estava em 51,3% do PIB.

Em 13 de março de 2016, eclode a maior manifestação de rua realizada na história do País, com o objetivo de apoiar o processo de *impeachment* da presidente petista. Contabilizou-se, segundo a Polícia Militar, cerca de 3,6 milhões¹⁰ de pessoas nas ruas do país. No dia 17 de abril, por 367 votos a favor e 137 contra, a Câmara dos Deputados autoriza a abertura do procedimento de *impeachment* contra a presidente Dilma. O processo é enviado para a análise do Senado.

Destaca-se que a atuação da grande imprensa foi decisiva para dar o tom do discurso social, dado seu poder decisivo, como enaltece Souza (2016):

O poder da imprensa na sociedade midiática moderna não é ilimitado, mas é decisivo. Como a informação é absorvida sempre de cima para baixo, a inexistência de pluralidade de perspectivas de opinião é fatal para a democracia [...]. A ditadura do pensamento único na grande mídia brasileira compromete, portanto, a qualidade de nossa democracia e a qualidade da sociedade que construímos. Constrói-se um pensamento homogêneo na imprensa dominante que apenas repete mantras no interesse dos endinheirados. (SOUZA, 2016, p. 114-115)

Em menos de um mês, no dia de 12 de maio, os senadores aprovam a admissibilidade do afastamento da presidente. Dilma deixa temporariamente o cargo¹¹. Em seu lugar, assume interinamente o vice Michel Temer (MDB), que, em maio de 2016, anuncia um pacote de medidas econômicas, com o intuito de retirar o país da crise.

Dessas medidas econômicas propostas pelo presidente interino, o pagamento de parte da dívida do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) com o Tesouro estava presente, sendo o banco alvo de muitas investigações e da formulação de um

⁹ Disponível em: <https://issuu.com/wesleyhenriquesouza/docs/revista_guiado_estudante_atualidad/83>. Acesso em: 10 jul. 2017.

¹⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contragoverno-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

¹¹ Dilma é afastada do cargo por volta das 6h30 da manhã de uma quinta-feira, após 78 senadores votarem pelo pedido de afastamento por crime de responsabilidade, sendo 55 a favor e 22 contra. Após uma sessão que durou mais de 20 horas, Dilma recebe sua intimação de afastamento do cargo por 180 dias.

discurso de quebra do Brasil devido a essa e outras dívidas. A devolução de cerca de R\$ 100 bilhões ao Tesouro ajudaria a reduzir a dívida pública.

A segunda medida proposta nos primeiros dias de mandato de Temer foi a criação do teto para os gastos públicos, denominada PEC 241/55. O valor, fixado com base na inflação do ano anterior, para Michel Temer, seria a melhor forma de conciliar a meta para o crescimento e permitir que o Congresso continuasse com liberdade para definir a composição do crescimento dos gastos públicos.

A exploração do pré-sal também surge como uma alternativa de melhorar o cenário econômico do Brasil, retirando da Petrobras a exclusividade das atividades no pré-sal e acabando com a obrigação da estatal de participar com os 30% dos investimentos nos consórcios de exploração da camada.

O Fundo Soberano também foi outra medida proposta aos brasileiros. A ideia foi propor a extinção do Fundo a partir do saque de todos os recursos existentes. Com esse saque, o dinheiro voltaria ao Tesouro reduzindo assim o endividamento público.

Outra medida foi a Lei de Responsabilidade Fiscal, por meio da qual o governo pretendia resgatar os fundos de pensão e estatais. Conhecida também como Lei das Estatais, o projeto determinava que 25% dos membros dos conselhos de administração deveriam ser independentes, não mantendo vínculo com a estatal, nem serem parentes de detentores de cargos de chefia do Executivo, como Presidente da República, ministros ou secretários de estados e municípios. O projeto visava a introduzir critérios rígidos para a nomeação de dirigentes dos fundos e das empresas estatais.

No pacote de medidas de Michel Temer, também foi proposto barrar o crescimento nominal de subsídios, o que iria ocasionar uma economia de até R\$ 2 bilhões nos impactos fiscais.

O documento central apresentado por Temer para conter a dívida pública, reverter os ajustes fiscais, o pagamento dos juros e a amortização da dívida assim como a redução do financiamento público das políticas públicas foi nomeado de “Uma ponte para o futuro”. Pautado pelo tripé ajuste fiscal, pagamento dos juros e amortização da dívida pública, Temer estrutura a pauta de ações políticas do neoliberalismo no Brasil. Com o *impeachment* e a quebra do pacto entre burguesia, lideranças sindicais e partidárias da classe trabalhadora, o novo bloco que se formou busca garantir o enfrentamento da queda das taxas de lucros e manter a política de privilégios historicamente vigente no país.

Com esses ideais, surge a plataforma de governo de Temer, conhecida como “Uma ponte para o futuro”, que apresenta do ponto de vista político-ideológico uma oposição à agenda do governo de Dilma, que era mais integrante.

Lançado no Congresso Nacional, o documento “Uma ponte para o futuro” é composto de um texto de 19 páginas que foi produzido pela Fundação Ulysses Guimarães (FUG), instituição privada sem fins lucrativos sediada em Brasília e criada pelo PMDB. Sua finalidade é ser uma ferramenta de pesquisa científica baseada nas doutrinas e na educação política.

O documento reforça que o papel do Estado é “distribuir os incentivos corretos para a iniciativa privada e administrar de modo racional e equilibrado os conflitos distributivos que proliferam no interior de qualquer sociedade” (FUNDAÇÃO ULISSES GUIMARÃES/PMDB, 2015, p. 4).

Na questão política e econômica, o documento considera que o Brasil enfrenta dois problemas viciosos: o primeiro está relacionado ao equilíbrio fiscal e o segundo à relação fiscal e às políticas sociais.

Outros dois pontos que merecem destaque e abrem caminho para o neoliberalismo são a Reforma da Previdência e a Reforma Trabalhista. Temer alterou a Medida Provisória nº. 726 no mesmo dia em que assumiu interinamente a Presidência, em 12 de maio de 2016, transferindo o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) da pasta do Ministério do Trabalho para o Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário.

Alegando que a Previdência acumula um déficit de aproximadamente R\$ 270 bilhões, Temer propõe uma mudança na Reforma da Previdência, não efetivada durante sua gestão.

Não obstante, aprovou a Reforma Trabalhista, que, do ponto de vista jurídico, traz mudanças significativas na legislação e no direito dos trabalhadores. No aspecto econômico, aproxima o país da dinâmica do neoliberalismo com a redução de políticas de proteção social.

A Reforma Trabalhista cria uma nova forma de se pensar o sujeito do trabalho, fruto da flexibilização e da precarização, uma vez que proporciona a liberalização do contrato de trabalho temporário e também a terceirização por meio da Lei nº. 13.429/2017. A legalização irrestrita do trabalho autônomo também foi contemplada pela Lei nº. 13.467/2017.

1.1 Marcadores do *impeachment* e a economia do Brasil

Após receber a faixa presidencial de seu padrinho político, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Dilma herdou também um país em franca ascensão. Superando turbulências geradas pela crise financeira global de 2008 e 2009, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,6% em 2010, considerada a maior expansão desde 1986, a inflação estava sob controle e a dívida bruta do setor público equilibrada.

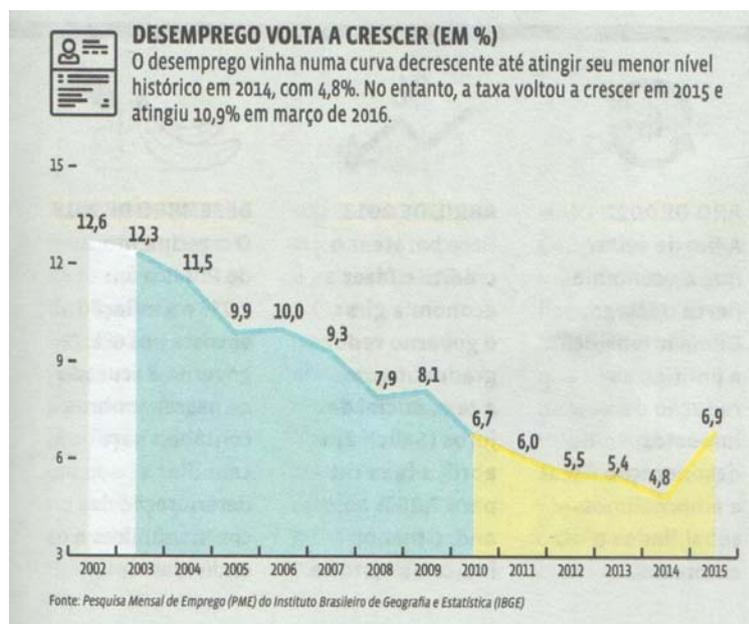
Em 2012, esse otimismo começou a ser revertido, quando a economia começou a passar por certos percalços com a inflação saindo do controle e fechando 2015 acima de 10%. Como consequência, o desemprego aumentou e a atividade econômica do Brasil entrou em forte retração, levando a um encolhimento de 3,8% do PIB, considerado o pior resultado em 25 anos. As Figuras 1 e 2, abaixo, apresentam gráficos que indicam a queda do PIB de 1995 até 2016 e também o aumento no número de desempregados.

Figura 1 – PIB em queda a partir de 2010



Fonte: *Revista Guia do estudante*.

Figura 2 – Crescimento do desemprego



Fonte: *Revista Guia do estudante*.

Os primeiros indícios de uma crise política e econômica no País apareceram na metade do primeiro mandato de Dilma Rousseff (PT) e cresceram até a formalização do *impeachment*, em 2016. Amparada pelo PT, Dilma Rousseff conseguiu a reeleição, em 2014, garantindo o direito a um segundo mandato, iniciado em 1º de janeiro de 2015 e terminado com o *impeachment* em 31 de agosto de 2016. Eleita no dia 31 de outubro de 2010, tendo como vice Michel Temer (na época, PMDB), a aliança entre os dois partidos foi forjada com o objetivo de dar sustentação ao governo.

No primeiro ano de seu mandato, Rousseff (PT) continuou dando sequência aos projetos desenvolvidos na gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em 2012, um fato começa a desequilibrar o seu mandato: o Brasil enfrenta a pior queda na taxa oficial de juros, que chega a ser considerada a mais baixa da história. A missão de Dilma nesse momento era única: equilibrar as despesas.

A Figura 3, abaixo, mostra que o governo gastou mais do que arrecadou em 1997, o que faz com que Dilma carregue no primeiro mandato as marcas dessas contas públicas no vermelho, que aumentam durante os anos de sua gestão.

Figura 3 – Cenário relativo às contas públicas



Fonte: *Revista Guia do estudante*.

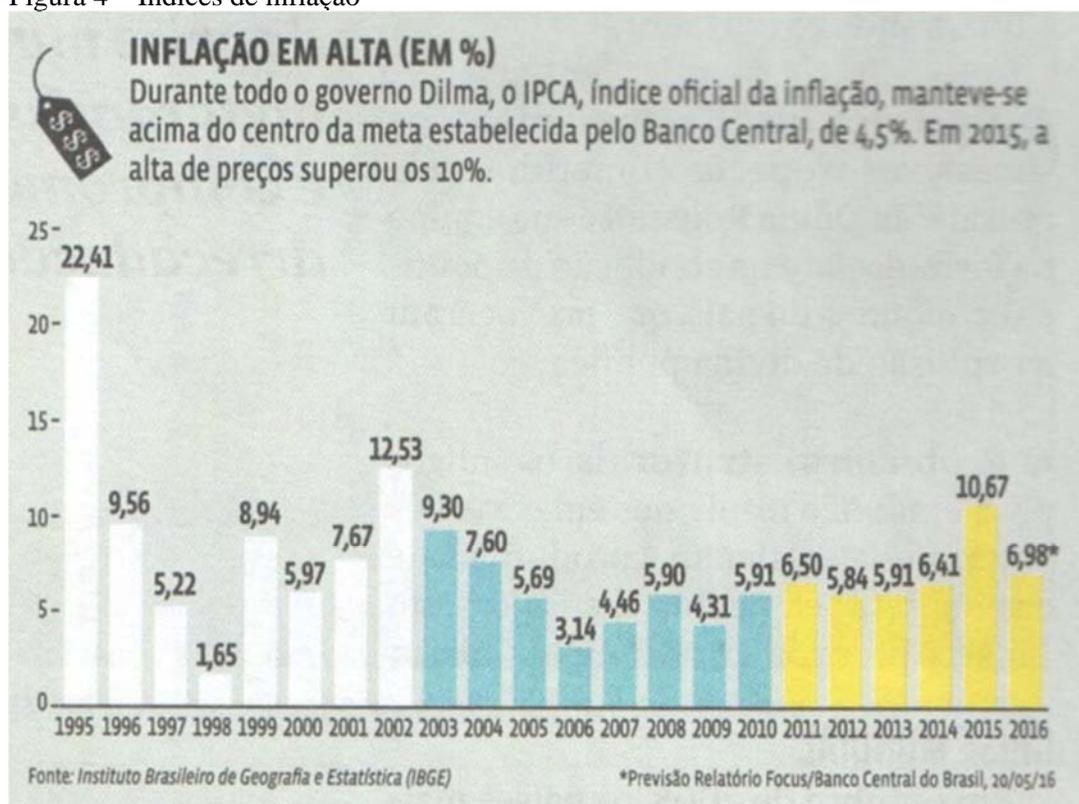
Nobre (2013) explica que os dois primeiros anos do mandato de um presidente devem ser voltados ao equilíbrio das contas e à regularização da situação deixada pelo anterior. No caso de Dilma, isso não foi possível, uma vez que grandes eventos, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, estavam gerando grandes gastos, comprometendo diretamente o orçamento e desequilibrando as contas.

Nesse momento, o ministro-chefe da Casa Civil, Antônio Palocci (PT), é acusado de corrupção e enriquecimento ilícito. Com margens para desconfiança da mídia, ele se demite do cargo em junho de 2011, iniciando-se então uma apuração mais detalhada pela Polícia Federal. Palocci atuava como mediador entre os partidos de direita e centro, segundo Nobre (2013), e sua queda ocasionou grandes abalos nas negociações importantes dos partidos.

Também nesse período, a inflação voltava a ameaçar a economia do país. O índice fechou em 6,5%, o teto da meta. Com o objetivo de evitar a escalada inflacionária, o Banco Central elevou a taxa básica de juros, conhecida como Selic, buscando atingir o patamar de 12,5% ao ano¹² (Figura 4).

¹² A elevação desses juros é a principal medida que os governos adotam para tentar controlar a inflação.

Figura 4 – Índices de inflação



Fonte: Revista Guia do estudante.

Ainda em 2011, durante o primeiro mandato de Dilma, também foram demitidos vários ministros, como Carlos Lupi (PDT), ministro do Trabalho; Wagner Rossi (MDB), ministro da Agricultura; Pedro Novais (MDB), ministro do Turismo; Orlando Silva, ministro do Esporte, Antônio Pallocci (PT), ministro da Casa Civil, e Alfredo Nascimento (PR), ministro dos Transportes.

Segundo Fernandes (2012, p. 11):

Ficou a cargo da presidente Dilma Rousseff, antes mesmo de assumir o mandato presidencial, nomear membros dos diferentes partidos, sobretudo do PMDB, cumprindo a tradicional divisão de poder com os aliados. A trajetória é liderar a corrompida prática de coalizão, que exige concessões e habilidades políticas, para gerenciar uma estrutura que já possui bases estáveis de atuação. O antecessor e padrinho político de Rousseff, o ex-presidente Lula, incorporou, durante os dois mandatos presidenciais, a prática de coalizão, mas foi vítima dos percalços da estrutura, nos inúmeros episódios de corrupção do governo veiculados pela mídia, envolvendo membros da base aliada.

Com uma postura de afrontamento a deputados e senadores, Dilma preferiu criar um distanciamento, não tendo o apoio que necessitava para governar o país. Segundo um

levantamento do jornal *O Globo*¹³, Dilma recebeu apenas dois dos 513 deputados federais e 13 dos 81 senadores durante os quatro anos em que exerceu a Presidência no primeiro mandato (2010-2014). *O Globo* evidenciou ainda que o pouco apreço da petista pelos congressistas foi alvo de discussão.

A insatisfação entre os deputados e senadores governistas começou a crescer em 2011, uma vez que as emendas parlamentares não eram liberadas e apadrinhamentos políticos, que foram promessas de campanha, aguardavam uma eternidade para serem efetivados e os escolhidos empossados para cargos de segundo e terceiro escalção.

Em maio de 2013, a relação entre Dilma e seu bloco de apoio se desgastou ainda mais. Como já foi mencionado anteriormente, o estopim para a crise de relacionamento aparece em razão da Medida Provisória n.º 595/12, a chamada MP dos Portos. Novas regras para o setor portuário foram criadas e o então líder do PMDB na Câmara, Eduardo Cunha, não concordando com vários pontos do projeto, propôs mudanças, todavia, ao sancionar a Medida Provisória, Dilma vetou vários itens, o que gerou grandes abalos políticos para a parte aliada e também para a oposição. Treze pontos cruciais foram vetados, inclusive a renovação antecipada de contratos de concessão. O acordo firmado com Cunha foi quebrado e mais tarde ele criaria o chamado “Blocão”, no qual cerca de 250 deputados se uniram forçando o governo a interromper as atividades. Nesse momento, percebe-se que o presidencialismo de Dilma passa por um processo de ruptura de coalizão¹⁴.

A política de coalizão é fruto de um processo de formação de alianças e antecede a eleição majoritária, formando bases de sustentação do governo no Congresso (ABRANCHES, 1988). Apesar de o sistema ser presidencialista, na prática, a coalizão ocorre, uma vez que o presidente depende dos partidos para aprovar projetos e viabilizar seu plano de governo. Sem essa contribuição, Dilma não poderia presidir como queira. Com essa política, as trocas de cargos ocorrem com frequência por meio das barganhas. Limongi (2006, p. 1) apresenta a formação de coalizões como necessárias para a garantia do poder.

¹³ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/no-primeiro-mandato-dilma-recebeu-somente-15-dos-594-parlamentares-14512018#ixzz4SuKnawRa>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

¹⁴ Em 2010, quando eleita, Dilma formou a maior base de apoio no Congresso desde a Constituinte. Em 2014, estes números diminuíram. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dona-da-maior-coalizao-desde-1988-dilma-ve-risco-de-desmanche-no-ano-pre-eleitoral,1050913>>. Acesso em: 1º ago. 2017; <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,partidos-contemplados-em-ministerios-sao-menos-fieis-a-dilma-que-em-2011,1618512>>. Acesso em: 1º ago. 2017.

Sendo compostas dessa forma, conclui-se que, a despeito de necessárias, as coalizões seriam ineficientes, incapazes de apoiar agendas consistentes de governo. A coalizão, portanto, entra na definição do conceito não como solução, mas como expressão das dificuldades enfrentadas pelo presidente para governar.

A aliança formada entre o PT e o PMDB nas eleições de 2010 foi totalmente formalizada mediante política de coalizão garantindo apoio parlamentar ao governo. Santos (1999, p. 117) afirma que “governar com o Congresso é o mesmo que dizer governar com coalizões, cuja solda obtém-se pela mistura parcial de identidades de interesses e intermináveis esforços de persuasão”.

Em 2013, os partidos alinhados, insatisfeitos com o governo, entre eles PMDB, PSC, PTB, PR, e da oposição, como o Solidariedade, começam a atravancar os projetos petistas opondo-se às propostas do Executivo.

Nesse mesmo período, grandes protestos tomam as ruas de parte das capitais do país. O Movimento Passe Livre (MPL) surge, organizando pessoas para as manifestações, movidas pelo aumento das tarifas dos ônibus. Nesse momento, Dilma se viu em uma situação muito difícil, pois o Brasil iria receber a Copa das Confederações, evento que antecedia a Copa do Mundo. A abertura ocorreu no dia 15 de junho, no estádio Mané Garrincha, em Brasília, e contou com violentos protestos, sendo considerada a “Copa das Rebeliões” (ANTUNES, 2013, p. 39), inclusive pelo modelo adotado pela Fifa, que lucrou milhões, sem pagar nenhum imposto.

Em todos os jogos, percebia-se um aglomerado de pessoas realizando protestos. Todavia, o maior deles ocorreu entre os dias 13 e 23 de junho, em São Paulo, quando o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad anunciaram um aumento nas tarifas de trem e metrô. A passagem passaria de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. O Instituto Datafolha divulgou que, no dia 17, após esse anúncio, uma manifestação foi realizada na avenida Paulista, contando com aproximadamente 65 mil participantes.

Para Chauí (2013, p. 4), as movimentações populares:

De fato, a maioria dos manifestantes, reproduzindo a linguagem midiática, falou de ética na política (ou seja, a transposição dos valores do espaço privado para o espaço público), quando, na verdade, se trataria de afirmar a ética da política (isto é, valores propriamente públicos), ética que não depende das virtudes morais das pessoas privadas dos políticos e sim da qualidade das instituições públicas enquanto instituições republicanas.

As mobilizações sociais que a princípio focavam em políticas municipais se federalizam

até atingir a popularidade da presidente Dilma. Alinhado com a construção de uma narrativa pautada na crise econômica e na corrupção, Souza (2016) aponta que o crescimento das manifestações apoiadas pela mídia conservadora e a elite econômica, são decisivas para a retirada da ex-presidente Dilma do poder.

Outras variáveis são constituídas para solidificar a tese de *impeachment*. As manobras fiscais ou pedaladas fiscais¹⁵, prática que antecede a gestão de Dilma, representou o crime fiscal que embasou seu afastamento.

Apesar de não estar prevista na legislação, as pedaladas fiscais estiveram presentes nos governos de FHC (PSDB) e de Lula (PT). Assim, as pedaladas tornaram-se legítimas após a consolidação do *impeachment*.

As pedaladas fiscais foram reveladas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* e pelo *Broadcast*, o serviço de tempo real da Agência Estado, no primeiro semestre de 2014. Nesse período, percebe-se que a discussão deixou o campo econômico e foi para as esferas políticas e judicial, ofuscando ainda mais a imagem de Dilma, configurando um possível crime de responsabilidade fiscal.

Outro marco foi a Operação Lava Jato. Iniciada em 17 março de 2014, a Operação Lava Jato teve o objetivo de investigar as atuações de uma organização criminosa que operava diretamente na Petrobras, movimentando recursos ilícitos e enriquecendo terceiros. De acordo com Netto (2016), a Lava Jato foi inspirada na Operação Mãos Limpas, ocorrida na Itália nos anos 1990.

As investigações levaram a graves consequências para o governo, a algumas grandes empreiteiras e a vários congressistas. As apurações realizadas pela Polícia Federal começaram a mostrar que um cartel estava sendo formado envolvendo os partidos, entre eles, PT, PMDB e PP, e que um grupo de construtoras decidia a distribuição de contratos com a Petrobras. Entre estas empreiteiras, foram citadas Camargo Corrêa, OAS, UTC/Constram, Odebrecht, Mendes Júnior, Engevix, Queiroz Galvão, Iesa Óleo & Gás, Galvão Engenharia, Techint, Promon, Andrade Gutierrez, ToyoSetal, GDK, Skanska e MPE. Conforme divulgado na revista *Carta Capital*¹⁶, em uma editoria especial de 2014, participaram também as empresas Alusa, Fidens, Jaraguá Equipamentos, Tomé Engenharia, Construcap e Carioca Engenharia.

¹⁵ Prática do Tesouro Nacional de atrasar a verba a bancos públicos e privados, trata-se de uma medida que não era prevista na legislação e buscava aliviar a situação fiscal do governo.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/perguntas-e-resposta-da-operacao-lava-jato-5981.html>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

As investigações levaram à criação de duas Comissões Parlamentares de Inquérito, (CPIs). Uma foi criada no Senado e outra mista envolvendo deputados e senadores. No dia 26 de outubro de 2014, mesmo com grandes denúncias, Dilma é reeleita e sua coligação¹⁷ mantém a maioria na Câmara e no Senado. Todavia, a base parlamentar começa a diminuir no Congresso conservador, e a presidente perde parte da representação política. Com um déficit de R\$ 80 milhões e as pedaladas chegando a 0,91% do PIB, em dezembro de 2014, o governo anuncia medidas para equilibrar as contas.

Em 1º de fevereiro de 2015, dia de eleição para presidência da Câmara, o deputado Eduardo Cunha (MDB) vence o candidato governista, Arlindo Chinaglia (PT), e a relação entre o PT/MDB começa a se desgastar. O emedebista foi eleito com 267 votos. Nesse período, no dia 15 de março, ocorre a maior manifestação popular desde as Diretas Já, de 1984. Com o discurso de *impeachment* e solicitando transparência nos gastos públicos, as pessoas foram para as ruas reivindicando medidas que sanassem o país. Segundo o Instituto Datafolha, em São Paulo, na avenida Paulista, foram contabilizadas cerca de 210 mil pessoas. Já pela Polícia Militar, havia um milhão.

Para Penteado e Guerbali (2016, p. 32-33):

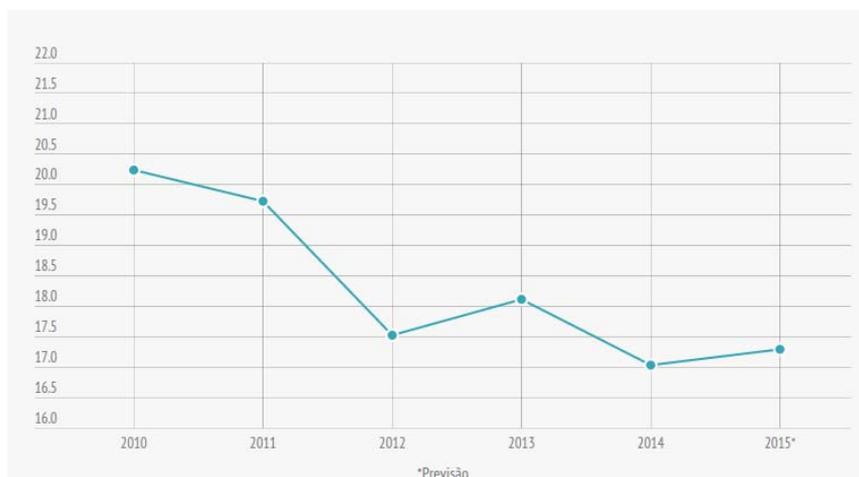
Apesar da disparidade numérica, ambos os dados corroboram a afirmação de que tal manifestação foi a maior de 2015 e conseguiu mobilizar uma grande massa de cidadãos descontentes com o governo Dilma Rousseff. A manifestação ocorreu em outras capitais do país e em algumas cidades de outros países.

Abaixo, o infográfico (Figura 5) divulgado pelo *Estadão* ilustra esse momento no Brasil.

¹⁷ Nove partidos elegeram Dilma: PT, PMDB, PSD, PP, PR, PROS, PDT, PC do B e PRB.

ótimo. Outra manifestação toma as ruas do Brasil em apoio à Lava Jato (PENTEADO e GUERBALI, 2016). A situação econômica do país se mostrava sem controle e as projeções para o PIB apontavam para uma forte queda (Figura 6).

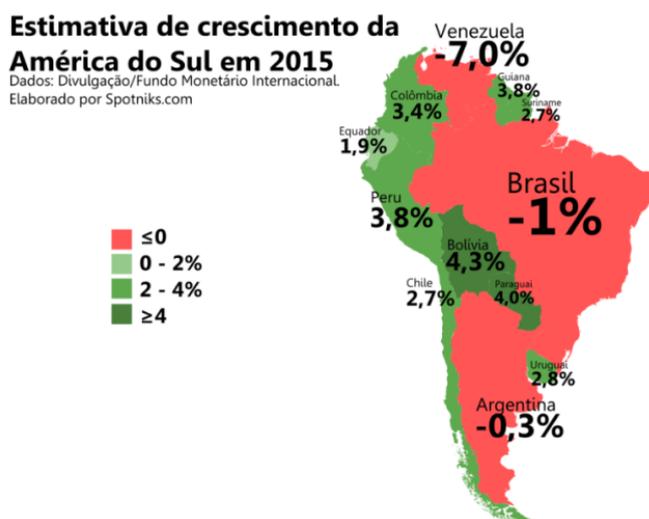
Figura 6 – Variações do PIB



Fonte: Spotniks¹⁹.

A Figura 7, a seguir, traz indicadores econômicos de outros países da América do Sul em 2015 destacando negativamente o Brasil.

Figura 7 – Estimativa de crescimento dos países da América do Sul



Fonte: Spotniks²⁰.

¹⁹ Disponível em: <<https://spotniks.com/13-graficos-e-mapas-que-mostram-como-o-governo-dilma-vai-de-mal-a-pior/>>. Acesso em: 14. jul.2017.

²⁰ Disponível em: <<https://spotniks.com/13-graficos-e-mapas-que-mostram-como-o-governo-dilma-vai-de-mal-a-pior/>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Com esse cenário turbulento, o governo teve que enfrentar o desembarque do MDB da base. As divergências entre Dilma e Cunha alimentaram o racha político entre o PT e o MDB. Assim, no dia 2 de dezembro, Eduardo Cunha acolhe a denúncia pedindo o *impeachment* de Dilma. Baseado nas “pedaladas fiscais”, o pedido foi protocolado pelos juristas Miguel Reale Júnior, Hélio Bicudo e Janaína Paschoal.

O governo fechou o ano com os piores índices da história. Conforme divulgado pela revista *Carta Capital*²¹, o Produto Interno Bruto (PIB) teve queda de 3,8% em 2015, a maior desde 1996; a retração da economia em 2015 atingiu vários setores, com destaque para a Formação Bruta de Capital Fixo (investimento em bens de capital), que teve uma queda de 14,1%. Na indústria (6,2%) e nos serviços (2,7%), as quedas também foram consideráveis. O único setor que registrou crescimento foi a agropecuária, com 1,8%. As importações fecharam com retração de 14,3%, com o PIB de R\$ 5,9 trilhões em valores correntes, o PIB *per capita* do Brasil fechou em R\$ 28,876 mil, uma queda de 4,6% sobre 2014. Vale ressaltar que a mídia hegemônica concedeu um enorme destaque para que tais fatores se associassem a má gestão da presidente petista.

O ano de 2016 inicia-se com as comemorações dos dois anos da Operação Lava Jato e com a prestação de contas, indicando que 23 fases haviam sido realizadas, 1.114 procedimentos, 482 mandatos de busca e apreensão, 50 delações premiadas, 70 políticos denunciados, sendo 50 com foro privilegiado e R\$ 2,9 bilhões devolvidos aos cofres públicos.

A partir de março de 2016, o cenário político começa novamente a criar grandes impasses com o vazamento da delação premiada do senador Delcídio do Amaral. Preso por tentar atrapalhar o andamento da Operação Lava Jato, Amaral citou que Dilma e Lula mobilizaram pessoas para interferirem na operação. Políticos de peso como Eduardo Cunha (MDB), Renan Calheiros (MDB) e Aécio Neves (PSDB) também foram citados, o que gerou problemas políticos internos. Após a citação dos políticos envolvidos, novas manifestações ocorrem nas capitais do país, no dia 13 de março, com a participação de cerca de três milhões, superando a manifestação de 2015. Na avenida Paulista, 1,4 milhão²² de pessoas estavam presentes.

Como estratégia para evitar um desmoronamento de seu governo, Dilma nomeou Lula para a chefia da Casa Civil, no dia 15 de março. Investigado pela Lava Jato por suspeita de

²¹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/pib-fecha-2015-com-queda-de-3-8>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

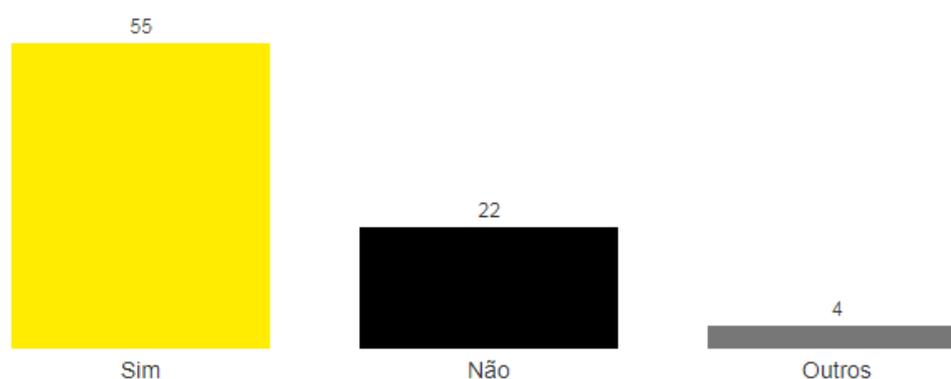
²² Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/aovivo/manifestacao-contra-dilma>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

receber vantagens indevidas de empreiteiras, Lula, com essa nomeação, ganharia mais poder para fazer grandes articulações pró-Dilma. Na véspera da posse, o juiz Sérgio Moro divulgou conversas telefônicas entre Dilma e Lula interceptadas pela Polícia Federal. Uma vez nomeado ministro, Lula ganharia foro privilegiado e sua ação penal passaria a ser analisada pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

A gravação, feita de forma ilegal e sem autorização judicial, gerou grandes discussões, todavia, serviu para provocar mais manifestações contra o governo. Tendo o pedido de posse de Lula indeferido pelo ministro Gilmar Mendes do STF, o episódio enfraqueceu ainda mais o Planalto. No dia 29 de março, em uma reunião que durou menos de cinco minutos, com membros do Diretório Nacional, liderados pelo senador Romero Jucá, o MDB rompe com o governo e torna-se oposição.

O processo de votação para admissibilidade do *impeachment* na Câmara dos Deputados, que ocorreu em 17 de abril de 2016, contou com 367 deputados a favor da cassação, 137 contra e 7 abstenções. No dia 12 de maio, o processo de *impeachment* foi enviado ao Senado, que determinou o afastamento temporário de Dilma. Foram 55 senadores que votaram a favor e 22 contra (Figura 8).

Figura 8 – Votação do *impeachment* no Senado
Resultado total dos votos



Ao todo, 78 senadores estavam presentes na votação, mas Renan Calheiros (PMDB-AL), como presidente do Senado, não votou, contabilizando os 77 votos. Eduardo Braga (PMDB-AM) e Jader Barbalho (PMDB-PA) estavam ausentes. Delcídio do Amaral (s/ partido-MS) foi teve o mandato cassado no dia 10/05, mas como seu suplente ainda não tomou posse, foi contabilizado nesses gráficos

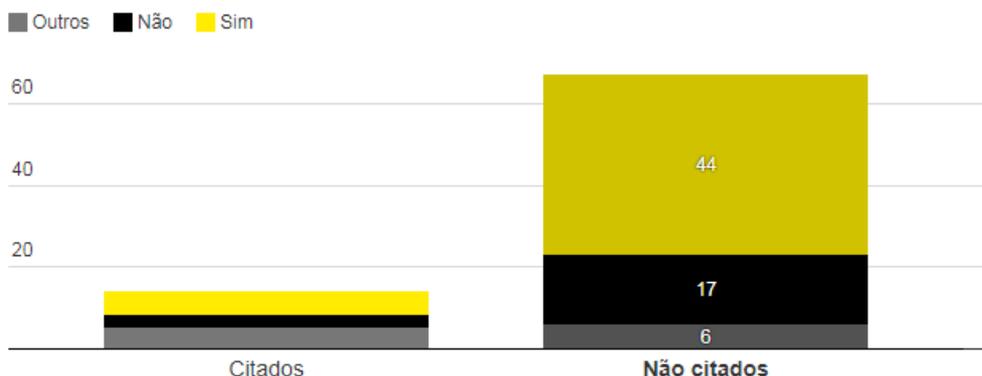
Fonte: *Folha de S.Paulo*²³.

²³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1767286-como-foi-a-votacao-do-impeachment-no-senado-em-15-graficos.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Dos senadores que votaram, 14, ou seja, 17% do total, também foram citados na Lava Jato. O gráfico (Figura 9), abaixo representa os políticos citados e não citados na Lava Jato.

Figura 9 – Número de senadores citados na Lava Jato

Em números absolutos



Fonte: *Folha de S.Paulo*²⁴.

Após a votação, o processo seguiu para a comissão especial, que teve 180 dias para determinar se cassaria ou não o mandato de Dilma. Posteriormente à decisão do Senado, Michel Temer (MDB) já estava com a sua equipe formada e pronta para ocupar o cargo de presidente. Dos ministros do governo provisório, oito estiveram presentes em algum momento ao lado de Dilma, sendo que seis ocuparam cargos importantes em seu segundo mandato. Entre eles estavam: Gilberto Kassab (ex-ministro das Cidades), que recebeu o Ministério da Ciência, Tecnologia e Comunicações; Eliseu Padilha (ex-ministro da Aviação Civil), que recebeu de Temer o cargo da Casa Civil; Moreira Franco (ex-ministro da Aviação Civil e ex-secretário de Assuntos Estratégicos), que assumiu o Programa de Parcerias de Investimentos; Henrique Eduardo Alves (ex-ministro do Turismo), que voltou para o mesmo ministério; Helder Barbalho (ex-ministro de Pesca e dos Portos), que passou a ocupar o Ministério da Integração Nacional; e Geddel Vieira Lima (ex-presidente da Caixa), que assumiu a Secretaria de Governo; Leonardo Picciani (ex-líder do MDB na Câmara), que ocupou o Ministério do Esporte, e Romero Jucá (ex-líder do governo no Senado), que recebeu o Ministério do Planejamento.

Durante o longo período do julgamento, Dilma leu sua defesa, por meio de carta, mas

²⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1767286-como-foi-a-votacao-do-impeachment-no-senado-em-15-graficos.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

seus argumentos não foram aceitos no Senado Federal.

No dia 31 de agosto de 2016, o plenário do Senado aprovou a destituição de Dilma, por 61 votos a 20.

2. COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E JORNALISMO

A palavra *política* possui diversos significados. De acordo com Ferreira (2005 p. 38), além de ser a “ciência do governo dos povos”, ela pode ser o “conjunto dos negócios do Estado”, e a “direção de um Estado e determinação das formas de sua organização”.

Desde o início do desenvolvimento das sociedades modernas, a política é estudada por pensadores sociais clássicos como Karl Marx e Max Weber, pelo fato de ter se tornado uma das principais causas de transformação institucional no período moderno (THOMPSON, 2008). A modernidade, nesse caso, pode ser representada pelo “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11).

Ao abordar a comunicação política, sabe-se que esta pode ser trabalhada sob vários olhares, devendo-se considerar a interferência de várias áreas, como a antropologia, as ciências sociais, a comunicação e também a linguagem. A comunicação política, sendo mediada pelo jornalismo, trabalha também com a análise da comunicação na vida pública e suas relações diretas com o eleitorado.

Na era de visibilidade e da liberdade de expressão, a circulação de discursos, com opiniões variadas, cada vez é mais frequente. Esses fatos, correspondem à necessidade e à reflexão dos cidadãos sobre determinados assuntos, dando sentido ao termo comunicação política.

Desempenhando um duelo entre discurso/opinião, seu processo está em gerir o fluxo de uma comunicação composta por várias ideias, uma vez que sem opinião não existe uma comunicação política capaz de manter o processo discursivo, pois ela se utiliza de instrumentos da linguística e da comunicação, como imagem e texto, para auxiliar no discurso falado ou escrito.

Pensar a comunicação política e as práticas discursivas que irão influenciar diretamente na compreensão do discurso pelo eleitorado é entender que o processo da comunicação política busca convencer um terceiro. É devido a isso que o conceito de credibilidade é muito abordado na comunicação política, na qual o comunicador político deve formar uma imagem perfeita de um político ou de um partido, induzir o receptor, aceitar uma ideia e, assim, conquistar um voto.

O discurso presente na comunicação política busca meios apropriados para ser entendido. Um deles é a mídia, em especial o jornal impresso. De acordo com Miguel e Biroli,

a mídia modifica as formas do discurso político, afetando as relações entre representados e representantes e também as formas de eles chegarem à carreira política (MIGUEL e BIROLI, 2010, p. 7).

Nas sociedades contemporâneas, o impacto da comunicação política é grande nas formas dos discursos pronunciados. Charaudeau (2006) argumenta que o processo de comunicação política e os impactos dessa comunicação garantem a manutenção do poder permanente, sendo, todavia, ameaçado por “sanção física (golpe de Estado), institucional (derrubada do governo) ou simbólica (descrédito)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 19).

O discurso político, a comunicação política e o jornalismo são relações de comunicação. Bourdieu ressalta que “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou instituições) envolvidos nessas relações” (2006, p. 11).

Esse poder é decorrente de uma boa reputação, das qualificações específicas e da popularidade (BOURDIEU, 2006). Nesse aspecto, a mídia, abordada nesta tese com os jornais impressos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, cria um tipo de “capital político”, legitimando os atores, fazendo valer a disputa política (BOURDIEU, 2006 apud MIGUEL, 2001).

Dessa forma, a mídia é a responsável pela constituição da comunicação política, sendo essa definida como “espaço onde se trocam os discursos contraditórios dos três atores que têm legitimidade para se exprimir publicamente sobre a política: os políticos, os jornalistas e a opinião pública conhecida por meio de pesquisas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 24).

Segundo Charaudeau:

Também as mídias se encontram em uma situação contraditória. Elas estão estreitamente ligadas ao mundo político na busca de informação: os jornalistas são, de um lado, dependentes das fontes de informação, oficiais ou não, que se impõem a eles; frequentam jantares, banquetes e outras reuniões públicas – e mesmo privadas – que reúnem políticos; estabelecem e utilizam redes de informantes e se dotam de agendas de endereços que lhes permitem obter instruções mais ou menos secretas; suscitam confidências, etc. Entretanto, as mídias, por razão de credibilidade, procuram se distanciar do poder político. Diversificam as fontes, realizam pesquisas e investigações de todas as ordens. Revelam os subterrâneos de certos negócios; na verdade, interpelam os responsáveis políticos para provar ao cidadão que são independentes e estão imunes à influência política, pois existe sempre a suspeita do jornalista a serviço do poder estatal. (2006, p. 29)

Levando em consideração o papel da mídia na sociedade, Venício de Lima (2006) cria sete teses e mostra a centralidade da comunicação e as relações com a vida política. Ao apresentar a política a partir da origem grega da *polis*, como um lugar urbano, público, este está

relacionando essa prática à noção de poder.

Ao falar de comunicação e política, Lima (2006) apresenta a primeira tese na qual a mídia ocupa uma posição de centralidade, dividindo processos entre as práticas da atividade humana, em particular, a vida política. O autor, aponta em sua segunda tese a ideia de que não existe política nacional sem a mídia, uma vez que o exercício do poder está nas relações democráticas e nas formas de tornar visível aquilo que só os meios de comunicação oferecem. O terceiro aspecto é relacionado aos *mass media*. Estes assumem funções tradicionais dos partidos políticos e querem “construir a agenda pública (agendamento); gerar e transmitir informações políticas; fiscalizar ações do governo; exercer a crítica das políticas públicas; canalizar as demandas da população” (LIMA, 2006, p. 56). Na quarta tese, tem-se a presença da mídia como forma de alterar as campanhas eleitorais. Na quinta, Lima (2006) apresenta a tese em que a mídia estabelece um papel de ator político.

As empresas de mídia são hoje atores econômicos fundamentais como parte de grandes conglomerados empresariais articulados em nível global. Além disso, pelo poder que emana de sua capacidade única de produzir e distribuir capital simbólico e pela ação direta de seus concessionários e/ou proprietários, se transformaram também em atores com interferência direta no processo político. (LIMA, 2006, p. 59)

As características históricas do sistema de comunicação no Brasil, que contribuíram para potencializar o poder no processo político, também são destaque nas pesquisas de Lima (2006), quando ele aponta a sexta tese. O autor relembra que, no período da ditadura militar, a mídia tornou-se uma grande indústria cultural.

Já a sétima tese tem aborda as características históricas específicas da população brasileira, que são potencializadas no poder exercido pela mídia no processo político eleitoral.

Na visão de Gomes (2004), nas décadas de 1970 a 1990, a comunicação política toma outros rumos e acaba sendo mais pesquisada. Na análise de Ianni (1999), essas mudanças estão relacionadas com o poder e com o papel da mídia, que assume um novo sentido no processo do agendamento, criando dimensões espetaculares e determinando acontecimentos dentro do campo.

Thompson retrata esse processo como a posição que o indivíduo possui dentro do campo, assim como o poder, “a capacidade de agir para alcançar os seus próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (THOMPSON, 1998, p. 21).

Sobre esse processo, Rubim e Azevedo (1998) também esclarecem que os campos da

política e da comunicação ainda estão em desenvolvimento e são passíveis de muitos estudos. Atualmente, os estudos voltam-se para a análise das mídias sociais no processo de compreensão de um discurso formulado para atingir o internauta, todavia, têm grande importância as pesquisas do meio impresso na formulação e construção da agenda de debate no campo político. Nesse sentido, este trabalho retornará o debate sobre o campo do jornalismo e da política, além dos seus acordos e conflitos.

2.1 Jornalismo e política

No Brasil, a prática da política, juntamente com as transformações que ocorrem diariamente no cenário, está comumente associada ao jornalismo e aos conglomerados midiáticos, pertencentes a grupos políticos ou familiares (BOLAÑO, 2007; RUBIM, 2011; LIMA, 2006).

Wilson Gomes (1993) cita o duplo papel dos meios de comunicação que agem enquanto espaço público de discussões e no mesmo instante como espaço privado, repleto de interesses e pretensões. Pelo fato de estar ligado diretamente ao cotidiano de uma sociedade, o jornalismo busca os artefatos noticiosos, assumindo a função de transpor em suas páginas os fatos, a situação política, a evolução do cenário, entre outras atribuições.

Na era da visibilidade, o que é divulgado pelo jornalismo, em especial no que tange a política, tem um grande poder de penetração e alcance. O jornalismo, nesse caso, passa a ocupar um papel de instituição, inserido em uma organização que influencia as relações sociais.

Thompson (2001), em seus estudos sobre o público e o privado, apresenta dois sentimentos. O primeiro está relacionado ao poder político institucional e o segundo ao sentido do público/privado. O autor, ao descrever o primeiro sentido, fazendo relação com esta tese, mostra que desde a Antiguidade o poder político institucional estava representado pela autoridade e pelas atividades relacionadas ao Estado e às relações pessoais. No segundo estágio, o sentido público/privado surge e, para o autor, os conceitos de visibilidade *versus* invisibilidade, aberto *versus* secreto, publicidade *versus* privacidade começam a aparecer dando maior visibilidade ao poder. Para Thompson (2001), “a visibilidade garante o funcionamento automático do poder” (p. 176).

O jornal, objeto de estudo desta tese, além de buscar informar fatos de grande relevância no campo político, assume centralidades que são visíveis nas matérias. Comunicação e política interagem agora em outro patamar, o que não exclui a realização pontual de modos

“tradicionais” de interlocução, agora totalmente redefinidos em outro contexto de produção de sentidos. Política e comunicação não aparecem mais como momentos e empreendimentos singulares, mas como campos sociais articulados em combinatórias determinantes conjunturalmente (RUBIM, 1998).

A notícia, que é um processo de negociação entre os atores políticos e o jornalismo/jornalista, é trabalhada de forma direta nas etapas de construção do conteúdo do jornalismo político.

A compreensão desses fatos se dá nos enredos que são construídos nas manchetes dos jornais, criando relações do campo jornalístico com o campo político, em conjunto com as rotinas de produção de conteúdo e a linha editorial do próprio veículo de comunicação. Para Bourdieu (1997, p. 133), “o campo jornalístico produz e impõe uma visão inteiramente particular do campo político, que encontra seu princípio na estrutura do campo jornalístico e nos interesses específicos dos jornalistas que aí se geram”.

De acordo com Gomes (2004), a institucionalização do campo jornalístico com o social e o político é entendida a partir do conceito de Boudieu, para quem o jornalismo é reconhecido como um sistema de valores que se relaciona com o campo político. Isso ocorre em razão da diferença entre a imprensa opinativa e partidária e a institucionalização da indústria da informação, junto com grandes corporações, como os jornais que serão analisados nesta tese, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, além dos interesses dos partidos políticos.

As pressões internas da produção jornalística e as relações diretas com os interesses políticos e partidários são abordadas por Hall (1999) ao apontar que as representações sociais adotadas nas notícias criam uma linguagem própria e de “regras ideológicas profissionais” próprias do campo. Nesse sentido, Miguel aponta:

Em primeiro lugar, os jornalistas “testemunham” eventos políticos que, ainda que possam ser pensados para divulgação na mídia, em princípio ocorreriam mesmo na ausência dela: debates e votações parlamentares, assinaturas de decretos e nomeações, atas de posse, reuniões partidárias. Depois, existem interações relativamente formalizadas entre repórteres e políticos, na forma de entrevistas (coletivas e individuais). Por fim, há a relação cotidiana entre os profissionais de imprensa e aqueles que, no jargão do meio, são chamados de suas “fontes”. (2002, p. 13)

A relação do jornalista com o político ocupa lugar de destaque nos estudos da comunicação política. Percebe-se assim que, segundo Salgado, “os políticos dispensam uma grande atenção à preparação das suas estratégias mediáticas, coadunando a sua agenda política

com a agenda dos *media*” (2007, p. 19).

Verifica-se com isso que o mercado midiático contribui para a forma de pensar e fazer política. A busca pelo furo de reportagem e a maior aproximação com a fonte fazem com que os jornalistas aproximem-se mais da classe política e os políticos da imprensa, buscando captar mais credibilidade junto ao jornalista, fazendo com que se crie um discurso de valorização das ações realizadas pelo personagem político.

A imprensa tem o papel de intermediar os discursos produzidos pelos candidatos, alimentando o público com as informações cotidianas do cenário político. Escândalos, conquistas, melhorias, fofocas, entre outros assuntos, que irão decidir a vida política de um candidato são trabalhados pela imprensa.

A mídia tornou-se o principal instrumento de prestação de contas dos políticos e dos governos. Governantes, da mesma forma que líderes sociais e políticos, são cobrados e chamados a prestar contas de seus atos por meio das pesquisas de opinião, do noticiário e das reportagens dos meios de comunicação de massa. Os canais tradicionais de mediação entre a sociedade e o governo, tais como os partidos e as redes de entidades sociais representativas, perderam espaço para a mídia. Por conta deste fato, a política tornou-se dependente da mídia. Os políticos tornaram-se mais dependentes da mídia para a sua sobrevivência. Em todas as democracias contemporâneas, a carreira e a sobrevivência de líderes sociais e políticos ficaram, em certa medida, dependentes de sua capacidade de tornarem mensagens e apelos políticos atraentes na linguagem da mídia [...] (Figueiredo, 2000, p. 40)

É fundamental ressaltar que o discurso emitido por meio das ações jornalísticas interfere diretamente no sentido da política, de modo que as alterações descritas por Ercan e Mendonça aparecem nas narrativas. “A política atual não é uma busca por inclusão em uma comunidade política, mas uma tentativa de mudar esta comunidade mais profundamente”²⁵ (2014, p. 6).

Para Morin (2013, p. 54), a política sempre se fundamentou na compreensão do homem na sociedade, como este decodifica os discursos criados pelo jornalismo e também dentro da sociedade e do seu pensamento.

Atualmente, o pensamento político encontra-se no grau zero. Ele ignora os trabalhos sobre o devir das sociedades, sobre o devir do mundo. [...] A classe política se satisfaz com os relatórios dos especialistas, com as estatísticas e as pesquisas de opinião. Ela não pensa mais. Ela não tem mais cultura. Ela não sabe que Shakespeare lhe diz respeito. Ela ignora as ciências humanas. Ela desconhece os métodos que seriam adequados para conceber e tratar a complexidade do mundo, para ligar o local ao global, o particular ao geral. (MORIN, 2013, p. 55)

²⁵ No original: “Actual politics is not a pursuit of inclusion in a political community, but an attempt to change this community more deeply”. [N.A.: tradução livre]

Com esses discursos criados e compreendidos, o jornalismo político aparece com mais força ao desempenhar suas funções, conforme ressalta Lage: “A política é, portanto, um discurso que se reporta à realidade de maneira particular. Nela, mais do que um evento singular, importa o estabelecimento do quadro de situação” (2001, p. 116).

Neveu (2002, p. 22) aponta quatro gerações no jornalismo político. A primeira é fundamental para a compreensão da origem do jornalismo político, sendo que, no século XIX, a atividade era direcionada inteiramente à própria política e não existia nenhuma distinção de qual era o papel de cada uma. A utilização da imprensa era apenas para prestar informações sobre as atividades políticas. Para Neveu (2002), nesse momento, não se pode falar em jornalismo e sim em publicismo. O cenário dos jornais era totalmente comandado por homens com grande poder econômico, que serviam aos políticos de qualquer forma.

Neveu (2002, p. 27-29) apresenta também cinco processos de transformações fundamentais que contribuíram com o jornalismo político. A garantia da liberdade de imprensa é a primeira. Isso reflete também a abolição de taxas que eram impostas, de normas que eram determinadas para as pessoas. Ao entrar em vigor, essa liberdade tornou as pessoas livres para expressarem suas ideias.

A segunda transformação está ligada ao surgimento de uma imprensa totalmente mercadológica fundada por grandes empresários, que buscam um único objetivo: lucrar. Isso afeta diretamente os jornais, que se tornaram reféns dos políticos e divulgadores de diferentes ideias. Nesse momento, os jornais não são mais objetos de propaganda política, mas um produto do mercado que busca lucro.

A terceira transformação está relacionada à formação de adeptos do jornal impresso, os leitores de jornais. O aumento da leitura e o direito ao voto da maioria da população fizeram com que os cidadãos se sentissem mais participativos na política e isso impactou diretamente na venda de jornais. A partir dos anos 1960, a terceira geração do jornalismo político mostra a verdadeira profissionalização das práticas jornalísticas, em que os jornalistas tiveram que se aprofundar no conteúdo, surgindo, assim, os analistas políticos. As redações passaram a contratar jornalistas políticos com amplo conhecimento e vasta capacidade crítica.

A quarta mudança, conforme aponta Neveu (2000), está no desenvolvimento tecnológico e no processo de publicação, que vem diminuindo os custos de produção do impresso. Tudo isso contribui para a última transformação que está ligada ao papel do jornalista e do jornalismo, em que o jornalismo político estabelece critérios sobre o que é notícia, o que

deve ou não ser veiculado e a autonomia que deve ganhar. É na última geração, entretanto, que novas práticas jornalísticas estão surgindo e modificando o modo de fazer jornalismo, o que impacta diretamente no jornalismo político. Nesse processo, o campo político ganha imensa visibilidade e a política é vista pela lógica do espetáculo e do entretenimento.

É nesse cenário que Patterson (1998) e Gurevitch (1995) acreditam que os *media* buscam notícias atrativas e espetaculares, porém, com grandes consequências para a democracia. Brants (2007, p. 26) apresenta quatro críticas ao jornalismo político. A primeira está ligada ao fato de os *media* estarem lutando por espaço em um mercado muito competitivo e sendo influenciados por capitalistas, esquecendo dos interesses públicos com a notícia. A segunda está ligada ao fato de os *media* serem atores políticos, interferindo diretamente no processo de destruição da imagem de um candidato.

O processo de criar um fato e fornecer informações negativas dos políticos está ligado à terceira crítica, pois, segundo o pesquisador, os *media* são tidos como ambiciosos e quase nada confiáveis. A última crítica mostra a relação entre a classe política e o cenário criado pelo jornalismo, o que faz com que o público fique cada vez menos receptivo aos assuntos políticos, desacreditando-os.

Não obstante, a centralização de poder e a busca pelo crescimento econômico andam junto com o jornalismo político. A dificuldade do jornalismo político está ligada ao fato de que a maioria dos veículos de comunicação é movida por interesses comerciais, o que acaba por influenciar a linha editorial, a produção de conteúdo e o direcionamento da pauta.

Para Miguel, em um ambiente permeado por vários interesses, os meios de comunicação não são os porta-vozes imparciais do debate político. “Nas sociedades formalmente democráticas em que vivemos, é corrente a divisão da política em ‘bastidores’, as salas secretas em que se fazem os acordos e se tomam as grandes decisões, e ‘palco’, o jogo de cena representado para os não iniciados” (2002, p. 5).

Na relação jornalismo e política, os atores participam ativamente, encontrando um grande campo de tensão e de atribuições para os respectivos papéis. O jornalismo impresso, de grande importância na veiculação de notícias da área política, cria um sistema de ação e reação, no qual a atitude noticiosa objetiva obter repercussão e efeitos de sentido sobre os leitores.

No jornalismo, o discurso político aparece e torna-se apropriado para exercer mudanças comportamentais, visibilidade junto aos eleitores e relações diretas de inclusão dos políticos nas notícias, uma vez que a consequência da exposição dos atores políticos garante em

determinados contextos mais poder a partir do que foi apurado e divulgado²⁶.

Nesse processo, é grande o poder que a informação jornalística exerce sobre a população, devendo-se considerar também a forma como a notícia é veiculada pelo jornal impresso, podendo em algumas circunstâncias influenciar determinados contextos sociais (MANIN, 1995). A notícia, como processo de comunicação, pauta a realidade política, buscando por vezes ressaltar ou negligenciar determinadas temáticas que deveriam ser expostas à opinião pública (MCCOMBS e SHAW, 1972).

Cabe ao jornalismo divulgar aquilo que ocorre no cenário do poder. Essa convergência entre jornalismo e política se dá de maneira que todo o processo de produção de conteúdo está voltado a implicações sociopolíticas, profissionais e econômicas. No território que envolve os atores em cena, tanto o jornalista quanto o político, cada um exerce um papel. O político assume a função de personagem da narrativa e o jornalista de agente que relata o cenário.

Pensando nesse processo que permeia imprensa, jornalismo e democracia, além dos aspectos e das relações estabelecidas com o poder, Miguel e Biroli (2010, p. 9, 17) reforçam que: “[...] a mídia se tornou o principal instrumento de contato entre a elite política e os cidadãos comuns”, substituindo, em alguns casos, os próprios partidos políticos, tradicionalmente os mediadores dessa relação. Sobre a prática social jornalística, os autores avaliam que “[...] a interação da imprensa com as instituições políticas democráticas pode ser considerada um dos aspectos centrais da atividade do jornalismo”.

Outro aspecto fundamental são os atores sociais envolvidos na relação do jornalismo com a política e os cidadãos e que participam ativamente dos processos. Para Adhirni (2088), com a velocidade da informação, as notícias hoje fazem parte da “febre do tempo real” e assumem um papel de noticiabilidade diversificado, em especial, na editoria política.

Desse modo, é possível que o futuro da cidadania e dos direitos humanos esteja totalmente ligado a um controle do jornalismo, que faz a mediação entre cultura e prática, dando ênfase às experiências contidas no dia a dia dos sujeitos. Para Venício Lima (2003), isso ocorre devido à perigosa perda de autonomia que decorre da entrada de grandes grupos e de multinacionais no mercado da comunicação regional e local, ficando à margem de interesses políticos.

Nos estudos de Caparelli e Lima (2004), sete grupos controlam 80% do que é visto,

²⁶ Não obstante, em cenário de escândalo político, o aumento da visibilidade pública pode contribuir para o prejuízo da imagem do agente político (THOMPSON, 2002).

ouvido e lido na mídia. Nesse número, estão a família Marinho, a Igreja Universal do Reino de Deus, a família Abravanel, a família Saad, o Grupo Abril, além dos Frias, proprietários do jornal *Folha de S.Paulo*.

Os Frias possuem também um instituto de pesquisas de opinião pública, o Datafolha, um dos maiores provedores de acesso a internet e informação do mundo, o UOL, a Agência Folha de Notícias e metade de um dos mais influentes jornais de economia, o *Valor Econômico*.

Caparelli e Lima (2004) apontam também que outro grupo forma os sete do Brasil, são os Mesquitas. Proprietários do segundo maior jornal do Brasil, *O Estado de S. Paulo*, também analisado nesta tese, a família possuiu ainda o *Jornal da Tarde*, que não existe mais desde 2012, a Rádio Eldorado FM, a Agência Estado e uma emissora de televisão no Maranhão.

Thompson destaca que a relação de poder e dominação pode ser sistematicamente assimétrica: “Quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessíveis a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito” (2000, p. 80).

2.2 Jornalismo impresso e discurso midiático: os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S.Paulo*

Entende-se o jornal impresso como uma mídia capaz de abordar diretamente uma esfera de legitimidade. Na visão de Rodrigues (1990), esse campo é uma:

instituição de mediação que se instaura na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem à prossecução dos seus objetivos e ao respeito dos seus interesses. (RODRIGUES, 1990, p. 152)

Diante isso, o jornal pode ser considerado como uma pessoa capaz de ocupar diretamente o campo de sujeito da enunciação, direcionando o funcionamento de uma sociedade e o entendimento dos seus princípios, objetivos e ações. Eric Landowski (1992, p. 56) afirma que “cada jornal tem seu estilo que o define e que,[...] dele fazem uma figura social capaz de cristalizar duradouramente atitudes de atração ou de repulsão”.

Já para Gaye Tuchmann (1983), o jornalismo é visto como uma instituição social, uma

vez que existem métodos institucionais de fazer com que a informação chegue para o leitor; e o jornal impresso é visto como um ator social na lógica de produção de conteúdo, em especial o político.

O jornal impresso, através do seu discurso, trabalha os sentidos do leitor e tem como meta abordar as funções de seus interesses frente a massa, muitas vezes extrajornalísticos, influenciando diretamente os atores sociais. Murilo Marques Gontijo (2002) reforça que o jornal tem uma dupla atuação na sociedade contemporânea, pois sedimenta-se como “esfera pública”, alterando o conceito clássico de “espaço público”.

Ainda de acordo com o autor, o jornal também porta-se como “ator social”, fazendo o público se apropriar de um discurso, selecionando fatos e apresentando-os de determinadas maneiras, consolidando assim um discurso predeterminado. Os dois grandes jornais que serão estudados nesta tese, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, carregam as características abordadas acima.

Em 1960, começa a circular o jornal *Folha de S.Paulo*, com a junção da *Folha da Manhã*, fundada em 1925, *Folha da Tarde*, fundada em 1949, e *Folha da Noite*, fundada em 1921 – todos da mesma editora. Em 1962, ocorreu uma grande aquisição do grupo empresarial de Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, que impulsionou o jornal e fez com que alcançasse a tiragem de 430 mil exemplares aos domingos.

Em 1984, durante a campanha de redemocratização do país, o jornal assumiu o posto do mais influente no Brasil, assumindo, assim, a liderança. Naquele período, Capelato e Mota definem o público do jornal *Folha de S.Paulo* como:

A ‘Folha’ é o grande jornal da classe média brasileira. A classe média se identifica com ele; a ‘Folha’ fala pela classe média, defende seus direitos. Procura transmitir a visão do *citizen*, do cidadão. Mas o jornal não se restringe só a essa classe. A faixa é mais ampla, prossegue Casoy, abrangendo franjas do operariado. Aliás, a classe média se penaliza com o operário que ganha mal. Além disso, [...] o jornal procura abrigar a visão do empresariado que classificamos de lúcido, moderno e democrático, nas suas relações de trabalho. (CAPELATO e MOTA, 1980, p. 234)

No âmbito da atuação política da *Folha de S.Paulo*, objeto de análise, percebe-se um posicionamento direto em relação às críticas ao Partido dos Trabalhadores, desde que este foi criado, em 1980. Fernando Azevedo (2007, p. 63) reforça que o afastamento da *Folha de S.Paulo* e do PT torna-se mais evidente nas eleições de 2006 e antes, na crise do Mensalão, em 2005, naquilo que ele define “por conflitos de outra ordem e natureza”.

Esse fato também se manteve evidente durante o *impeachment* de Collor e de Dilma Rousseff.

Já o jornal *O Estado de S. Paulo* é considerado o mais antigo jornal do estado de São Paulo. Inaugurado em 4 de janeiro de 1875, ainda no tempo do Império, o jornal foi fundado por 16 pessoas e tinha como propósito combater a monarquia e a escravidão, com um discurso jornalístico totalmente voltado a esses assuntos.

Na época em que São Paulo estava em franco desenvolvimento, o jornal iniciou suas atividades com uma tiragem de dois mil exemplares, considerada alta para uma cidade com cerca de 31 mil habitantes e foi crescendo com o passar dos anos. *O Estado de S. Paulo* esteve à frente de grandes marcos da história do estado, por exemplo, em 1926 apoiou a fundação do Partido Democrático e em 1930 apoiou a Aliança Liberal pró Getúlio Vargas.

Em 1966, o grupo Estado intensifica seu envolvimento com o estado de São Paulo, criando o *Jornal da Tarde*, um diário que mostrava abertamente os problemas urbanos. Dois anos depois de lançado, ambos os jornais foram censurados pela sua posição contrária ao regime militar.

Em 1992, sempre conduzido pela família Mesquita, o jornal toma outro rumo com a aquisição do Broadcast pela Agência Estado. Hoje, a circulação é de cerca de 165.740 exemplares, de segunda-feira a domingo.

Ambos os jornais consolidam um discurso capaz de atuar na esfera pública da sociedade, influenciando diretamente na política. Assim Gomis (1991, p. 41) diz que “converter um fato em notícia é basicamente uma operação linguística”.

O acontecimento político é narrado pela mídia impressa como uma possibilidade de reflexão sobre a política e o político. Os jornais, que buscam constantemente assuntos políticos para preencherem suas páginas, se beneficiam dos acontecimentos políticos. Esse elo que aproxima a política e o político ocorre pela palavra.

Percebe-se que o poder da mídia impressa e da política está na construção do discurso, por meio do qual o poder de representação da mídia pode ser igualado ao poder da própria política.

O jornalismo impresso, considerado como mídia capaz de realizar mediações, é responsável também por levar os acontecimentos políticos, levantando hipóteses para os leitores, questionamentos e reflexões.

Para Lage (2001, p. 106), “a política é, portanto, um discurso que se reporta à realidade

de maneira particular. Nela, mais do que um evento singular, importa o estabelecimento do quadro de situação”.

A mídia, em especial a impressa, tem como finalidade controlar o discurso na sociedade. Os meios de comunicação exigem estratégias discursivas para despertar sentidos no leitor. Para Motta (2007), a política, em especial o jornalismo político, é um jogo de poder complexo, em que as narrativas são construídas com metáforas que ajudam o público a esclarecer situações que envolvem os agentes envolvidos.

Segundo Scalzo (2006), o jornalismo impresso, assim como qualquer mercadoria, busca fazer com que o leitor se sinta privilegiado ao ler o conteúdo e estabeleça com o jornal uma relação de fidelidade.

Nesse sentido, ao analisar o texto de um jornal impresso, deve-se ir além da construção textual e buscar os discursos presentes, já que dentro da perspectiva discursiva, interpretar não é atribuir sentidos, mas “expor-se à opacidade do texto” (PÊCHEUX apud ORLANDI, 1998, p. 16).

Entretanto, a mídia impressa tem por missão não apenas selecionar os acontecimentos e definir os enquadramentos políticos, mas também atender às necessidades de um público leitor, moldando e construindo efeitos de sentido sobre os fatos.

Em *Vigiar e punir*, Foucault (2003) relata o poder da imprensa ao pressionar ideologicamente o povo, submetendo-o às leis e à inibição do crime, mostrando esse poder de inserir um discurso que acaba sendo consumido pelo público.

A fim de desacreditar os contrabandistas, a “Compagnies Fermes” publicava “boletins” contando os crimes deles (sic): em 1768, contra um certo Montagne, que estava à frente de um bando, ela distribui folhetins de que diz o próprio redator: foram-lhe atribuídos alguns roubos cuja verdade é bastante incerta...; representaram Montagne como uma besta feroz, uma segunda hiena que tinha que ser caçada; como as cabeças no Auvergne andavam quentes, a ideia pegou. (FOUCAULT, 2003, p. 54-55)

Assim, surgem também os espetáculos políticos estampados nas páginas dos jornais. O espetáculo, fenômeno da vida em sociedade, nas palavras de Antonio Rubim (s.d, p. 1) “deve ser compreendido como inerente a todas sociedades humanas e, por conseguinte, presente em praticamente todas instâncias organizativas e práticas sociais, dentre elas, o poder político e a política”.

O papel central das práticas discursivas estabelecidas entre os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* emana das faculdades cognitivas dos atores humanos e da interpretação

subjetiva e de concepções que são influenciadas diretamente pela filosofia da linguagem, apontando subsídios de reflexão.

A perspectiva discursiva possibilita entender a produção do discurso e sua intenção perante uma sociedade. Na visão de Michel Foucault (1971), “em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número de procedimentos para conjurar seus poderes e perigos”.

A produção de conteúdo e as abordagens na construção de um discurso que consiga mostrar para a população a verdadeira posição que o político assume quando começa uma campanha política é o que irá fortalecer o desejo do público consumidor de qualquer noticiário. Segundo Orlandi (1998, p. 16): “a mídia é lugar de interpretação, ela rege a interpretação para mobilizá-la”.

3. ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO

O sentido da palavra *discurso* é semelhante ao de *fala*, em oposição à noção de língua como sistema. A fala, ou discurso, seria a realização desse sistema. No entanto, a noção de discurso que temos hoje, considerando a Análise do Discurso de linha francesa (AD), não opõe discurso à língua, posto que essa última é condição de possibilidade do discurso.

Os pressupostos teóricos da AD têm em Michel Pêcheux um de seus principais precursores, e, em linhas gerais, rejeita a ideia de transparência da linguagem – considerada opaca e polissêmica – e também o postulado de um sujeito que seria o centro do qual emanam os sentidos de sua fala. Para a AD, os sentidos são construídos na interação entre sujeitos, por meio dos discursos, que são constituídos pela língua, mas também pela história e pela ideologia. Consideramos também alguns pressupostos da teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau, sobretudo seus estudos sobre o discurso político e o discurso das mídias, nos quais dá especial atenção ao fenômeno discursivo como ferramenta de persuasão da opinião pública. Para o autor, “o sujeito não cessa de trazer o outro para si, segundo um princípio de influência, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele” (CHARAUDEAU, 2006, p. 16).

Nem a língua é fechada em si mesma, nem o discurso pode ser tomado como realização individual, como um ato deliberado de um sujeito livre. Como diz Orlandi (1999, p. 22), “a relação entre língua e discurso é de recobrimento, não havendo portanto uma separação estável entre eles”.

O artigo “Por uma análise automática do discurso”, de Michel Pêcheux, publicado em 1969, é considerado um dos marcos inaugurais da AD que, conforme Brandão (2002), nasceu com a preocupação de fazer uma análise textual voltada para o texto considerado na sua opacidade.

Para a AD, a interpretação deve levar em conta o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua em certo contexto histórico-social de produção. Mas a questão do sentido é que é fundamental para a AD. Conforme Maingueneau (1997, p. 11), a linguagem tem interesse “apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”.

Recuperar a conjuntura intelectual da França na década de 1960, em que a proposta da AD se situa, pode ser uma forma de compreender seus pressupostos e também algumas das

transformações por que passou, inclusive nos tipos de textos, de documentos, que a AD aborda em estudos mais recentes, como os textos da mídia, tanto da publicidade quanto do jornalismo, que são mais comuns, mais cotidianos, em comparação, por exemplo, com o Manifesto Comunista, um dos primeiros textos a receber atenção dos precursores da AD.

Pêcheux (1990) foi profundamente influenciado por uma conjuntura que coloca a leitura em suspenso, em que toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue, como lembra Orlandi:

Althusser escreve sobre a leitura de Marx, Lacan propõe uma leitura de Freud que é um aprofundamento na filiação da Psicanálise, Barthes considera a leitura como escritura, Foucault propõe a sua arqueologia. A leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos. (1999, p. 25)

Assim, Pêcheux (1990) propõe uma ciência da interpretação que tinha suas bases na Linguística – embora do ponto de vista da ruptura, desenvolvendo um questionamento crítico sobre ela – e ao mesmo tempo em outras áreas do conhecimento. A importância atribuída aos fatores extralinguísticos na circulação dos discursos vai vincular para sempre a AD a teorias fora do domínio da Linguística.

Na Psicanálise, a AD encontrou o sujeito do inconsciente, a partir da concepção lacaniana de sujeito descentrado, desejante, afetado pela ferida narcísica, cujo dizer é fruto de esquecimentos. A Filosofia e as Ciências Sociais, mais especificamente o Materialismo Histórico e a leitura que Althusser faz de Marx, influenciaram imensamente Pêcheux, o que se pode perceber na sua concepção inicial de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classe.

Ao falar, o enunciador o faz de uma maneira e não de outra, e as paráfrases indicam que o dizer sempre poderia ser outro. Esse esquecimento produz a ilusão referencial, em que se acredita que há relação direta entre pensamento, linguagem e mundo, estabelecendo uma relação natural entre palavra e coisa que, no entanto, não existe.

As indagações e reformulações propostas por Pêcheux para a AD possibilitaram que as formulações teóricas tivessem continuidade após sua morte em 1983. Dentre outros trabalhos, destaca-se a publicação, na França, de *Gênese dos discursos* (1984), baseada na tese de Dominique Maingueneau, que propõe o primado do interdiscurso sobre o discurso e a existência de uma semântica global para os discursos. É dessa perspectiva que tratamos no tópico a seguir, considerando as formulações de Maingueneau fundamentais para a análise a que se propõe este trabalho.

3.1 Contribuições da AD para as narrativas jornalísticas nos textos impressos

Neste trabalho, tomamos alguns dos conceitos da AD tais como reformulados por Maingueneau (2007), por terem se mostrado bastante operacionais na análise do discurso das matérias de capa dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

Primeiramente, entendemos que a AD, enquanto teoria, tem metodologia própria, tal como enfatiza Orlandi (1999): “a análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento de um *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza” (ORLANDI, 1999, p. 64). E que, justamente por isso, exige a todo momento a intervenção da teoria, que vai guiar a relação do analista com seu objeto e sua interpretação.

Conforme Orlandi (1999), deve-se, primeiro, fazer um trabalho de “de-superficialização”, uma primeira leitura, da materialidade linguística, assim proposta pela autora: “o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc. Isto é, naquilo que se mostra em sua sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz)” (ORLANDI, 1999, p. 65).

Feita a “de-superficialização”, então se deveria partir para analisar propriamente a discursividade. O discurso se explicita em suas regularidades, pela sua referência a uma ou outra formação discursiva, pensando, por sua vez, as relações desta com a ideologia e a historicidade. Isso implica observar a posição dos sujeitos que enunciam e as condições de produção do discurso, bem como sua relação com outros discursos. Para esse momento da análise, é fundamental ainda, segundo Orlandi (1999, p. 78), o trabalho com as paráfrases, as sinónimas, os efeitos metafóricos, a relação do dizer e não dizer. Por fim, caberia confrontar a análise realizada com as teorias tomadas na partida, para responder às perguntas formuladas no início:

Desfeita a ilusão da transparência da linguagem, e exposto à materialidade do processo e significação e da constituição do sujeito, o analista retorna sobre sua questão inicial [...] no final ela retorna, gerindo a maneira como o analista deve referir os resultados da análise à compreensão teórica do seu domínio disciplinar específico. (ORLANDI, 1999, p. 28)

Maingueneau (2007b), de maneira semelhante a Orlandi, recusa toda e qualquer distinção entre superfície e profundidade, uma vez que a existência de um discurso, sua

“enunciabilidade”, não é uma propriedade que lhe é dada por acréscimo, mas “alguma coisa radical, que condiciona toda sua existência” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 19). Para ele, deve-se partir de um conjunto de textos sempre como efeito de inscrições históricas, e olhar simultaneamente para os textos e para os efeitos dessas inscrições, o que permitirá reformular ou confirmar hipóteses de pesquisas. Afirma que “é preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como dito e como dizer, enunciado e enunciação” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 19). A análise, então, não se faz em dois momentos distintos, mas de forma integrada:

Recusamos a ideia de que há, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade se condensaria de maneira exclusiva ou mesmo privilegiada (as palavras, as frases, os arranjos argumentativos etc.). O que leva a recolocar o princípio de sua disseminação sobre os múltiplos planos do discurso. Não há mais, então, lugar para uma oposição entre “superfície” e “profundeza”, que reservaria apenas para a profundeza o domínio de validade das restrições semânticas. (MAINGUENEAU, 2007b, p. 23)

Na prática jornalística, adotando também a teoria estruturalista de Traquina (2005), tem-se diversas contribuições da análise do discurso nos textos jornalísticos. Nessa teoria, o jornalista possui certa “autonomia relativa”, reforçando na matéria valores e ideologias jornalísticas que irão delimitar rotineiramente os fatos noticiáveis.

Hall et. al. (1993) também pontuam que a Teoria Estruturalista valoriza a perspectiva culturalista, trabalhando o “mapa de significados” e afirmando que as notícias fazem mediações.

Para Souza:

[...] as notícias são um produto socialmente construído que reproduz a ideologia dominante e legítima o *status quo*. Isto acontece porque os jornalistas e os órgãos de comunicação social têm uma reduzida margem de autonomia, cultivam uma cultura rotinizada e burocratizada e estão sujeitos ao controle da classe dominante, proprietária dos meios de comunicação, que vincula os *media* às suas (primeiras) definições dos acontecimentos. (2002, p. 5)

Na teoria estruturalista, definida por Nelson Traquina, tem-se uma teoria macrossociológica, com forte herança marxista, que aponta o papel dos meios de comunicação de massa no processo de reprodução da “ideologia dominante” (2001, p. 88).

Nos estudos do jornalismo, os teóricos estruturalistas irão trabalhar com a noção de meios de comunicação relatando de forma transparente os acontecimentos, sendo estes naturalmente noticiáveis. Trabalha-se partindo do princípio de que as notícias são produtos

finais de um processo complexo e de uma escolha e seleção “sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL et. al., 1993, p. 224).

Diante disso, essa teoria explica a adequação das ideias dominantes e das ideologias no processo discursivo e nas práticas diárias do jornalismo. A estrutura da produção das notícias é explicada por Traquina que mostra as notícias como “o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (2001, p. 85).

Dentro da perspectiva da análise do discurso e das interações políticas nas práticas discursivas contemporâneas, a teoria estruturalista trabalha as notícias como um produto social. No jornal impresso, veículo de comunicação em análise nesta tese, empenhado no processo de divulgação de um fato e na regulação de notícias, a teoria situa o processo de produção em uma ordem e organização burocrática dos meios de comunicação.

Rodrigues (1993) diz que, no processo de constituição do acontecimento jornalístico, ancorado ao discurso jornalístico:

situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for sua realização [...], quanto menos previsível for, mais probabilidade tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico. É por isso que se diz, gracejando, que um cão que morde um homem não é um fato jornalístico, mas se um homem morder um cão, então, estamos perante um fato susceptível de se tornar notícia. O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. (1993, p. 29)

Assim, no processo de produção discursiva, entende-se a importância do jornalismo e do campo jornalístico no controle do princípio da informação, em que os valores das notícias estão na cultura jornalística, na cultura da fonte e no princípio da avaliação da confiabilidade do texto.

A relação do discurso jornalístico com o campo político se dá na medida em que os fatores que interferem na escolha de um representante político são de ordem também muito variada, integrando aspectos sociais, culturais, econômicos e psicológicos. Para os agentes políticos, o caminho para chegar às mentes e aos corações dos eleitores passa necessariamente pela palavra, e as disputas nas instâncias de repercussão do debate público acabam por se tornar

verdadeira “luta discursiva, na qual muitos golpes são permitidos [...] estando em jogo a conquista de uma legitimidade por meio da construção de opiniões” (CHARAUDEAU, 2008, p. 23).

Para o autor, a política se inscreve numa lógica própria de exibição e de exercício da palavra para conquistar credibilidade: “todo político sabe que lhe é impossível dizer tudo, a todo momento, e dizer as coisas exatamente como ele as pensa ou concebe, pois suas palavras não devem atrapalhar sua ação” (CHARAUDEAU, 2008, p. 104-105). A política seria um palco no qual os agentes políticos colocam máscaras, a fim de garantir um espaço e a manutenção dos cargos. Assim, o sujeito político “manifesta-se na cena do teatro social, com uma dupla identidade, que destina ao outro, seu público, a feição ideal de um cidadão que seria seu duplo, seu cúmplice” (CHARAUDEAU, 2006, p. 65). E, para chegar aos eleitores, os políticos precisam ampliar ao máximo o alcance de sua fala, o que só é possível por meio do domínio do maior número e variedade de dispositivos comunicacionais – jornais, revistas, impressos e *on-line*, *sites*, televisão, rádio, redes sociais etc. No entanto, para chegar ao público por meio das mídias, os agentes políticos precisam aceitar o jogo discursivo imposto pelas empresas de comunicação e seus atores. Assim, compartilhamos a ideia de que a comunicação midiática é uma forma de produção discursiva que, trabalhando sobre outros discursos, ajuda a fundar e ampliar o espaço público de debates.

Dessa forma, para compreender os modos pelos quais os discursos políticos, sobretudo aqueles ligados às eleições e à política partidária em geral, circulam em nossa sociedade, é preciso obrigatoriamente considerar o trabalho dos comunicadores, da mídia:

É claro que as mídias nos impõem suas escolhas dos acontecimentos. Não é, como dizem, porque elas tornem visível o invisível, mas porque só tornam visível aquele visível que decidiram nos exibir, e esse visível não é necessariamente igual àquele que o cidadão espera ou deseja: agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são sempre as mesmas. (CHARAUDEAU, 2006, p. 253)

No processo de divulgação da informação, o discurso político é editado pelas mais modernas ferramentas comunicativas e na maioria dos casos não é possível divulgar somente “a denúncia de suas fraquezas, mas também a reiteração de suas forças, mediante ampla divulgação de seus atos e deliberações no discurso social” (PIOVEZANI Filho, 2009, p. 135).

Há que se considerar, portanto, nas análises de discursos políticos veiculados pela mídia, as características de cada veículo, em termos de uma identidade discursiva. Isso equivale a

dizer, por exemplo, que embora haja alguns padrões na cobertura midiática da política, não se pode tomar um pronunciamento de um sujeito político publicado na *Folha de S. Paulo* do mesmo modo que se toma o mesmo pronunciamento em outra publicação, com outra identidade discursiva, como é, por exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo*.

Não se trata de fazer, aqui, posto que ultrapassaria os objetivos desta tese, uma análise da identidade discursiva dos veículos de comunicação brasileiros, ou mesmo de apenas um deles, mas de considerar as relações de um dado veículo, ou mesmo de um dado suporte, com os discursos que veicula, como constituintes dos efeitos de sentido desses mesmos discursos. Além disso, a mídia transmite sua perspectiva da política não apenas nos espaços formalmente dedicados a ela – o noticiário, os debates, os editoriais, charges etc. –, mas também em fragmentos de programação e gêneros especializados em entretenimento, como as novelas, os programas de auditório e outros gêneros, seja por meio de uma visão mais geral do que diz que é política ou que deve ser, seja apresentando posições, mais ou menos veladas sobre determinadas questões políticas que se encontram em debate na sociedade em cada momento e lugar.

Não fazemos a mesma análise do discurso político quando a comunicação política consiste num comício que reúne uma multidão em torno de um orador e quando essa comunicação toma forma de shows televisivos, aos quais cada um assiste em domicílio. Tampouco fazemos a mesma análise do discurso independentemente das crenças, das segmentações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; elas exercem suas coerções sobre o discurso das ciências humanas, sobre as escolhas dos sujeitos, sobre a definição dos objetos e sobre a reprodução dos recortes formais. (COURTINE, 2006, p. 55)

O acontecimento político é narrado pela mídia impressa como uma possibilidade de reflexão sobre a política e o político. Os jornais, que buscam constantemente assuntos políticos para preencherem suas páginas, se beneficiam dos acontecimentos políticos. Esse elo que aproxima a política e o político ocorre pela palavra.

3.2 Bases metodológicas de análise: as ferramentas do discurso em textos jornalísticos

Nos livros e materiais de pesquisa em Comunicação Política, encontra-se grande quantidade de métodos e técnicas para avaliar e analisar os discursos (BUCY; HOLBERT,

2011; CHADWICK; HOWARD, 2009; MORAN; MARTIN; GOODIN, 2007). Como base metodológica desta tese, buscamos analisar os títulos e as reportagens das matérias jornalísticas de capa dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, por meio da Análise do Discurso, partindo da ideia de que a mídia contribui para a percepção e compreensão dos discursos enunciados e o leitor constrói narrativas, segundo a sua compreensão.

Na perspectiva dessa metodologia, sabe-se que um discurso nunca pode ser analisado de forma isolada e, sim, mediante outros que o antecedem em sua dimensão social e não da forma como o jornalista escreve. Assim, a ênfase dada à análise dos textos jornalísticos será baseada na AD francesa e nos processos socioideológicos do discurso, em que a análise dos textos seguirá as categorias de análise semântica, intertextualidade e os dispositivos de silenciamento, o que irá contribuir para a análise do discurso construído em torno da crise econômica nos governos Dilma (PT) e Temer (MDB), nos jornais selecionados.

A obra do linguista francês Dominique Maingueneau, situada no domínio da AD, tem contribuído nas últimas três décadas para as pesquisas na área de análise de discurso, sobretudo no contexto brasileiro, tal como apontam Possenti e Baronas (2008). Parte da obra de Maingueneau se dedica a estabelecer possíveis diálogos entre Pêcheux e Foucault em torno dos conceitos-chave da AD tais como formulados por esses dois autores, muitas vezes de modo muito distinto um do outro, o que se configura como dificuldade para aqueles que se iniciam no campo da AD. A forma como o autor francês revê alguns desses conceitos-chave tem constituído “verdadeiro roteiro de trabalho, assumindo traços de uma metodologia de pesquisa” (POSSENTI; BARONAS, 2008, p. 7).

Neste trabalho, tomamos alguns dos conceitos da AD reformulados por Maingueneau por terem se mostrado bastante operacionais na análise do discurso. Sendo mediadora dos acontecimentos políticos, a mídia, seja impressa seja audiovisual, exerce um papel fundamental na formação e propagação da informação, em especial quando o assunto é discurso.

A mídia impressa, com sua formação discursiva específica e sua formação ideológica e posições-sujeito, tem o poder de não só selecionar os acontecimentos políticos por meio das matérias que são noticiadas, mas também de atualizar os sentidos veiculados para atender os interesses ou necessidades de consumo do público leitor. A mídia impressa molda e constrói os efeitos de sentido sobre o acontecimento político que noticia, no momento em que dá um tratamento especial à linguagem empregada para compor a notícia. A materialidade linguística passa por um processo de apagamento de marcas formais de subjetivação. (CYRRE, 2010, p. 36)

Como processo de análise discursiva e da formação ideológica, alguns mecanismos como escolhas semânticas, marcadores do silenciamento e intertextualidade são fundamentais para a compreensão da metodologia.

3.2.1 Escolhas semânticas

Sabe-se que cada palavra inserida em um texto jornalístico não depende apenas de si, mas da relação e harmonia que exerce entre as demais palavras e também do seu sentido. Adjetivos, expressões valorativas, ironias são palavras que conduzem a determinados sentidos para os personagens presentes na matéria jornalística, criando certas interpretações do sujeito.

A interpretação do campo semântico no texto jornalístico possibilita que o leitor crie sentidos sobre o objeto da narrativa. A metáfora, muito utilizada em discursos jornalísticos, trata-se, segundo Pedrosa (2005, p. 6) de um recurso escolhido para significar coisas e muitos jornalistas a utilizam para dificultar a tarefa de fazer relações com os acontecimentos políticos. Na Análise do Discurso, a metáfora não é utilizada como uma figura de linguagem, mas como uma palavra utilizada para explicar determinado momento político.

Na análise do discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam. [...] Em princípio, não há sentido sem metáfora. O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma palavra, uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é, por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. (ORLANDI, 2005, p. 44)

No contexto da análise de discursos dos jornais, para Fiorin, (2001, p. 17-18), a estrutura do discurso, via semântica discursiva, compreende o conteúdo do texto jornalístico como os personagens presentes nos textos. Charaudeau (2006) também afirma que não há discurso que não se relacione com outro.

Nesse processo, a abordagem é dada pelo que a mídia publica, tendo como pano de fundo o discurso escrito pelo jornalista, estabelecendo regras e normas que irão caracterizar o texto jornalístico, ou seja, a estrutura da notícia. No processo de escolha dos marcadores semânticos do texto jornalístico, sabe-se que o jornal impresso aprofunda-se em um universo de enunciados e utiliza discursos jornalísticos, que, pela semântica textual, são capazes de criar estratégias que partem do princípio da subjetividade textual.

Para Maingueneau (2001, p. 139), “o discurso relatado constitui uma enunciação sobre outra enunciação; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação

citada objeto da enunciação citante”. Sendo assim, tem-se a análise semântica dos textos quando o enunciador, no caso o jornalista, não só exime da responsabilidade as fontes e falas que são colocadas nas reportagens, mas também do processo de simulação e reconstituição de algum fato. Maingueneau (2001, p. 141) afirma que as falas relatadas nos textos são apenas uma “encenação, visando criar um efeito de autenticidade”.

De forma geral, a utilização de substantivos, adjetivos e em especial de verbos nos textos jornalísticos proporciona as escolhas semânticas do enunciador, no caso, o jornalista, a fim de construir uma argumentação capaz de convencer o coenunciador.

Para Charaudeau (2006 p. 39):

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha de formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.

No processo de produção de um jornal, um dos objetos de análise é o processo de escolhas semânticas, ou seja, a sintaxe das notícias enquanto unidades menores de significação das matérias jornalísticas.

Em uma notícia ou reportagem, entram pessoas, tempos verbais, acontecimentos, consequências futuras e componentes que classificam e mostram suas características. A sintaxe das notícias é uma prova semântica que irá proporcionar a veracidade das notícias.

No processo dos termos semânticos apresentados, uma notícia tem como garantia a sua veracidade ou testemunho escrito pelo jornalista. Assim, para Possenti (2001), o ato enunciativo, a partir de um efeito de sentido criado pelo jornalista, não está ligado apenas ao significado de uma palavra, aquilo que é atribuído morfológicamente, mas àquilo que é construído pela memória discursiva dos interlocutores.

3.2.2 Silenciamento

O não dito no discurso jornalístico é muito presente em textos que abordam o cenário político. Por meio de estratégias discursivas, os interlocutores silenciam o que lhes convêm. O processo do lembrar e esquecer na AD é fundamental para o leitor compreender e construir as memórias políticas e identidades sociais, o que irá constituir a produção de sentidos e o apagamento de determinadas marcas discursivas.

Se “a linguagem é considerada o tecido da memória” (COURTINE, 1994, p. 10), o autor busca em suas análises compreender os modos de existência da memória na ordem do discurso e as relações complexas que irão agregar os acontecimentos, as memórias e os efeitos de sentido presentes nos textos jornalísticos, muitas vezes silenciados.

Para Orlandi, o silêncio na AD:

Pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos de silêncio fundador, silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras que “falam” por elas, que as calam. Desse modo, distinguimos o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio, que, por sua vez, se divide em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não dizer; se digo “sem medo” não digo “com coragem”) e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer: numa ditadura, não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba, mas porque não se pode dizê-lo). (2005, p. 83)

Procurar os silêncios dos discursos jornalísticos que tratam de política, seus interesses e suas forças nos dizem mais sobre eles. Com base na AD de linha francesa, o dispositivo de análise do silêncio será o silêncio local, que, para Orlandi (1995, p. 24), “refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)”.

Como recurso metodológico de análise, esse dispositivo de silenciamento total será utilizado para verificar os sentidos que são impedidos de serem inscritos na memória do acontecimento e também o modo de reinscrição da memória no acontecimento enunciativo.

O silenciamento nos textos jornalísticos utiliza-se do mecanismo de substituição de um enunciado por outro. O modo de relação em que acontece o fato enunciativo irá proporcionar a relação de interdiscursos que irão habitar e materializar linguisticamente a memória de quem está lendo o texto. O silenciamento, como processo de apagamento parcial dos acontecimentos da memória discursiva, delimita os sentidos que são passados via reportagem jornalística.

Na análise do discurso e na produção dos textos jornalísticos, entende-se a linguagem e o silêncio como matérias distintas, uma vez que o silêncio é o sentido, e a linguagem se constitui para agregar os sentidos. Em outras palavras, tem-se o silêncio como um recurso de compreensão das interpretações que deverão ser omitidas.

Para compreender o silêncio e os efeitos de sentido nos textos jornalísticos, é fundamental conhecer a noção de historicidade e da produção textual, levando em consideração o tempo e o espaço em que tais discursos foram produzidos para compreender o seu efeito de

sentido. É a partir do processo de construção dos efeitos de sentido de um texto que se compreende as suas relações históricas, pois sob qualquer ângulo, seja da semântica formal seja da argumentativa, a compreensão do sentido do silenciamento total aparece materializada no discurso jornalístico.

A historicidade é peça fundamental para a aplicação dessa metodologia de análise, uma vez que permite investigar a interdiscursividade, ou seja, as condições e significados atribuídos aos textos jornalísticos. Para Michel Pêcheux (1984/1999), existe uma força operante nos textos jornalísticos que irá influenciar diretamente na memória discursiva “sob o choque do acontecimento” (id. *ibid.*, p. 53). Sobre os marcadores discursivos, o autor vai dizer que a repetição de itens lexicais e também dos enunciados, criadores de sentidos, irão proporcionar estabilidade parafrástica em que “a própria memória se esburaca e se perfura” (id. *ibid.*, p. 53).

Já para Orlandi (1999, p. 59), os esquecimentos, trabalhados por meio do dispositivo de silenciamento no texto jornalístico, podem ser instaurados em duas ordens, um sentido escondido ou até mesmo apagado, para que o outro entre em destaque e se esqueça de novos sentidos, “mas que foram estancados em um processo histórico-político silenciador” (id. *ibid.*, p. 62). Pode-se dizer que esse efeito é a censura do texto jornalístico.

3.2.3 Intertextualidade

Para o leitor compreender o verdadeiro sentido de um texto jornalístico, os discursos formulados previamente, com a intenção de atingir um resultado, devem ser criados em um intradiscorso e estar inscritos em um interdiscorso, em uma memória discursiva, na qual não existe um apagamento de fatos, fazendo o leitor se lembrar de certos acontecimentos que irão contribuir para a compreensão de matérias, trabalhando a intertextualidade. Segundo Fiorin, (1990, p. 77), “as determinações de um texto estão na relação de produção. O itinerário pelo discurso não se esgota no interior do próprio discurso, mas se projeta na história. É preciso levar em conta o intertexto para ler o texto”.

A memória discursiva, para Orlandi (2005), se faz valer com os processos de produção, no ato da enunciação, o contexto imediato, no qual a condição de produção está pautada no contexto sócio-histórico e ideológico.

Como dissemos, o interdiscorso – a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e que vão construindo uma

história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça num lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem. (ORLANDI, 2005, p. 54)

A intertextualidade é dividida em constitutiva e intertextualidade manifesta. A constitutiva é formada por elementos da ordem do discurso e possui uma constituição heterogênea. Já a intertextualidade manifesta se dá quando o texto recorre a outros textos específicos, criando diversas estratégias discursivas, recebendo o nome de cadeias intertextuais.

A categoria para analisar as matérias será a intertextualidade manifesta, uma vez que aborda a representação do discurso, pressuposições, negação, metadiscurso e também a ironia textual. Já a intertextualidade constitutiva é voltada ao texto, havendo uma configuração de convenções discursivas que se relacionam com a ordem de produção, todavia, a intenção desta tese não é trabalhar o processo de produção do discurso e, sim, as relações e efeitos de sentido expressas via intertextualidade manifesta. “Esse termo designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 288). Para Koch e Cunha-Lima:

O sentido das palavras e textos não lhes é imanente e não é depreensível numa atividade de cálculo com regras rígidas previamente estabelecidas. O sentido é necessariamente situado histórica e socialmente e é, também, plástico, no sentido de que, em todos os níveis da linguagem, existe uma negociação entre os interactantes para o estabelecimento desse sentido. A linguagem não traz os objetos do mundo para dentro do discurso e sim trata esses objetos de diversas maneiras, a fim de atender a diversos propósitos comunicativos: passa-se a falar, então, em objetos-de-discurso. (2004, p. 295)

Nesse sentido das palavras e da relação de intertextualidade, percebe-se que a própria construção dos textos é determinada pelos elementos linguísticos e jornalísticos que irão dar sentido, mesmo sendo materializados no texto, criando assim as formações discursivas.

Maingueneau (1995, 1996, 2010) diz que as relações de intertextualidade fazem parte do campo e que as relações estabelecidas não são homogêneas, atravessando as formações discursivas em que os sujeitos atribuem sentidos a diferentes gêneros textuais. Para o autor, “os diversos posicionamentos estão em relação de concorrência em sentido amplo, isto é, sua delimitação recíproca não passa necessariamente por um confronto aberto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50).

3.2.4 Heterogeneidade enunciativa

“Nas práticas enunciativas do discurso, tem-se a heterogeneidade enunciativa na construção das outras vozes do texto do jornal impresso, uma vez que nenhum sujeito é único no ato da construção dos enunciados” (AUTHIER-REVUZ, 2004). O conceito de Authier-Revuz, quando trabalhado de forma analítica na construção de sentidos ou simulacros sobre o discurso do outro, também o constitui e passa a ser incorporado no processo de construção e compreensão (MAINGUENEAU, 2005).

Pensar nessa expansão do discurso e na compreensão do outro é colocar em práticas as ideias de Dominique Maingueneau (2005), para quem a heterogeneidade dissimulada nasce para dar conta dessas novas discursividades, em especial, no discurso político.

Sabe-se que a análise do discurso, quando aplicada a conteúdos impressos, via linguística, consegue dizer pelo sujeito aquilo que ele gostaria de dizer, mas não teve forças para dizê-lo, ou seja, prevalece a linha editorial do veículo de comunicação. Esse processo é como se fosse um “outro” falando por ele.

Desse modo, Jacqueline Authier-Revuz (2004) apresenta a noção de heterogeneidade mostrada e constitutiva, tratando o sujeito dentro do seu discurso. Sustentado pela concepção bakhtiniana de dialogismo, o discurso é capaz de criar outros produtos de interdiscursos. Na visão da autora, ancorada pela teoria bakhtiniana, o sujeito necessita de um “outro” para aparecer na ordem do discurso e estabelecer relações discursivas com o leitor. Nesse caso, este não seria “o seu duplo de um frente a frente, nem mesmo o ‘diferente’, mas outro que atravessa constitutivamente o um” (BAKHTIN, 1963 apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 25). Com isso, o texto é construído com as relações dialógicas ilimitadas que possibilitam uma leitura dinâmica e ao mesmo tempo analítica.

As orientações dialógicas influenciam diretamente a compreensão de um texto, uma vez que toda palavra impregnada nas páginas dos jornais é composta de inúmeros sentidos, que podem vir de outro contexto, trazendo até mesmo, sentidos criados por outros. “As palavras são ‘carregadas’, ‘ocupadas’, ‘habitadas’, ‘atravessadas’ por discursos” (BAKHTIN, 1963, p. 114 apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 36). Assim, percebe-se uma saturação de significados linguísticos e as intenções e significados que são atribuídos ao texto.

Esse processo dialógico, ou dialogismo, é o que sustenta a constituição do sentido em um texto jornalístico, uma vez que é no cruzamento de diversos discursos que emanam vozes textuais escondidas, dispositivos de silenciamento e os discursos podem então divergir. Nisso, entende-se que é pelo discurso do outro que um novo discurso se forma. Seria seu “exterior constitutivo” (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Outra base da pesquisa de Authier-Revuz (2004) é que o sujeito e suas relações são estabelecidas com moldes na linguagem. Após uma releitura lacaniana de Freud e buscando na psicanálise a compreensão das ações linguísticas, percebe-se também que o discurso é atravessado pelo inconsciente.

Neste caso, o jornalista, ao escrever uma matéria, esquece da heterogeneidade presente no discurso e acredita ser o criador da enunciação. Assim, o discurso quando amparado pelo momento histórico, a conjuntura atual, possibilita no ato da enunciação produzir diversos efeitos de sentido e influencia diretamente a escrita.

Esse espaço de investigação no texto jornalístico é o que irá dar pistas aos analistas, estabelecendo sentidos escondidos em palavras manifestadas, na pontuação textual, que irão comprovar o sentido dado pelo texto por meio da materialidade da língua.

Em suma, nesta tese e nos jornais analisados, a presença da “palavra dos outros” nos jornais irá sustentar as análises, uma vez que nenhuma palavra é neutra e está carregada de sentidos, produzindo discursos e desempenhando seu papel num “jogo inevitável de fronteiras e interferências” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68).

Uma só voz, no momento da análise, é substituída por comprovações que mostram algo escondido no texto. Essas vozes fazem parte da heterogeneidade constitutiva.

Nesse caso, Authier-Revuz (2004) afirma que a heterogeneidade enunciativa pode ser estabelecida sobre duas concepções: a constitutiva e a mostrada, uma vez que ambas implicam a presença do outro no processo de produção de um discurso capaz de produzir diversos sentidos em quem lê.

Na heterogeneidade mostrada, o outro é mostrado com mais clareza. Não prevalece tanto o ocultamento e esse “outro” é recuperado pela percepção textual, apresentando marcas visíveis de quem está sendo falado no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Esta tese, com base no *corpus* de análise, composto por reportagens dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, irá apresentar a heterogeneidade constitutiva que toma como alvos os atores políticos Dilma Rousseff e Michel Temer, apontando marcas que produzem seu

discurso e o discurso do “outro”, que geralmente apresentam na ordem linguística o processo enunciativo e as marcas de um apagamento legitimando o interdiscurso. A escolha dessa metodologia da heterogeneidade constitutiva se justifica, uma vez que os textos jornalísticos utilizam muito o Discurso Direito e Discurso Indireto para compor os textos, criar vozes enunciativas e manter um discurso de um outro eu nos textos.

Para Dominique Maingueneau (2007, p. 32-3):

Os analistas do discurso podem ainda construir *corpus* de elementos de diversas ordens (palavras, grupos de palavra, frases, fragmentos de textos, [charges, caricaturas, videomontagens etc.] extraídos do interdiscurso, sem buscar construir espaços de coerência, ou seja, sem procurar constituir totalidades. Nesse caso, deseja-se, ao contrário, desestruturar as unidades instituídas por meio da definição de *percurso*s inesperados: a interpretação se apoia, assim, sobre a explicitação de relações imprevistas no interior do interdiscurso.

A ordem da enunciação é fundamental nesse processo, que é composto de marcas como: citações, aspas, discurso direto, utilização do itálico, indicando que existe outro discurso inserido no seu.

Brandão (2004) e Maingueneau (2008) apresentam a heterogeneidade indicada por Authier-Revuz (1990):

1. Discurso relatado: este pode ser dividido em discurso indireto e discurso direto. Discurso indireto é quando o locutor, no caso o jornalista, utiliza-se de suas próprias palavras para traduzir o discurso de outro. Já no discurso direto, o jornalista recorta as palavras do outro e as cita na reportagem. Esse recurso tem como objetivo criar autenticidade ao discurso. Tuchman (1999) acrescenta: “[...] ao inserir a opinião de alguém, eles [os jornalistas] acham que deixam de participar na notícia e deixam os fatos falarem” (TUCHMAN, 1999, p. 81).

Assim, Maingueneau (2008) afirma que existe “[...] um modo mais simples e mais discreto para um enunciador indicar que não é o responsável por um enunciado” (p. 139): a modalização em discurso direto. Baalbaki (2007), de acordo com Maingueneau, reforça que: “A modalização em discurso direto é a forma mais simples e mais direta de remeter a responsabilidade do enunciado ao enunciador citado, resguardando, portanto, o enunciador citante” (BAALBAKI, 2007, p. 86). É devido a isso que se percebem muitas marcas desse recurso em textos jornalísticos.

4. A PRÁTICA DISCURSIVA NOS JORNAIS *FOLHA DE S.PAULO* E *O ESTADO DE S. PAULO*

Ao considerar esse recorte de estudo nas capas e matérias relacionadas ao discurso do *impeachment* pelo viés econômico, no período de 01/01/2016 a 11/05/2016, em que Dilma ficou na Presidência, e 15/05/2016 até 25/09/2016, período de quatro meses e dez dias da gestão Temer, 43 capas dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* trouxeram conteúdo que abordou a crise econômica. Todavia, apenas dez reportagens do jornal *Folha de S.Paulo* trabalharam a temática apontando marcadores que influenciaram antes e depois do *impeachment* e sete reportagens do jornal *O Estado de S. Paulo* abordaram a crise. As demais reportagens não foram consideradas, uma vez que a tese se baseou na crise econômica como discurso principal, sendo que 26 reportagens não apresentaram nenhuma característica de análise via jornalismo político e econômico. Importante pontuar que as imagens não serão abordadas.

No campo da produção da notícia jornalística, a primeira página do jornal, chamada também de manchete, aborda os principais assuntos que compõem o periódico, apresentando uma hierarquia de assuntos e informações de relevância para a sociedade, com o objetivo de despertar o interesse e a atenção do leitor. Já a capa atua como instrumento de valorização do conteúdo, uma vez que o jornalismo trabalha também com as regras do mercado e destaca o que é mais importante, sintetiza o conteúdo da reportagem, buscando chamar a atenção do leitor.

A capa é tratada como produto jornalístico já que possui a função de destacar o que há de mais importante no cenário econômico, político e social. Além de agregar um valor maior, capaz de mobilizar os leitores e atender a demanda do público do veículo, a capa também atua no processo dos temas mais relevantes daquele dia. Abaixo, as Tabelas 2 e 3 indicam as reportagens selecionadas durante o período de amostra dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

Tabela 2 – Matérias do jornal *Folha de S.Paulo* (2016)

Data	Título da matéria
01/01	Brasil pode perder até 2,2 mi de vagas formais neste ano
07/02	País caminha para a pior recessão de sua história
09/04	Queda do preço da energia e crise fazem inflação recuar (reportagem de capa que traz uma imagem dos deputados com cartazes solicitando o <i>impeachment</i>)
21/04	Demissões batem recorde, e desemprego chega a 10%
02/05	Dilma culpa oposição pela crise econômica DILMA é afastada no dia 12 de maio
02/06	Recessão se aprofunda, mas surgem sinais de estabilização
20/06	Desigualdade no país volta a crescer com desemprego
02/07	Indústria dá sinais de retomada após 2 anos
13/08	Governo vê indícios de melhora na arrecadação
29/09	Crise acelera volta dos empregos com carteira assinada
Total	10 reportagens

Fonte: Do autor.

Tabela 3 – Matérias do jornal *O Estado de S. Paulo* (2016)

Data	Título da matéria
10/01	Crise econômica faz aumentar espera de desempregados por nova vaga
22/01	País fecha 1,5 milhão de vagas e analistas preveem piora
28/03	Crise provoca fechamento de 4,4 mil fábricas em SP
04/04	Governo sacrifica ajuste para ajudar a negociar na crise
12/05	A chance de Temer: Vice de Dilma assume Presidência da República como desafio de superar uma crise histórica e encerrar a era do PT do poder DILMA é afastada no dia 12 de maio
25/05	Governo trava gastos e mercado reage com cautela
Total	6 reportagens

Fonte: Do autor.

4.1 Jornal *Folha de S.Paulo*

A primeira matéria a ser analisada, divulgada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, em 1º de janeiro de 2016, apresenta como manchete: “Brasil pode perder até 2,2 mi de vagas formais neste ano” (Figuras 10 e 11). Com um discurso jornalístico pessimista sobre o mercado, a matéria elenca a situação crítica que o Brasil enfrentava e a busca por uma reação, que, previa-se, só seria possível em 2018.

Figura 10 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 1º de janeiro de 2016

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 17H23 • R\$ 2,50

ANO 95 • SEXTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO DE 2016 • Nº 31.684

DILMA ROUSSEFF
Governo federal está fazendo a sua parte, e creio que 2016 será melhor

O ano de 2015 foi muito duro, mas estou convicta da nossa capacidade de chegarmos ao fim de 2016 melhor do que indicam as previsões. O governo está fazendo a sua parte. Executamos um duro plano de contenção de gastos, sem transferir a conta para os que mais precisam. Mesmo injustamente questionada pela tentativa de impeachment, não almejo migrações. Opistho A3

Atletas do Quênia e da Etiópia dominam de novo a São Silvestre

Esporte B6



BRASIL PODE PERDER ATÉ 2,2 MI DE VAGAS FORMAIS NESTE ANO

Em declínio desde 2015, mercado de trabalho só deve começar a se recuperar em 2018, dizem especialistas

O Brasil deve perder até 2,2 milhões de vagas com carteira assinada neste ano que começa. Para especialistas ouvidos pela *Folha*, o mercado de trabalho só deve começar a reagir em 2018. A recessão de alta registrada de 2002 a 2014 foi revertida em 2015, quando 945 mil delas foram destruídas entre janeiro e novembro.

O desemprego, mais concentrado no ano passado no setor industrial e na construção civil, deve agora atingir com intensidade o setor de serviços e o comércio. Diante de economia em queda e inflação corroendo poder de compra das famílias, analistas já veem espaço para o avanço da informalidade nas contratações.

A queda no rendimento deve ser outro fator de pressão para elevar o desemprego em 2016. No ano passado, esse fenômeno forçou jovens dedicados exclusivamente à educação a buscar as filas de emprego para completar a renda da família. Mercado A10

PEBRO LEI2 PASSOS Crise deu origem a comissões importantes para retomarmos crescimento do país. A11

Foto: Assessoria/Problemas

PRAIA SEM MUVUCA

Isolados, pontos do litoral norte paulista são ilhas de tranquilidade em meio ao frenesi *Cotidiano B4*



Banhistas na praia de Calbetas em São Sebastião, litoral norte de SP

ESPORTE
Messi não deve vir ao Brasil para a Olimpíada, afirma técnico argentino 47

2016

Stones vêm em fevereiro *Culpa Folha Pág. 11*

Reedição da biografia do Rei *Ilustrada C3*

'Game of Thrones' volta *Ilustrada C4*

COTIDIANO
Dez dias após incêndio, estação da Luz é reaberta parcialmente 81

MERCADO
Com vendas em alta, repelente e água de coco escapam da crise 48

ILUSTRADA
Em novo disco, mais artístico, David Bowie foga dos fãs e do rock 15

Ministérios e órgãos inflam balanços da Lei de Acesso

Ao menos 11 ministérios e órgãos do governo federal inflam os balanços de documentos liberados via Lei de Acesso à Informação. Consultados, negaram-se a fornecer papéis que, pelas listas, tinham se tornado públicos. A alegação mais frequente foi de que os textos continuam sob outro tipo de sigilo, como industrial. Exemplo positivo, Marinha forneceu 29 de 30 informações pedidas. Poder A4

EDITORIAIS Opinião A2
 Leia "Poucas esperanças", sobre perspectivas da economia para 2016, e "Espaço para inovação", a respeito de lançamento de foguete reutilizável.

RODÍZIO SUSPENSO
 O rodízio municipal de veículos volta a vigorar apenas em 11 de janeiro.

FALE COM A FOLHA fale.folha.com.br
 Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao assinante, as editorias e a ombudsman

ATMOSFERA Cotidiano B2
 Previsão de chuva à tarde. Mínimo 21°C. Máximo 31°C

Barragem rompida tinha problemas desde 2009

A barragem da mineradora Samarco que ruíu na cidade mineira de Mariana em 5 de novembro começou a mostrar problemas quatro meses após o início de sua operação, em dezembro de 2008. As causas da tragédia, que deixou 17 mortos, ainda estão sendo investigadas.

Segundo o último relatório de inspeção, feito em julho de 2015 pela Vogbra a pedido da Samarco, a estrutura tinha histórico de infiltrações e de entupimentos. A mineradora afirmou que laudos da Vogbra atestavam a estabilidade da barragem de Fundão. Cotidiano B1

TATI BERNARDI
 Como é mesmo que se descansa e relaxa nas férias?

MARIANA LAJOLO
 Êxito nos Jogos do Rio dependerá de esforço individual

Dez dias de férias. O que eu faria com eles? Não estou aqui me gabando de ser "workaholic", mas dizendo que tenho uma dificuldade para me divertir e relaxar. Pelo amor de Deus, como é que se descansa? Cotidiano B2

O Brasil vai dar vexame em 2016? Em muitas modalidades, o sucesso no Rio será fruto de esforço individual ou daqueles concentrados só para sair bem na foto em casa. Mas só saberemos se a meta foi atingida em 2020. Esporte B7



FOGO NO DESERTO Hotel cinco estrelas em Dubai atingido por incêndio que começou no 20º dos 63 andares do prédio, próximo ao local onde ocorreria festa de Ano-Novo Mundo A6

ISSN 1677-0502 31684

9 775114 316843

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 11 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 1º de janeiro de 2016

ZONA DE TURBULÊNCIA EM 2016

Economistas preveem deterioração ainda maior do mercado de trabalho, com fechamento de até 2,2 milhões de vagas

Entidade	Taxa de desemprego, em %	Varição do rendimento, em %	Varição da massa salarial, em %
LCA Consultores	9 (PME) ou 11,9 (Pnad Contínua)	-2,5 (PME)	-3,8 (PME)
Consultoria GO Associados	10 (PME)	-2,8 (PME)	-3,7
Banco Santander	8,9 (PME)	-2,4 (PME) ou -3,2 (Pnad Contínua)	-3,4 (PME) ou -4,7 (Pnad Contínua)
Banco Itaú			
FGV/Ibire	11,7 (Pnad Contínua)	-1,3 (Pnad Contínua)	-2,5
CNI (Confederação Nacional da Indústria)	11 (Pnad Contínua)		
Fecomercio SP (Federação do comércio paulista)	10 (PME)	-2,0	-7,0
ACSP (Associação Comercial de São Paulo)	10 (Pnad Contínua)		-10

País pode perder neste ano até 2,2 mi de vagas formais

Especialistas em mercado de trabalho só veem reação a partir de 2018

Desemprego, que estava mais concentrado na indústria, deve chegar também aos serviços e ao comércio

CLAUDIA ROLLI
de São Paulo

O Brasil pode perder até 2,2 milhões de vagas com carteira assinada neste ano que começa e o emprego só deve começar a reagir em 2018, na opinião de especialistas em mercado de trabalho. Sem a retomada da economia, com a inflação correndo o poder de compra das famílias e as empresas se reestruturando, o desemprego — mais concentrado em 2015 no setor industrial e na construção civil — deve agora atingir com intensidade o setor de serviços e o comércio. O trabalhador com carteira assinada deve ser o mais afetado, segundo analistas, que já veem espaço para o avanço da informalidade nas contratações. Os mais otimistas preveem ao menos 800 mil vagas eliminadas. “Na análise dos mais pessimistas — os que acreditam que o PIB vai encolher 2% —,

o Brasil vai perder de 2 milhões das famílias (alimentação, educação, lazer e carteira) e os prestados às empresas (transporte, logística e armazenagem) devem ser os mais afetados. O mesmo vale para o comércio, que depende diretamente do bolso do consumidor. Para o diretor da GO, a taxa de desemprego na média anual sobre para 10% em 2016, se considerada a pesquisa mensal de emprego (PME) do IBGE. “São três pontos percentuais acima da taxa média de 2015 (7,8%). Em 2017, o desemprego começa a

Serviços ligados ao consumo das famílias (alimentação, educação, lazer e carteira) e os prestados às empresas (transporte, logística e armazenagem) devem ser os mais afetados. O mesmo vale para o comércio, que depende diretamente do bolso do consumidor. Para o diretor da GO, a taxa de desemprego na média anual sobre para 10% em 2016, se considerada a pesquisa mensal de emprego (PME) do IBGE. “São três pontos percentuais acima da taxa média de 2015 (7,8%). Em 2017, o desemprego começa a

ceder, mas pouco. A previsão é a taxa média ficar no patamar de 9%”, diz Silveira. O ritmo de fechamento de postos de trabalho neste ano deve ser semelhante ao de 2015, diz o economista Fábio Romão. “Em 2016, o Brasil deve perder 1,46 milhão de vagas, sendo que a maior parte deve ser fechada no primeiro trimestre.” “Deve haver geração de vagas em 2017. Mas, como será um ano de saída de crise, a busca por emprego vai pressionar o mercado de trabalho. A ocupação cresce em ritmo menor que a população economicamente ativa”, afirma. Levando em conta o desemprego medido pela Pnad contínua (indicador do IBGE que substituiu a pesquisa anterior), o mercado de trabalho principal regiões metropolitanas do país, a taxa passa de 8,7% na média de 2015 para 13,5% em 2017, segundo a LCA. Na medida antiga (PME), iria de 6,9% para 9,5%.

ENTENDA A DIFERENÇA
PME (Pesquisa Mensal de Emprego) é calculada pelo IBGE considerando dados de seis regiões metropolitanas do país.
Pnad Contínua (Pesquisa Mensal de Amostras por Domicílio Contínua) é calculada pelo IBGE e tem abrangência nacional. Considera informações de 3.500 municípios do país.

Entidade	Varição do PIB, em %	Inflação (IPCA), em %
LCA Consultores	-2,3	7
Consultoria GO Associados	-2,7	6,5
Banco Santander	-2,0	7
Banco Itaú	-2,8	6,8
FGV/Ibire	-3,0	7,4
CNI	-2,6	6,8
Fecomercio SP	-3,0	8
ACSP	-2,0	6,5 a 7,0



Renda em queda leva mais gente às filas

Com o rendimento em queda, mais pessoas são forçadas a buscar as filas de emprego para completar a renda da família. O fenômeno, que já começou a ser observado em 2015, deve ser mais um fator de pressão para elevar o desemprego neste ano. Jovens que haviam optado por se dedicar exclusivamente à educação foram forçados a voltar a procurar trabalho. “Há 11 anos o rendimento não registrava queda real”,

diz Romão. Em 2004, a queda foi de 1,2% no ano. De 2005 a 2014, a renda teve crescimento real descontada a inflação ao longo de três pontos percentuais em média. Para 2015, a LCA projeta redução de 3,9% na renda sobre o ano anterior e neste ano, de 2,5%. “A retração é reflexo direto da inflação”, diz o economista da GO.

PESO MAIOR NA BASE
As famílias de classes C, D e E são as que mais sentem o peso da pressão de custo na

Previsões dependem de rumos do governo

Para o economista Rodolfo Margallo, do Banco Santander, a economia tende a começar a se estabilizar somente a partir do segundo semestre de 2017, mas ainda de forma insuficiente para inverter a queda dos principais indicadores da economia. “Tudo vai depender também de todo o imbróglio fiscal [capacidade do governo de equilibrar as contas públicas e controlar sua dívida], que aumenta a percepção de risco do Brasil e tem impacto na expectativa de melhora da atividade econômica”, diz.

“Deve haver um crescimento moderado do PIB em 2017 por causa da perda de competitividade, que ocorre ao longo dos anos, e da necessidade de reformas estruturais não realizadas.” Na visão de oito economistas consultados, a queda no PIB deve ficar entre 2% e 3% neste ano (veja quadro). “Se o PIB desaba, o mercado formal desaba”, diz Silvia Matos, pesquisadora da FGV/Ibire. “Vamos recolher em 2016 os resultados da maior recessão em 25 anos e de uma inflação de dois dígitos. É o Brasil que não se via no Brasil desde 2003”, completa. Fábio Fina, assessor econômico da Fecomercio SP, destaca que o número de desempregados em 2016 deve ser ainda maior se for considerado o contingente de 1,5 milhão de pessoas que ingressaram por ano no mercado de trabalho. “Não serão só 2 milhões de desempregados em 2016 por causa de empregos eliminados. Pelas nossas projeções são 3,5 milhões, se incluídos os que entram no mercado todo ano. É um número assustador”, diz. (R)

KALUNGA

CONTAZ PARTICIPAÇÕES S.A.
CNPJ nº 06.920.000/0001-00 | Av. Paulista, 2000 - São Paulo, SP

ESTADO DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE DEBENTURADOS DA 1ª (PRIMEIRA) SÉRIE DA 1ª (PRIMEIRA) EMISSÃO DE DEBENTURADOS DA CONTAZ PARTICIPAÇÕES S.A.
Folha convocatória de titulares dos debentures de 1ª (primeira) série de 1ª (primeira) emissão pública de debentures emitidos, em garantia de empréstimo, de natureza garantida, com garantia hipotecária, em favor da Conta Z, em nome da Conta Z Participações S.A. (Conta Z Participações S.A.), inscrita no CNPJ nº 06.920.000/0001-00, em conformidade com o que dispõe o artigo 1º da Lei nº 11.908 de 12 de novembro de 2009, no art. 1º do Regulamento nº 001/2010 e no art. 1º do Regulamento nº 002/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 003/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 004/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 005/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 006/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 007/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 008/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 009/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 010/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 011/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 012/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 013/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 014/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 015/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 016/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 017/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 018/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 019/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 020/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 021/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 022/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 023/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 024/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 025/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 026/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 027/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 028/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 029/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 030/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 031/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 032/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 033/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 034/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 035/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 036/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 037/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 038/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 039/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 040/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 041/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 042/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 043/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 044/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 045/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 046/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 047/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 048/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 049/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 050/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 051/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 052/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 053/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 054/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 055/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 056/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 057/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 058/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 059/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 060/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 061/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 062/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 063/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 064/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 065/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 066/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 067/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 068/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 069/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 070/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 071/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 072/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 073/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 074/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 075/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 076/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 077/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 078/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 079/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 080/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 081/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 082/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 083/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 084/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 085/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 086/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 087/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 088/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 089/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 090/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 091/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 092/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 093/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 094/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 095/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 096/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 097/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 098/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 099/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 100/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 101/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 102/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 103/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 104/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 105/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 106/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 107/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 108/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 109/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 110/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 111/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 112/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 113/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 114/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 115/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 116/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 117/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 118/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 119/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 120/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 121/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 122/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 123/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 124/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 125/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 126/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 127/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 128/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 129/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 130/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 131/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 132/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 133/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 134/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 135/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 136/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 137/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 138/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 139/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 140/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 141/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 142/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 143/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 144/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 145/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 146/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 147/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 148/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 149/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 150/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 151/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 152/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 153/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 154/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 155/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 156/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 157/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 158/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 159/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 160/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 161/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 162/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 163/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 164/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 165/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 166/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 167/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 168/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 169/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 170/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 171/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 172/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 173/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 174/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 175/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 176/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 177/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 178/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 179/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 180/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 181/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 182/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 183/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 184/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 185/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 186/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 187/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 188/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 189/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 190/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 191/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 192/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 193/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 194/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 195/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 196/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 197/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 198/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 199/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 200/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 201/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 202/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 203/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 204/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 205/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 206/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 207/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 208/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 209/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 210/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 211/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 212/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 213/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 214/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 215/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 216/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 217/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 218/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 219/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 220/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 221/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 222/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 223/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 224/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 225/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 226/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 227/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 228/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 229/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 230/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 231/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 232/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 233/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 234/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 235/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 236/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 237/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 238/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 239/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 240/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 241/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 242/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 243/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 244/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 245/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 246/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 247/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 248/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 249/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 250/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 251/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 252/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 253/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 254/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 255/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 256/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 257/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 258/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 259/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 260/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 261/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 262/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 263/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 264/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 265/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 266/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 267/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 268/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 269/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 270/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 271/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 272/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 273/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 274/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 275/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 276/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 277/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 278/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 279/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 280/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 281/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 282/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 283/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 284/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 285/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 286/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 287/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 288/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 289/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 290/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 291/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 292/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 293/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 294/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 295/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 296/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 297/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 298/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 299/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 300/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 301/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 302/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 303/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 304/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 305/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 306/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 307/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 308/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 309/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 310/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 311/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 312/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 313/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 314/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 315/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 316/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 317/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 318/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 319/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 320/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 321/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 322/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 323/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 324/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 325/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 326/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 327/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 328/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 329/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 330/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 331/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 332/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 333/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 334/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 335/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 336/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 337/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 338/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 339/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 340/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 341/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 342/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 343/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 344/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 345/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 346/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 347/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 348/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 349/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 350/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 351/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 352/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 353/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 354/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 355/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 356/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 357/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 358/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 359/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 360/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 361/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 362/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 363/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 364/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 365/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 366/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 367/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 368/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 369/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 370/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 371/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 372/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 373/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 374/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 375/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 376/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 377/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 378/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 379/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 380/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 381/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 382/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 383/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 384/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 385/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 386/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 387/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 388/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 389/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 390/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 391/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 392/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 393/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 394/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 395/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 396/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 397/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 398/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 399/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 400/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 401/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 402/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 403/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 404/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 405/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 406/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 407/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 408/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 409/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 410/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 411/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 412/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 413/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 414/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 415/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 416/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 417/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 418/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 419/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 420/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 421/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 422/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 423/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 424/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 425/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 426/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 427/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 428/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 429/2010, e no art. 1º do Regulamento nº 430/2010, e no art

Pela linha fina da matéria, termo técnico do jornalismo utilizado para complementar a matéria, percebem-se marcas da intertextualidade que mostram que o mercado só terá uma reação positiva em 2018, período em que terminaria o governo do PT: “Especialistas em mercado de trabalho só veem reações a partir de 2018”. Sem a retomada da economia e a inflação em alta, os dados apresentados mostraram que, em 2015, o desemprego começa a atingir as áreas da indústria e da construção civil, intensificando-se em 2016.

Utilizando a metodologia de análise do discurso, percebe-se que o processo de escolha semântica por meio do qual o jornal afirma que, sem a retomada da economia, com inflação corroendo o poder de compra das famílias e as empresas se reestruturando, o desemprego mais concentrado em 2015 no setor industrial e na construção civil deve agora atingir com intensidade o setor de serviços e do comércio.

As formas verbais **utilizados, corroendo, atingir** estabelecem sentidos na narrativa jornalística que podem ser interpretados como uma crise que já está instaurada e que comprometerá diretamente muitas famílias. A matéria reforça o sentido da crise no âmbito familiar ao apontar que o trabalhador com carteira assinada deve ser o mais afetado e busca legitimar o discurso ao referenciar enunciados de especialistas na área de economia. A relação crise econômica e governo Dilma está presente no discurso do consultor Fábio Romão, da LCA consultores, ao declarar que “o mercado de trabalho sente os efeitos da fraca atividade com defasagem de até um ano. Os problemas de 2015 terão desdobramentos mais adiante”. A entrevista da pesquisadora da FGV/Ibre Silvia Matos contribui para endossar as críticas indiretas ao governo, ao afirmar que o país em 2016 teria a maior recessão em 25 anos e uma inflação de dois dígitos. Algo, segundo a pesquisadora, que não se via no Brasil desde 2003. O discurso estabelece uma associação entre o início da nova gestão do governo Dilma e a crise econômica, ao fazer referência ao ano de 2003, quando o país era governado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Como forma de intensificar o discurso da crise, o texto jornalístico apresenta que “o desemprego deve continuar subindo em 2016 e 2017, mesmo considerando a retração do PIB”. No parágrafo seguinte, novamente aparece a forma verbal *deve* reafirmando o fato: “Deve haver geração de vagas em 2017. Mas como será um ano de saída de crise, a busca por emprego vai pressionar o mercado de trabalho”.

Como dispositivo do silêncio local, percebe-se uma tendência à exclusão do discurso do governo, o silenciamento de pesquisadores ou consultores, que propusesse ampliar a visão da

crise na perspectiva nacional e internacional, assim como apresentar possíveis medidas e ações articuladas pela presidente petista e por sua equipe ministerial para conter os avanços do desemprego.

A heterogeneidade enunciativa surge nessa reportagem totalmente voltada para um discurso direto, pois a equipe de jornalismo insere várias citações feitas por economistas como Fábio Romão, da LCA Consultores, e Fábio Silveira, diretor de pesquisa econômica da GO Associados. Dos seis fragmentos abaixo (Quadro 1), voltados ao discurso direto, todos estão apoiados na heterogeneidade enunciativa, com as expressões de fontes indefinidas como “diz e afirma”. Charaudeau (2009), nesse processo, ressalta que “O problema que se coloca [...] é saber o crédito que se pode dar a uma informação cujo locutor de origem é designado de maneira coletiva, anônima ou vaga” (p. 170).

Quadro 1 – Análise discursiva do jornal *Folha de S.Paulo*: “Brasil pode perder até 2,2 mi de vagas formais neste ano”

Escolhas semânticas	perder, reação, emprego, desemprego, intensidade informalidade, pessimistas, PIB irá encolher, efeito retardado, a menos, concentrou, perdas, enfraquecimento, mais afetados, recessão, fechamento, desemprego subindo, retrações do PIB, ritmo menor
Intertextualidade	Observam reação a partir de 2018 Desemprego teve maior concentração em 2015 A indústria brasileira regrediu 8 anos
Dispositivos do silêncio local	Não ouvir os dois lados da notícia
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“O Brasil pode perder até 2,2 milhões de vagas com carteira assinada neste ano que começa e o emprego só deve começar a reagir em 2018, na opinião de jornalistas de mercado de trabalho”</p> <p>“O mercado de trabalho sente os efeitos da fraca atividade com defasagem de até um ano. Os problemas de 2015 terão desdobramentos mais adiante”, diz Fábio Romão, da LCA Consultores</p> <p>“Daqui para frente, o enfraquecimento será onde ainda há uma gordura para cortar: no comércio e no setor de serviço. A indústria brasileira já regrediu 8 anos – voltou ao mesmo nível da crise de 2008. Pode ainda existir perda no setor industrial? Pode, mas não com a mesma magnitude já vista”, diz Fábio Silveira, diretor de pesquisa econômica da GO Associados</p> <p>Para o diretor da GO, a taxa de desemprego na média atual, sobe para 10% em 2016, se considerada a pesquisa mensal de emprego (PME) do IBGE. “São três pontos percentuais acima da taxa média de 2015 (7.1%), Em 2017, o desemprego começa a ceder, mas pouco, a previsão é a taxa média ficar no patamar de 9%”, diz Silveira</p> <p>O ritmo de fechamento de postos de trabalho neste ano deve ser semelhante ao de 2015, diz o economista Fábio Romão. “Em 2016, o Brasil deve perder 1,46 milhões de vagas, sendo que a maior parte deve ser fechada no primeiro trimestre”</p> <p>O desemprego deve continuar subindo em 2016 e 2017, diz Romão, mesmo considerando retrações do PIB do que previstas para 2015 (-3,6%)</p> <p>“Deve haver gerações de vagas em 2017. Mas como será um ano de saída de crise, a busca por empregos vai pressionar o mercado de trabalho. A ocupação cresce em ritmo menor que a população economicamente ativa”, afirma</p>

Fonte: Do autor.

A reportagem do dia 7 de fevereiro apresenta como manchete: “País caminha para a pior recessão de sua história” (Figuras 12 e 13). Para afirmar o discurso de capa, o jornal *Folha de S.Paulo*, publica o gráfico de evolução do Produto Interno Bruto (PIB) de 1901 a 2017.

Figura 12 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 7 de fevereiro de 2016

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 95 • DOMINGO, 7 DE FEVEREIRO DE 2016 • Nº 31.721

EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 11H31 • R\$ 5,50

alalaô

NA AVENIDA
Império da Casa Verde leva carros grandiosos à 2ª noite em SP 87

RIO
Bloco Cordão da Bola Preta tem roubos e brigas no centro 85

BERNARDO MELLO FRANCO
Carnaval é popular, coletivo por definição e democrático 42

CARLOS NETTOR CONY
Esharrei com uma caveira, provavelmente um menino como eu, e corro de medo até hoje 42

NA RUA
Sidney Magal e sorvete de caipirinha foram os hits nos blocos de SP 85

FOLHA DE S. PAULO

País caminha para a pior recessão de sua história

Dados negativos recentes levam a projeção mais grave sobre economia brasileira

A economia brasileira caminha para mergulhar em um período de três anos consecutivos de recessão, fato inédito desde 1901, início da série histórica nacional. A última vez que o PIB, medida da produção e da renda, recuou por dois anos seguidos foi no biênio 1930-31, após a grande crise de 1929. As projeções de analistas para o desempenho da economia têm piorado por causa dos dados negativos da economia referentes ao fim de 2015 e o início deste ano. O banco Credit Suisse esperava queda de 3,5% do PIB em 2016, mas trabalha com número mais próximo de 4%, mesma estimativa para 2015. E, para 2017, projeta

contração entre 0,5% e 1%. O Itaú Unibanco também elevou a previsão de queda neste ano, de 2,8% para 4%. Mas projeta uma recuperação da economia em 2017, com alta modesta de 0,3%. Para analistas, esse contexto de potões precedentes dificulta projeções sociais econômicas brasileiras. Recessões são períodos marcados por demissões, vendas e investimentos em queda e pessimismo entre consumidores e empresários. O ciclo recessivo longo mergulha o país num cenário de incerteza, acentuado pela crise política e pela situação externa desfavorável, com risco de desaceleração chinesa ainda maior. Mercado A16

Destaque da escola Rioas de Ouro, na 1ª noite de desfiles, em São Paulo

Bloco Bastardo, com ex-integrantes do Vai Quem Quê, sai da rua João Moura e desfila por Pinheiros, na zona oeste de SP

Uber subirá preço se tiver monopólio, diz pesquisador

Cotidiano B10

SAMUEL PESSÓA
SP está correta em não ceder a luditas do táxi

Na reação de motoristas de táxi contra a Uber, São Paulo testemunha movimento ludista, como o que pregava a destruição das máquinas no século 19. A prefeitura está correta em não ceder aos monopolistas e se abrir aos novos tempos. Mercado A20

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Debate urgente", sobre descriminalização do aborto no país, e "Síria, crise mundial", acerca de ações para ajudar os refugiados oriundos do país.

ESPORTE
Refugiados no Rio, judocas do Congo sonham competir na Olimpíada 81A

CARREIRAS
Ciência de dados é valorizada como profissão do futuro 85

ILUSTRISÍMA
Álvaro Siza fala das contingências que limitam a arquitetura 86

Democrata atrai votos de jovens com proposta de ensino gratuito

A campanha do democrata Bernie Sanders à Casa Branca ganha força entre jovens com a promessa de tornar gratuitas as universidades públicas e de refinar dívidas com ensino. O endividamento estudantil é de US\$ 1,2 trilhão e atinge 45 milhões de pessoas. A rival Hillary Clinton também propõe uma revisão das dívidas, mas planeja gratuidade somente nas instituições comunitárias. Mundo A13

Filho de Lula recebe sem prestar serviço a time, diz cartola

Luis Cláudio Lula da Silva recebeu cerca de R\$ 500 mil do Corinthians entre 2011 e 2013 sem ter prestado serviços, afirma Luis Paulo Rosenberg, responsável pelo marketing do clube no período. Outras oito pessoas dizem que o filho do ex-presidente não fez os trabalhos. A Polícia Federal investigará se o caso tem relação com a obra do estádio do clube. A defesa de Luis Cláudio não comentou. Poder A4

Na 50ª edição, final do futebol americano espera audiência recorde

Esporte B12

Vereador e filho reagem a assalto e matam dois suspeitos em SP

Cotidiano B10

ATMOSFERA Cotidiano B2
Chove forte à tarde
Mínima 21°C. Máxima 29°C

FALE COM A FOLHA
Neste campo enviar seu comentário sobre o serviço ao assinante, ao editor ou a circunstantes. fale.folha.com.br

EDIÇÃO DE CARNAVAL
Conteúdo: • Ilustração • Ilustrações
Conteúdo: • Fofocas • Saúde/Bienestar
e esporte • Folha Corrida

Conteúdo: • Ilustração • Ilustrações
Conteúdo: • Fofocas • Saúde/Bienestar
e esporte • Folha Corrida

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 13 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 7 de fevereiro de 2016

FOLHA DE S. PAULO
DOMINGO, 7 DE FEVEREIRO DE 2016 A16

mercado

SEM PRECEDENTES
PIB do Brasil poderá ter retração inédita

Evolução do Produto Interno Bruto, em %

1901 14,36
1908 -3,20
1914 -1,25
1918 -2,01
1929 -2,10
1931 -3,10
1940 -1,00
1942 -2,70
1963 0,60
1981 -4,23
1983 -2,93
1990 -4,35
1992 -0,47

País pode ter recessão inédita, diz estudo

Economia brasileira caminha para 3 anos seguidos de contração, nunca registrados nas medidas feitas desde 1901

Credit Suisse estuda países que já viveram recessões prolongadas para tentar estimar atividade brasileira

ÉRICA FRAGA
DE SÃO PAULO

A economia brasileira corre o risco de mergulhar em um período de três anos seguidos de contração, fato inédito desde 1901, início da série histórica.

Dados muito negativos de atividade econômica referentes ao fim de 2015 e o início deste ano têm levado as projeções de analistas para o desempenho do PIB em 2016 (Produto Interno Bruto) a continuar piorando.

O banco Credit Suisse esperava contração de 3,5% do PIB, mas agora já trabalha com número mais próximo de 4%, mesclando a nova instituição para 2015. E, para 2017, prevê um terceiro recuo, entre 0,5% e 1%.

A última vez que o PIB encolheu por dois anos seguidos foi no biênio 1930-1931, quando a economia global passou por crise severa após a quebra da Bolsa de Nova York. Um período de três anos de contração nunca ocorreu.

O Itaú Unibanco anunciou na sexta (5) esperar contração de 4% do PIB em 2016. Antes, projetava recuo de 2,8%. Para 2017, estima expansão modesta de 0,3%.

A consultoria MB Associates trabalha com cenários alternativos: com e sem a presidente Dilma Rousseff.

Se a presidente deixar o governo, esse queda de 3% do PIB neste ano e expansão de 0,6% no próximo.

Caso Dilma sobreviva ao processo de impeachment, os números mudam para duas contrações de 4,3% e 3%.

"Não há nada nem de perto comparável à crise atual", diz Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associates, que acredita que o governo ainda não adotou mecanismos capazes de reverter esse quadro.

SEM PRECEDENTES

O ciclo recessivo longo tem mergulhado o país num cenário de grande incerteza, agravado pela crise política doméstica e pela situação externa desfavorável, principalmente por causa dos riscos de desaceleração mais forte do que o esperado na China.

Esse contexto de poucos precedentes dificulta a projeção dos indicadores econômicos e sociais brasileiros.

“O fato de que nunca vimos isso antes dificulta muito a análise econômica”

LEONARDO FONSECA
economista do Credit Suisse

O cenário atual é de muita incerteza para o Brasil e para o mundo

FELIPE SALLES
economista do Itaú Unibanco

“O fato de que nunca vimos isso antes dificulta muito a análise econômica”, afirma Leonardo Fonseca, economista do Credit Suisse.

A equipe da instituição tem feito análises detalhadas da história de outros países que já viveram recessões prolongadas para ajudar na estimativa dos dados de atividade econômica brasileiros.

Descobriu, por exemplo, que nações cujos mercados de trabalho se comportam de forma semelhante ao brasileiro tiveram, em média, alta anual na taxa de desemprego de 2,9 pontos percentuais quando viveram contrações quando viveram contrações maiores que 2% por, pelo menos, dois anos seguidos.

O resultado ajuda a embasar a expectativa do Credit Suisse de que a taxa de de-

emprego — medida pela pesquisa Panel Continual (BLS) — que foi de 6,8% em 2014 e deve ter chegado a 8,3% em 2015, alcançará 13,5% em 2017.

O Itaú Unibanco também espera que o desemprego ultrapasse 13% no próximo ano.

Segundo Felipe Salles, economista do banco, o cenário atual é de profunda incerteza para o Brasil e o mundo.

Mas ele resalta que, há sinais, ainda que incipientes, de que a piora da atividade doméstica pode estar nos próximos meses.

Salles cita os indicadores de confiança de consumidores e empresários que subiram em janeiro, embora permanecem em nível muito baixo em termos históricos.

LEIA MAIS na pág. A18

SAMUEL PESSÔA
Taxistas contra o liberalismo dos novos ludistas
Pág. A20

Ciclo de queda começou no 2º trimestre de 2014

DE SÃO PAULO

Recessões são períodos de recuo significativo da atividade econômica, marcados por demissões, vendas e investimentos em queda e forte pessimismo entre consumidores e empresários.

O conceito mais popular de recessão é o de dois trimestres consecutivos de contração do PIB. Mas uma economia pode, por exemplo, entrar em recessão antes mesmo de o PIB começar a encolher e continuar em recessão se ocorre uma recuperação frágil.

No Brasil, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), que analisa e data os ciclos econômicos, a atual recessão começou no segundo trimestre de 2014 e já dura seis trimestres. A recessão mais longa das últimas décadas se estendeu por 11 trimestres, entre 1989 e 1992.

Em meados de 2014, o mercado de trabalho ainda não havia entrado em forte trajetória de desaceleração.

Mas já havia outros sinais de que a economia estava em um ciclo recessivo, como a severa queda da confiança de consumidores e empresários.

A duração histórica do atual ciclo recessivo ainda é incerta. Mas, para analistas, já trata-se de um dos mais severos da história.

Impulso da exportação para retomada deve ser menor nesta crise

DE SÃO PAULO

Uma lista de características negativas da economia brasileira não só tem contribuído para a duração prolongada do atual ciclo recessivo como limitará a capacidade de retomada do país a partir de 2016, mostra estudo recente do banco Credit Suisse.

Segundo a instituição, mesmo depois de quatro anos de desempenho desfavorável da economia, entre 2014 e 2017, a capacidade de crescimento do país será muito baixa, entre 1,4% e 2%.

Segundo Leonardo Fonseca, economista do Credit Suisse, os fatores que explicam essa limitação não são novos, mas foram acentuados por decisões de política econômica nos últimos anos.

O banco destaca, por exemplo, que, historicamente, as exportações têm um papel relevante nas retomadas do Brasil após recessões.

Em momentos de contração da economia, o câmbio se desvaloriza e isso estimula as exportações, que passam a contribuir mais para o crescimento.

Em meados de 2014, o mercado de trabalho ainda não havia entrado em forte trajetória de desaceleração.

Mas já havia outros sinais de que a economia estava em um ciclo recessivo, como a severa queda da confiança de consumidores e empresários.

A duração histórica do atual ciclo recessivo ainda é incerta. Mas, para analistas, já trata-se de um dos mais severos da história.

INDÚSTRIA PERDE PESO NAS EXPORTAÇÕES
Participação dos manufaturados nas vendas externas, em %

1996 55,3
2000 59,1
2005 55,1
2010 39,4
2011 36,1
2015 38,1

Operador(a) de Telemarketing

GRUPO FOLHA

Call Center próprio da Folha de S. Paulo
Salário fixo + comissão (plativo)

Oferecemos assistência médica, cesta básica, auxílio-creche, vale refeição e vale-transporte

Requisitos:

- Ensino médio completo
- Disponibilidade para trabalhar em SP - escala 6x3
- Desejável experiência com atendimento e vendas

Interessados devem enviar o currículo para o e-mail: selecacaocallcenter@grupofolha.com.br | Assunto: Call Center

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Como linha fina, “economia brasileira caminha para 3 anos seguidos de contração, nunca registrados nas medidas feitas desde 1901”, percebem-se marcas de intertextualidade em especial na utilização do advérbio de tempo **nunca**. Esse advérbio, trabalhado com a intertextualidade e também com o marcador de silenciamento, colabora com os números apresentados, em especial o ano 1901, mostrando que o Brasil teve a pior administração durante

a gestão Dilma, que influenciou diretamente o PIB, em um período de aproximadamente 115 anos.

O *lead* da matéria apresenta como narrativa o fato de que a economia brasileira corre o risco de mergulhar em um período de três anos de contração. No sentido figurado, linguisticamente, o verbo **mergulhar**, entre seus vários significados, pode induzir o leitor, no caso da reportagem, a interpretar que o Brasil vai afundar e não terá mais chance de melhorar.

A seguir, a reportagem traz o marcador adverbial de negação, **muito negativos**, ao apresentar dados negativos da atividade econômica referentes ao fim de 2015 e início de 2016, no que se refere ao PIB desse ano. Outra relação de intertextualidade presente na reportagem aponta que a última vez que o PIB encolheu por dois anos seguidos foi no biênio 1930-1931. Nesse período, o Brasil era governado por Getúlio Vargas (1930-1945). Após a crise severa envolvendo a Bolsa de Valores de Nova York, em 24 de outubro de 1929, o Brasil viu-se afetado economicamente e conviveu com instabilidade do PIB por dois anos. Para reafirmar o discurso, o advérbio de tempo **nunca** foi utilizado pela segunda vez no texto, que reiterou “um período de três anos de contração nunca ocorreu”.

A consultoria MB Associados foi anunciada como fonte primária, corroborando o discurso jornalístico, ao estabelecer uma relação entre o fim da crise e o afastamento da Presidente Dilma, segundo aponta o texto “se a presidente deixar o governo espera-se queda de 3% no PIB neste ano e expansão de 0,6 no próximo. Caso Dilma sobreviva ao processo de *impeachment*, os números mudam para duas contrações de 4.1% e 1%”.

A intertextualidade constitutiva, aquela que tem uma continuidade e estabelece relações, mostra de maneira nítida que existe um discurso de desconstrução da gestão de Dilma. Isso é presente até no verbo **sobreviver**, utilizado para fazer relação a Dilma, que nesse caso estabelece linguisticamente a função de adjetivo. Para legitimar esse discurso, o economista chefe da MB Associados, Sergio Vale, afirma que “não há nada nem de perto comparável com a crise atual”. A palavra *comparável* estabelece uma relação de silenciamento no texto, já que ignora outros cenários de crise econômica, sobretudo durante o governo Sarney (PMDB), que terminou o mandato presidencial com inflação de 1764,86% e durante o segundo mandato do governo Fernando Henrique Cardoso (1998-2002), em abril de 2002, em que taxa de desemprego alcançou o indicador de 20,6%.

Novamente uma forma verbal de *mergulhar* aparece no texto, ao dizer que “o ciclo recessivo longo tem mergulhado o país num cenário de grande incerteza”. Para reforçar o discurso de incerteza e negação, dois “olhos²⁷”, recurso jornalístico e editorial para reafirmar um discurso, foi utilizado no texto, a partir das considerações “o fato de que nunca vimos isso antes dificulta muito a análise econômica” e “o cenário atual é de muita incerteza para o Brasil e para o mundo”. Ambos estabelecem relações de pessimismo com o futuro do país e não apontam possíveis soluções para o governo Dilma no plano econômico.

No que se refere ao conceito da heterogeneidade enunciativa, percebe-se que o jornal utiliza apenas uma fonte indefinida ao dizer que “**a equipe da instituição tem feito** análises detalhadas da história de outros países que já viveram recessões prolongadas para ajudar na estimativa dos dados de atividade econômica brasileiros”. Amparados pela heterogeneidade enunciativa, porém, com a presença do discurso direto e indireto, nota-se que as condições de produção do texto jornalístico estão totalmente voltadas ao discurso do outro.

A utilização do discurso indireto predominou na reportagem, na qual as palavras *cita* e *segundo* são utilizadas com frequência para colocar o outro como sujeito da enunciação.

De acordo com Tuchman (1999), “[...] cada notícia é uma compilação de fatos avaliados e estruturados pelos jornalistas. Estes são responsáveis pela exatidão de qualquer um destes fatos” (p. 77).

²⁷ Texto pequeno que destaca os aspectos mais importantes abordados na reportagem. O objetivo é despertar a atenção do leitor para a leitura. Disponível em: <<http://www.casadosfocas.com.br/vocabulario-de-jornalismo/>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

Quadro 2 – Análise discursiva do jornal *Folha de S.Paulo*: “País caminha para a pior recessão de sua história”

Escolhas semânticas	pode, recessão, mergulhar, negativos, contração, baixa do PIB, cenários alternativos, queda, sobreviva, não há nada, reverter, incerteza, desaceleração, dificuldade
Intertextualidade	Comparativos desde 1901 Foco negativo para o governo Getúlio Vargas e Dilma Rousseff
Dispositivos do silêncio local	Se Dilma ficar será pior para o Brasil. Se Dilma sair, o PIB irá melhorar
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>A consultoria MB Associados trabalha com cenários alternativos: com e sem a presidente Dilma Rousseff Se a presidente deixar o governo, espera queda de 3% do PIB, neste ano e expansão de 0,6% no próximo Caso Dilma sobreviva ao processo de impeachment, os números mudam para duas contrações de 4,1% e 1% “Não há nada nem de perto comparado à crise atual”, diz Sérgio Vale, economista chefe da MB Associados, que acredita que o governo ainda não adotou mecanismos capazes de reverter esse quadro</p> <p>“O fato de que nunca vimos isso antes dificulta muito a análise econômica”, afirma Leonardo Fonseca, economista do Credit Suisse</p> <p>Discurso indireto</p> <p>A equipe da instituição tem feito análises detalhadas da história de outros países que já viveram recessões prolongadas para ajudar na estimativa dos dados de atividade econômica brasileiros</p> <p>O Itaú Unibanco também espera que o desemprego ultrapasse 13% no próximo ano Segundo Felipe Salles, economista do banco, o cenário atual é de profundas incertezas para o Brasil e o mundo</p> <p>Salles cita os indicadores de confiança de consumidores e empresários que subiram em janeiro, embora permaneçam em nível muito baixo em termos históricos</p>

Fonte: Do autor.

Figura 14 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 9 de abril de 2016

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

ANO 96 • SÁBADO, 9 DE ABRIL DE 2016 • Nº 31.783 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 23H35 • R\$ 3,50

Seis Estados e DF antecipam vacinação por temor da gripe

A preocupação com o aumento do número de casos da gripe H1N1, que ocorreu antes do previsto para este ano, levou seis Estados e o Distrito Federal a anteciparem o programa de vacinação.

Até então, o cronograma estava marcado para começar em 30 de abril. Em 2016, a doença matou ao menos 71 pessoas, sendo 55 delas do Estado de São Paulo. *Cotidiano B1*

ANÁLISE REINALDO J. LOPES
Exortação do papa prega flexibilidade para acolher fiéis

Em vez de adibir a extremos, o papa Francisco produziu exortação apostólica que não esboça alteração da doutrina tradicional, mas defende interpretação flexível quando se trata de acolher fiéis que não a seguem e acena para o fato de que os debates devem continuar. *Mundo A17*

Presidente peruano migra para a direita e sai mal avaliado

Mundo A18

Discriminação de gênero na arte é debatida em exposições

The New York Times pag. 6

ESPORTE
Dilma não vai à Grécia para cerimônia da tocha olímpica *B14*

ILUSTRADA
Contos do autor Truman Capote na adolescência mostram talento e desajuste *C1*

Folha organiza eventos nos 400 anos da morte de Shakespeare *C3*

CIÊNCIA
Cirurgia bariátrica de Faustão pode ser mais eficaz, aponta estudo *B8*

FOLHINHA
Novo filme sobre Mogli mostra valor da natureza e faz rir *Pag. 3*

Queda no preço da energia e crise fazem inflação recuar

Índice, de 0,90% em fevereiro, recua para 0,43% em março; alimentos sobem



Sob influência da recessão econômica e da queda no preço da energia, o índice oficial de inflação desacelerou para 0,43% em março deste ano. Em fevereiro, o IPCA atingiu 0,90%.

Com a troca da bandeira tarifária na conta de energia, graças à recuperação dos reservatórios das hidrelétricas do país, o custo do insumo recuou 3,41% no período.

Alimentos e bebidas, porém, aceleraram 1,29%, evitando recuo maior do IPCA.

Dos 453 itens pesquisados, 69,4% ficaram mais caros em março, taxa inferior à de fevereiro (77,2%). Parte dos preços não subiu porque o consumo está em queda.

O IPCA acumulado em 12 meses, que desde outubro sempre ultrapassava 10%, é agora de 9,39%. O teto da meta do governo é 6,5%.

De acordo com economistas ouvidos pela *Folha*, os preços devem continuar no patamar atual no decorrer do ano. *Mercado A21*

Em depoimento, Lula nega ter atuado para obstruir Lava Jato

Poder A7

DEMÉTRIO MAGNOLI
Se Folha quer que o povo decida, deveria apoiar impeachment

ANDRÉ SINGER
Legislativo oferece espelho para país encarar sua real face

O parecer do relator da comissão dava aparência de respeitabilidade técnica ao jogo para derrubar Dilma. Como disse o editor da *Folha*, "pedagogos fiscais são razão constitucional numa cultura organizativa ainda permissiva". *Opinião A2*

Índice da Bolsa sobe com aposta no impeachment

Com a ampliação das apostas dos investidores de que ocorrerá o impeachment de Dilma Rousseff, o Ibovespa, principal índice da Bolsa paulista, teve forte alta ontem, de 3,67%. O dólar à vista recuou 2,10% e fechou em R\$ 3,625. *Mercado A28*

EDITORIAIS *Opinião A2*
Leia "As surpresas de Cunha", a respeito de votação do impeachment na Câmara, e "Educação drifa", sobre texto do secretário da área de São Paulo.

ATMOSFERA *Cotidiano B2*
Sol forte e calor na capital
Mínima 20°C. Máxima 32°C

CLASSIFICAÇÃO
82/200 (de 100 pontos) = digital
DE 100/111
42400-000 (edições impressas)



RISCO E ESPERA Um mês após enchente que matou 25 no Estado de São Paulo, pessoas voltam a morar em áreas de risco e ainda aguardam bolsa-alaguel prometida pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB); a dona de casa Ivonete dos Santos, 65, visita diariamente os escombros de sua antiga casa *Cotidiano B4*

SÁBADO IMPERDÍVEL.

NOVO HB20 PREMIUM COM CONDIÇÕES ÚNICAS SOMENTE HOJE.

TAXA 0% PARCELAMENTO EM ATÉ 30x

ATÉ R\$ 10.000,00 EM ATÉ 10x NO CARTÃO SEM JUROS

APROVEITE NESTE SÁBADO: TRAGA SEU CARRO DE GUARDAR E PARTICIPE DE UMA PROFIÇÃO GRÁTIS NO SERVIÇO BEFORE SERVICE DAY.

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DOMINGOS ATÉ AS 19 HORAS. VEJA NA PÁGINA 7.

CAOA | Before Service Day

HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

A terceira matéria, veiculada em 9 de abril, trouxe a chamada de capa “Queda no preço da energia e crise fazem inflação recuar” (Figuras 14 e 15). Na matéria principal, retirada da editoria Mercado, um gráfico foi apresentado para mostrar a evolução da inflação de março de 2015 até março de 2016. O gráfico estabelece uma relação da inflação com a mudança da bandeira tarifária de vermelha para amarela.

No processo de escolhas semânticas utilizado na construção textual e nos efeitos de sentido, nota-se a presença do recurso gramatical **voltado** ao modo indicativo nos verbos utilizados. Sabe-se que a utilização desse modo serve para expressar aquilo que é verdadeiro, uma certeza. No segundo parágrafo, a forma verbal *desacelerou* e no terceiro parágrafo a forma verbal *voltou* dialogam nesse processo e estão no modo indicativo.

De 2012 a 2015, o Brasil foi extremamente afetado com a falta de chuva e sofreu com a queda do armazenamento de água em alguns reservatórios. Em 2016, as chuvas voltaram a cair, em especial nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, locais que representam cerca de 70% da capacidade do país de gerar eletricidade, fazendo com que o Brasil saísse de uma bandeira considerada grave de consumo de energia, para uma considerada mediana, o que impactou de forma positiva nas contas de energia. O discurso da inflação foi publicado pelo jornal, com destaque para a entrevista de Eunina Nunes dos Santos – técnica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou que “a energia deu um alívio, mas não devolveu tudo o que pegou para ela. O preço está 45,1% acima de janeiro de 2015”. Percebe-se um dispositivo de silenciamento, já que janeiro de 2015 foi a posse do segundo mandato de Dilma. Desde então, o preço aumentou mais de 45,1% em sua gestão, colocando-a como responsável pelo aumento.

Outra relação de silenciamento está no comparativo entre crise e consumo, conforme se constata no trecho da reportagem “com a crise afetando o consumo, os serviços também perderam fôlego. Em 12 meses até março, a inflação do setor foi de 7,49%, o mesmo patamar desde novembro de 2010 (7,36%)”. Percebe-se que, ao mencionar 2010, período em que o Partido dos Trabalhadores governou o país, o jornal estabelece relações discursivas com a situação da crise.

O processo de intertextualidade surge ao comparar, no gráfico, os indicadores e variações de preços que envolvem desde a comunicação, habitação, transporte até o ramo de alimentação e bebidas.

Na heterogeneidade enunciativa, nota-se também a presença de discursos diretos e indiretos. O texto estruturado no discurso direto destaca a declaração da técnica do IBGE, deixando evidente o enfoque da reportagem que a “energia deu um alívio”, conforme diz Eunina Nunes dos Santos, técnica entrevistada do IBGE.

Assim, pode-se observar a ocorrência da citação de isenção de responsabilidade, pois, por se tratar de um assunto polêmico, o jornalista opta por não se apropriar das palavras da

fonte, preservando e mantendo certo distanciamento dos dados citados. Isso é percebido na seguinte parte da reportagem: “**Segundo Júlio Mereb, economista do Modal Asset**, os preços dos serviços devem continuar perdendo fôlego com a piora do emprego e da renda. **Ele** prevê que a inflação do setor fique em 6,7%”.

Quadro 3 – Análise discursiva do jornal *Folha de S.Paulo*: “Queda no preço da energia e crise fazem inflação recuar”

Escolhas semânticas	queda, aumento de preços, trégua, alívio, desaceleração, fôlego
Intertextualidade	Comparar os principais itens de uma alimentação
Dispositivos do silêncio local	Análise desde 2010 e do segundo mandato de Dilma Rousseff
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“A energia deu um alívio, mas não devolveu tudo o que pegou para ela. O preço está 45,1% acima de janeiro de 2015. O patamar segue alto”, disse Eulina Nunes dos Santos, técnica do IBGE</p> <p>“O serviços demoraram a ceder porque há certa rigidez inflacionária. Os reajustes dos salários mínimos têm sido grandes e sustentam os preços”, disse Mereb</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Segundo Júlio Mereb, economista do Modal Asset, os preços dos serviços devem continuar perdendo fôlego com a piora do emprego e da renda. Ele prevê que a inflação do setor fique em 6,7%</p>

Fonte: Do autor.

A quarta matéria, veiculada em 21 de abril, período em que Dilma ainda ocupava o cargo de presidente, aborda a questão do desemprego (Figuras 16 e 17). A reportagem trouxe um comparativo, por meio de gráficos, que elucidou a taxa de desocupação e o rendimento médio real entre os anos de 2012 e 2016. Fazendo uma análise dos gráficos, percebe-se um aumento de 2,3% da taxa de desocupação e um aumento de R\$ 37,00 em todos os trabalhos realizados por pessoas ocupadas, por trimestre móvel.

Figura 16 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 21 de abril de 2016

FOLHA DE S.PAULO

95 ANOS

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 • QUINTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2016 • Nº 31.795

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01H14 • R\$ 3,50

EM ALTA
Taxa de desemprego vai a 10%
Por trimestre móvel, em %

Ano	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre
2012	7,6	7,3	6,8	7,7
2013	7,6	7,1	6,5	6,8
2014	7,0	6,9	6,5	7,8
2015	8,1	8,7	9,0	9,0
2016	10,2	-	-	-

Fonte: Panel Contínua, IBGE

Demissões batem recorde, e desemprego chega a 10%

Reflexo da recessão no país, taxa pela primeira vez atinge a marca de dois dígitos

A taxa de desemprego no Brasil atingiu 10,2% no trimestre que foi encerrado em fevereiro. Esse é o maior patamar do índice desde que o IBGE iniciou a pesquisa, em 2012. No mesmo período de 2015, ele estava em 7,4%.

A disparada do desemprego é fruto da recessão iniciada em 2015, no segundo mandato de Dilma Rousseff. De dezembro a fevereiro, 1 milhão de vagas foram fechadas, um recorde, e há 10,4 milhões de pessoas buscando trabalho.

O aumento dos cortes é comum no início de ano, com o fim do período de festas. Porém, segundo o IBGE, o resultado surpreendeu pela sua intensidade, afetando não só temporários, mas também quem era efetivo no trabalho.

O avanço do desemprego somente não foi pior porque 676 mil pessoas passaram a trabalhar por conta própria. A indústria foi o setor que mais demitiu, com 740 mil postos de trabalho perdidos no período. **Mercado A13**

Temer troca DF por SP para preparar eventual governo

Depois de o pedido de impeachment de Dilma Rousseff ser aprovado na Câmara, a articulação do vice-presidente para um eventual governo se transferiu de Brasília para São Paulo.

Só nesta quarta (20), Michel Temer recebeu ao menos dez lideranças do PMDB em seu escritório no Alto de Pinheiros, bairro nobre da capital paulista. **Poder A6**

ESPORTE
Cielo fica em 3º lugar nos 50 m e está fora da Olimpíada

MARIANA LAJOLO
Equipe brasileira de natação tem poucas chances de pódio

ILUSTRADA
Documentário premiado mostra reencontro de pai e filho na Copa

TURISMO
Visite as cidades onde nasceram Shakespeare e Cervantes

Dilma falar em golpe é um erro grave, diz Celso de Mello, do STF

Para Celso de Mello, ministro mais antigo do Supremo Tribunal Federal, a presidente Dilma Rousseff (PT) comete "um gravíssimo equívoco" ao comparar a um golpe o processo de impeachment que está em andamento no Congresso.

Segundo ele, o STF já analisou que a Câmara agiu conforme a lei, respeitando "os cânones estabelecidos na Constituição". **Poder A6**

Petista reforçará nos EUA críticas ao impeachment

A presidente Dilma Rousseff levará sua ofensiva contra o impeachment a Nova York, onde participará de cerimônia na ONU sobre o acordo climático. Ela chega nesta quinta (21) aos EUA.

Com o intuito de angariar apoio internacional, diz que não cometeu crime de responsabilidade e defenderá a tese de que afastá-la é um "golpe de Estado". **Poder A5**

Vice se mexe para sufocar proposta de novas eleições

A fim de evitar que a proposta de antecipar a eleição ganhe força no Senado, Michel Temer (PMDB), sucessor de Dilma em caso de impeachment, deflagrou operação para sufocar a ideia. Seu correligionário Romero Jucá atuaria para evitar que o projeto, que foi defendido por Renan Calheiros, avance. **Poder A6**

PIORES HORÁRIOS PARA VIAJAR HOJE

Anchieta/Imigrantes: 0h - 18h
Anhanguera/Bandeirantes: 9h - 13h
C. Branco/Raposo Tavares: 14h - 22h
Tamoios: 7h - 14h

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Golpe na ONU", sobre intenção de Dilma em falar nas Nações Unidas, e "Molestia judicial", a respeito de decisões de tribunais na área da saúde.

Limite para banda larga é criticado na Europa e nos EUA

Relatório vê falha na apuração de ataques de 2006 na capital

Sete Brasil recorre a medida jurídica por sobrevivência

A empresa de sondas Sete Brasil, principal fornecedora da Petrobras na exploração do pré-sal, entrará com pedido de recuperação judicial (negociação na Justiça para tentar evitar a falência) na semana que vem.

Após o pedido, terá dois meses para apresentar um plano a seus credores. Sua dívida bancária é de cerca de R\$ 17 bilhões. **Mercado A15**

FALE COM A FOLHA
Vale como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e o ombudsman. fale.folha.com.br

RODÍZIO SUSPENSO
O rodízio municipal de veículos volta a vigorar na segunda-feira

ATMOSFERA Cotidiano B2
Sol e calor na capital.
Mínima 20°C. Máxima 32°C

IMPEACHMENT VOTO A VOTO
Levantamento feito pela Folha

48 A favor
20 Contra

São suficientes 41 dos 55 votos para afastar a presidenta

PELA MERENDA ESCOLAR

FOME DE JUSTIÇA Secundaristas fizeram ato na avenida Paulista nesta quarta (20) contra fraude em merenda escolar que é investigada na gestão Aicikmin; ex-chefe de gabinete da Casa Civil de SP admite ter ajudado cooperativa **Poder A10**

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 17 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 21 de abril de 2016



País supera 10 milhões de desempregados

Taxa de desemprego tem aumento mais rápido que o esperado pelo IBGE e vai a 10,2% no trimestre até fevereiro

Rendimento real (descontada a inflação) foi de R\$ 1.934 na média, 3,9% abaixo de igual período em 2015

BRUNO VILLAS BÓAS
DE SÃO PAULO

Com a dispensa recorde de trabalhadores, a taxa de desemprego do país disparou no início deste ano e chegou aos dois dígitos pela primeira vez desde 2012, começou da pesquisa nacional de emprego do IBGE (a Proad continua).

São 10,4 milhões de pessoas nas filas de emprego. A taxa de desemprego foi de 10,2% no trimestre encerrado em fevereiro, acima dos três meses anteriores (9%) e também do mesmo período do ano passado (7,9%).

O resultado ficou praticamente em linha com as expectativas de economistas consultados pela agência Bloomberg, cujo centro (média) das projeções apontavam para alta do indicador a 10,1% no trimestre.

O avanço é fruto da recessão econômica. O mercado de trabalho cortou 1 milhão de vagas no trimestre, um recorde. O número de pessoas ocupadas era de 91,1 milhões no período, 1,1% a menos em relação ao trimestre anterior.

Sector mais afetado da economia, a indústria foi também a que mais demitiu. Foram 740 mil empregos cortados de dezembro a fevereiro, reduzindo em 5,9% o quadro de funcionários em comparação aos três meses anteriores (setembro a novembro).

Segundo Cimarr Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, o início de ano costuma ser marcado pela dispensa de trabalhadores temporários, mas o movimento foi mais intenso do que o visto no passado.

"O aumento era esperado. A questão é a intensidade com que isso aconteceu. A força é bastante expressiva. Além dos temporários, o mercado foi adiante e dispensou também pessoas que estavam efetivas no trabalho", disse.

Como consequência, a fila de emprego cresceu aceleradamente. O número de trabalhadores que procuram emprego sem encontrar estava 40,1% acima do patamar de um ano atrás. Isso significava 2,97 milhões de desempregados a mais no país.

gados a mais no país.

MENOS RENDA
Além da perda do emprego, outra face da crise é a queda da renda do trabalhador. O rendimento real (descontada a inflação) foi de R\$ 1.934 na média de dezembro a fevereiro, 3,9% abaixo de igual

período do ano anterior. Essa queda é provocada, em parte, pela precarização do trabalho. O total de trabalhadores com carteira assinada caiu 3,8% ante o trimestre terminado em novembro. Isso representa perda de 1,4 milhão de vagas formais. Sem conseguir novo em-

prego, muitos brasileiros têm procurado se reinserir no mercado de trabalho em atividades consideradas mais precárias e menos rentáveis. É o caso do trabalho autônomo, por exemplo. O número de trabalhadores exercendo atividades por conta própria —pessoas que

tem seu pequeno negócio, sem auxílio de mão de obra remunerada— cresceu em 0,6 mil na comparação ao trimestre fechado em novembro de 2015, alta de 3%.

Clemente Gariz Lücho, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), diz que historicamente há elevação do desemprego no início do ano, por causa do fim das vagas temporárias de Natal. "O que é diferente agora é que a pesquisa mostra que o desemprego é estrutural, e não sazonal. Neste ano a taxa não vai começar a cair, como antes."

A tendência é que o número de demissões continue crescendo neste ano e no próximo, segundo Antonio Porto Gonçalves, professor de economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

"Mesmo que mude a política econômica, o empresário tem que sentir que ela é consistente para voltar a contratar, e isso não vem de uma hora para outra."

Na avaliação do economista Rafael Bacchiotti, da Tendências Consultoria, a taxa de desemprego só deve se estabilizar em 2017, quando se espera uma melhora no crescimento econômico.

"Nossa expectativa é que em 2016 a taxa alcance 11,7%. A demanda está fraca e não há indícios de retomada da economia ainda neste ano."

Parado há 1 ano, auxiliar de TI vê renda despencar

DE SÃO PAULO

Desempregado há um ano, o auxiliar de informática Luiz Henrique Santos Barbosa, 29, tenta driblar a falta de vagas com trabalhos esporádicos.

Casado e pai de uma menina de dois anos, Barbosa viu sua renda passar de cerca de R\$ 3.000 para R\$ 800 no último ano.

"Do início do ano para cá, já participei de mais de 30 processos seletivos e nada. Não está fácil", disse. Atualmente, as despesas da casa são bancadas pela mulher, que trabalha como publicitária.

"Além de querer ajudar mais em casa, quero retomar os estudos. Tive que trancar o curso de sistema de informação", afirmou.

Barbosa, atualmente, faz cursos on-line de programação e diz que aceita um emprego com um salário menor para tentar se recolocar no mercado de trabalho. (APM)

Multifuncional EPSON Ecotank L455
Impressora, copiadora e scanner, imprime até 33 ppm em preto e 15 ppm em cores, resolução de até 5760 x 1440 dpi, tela LCD. Cod. 220518

R\$ 1.299,00
até 10x sem juros

Repetidor wireless N TL-WAR50RE TP-LINK
Extensor de alcance universal de 300 Mbps. Cod. 410012

R\$ 129,00
até 3x sem juros

Refil para Ecotank EPSON
ciano, magenta, amarelo e preto. Cod. 797751 / 797752 / 797753 / 797750

R\$ 59,99
até 1x sem juros

Ventilador de mesa oscilante MONDIAL
Com 40 cm, 110 V, preto. Cod. 738076

R\$ 159,90
até 3x sem juros

Climatizador de ar Apolo ELGIN
Quanto a 9 lit, com capacidade para 6 metros, 127 V. Cod. 738111

R\$ 539,00
até 10x sem juros

VENDAS PARA EMPRESAS: GRANDE SÃO PAULO 11 3347-7000 OUTRAS LOCALIDADES: 0800-0195566

Ofertas válidas até 15.5.2016 ou enquanto durarem nossas estoques.

www.kalunga.com +140lojas

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Ao analisar os marcadores de intertextualidade, notam-se estratégias discursivas que comparam apenas o período considerado um marcador de crise no Brasil, período em que Dilma esteve como presidente. Na linha fina da reportagem, é possível identificar o marcador linguístico na figura do substantivo masculino **aumento**. Na frase “taxa de desemprego tem aumento mais rápido que o esperado pelo IBGE e vai a 10,2% no trimestre até fevereiro”, o termo aumento reforça e intensifica o enunciado.

Logo no início do texto, a matéria utiliza a palavra *dispensa*. Sinônimo de demissão, despedimento, escusa e licença, a palavra também reforça a taxa de desemprego no Brasil, ao utilizar o discurso “com a dispensa recorde de trabalhadores, a taxa de desemprego do país disparou no início deste ano”.

A reportagem enfatiza que o avanço é fruto da recessão econômica. Essa recessão, na visão econômica, é definida como a diminuição do dinheiro no mercado financeiro. Deve-se ressaltar que, apesar da chamada da reportagem apontar a questão do desemprego, a diminuição de renda do trabalhador também é agendada. Ao abrir um *sub-lead*, denominado menos renda, a reportagem apresenta um advérbio que dá início ao grau comparativo, expressando o que é pior ou inferior aos direitos dos trabalhadores. Logo abaixo, a narrativa jornalística aponta que, além da perda do emprego, outra fase da crise é a queda da renda do trabalhador. Em sentido figurado, o substantivo feminino *queda*, simbolizando decadência ou ato de ruir, se associa à palavra *menos* estabelecendo uma sintonia ao passar a informação de que a consequência da crise econômica já é sentida pelo trabalhador.

A reportagem alerta que a queda é provocada em parte pela precarização do trabalho, ou seja, as pessoas estão diminuindo sua expectativa em relação à qualidade e eficiência e escolhendo qualquer trabalho para tentar solucionar os problemas do desemprego ocasionados pela crise econômica. Apenas em uma única passagem, a reportagem dá voz ao professor de economia da Fundação Getulio Vargas (FGV), Antonio Porto Gonçalves, que estabelece uma analogia pouco otimista em relação à mudança de governo e um cenário de melhorias econômicas. Na voz de Gonçalves, “Mesmo que mude a política econômica, o empresário tem que sentir que ela é consistente para voltar a contratar e isso não vem de uma hora para outra”.

Nesse caso, se estabelece uma relação entre a impossibilidade de ajustar a política econômica e a existência de confiança no mercado. A reportagem induz a necessidade de restabelecer a confiança que não viria com soluções do governo Dilma.

No processo de heterogeneidade enunciativa, percebe-se que a *Folha de S.Paulo* trabalhou cinco parágrafos da reportagem mesclando o discurso direto e indireto, em que há outra voz, no caso o narrador ou o sujeito discursivo.

Nos dois momentos em que predomina o discurso direto, o verbo **dizer** aparece. Essa é uma expressão linguística de enunciação de tempo verbal não factual, em que o jornalista quer deixar claro que a fala é de outro e não dele. A utilização de verbos de elocução, chamados também de verbos *dicendi*, como *disse*, é marca desse texto.

Quadro 4 – Análise discursiva do Jornal *Folha de S.Paulo*: “Demissões batem recordes, e desemprego chega a 10%”

Escolhas semânticas	supera, dispensa, recorde, filas, recessão econômica, ocupadas, afetados, aumento, intensidade, perda, emprego
Intertextualidade	Foco negativo desde 2012
Dispositivos do silêncio local	Análise da Gestão de Dilma, desde 2012 até 2016
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“O aumento era esperado. A questão é a intensidade com que isso aconteceu. A força é bastante expressiva. Além dos temporários, o mercado foi adiante e dispensou também pessoas que estavam efetivas no trabalho”, disse Cimar Azevedo, coordenador de trabalho e rendimento do IBGE</p> <p>Discurso indireto</p> <p>O resultado ficou praticamente em linha com a expectativa de economistas consultados pela agência Bloomberg, cujo centro (mediana) das projeções apontadas para a alta do indicador a 10,1% no trimestre</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), diz que historicamente há elevação do desemprego no início do ano, por causa do fim das vagas de natal. “O que é diferente agora é que a pesquisa mostra que o desemprego é estrutural, e não sazonal. Neste ano a taxa não vai começar a cair como antes”</p> <p>A tendência é que o número de demissões continue crescendo neste ano e no próximo, segundo Antonio Porto Gonçalves, professor de economia da Fundação Getulio Vargas (FGV).</p> <p>“Mesmo que mude a política econômica, o empresário tem que sentir que ela é consistente para voltar a contratar, e isso não vem de uma hora para outra”.</p> <p>Na avaliação do economista Rafael Baccioti, da Tendência Consultoria, a taxa de desemprego só deve se estabilizar em 2017, quando se espera uma melhora no crescimento econômico.</p> <p>“Nossa expectativa é que em 2016 a taxa alcance 11,7%. A demanda está fraca e não há indícios de retomada da economia ainda neste ano”.</p>

Fonte: Do autor.

A última matéria de análise do período em que Dilma esteve como presidente, publicada em 2 de maio, com a chamada “Dilma culpa oposição pela crise econômica” (Figuras 18 e 19), apresenta no *lead* o termo “pacote de bondades”, metáfora que aparece como uma expressão.

Figura 18 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 2 de maio de 2016



Presidente Dilma Rousseff (PT) é perturbada por uma mosca durante o ato do Dia do Trabalho organizado pela CUT (Central Única dos Trabalhadores) no centro de São Paulo

ENTREVISTA DA 2ª
WALID PHARES
Brasil será mais ouvido se Trump for eleito nos EUA

Países emergentes terão mais atenção da Casa Branca se o candidato republicano vencer, diz o libanês Walid Phares, assessor internacional de Donald Trump. Segundo ele, melhorar as relações econômicas é uma prioridade. "Trump não é isolacionista, é um universalista, que usará sua experiência nos negócios." Pág. A12

ILUSTRADA
 Barato de fazer e alvo de processos, reality policial se multiplica na TV c1

GREGORIO DUVIVIER
 Áudio no WhatsApp virou um problema do tamanho da vuvuzela ilustrada c5

Pré-candidato dos republicanos teve negócios falidos

O pré-candidato republicano à Presidência dos EUA Donald Trump coleciona empresas falidas em diferentes ramos, que vão de companhia aérea a uma vodca de luxo. No Brasil, um condomínio com sua marca jamais saiu do papel. Mundo A10

MPME
 Projeto tenta desburocratizar os registros de patentes Pág. 8

ESPORTE
 Refugiada síria está entre os dez primeiros a levar tocha pelo país s3

Mais de um quarto das mães sofrem de depressão pós-parto

A depressão pós-parto acomete 26% das brasileiras, mostra o primeiro retrato nacional da doença, feito com mais de 23 mil mães. O transtorno é mais frequente entre mulheres de baixa renda e que não desejam a gravidez, diz o estudo. Saúde B8

Com empate por 1 a 1, Audax e Santos deixam decisão do Paulista em aberto s1

Daniilo Wepoll/Folhapress



Drone entrega bola no estádio José Liberatti, em Osasco

Dilma culpa oposição pela crise econômica

Petista acusa adversários de barrar reformas; Bolsa Família e IR têm reajuste

A presidente Dilma Rousseff responsabilizou a oposição em geral e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB), em especial, pelo agravamento da recessão no Brasil, durante discurso neste domingo, em ato do Dia do Trabalho organizado pela CUT, em São Paulo.

"Cunha levou à frente uma política de quanto pior, melhor. Não aprovavam nenhuma das reformas, nenhum dos necessários aumentos de receita", disse Dilma. Os opositores "são responsáveis pela economia brasileira estar passando por uma grande crise".

Esperado no ato, Lula cancelou na última hora dizendo estar rouco. A dez dias de seu provável afastamento, a petista também anunciou aumento médio de 9% no Bolsa Família e proposta de correção de 5% na tabela do Imposto de Renda a partir de 2017.

No ato da Força Sindical, que reuniu políticos de oposição e artistas, também em São Paulo, o deputado federal Paulinho da Força (Solidariedade) disse que o "pacote de bondades" de Dilma é mais desespero e vingança do que um benefício para a população. Poder A4 e A5



O deputado Paulinho da Força e manifestantes contra o governo em ato da Força Sindical na zona norte de São Paulo

Euforia com Bolsa pode ser risco para pequeno investidor

Com a expectativa de ganhos na crise política, a participação de pessoas físicas entre os investidores da Bolsa saltou de 12% no fim de 2015 para 16% em abril. Analistas alertam, porém, sobre os riscos de aplicar no curto prazo. *Folhainvest* pág. 1

MBL faz aliança com ruralistas e líderes evangélicos

O MBL (Movimento Brasil Livre) se aliou a lideranças evangélicas e à Confederação da Agricultura e Pecuária pelo impeachment de Dilma. Os três grupos pretendem manter a união para influenciar também votações de ajuste fiscal. *Poder A7*

Senadores votaram por gasto extra e são pró-impeachment

Dos 51 senadores pró-impeachment de Dilma por crimes contra o Orçamento, 24 a liberaram para gastar além do autorizado. Levantamento da *Folha* mostra que eles votaram a favor da mudança da meta fiscal em 2014 ou 2015. *Poder A6*

VALDO CRUZ
Presidente ordena 'bondades' que antes reprovava

A encomenda veio no tom de ordem. Dilma fez sua equipe produzir um pacote de "bondades" que dias atrás ela reprovava. Mas, como não será mais a dona do café, Temer que se vire. *Opinião A2*

CURVA DO DIA
 903.89644 (Impressos + digitais)
 610.953231
 42.643.885 (Estantes Eletrônicas)



ATMOSFERA Celsoiano B2
 Sol aparece, mas o frio continua
 Mínima 8°C. Máxima 22°C

FALE COM A FOLHA
 Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao assinante, as editorias e o ombudsman

RODÍZIO Celsoiano B6
 Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1 ou 2

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Juros sustentáveis", acerca de possibilidade de redução da taxa Selic, e "Venezuela no escuro", a respeito de crises que assolam o país.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 19 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 2 de maio de 2016

FOLHA DE S. PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2016, A4

pod

PAINEL

NATUZA NERY painel@folha.com.br

Vamos conversar?

Michel Temer deve procurar Lula tão logo o Senado admita o processo de impeachment de Dilma Rousseff. Em conversas reservadas, o vice tem dito que a contribuição do PT "seria de extrema importância" para garantir estabilidade a um novo governo. Na avaliação do PMDB, o petista é fundamental para segurar a pressão das ruas. Lula sabe que terá dificuldade para se posicionar contra a agenda econômica de Temer. Afinal, Henrique Meirelles era seu nome para a Fazenda há tempos.



Vistas aéreas dos atos em São Paulo da CUT, pró-governo Dilma, e da Força Sindical, contrário à presidente da República

Fatura É consenso no PT que o partido será cobrado se, no Congresso, votar contra medidas que resgatem a economia brasileira da UFL. "Não se pode mais dividir a sociedade entre nós e eles", diz um interlocutor do vice.

Sei não Um banqueiro diz que a disposição hoje é dar um mês de férias aos salários da cúpula do grupo, a venda da Odebrecht Ambiental, que ajudaria a resolver o problema, ainda demora de três a quatro meses para sair. A empresa não comenta.

Agora não A Petrobras acompanha a situação da Odebrecht com ansiedade. O comando da petroleira acredita que a venda da Braskem ficará "adormecida" enquanto a questão financeira do grupo brasileiro, sócio na petroquímica, não for resolvida.

Em alta Os apagões aumentaram em 2015, segundo dados do ONS, responsável por monitorar o sistema elétrico brasileiro. As "perdas" acima de 100 MW — capazes de interromper a luz de bairros ou cidades — ocorreram 105 vezes, o maior número desde 2010.

Subiu Apagões de maior capacidade — acima de 500 MW — foram 11 ao longo do ano, número que se igualou ao de 2012, quando as quedas de luz assustaram o país.

Alô? Senadores da comissão de impeachment tiveram seus números de telefone divulgados nas redes. Um integrante do colegiado com 700 chamadas em uma única madrugada, o aparelho estava no silêncio.

Ops A PGR abriu inquérito contra o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, o banqueiro André Esteves e o ex-presidente da OAS, Léo Pinheiro, mas esperou o nome desse último. Escreveu Leonardo Alexandre Gossesira Pinheiro Fontes em vez de José Adelman Pinheiro Filho.



Ma ooooo Michel Temer apara as madeiras no fassa, conhecido salão da capital paulista onde, há 40 anos, Silvio Santos corta o cabelo.

Já pra fora Com Moreira Franco à frente do programa de concessões de Temer, ganha força o plano de reduzir drasticamente a participação da Infraero nos aeroportos.

Uníssono Sempre em pé de guerra, tucanos de todas as plumagens concordam em um ponto: seria simpático se Michel Temer acomodasse um nome de cada um dos três caciques do PSDB — Aécio Neves, Geraldo Alckmin e José Serra — em sua Esplanada.

Revisão De Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do setorial jurídico do PT, "Temer deveria atualizar a última edição de seu livro de direito com capítulos sobre governos ilegítimos, golpes constitucionais e conspiração".

com **PAULO GAMA, RENATA AGOSTINI e THAIS AREX**

tiroteio

Pelo visto, o ministério de Temer é uma composição de notáveis e conhecidos da velha e corrupta política. Um ministério temerário.

DO SENADOR RANDOLFE RODRIGUES (PSB-AP), sobre o ministério de notáveis nomeado pelo vice-presidente Michel Temer em um futuro governo.

contraponto

Machista, eu?

No final do encontro de dirigentes de quatro centrais sindicais com Michel Temer, semana passada, no Palácio do Jaburu, o deputado Paulinho da Força (SD-SP) pediu a palavra e, em tom solene, falou:

— Presidente, nós das centrais estamos preocupados com a leveza de demissões nos ministérios.

O vice-presidente ouviu atento.

— Vamos fazer uma carta pedindo que o senhor preserve pelo menos um posto: o da primeira-dama do Turismo — emendou o deputado, aos risos, sobre a mulher do titular da pasta, Alessandro Teixeira, e as políticas fotos tiradas do gabinete ministerial.

O IMPEACHMENT CONTRAOFENSIVO

Dilma anuncia 'bondades' e culpa oposição por crise

Perto de votação decisiva, presidente divulga reajuste de Bolsa Família e IR

Petista discursou em ato do Dia do Trabalho em São Paulo; Lula cancelou presença na última hora



Dilma Rousseff discursa em evento da CUT em São Paulo

"Como perderam, eles se aliarão a traidores do nosso lado para fazer um golpe por eleição indireta", falou, em referência aos que agora desembarcam do seu governo. A presidente também responsabilizou o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e a oposição por agravar a situação do Brasil.

"Cunha levou à frente uma política de quanto pior, melhor", criticou. "Não aprovavam nenhuma das reformas, não aprovaram nenhum dos necessários aumentos de receita. Apostavam sempre contra o povo brasileiro".

Por isso, a petista elenou Cunha e os opositores como "responsáveis pela economia brasileira estar passando por uma grande crise".

O discurso da presidente incluiu ainda uma menção à negociação frustrada do PT para que Cunha não abrisse o processo de impeachment.

Réu no STF (Supremo Tribunal Federal) por corrupção e lavagem de dinheiro, o peemedebista queria a ajuda dos três deputados petistas da Comissão de Ética da Câmara para barrar o processo contra ele. O impeachment começou a tramitar depois que as negociações fracassaram.

"E se quiser se ver livre do seu processo", disse Dilma, acrescentando que até o ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso chamou a ação de Cunha de "ameaça".

O 'PACOTE DE BONDADES' DE DILMA

As propostas da presidente para engajar as bases sociais e tentar conter o impeachment

- Imposto de Renda** Correção de 5% na tabela do Imposto de Renda a partir do ano que vem
- Licença-paternidade** Aumento do tempo para funcionários públicos; 20 dias, em vez de 5
- Minha Casa Minha Vida** Contratação de 25 mil moradias na modalidade Entidades, destinada a cooperativas etc.
- Bolsa Família** Reajuste com aumento médio de 9%; a assistência econômica foi contra
- Agricultura Familiar** Antecipação do Plano Safra da Agricultura familiar 2016/2017, já anunciado
- Mais Médicos** Assinou, na sexta (29), MP que prorroga permanência de brasileiros formados no exterior e estrangeiros

em programas sociais. Dilma insistiu na comparação em seu discurso: "Vão acabar com o Bolsa Família para 36 milhões de brasileiros".

Ainda sobre Temer, a presidente afirmou que a intenção do vice é de privatizar "todo o que for possível", referindo-se a trecho de documento elaborado pelo PMDB. "Qual é a primeira vítima dessa lista? O pré-sal", disse a petista no ato da CUT.

OPOSIÇÃO

A petista também criticou a oposição, que, segundo ela, se mobiliza contra seu mandato perdeu as eleições.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Nesse caso, essa marca aparece no texto “A dez dias de seu possível afastamento da Presidência da República, Dilma Rousseff anunciou um ‘pacote de bondades’, que incluem reajuste do Bolsa Família e correção da tabela do Imposto de Renda.

Um confronto foi colocado no texto, novamente criando um marcador de silenciamento, mostrando que Dilma não ouvia sua equipe técnica. Isso se dá no parágrafo “a área econômica de sua gestão foi contrária ao ajuste”. Para reforçar o discurso, a matéria aponta que técnicos do governo foram consultados pela reportagem e disseram que a medida irá alterar a tabela do Imposto de Renda de 2017, acarretando mudanças nas faixas de isenção do imposto recolhido dos salários pagos ainda este ano, o que prejudicaria o orçamento público.

Os projetos sociais, frutos da política petista, foram abordados no texto jornalístico. Parafrazeando partes da entrevista concedida por Dilma ao jornal, a narrativa traz na voz da presidente: “Vão acabar com a Bolsa Família para 36 milhões de brasileiros”. Ao utilizar o pronome pessoal **nós**, conjugado na primeira pessoa do plural, Dilma faz alusão ao MDB, partido que se tornou principal fiador do *impeachment*.

Durante o discurso, Dilma elenca inúmeros políticos, entre os quais Eduardo Cunha (MDB) e membros do MDB, alegando que eles foram responsáveis pela economia brasileira estar passando por uma grande crise. Um intertítulo também foi colocado, “Sem Lula”. A preposição **sem**, que nesse discurso se relaciona com uma subordinação e indica ausência e falta, foi utilizada para fazer uma alusão ao fato de que Dilma não foi capaz de administrar o Brasil sem a interferência do ex-presidente Lula.

No processo da escolha semântica, percebe-se a utilização do processo dicotômico nas palavras *bondade* e *culpa*. Ao utilizar essas duas palavras, o jornalista cria uma relação de efeitos de sentido ao texto como se a presidente Dilma Rousseff anunciasse várias medidas para tentar se fortalecer novamente em uma crise política criada pelo sistema econômico.

A predominância de termos como *comprometerá*, *opositores*, *mudança*, *queda* e *cansaço* compromete o processo de gestão da Presidência colaborando com uma intertextualidade negativa, na qual as propostas vão desde o Minha Casa Minha Vida até o Mais Médicos. Na heterogeneidade enunciativa, percebe-se que, desde o título, o jornalista utiliza um discurso misto com o uso do recurso das aspas simples, em que o efeito de sentido dado é caracterizado por um posicionamento do veículo.

Nota-se também que o veículo busca enfatizar a fala do jornalista, contextualizando com a de Dilma Rousseff, mostrando o processo da heterogeneidade enunciativa em textos

jornalísticos, nos quais se o contexto não for bem compreendido em um determinado parágrafo, pode ser visto e reafirmado em outro, por meio de sinônimos.

Essa reprodução da fala do entrevistado cria um distanciamento do texto, no qual o jornalista afirma que ele não é responsável por determinadas informações. Para Fiorin e Savioli, em um texto, entram “em cena personagens que falam, dialogam entre si, manifestam, enfim, o seu discurso” (FIORIN e SAVIOLI, 2006, p. 181).

Fica claro que essa reportagem, por tratar de um assunto polêmico, recorta o discurso de Rouseff, destacando a intencionalidade, ou seja, quem escreve detém o poder de escolher aquilo que quer colocar no jornal. A utilização do recurso misto do Direto e do Indireto gera um efeito de verdade e repassa uma impressão de um discurso completo e autêntico.

Maingueneau relata que as “falas consideradas realmente proferidas, trata-se apenas de uma encenação, visando criar um efeito de autenticidade: eis as palavras exatas que foram ditas, parece dizer o enunciador” (2001 p. 141).

No discurso indireto, há uma passagem em que se afirma que a *Folha de S.Paulo* consultou especialistas, porém, não eles não são citados na reportagem, mostrando o que Fiorin & Savioli dizem, “o narrador o faz para dar relevo a uma expressão típica do personagem. Nesse caso, o discurso indireto analisa o personagem por meio das formas de falar e manifesta a posição do narrador em relação a elas” (2006, p. 185).

Quadro 5 – Análise discursiva do Jornal *Folha de S.Paulo*: “Dilma culpa oposição pela crise econômica”, traz no *lead* o termo “pacote de bondades”

Escolhas semânticas	bondades, culpa, anuncia reajuste, comprometerá, opositores, mudança, queda, privatizar, processo, muito cansado
Intertextualidade	Imposto de Renda, licença paternidade, Minha Casa Minha Vida, Bolsa Família, Agricultura Familiar, Mais médicos
Dispositivos do silêncio local	Programas sociais Política de coalizão Lula é quem controla Dilma
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto “Ele quer se ver livre do meu processo”, disse Dilma</p> <p>Discurso indireto A dez dias de seu possível afastamento da Presidência da República, Dilma Rousseff anunciou um “pacote de bondades” que inclui reajuste do Bolsa Família e correção da tabela do Imposto de Renda</p> <p>Segundo a presidente, a proposta não comprometerá “o cenário fiscal” como dizem os opositores</p> <p>A petista anunciou também proposta de correção de 5% na tabela do Imposto de Renda, que deve ser feito por projeto de lei a ser enviado ao Congresso nos últimos dias</p> <p>Técnicos do governo consultados pela reportagem disseram que, se a medida irá alterar a tabela do IR de 2017, acarretando a mudança das faixas de isenção do imposto recolhido dos salários pagos ainda neste ano e, conseqüentemente, na queda de arrecadação</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>Dilma anuncia ‘bondades’ e culpa oposição pela crise</p> <p>Dilma insistiu na comparação em seu discurso. “Vão acabar com a Bolsa Família para 36 milhões de brasileiros”</p> <p>Ainda sobre Temer, a presidente afirmou que a intenção do vice é de privatizar “tudo o que for possível” referindo-se a trecho de documento elaborado pelo PMDB “Qual é a primeira vítima desta lista? O pré-sal”, disse a petista no ato da CUT</p> <p>A petista também criticou a oposição, que, segundo ela, se mobiliza contra seu mandato perdeu as eleições “Como perderam, eles se aliaram a traidores do nosso lado para fazer um golpe por eleição indireta”</p>

	<p>A presidente também responsabilizou o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e oposição por agravar a situação do Brasil</p> <p>“Cunha levou a frente uma política de quanto pior, melhor”, criticou. “Não aprovaram nenhuma das reformas, não aprovaram nenhum dos necessários aumentos de receita. Apostaram sempre contra o povo brasileiro”</p>
--	---

Fonte: Do autor.

Após o afastamento de Dilma, em 12 de maio de 2016, as matérias apontam outro cenário. A primeira matéria, veiculada no dia 2 de junho de 2016, apresenta como manchete principal “Recessão se aprofunda, mas surgem sinais de estabilização” (Figuras 20 e 21).

Figura 20 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 2 de junho de 2016

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 96 • QUINTA-FEIRA, 2 DE JUNHO DE 2016 • Nº 31.837 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18H28 • R\$ 3,50

Relator diz que Cunha mentiu em CPI e pede a sua cassação

Relator do Conselho de Ética que analisa o caso de Eduardo Cunha, o deputado Marcos Rogério (DEM-RO) pediu a cassação do presidente afastado da Câmara alegando que ele mentiu à CPI da Petrobras ao negar possuir contas no exterior. Em depoimento à Lava Jato, a mulher de Cunha, Cláudia Cruz, disse que o deputado autorizou compras de luxo no exterior. O peemedebista nega ser o titular de contas na Suíça. Poder A10

EVOLUÇÃO DO PIB

Ano	PIB
95	4,2
96	2,2
97	3,4
98	0,3
99	0,5
00	4,4
01	1,4
02	3,1
03	1,1
04	5,8
05	3,2
06	4,0
07	6,1
08	5,1
09	0,1
10	7,5
11	3,9
12	1,9
13	3,0
14	0,1
15	-3,8

FHC média 2,43% Lula média 4,06%

CATEGORIA	Participação no PIB, em %	Desempenho no trimestre, em %
Consumo das famílias	63,4	-1,7
Consumo do governo	20,2	1,1
Investimento	17,7	-2,7
Exportação	12	6,5

3º trimestre de 2016: -0,3

Recessão se aprofunda, mas surgem sinais de estabilização

Queda do PIB soma 7,1% desde o 2º trimestre de 2014, derrocada mais longa e intensa em 22 anos

ESPECIAL

Caderno explica como funcionam os corpos dos atletas de elite Pág. 1

ESPORTE

Dunga corta Kaká, contundido, e convoca Ganso para a seleção 88

TURISMO

Pacotes para esquiar no Chile e na Argentina estão mais baratos 84

Após fechar 2015 com a maior recessão em um quarto de século, a economia brasileira encolheu menos que o esperado no primeiro trimestre deste ano — o último sob comando de Dilma Rousseff, afastada em 12 de maio. O Produto Interno Bruto, medida dos bens e serviços produzidos, caiu 0,2% nos três primeiros meses de 2016 em relação ao quarto trimestre de 2015. O consumo das famílias, que recuou 1,7%, teve o maior peso no resultado. Registram-se cinco trimestres em série de queda no PIB. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, o ciclo de contração já dura dois anos e acumula no período retração de 7,1%, a derrocada mais longa e intensa desde o Real, em 1994. Como a queda no trimestre foi inferior à prevista (-0,8%), a recessão de 2016, ora estimada em -3,8%, poderá ser atenuada. Surgem sinais de estabilização do quadro. Índice que sintetiza dados sobre o ambiente econômico apontou em abril a terceira melhora mensal seguida. Mercado A17

► **ATAQUE E RECUELO** Membros do MTST ocupam hall do prédio do escritório da Presidência em SP; no mesmo dia, o governo voltou atrás e anunciou que vai autorizar a contratação de novas moradias pelo Minha Casa, Minha Vida Entidades Poder A4

Responsável pelo ajuste fiscal no RJ ganha supersalário

Responsável pelo rígido ajuste nas contas do Rio, o secretário de Fazenda, Júlio Bueno, recebe um supersalário, acima do teto do Estado, informa Italo Nogueira. Cediado pela Petrobras, ele ganha R\$ 49 mil pela estatal e R\$ 16,6 mil pelo Estado. O governo diz que a regra que permite a Bueno ter dois vencimentos na função não foi criada por ele. Poder A11

Moro determina a suspensão de ação contra a Odebrecht

Responsável pela Lava Jato, o juiz Sérgio Moro suspendeu por 30 dias a tramitação de uma das três ações penais que envolvem a Odebrecht. Segundo ele, "estaria em andamento a negociação de espécie de acordo de colaboração entre as partes". A expectativa é que a empreiteira detalhe o financiamento de campanhas eleitorais com as quais contribuiu. Poder A6

Com aval de Temer, Câmara autoriza gastos de R\$ 58 bi

Com aval do presidente interino, Michel Temer, a Câmara aprovou megapacote de reajuste de salários do funcionalismo, incluindo Judiciário, Executivo, Legislativo e Ministério Público. A pauta-bomba, cujo impacto deve ser de R\$ 58 bilhões até 2019, segue para o Senado. Neste ano o governo espera déficit de R\$ 170 bilhões nas contas. Mercado A23

ATMOSFERA

Cetiano B2
Risco de chuva forte à tarde.
Mínima 17°C. Máxima 25°C

RODÍZIO

Cetiano B2
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 ou 8

EDITORIAIS

opinião A2
Leia "Questão de perspectiva", sobre nova queda do PIB no trimestre, e "Operação censura" acerca de decisões contra a liberdade de expressão.

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao assinante, as editorias e a ombudsman

OS 3 CAMPEÕES MUNDIAIS DE SEGURANÇA E QUALIDADE.

ConsumerReports 2016
Órgão americano de orientação ao consumidor sem fins lucrativos. Altamente conceituado nos USA.

Subaru Outback, Subaru XV e Subaru Forester.
Os 3 primeiros colocados no mais completo estudo de tração e estabilidade do mundo, incluindo 53 modelos de SUV.

SAWD - Sistema simétrico de tração 4x4 independente nas 4 rodas.
SILENCIOSO E SEGURO.

Veja na página 7.

SUBARU
Confiancez in Motion

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Pelas diferentes reportagens veiculadas durante o período em que Dilma ocupava a Presidência, é possível constatar um discurso de tom otimista que aponta para a melhoria do país, presente no recurso jornalístico chamado “chapéu”, que seria uma expressão em destaque utilizada acima do título. No chapéu, tem-se a expressão “Luz no fim do túnel”, que, no senso comum, indica o significado de solução de um grave problema ou até mesmo sinal de que as coisas estão melhorando.

Na matéria, o título reflete aspectos positivos do governo Temer, ao apontar que “Menos mal, PIB do 1º tri eleva otimismo”. Percebe-se que a expressão *menos mal*, utilizada entre aspas, assume uma marca linguística no texto, que podemos definir como um rótulo humorístico, ou até mesmo uma chamada especial. Isso se complementa com o verbo **elevantar** e o substantivo masculino **otimismo**, que indica que algo irá melhorar.

Logo no *lead*, a reportagem traz a narrativa “Um resultado da economia brasileira menos desastroso que o esperado deu maior alento às projeções para o encerramento da recessão vivida pelo país”. Percebe-se a utilização do advérbio **menos** como processo de intertextualidade com o adjetivo **desastroso**, ou seja, aquele que causa algo ruim. Paralelamente a essa matéria, no dia 7 de fevereiro de 2016, o mesmo jornal apresentou outra manchete sob o título “País caminha para a pior recessão de sua história”. Logo após o afastamento de Dilma, a recessão ganha outro enquadramento nas páginas do jornal *Folha de S.Paulo*.

A reportagem mostra a evolução do PIB ao apontar que o ciclo de contração da produção nacional já dura dois anos – é o mais longo e intenso (a queda acumulada é de 7,1%), desde que o Plano Real derrubou a hiperinflação, em 1994.

A utilização do substantivo **contração**, que tem o significado de ato ou ação de contrair algo, apresenta uma intertextualidade quando a reportagem diz que “já dura dois anos”, ou seja, cria um mecanismo linguístico de silenciamento, mostrando que ocorre desde a gestão de Dilma. Para afirmar esse discurso, o advérbio de intensidade **mais** também foi utilizado para dizer que desde o Plano Real isso ocorre, mas, agora, é o período “mais longo e intenso”. O dispositivo de silenciamento aparece novamente, forçando o leitor a fazer uma análise desde a estabilização econômica, iniciada em 27 de fevereiro de 1994, por Fernando Henrique Cardoso.

No parágrafo seguinte, percebe-se certo posicionamento do jornal, ao apontar que “além da surpresa favorável com o trimestre transcorrido, há mudanças no cenário presente capazes de atenuar os prognósticos sombrios para o restante do ano. A mais óbvia é o afastamento da presidente Dilma, celebrado por empresários e investidores, e a substituição da desacreditada

equipe econômica da administração petista”.

As escolhas semânticas, que criam sentido para a construção de um determinado personagem, no caso a ex-presidente Dilma, aparecem no parágrafo ao citar o nome de Dilma e ao utilizar a palavra *desacreditada*, dando ênfase à ex-presidente e à equipe técnica de sua gestão. Outro dispositivo de silenciamento utilizado no texto está no fato de os jornalistas utilizarem o seguinte enunciado: “Pilar do crescimento econômico na década passada, o consumo das famílias encolheu 1,7% no início do ano, depois de uma retração de espantosos 5,2% em 2015”. Percebe-se que a reportagem busca associar a recessão com a trajetória do governo do PT, que esteve à frente do Brasil por 14 anos, ao apontar indicadores que demonstram um encolhimento no consumo das famílias brasileiras.

Os discursos indireto e direto novamente aparecem. Presente na matéria anterior com o recurso de aspas simples, a expressão ‘*menos mal*’ está presente no título da reportagem, colocando em evidência o posicionamento do jornal. Nessa análise, é nítido que o jornalista, ao escrever, utilizou comandos jornalísticos de apagamento de fontes no discurso indireto.

Ao se basear em declarações de empresários, investidores, especialistas e bancos sem citar quem são, ele omite personagens e coloca o leitor em uma processo de dúvida sobre a veracidade da informação. Não se sabe se existe nesse caso o posicionamento do jornal ou do jornalista sobre a reportagem.

Tudo se resume no seguinte: qual a diferença entre se relatar que alguém “disse” algo ou que alguém “declarou”, “enfatizou”, “confirmou”, “reiterou”, “revelou”, “advertiu”, “contou”, “condenou”, “elogiou”, “confessou”, “achou” isso ou aquilo com seu discurso? A hipótese que tento defender é a de que a ação desses verbos hierarquiza, reforça, discrimina, classifica, etc. os autores das respectivas opiniões relatadas. (MARCUSCHI, 2007, p. 158)

Quadro 6 – Análise discursiva do jornal *Folha de S.Paulo*: “Recessão se aprofunda, mas surgem sinais de estabilização”

Escolhas semânticas	menos, mal, eleva, otimismo, esperado, projeção, intenso, expectativas, viabilidade, controle, parar, cair, crescimento
Intertextualidade	Exportação em alta Confiança na indústria Acreditação no governo Temer
Dispositivos do silêncio local	Plano Real – Fernando Henrique Cardoso Gestão Petista
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“O número tende a ficar mais próximo de 3,5% do que 4”, diz a economista Silva Matos, da Fundação</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Analistas previam, contudo, um desempenho ainda pior. Expectativas de bancos e consultorias rondavam uma retração de 0,8% de janeiro a março; o índice de atividade econômica do Banco Central, mostrou piora de 1,4%</p> <p>A mais óbvia é o afastamento da presidente Dilma Rousseff, celebrado por empresários e investidores, e a substituição da desacreditada equipe econômica da administração petista</p> <p>Outros especialistas, no entanto, minimizavam a importância dos novos dados</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>‘Menos mal’ PIB do primeiro tri eleva otimismo</p> <p>Mais otimista, Igor Velecico, do Bradesco, acha possível uma recuperação dos investimentos já neste trimestre e início e retomada da economia até o final do ano. “Existe luz no fim do túnel”</p> <p>Desemprego e inflação mantêm os consumidores pessimistas. “O consumo das famílias vai ser um dos últimos a reagir. Existe uma defasagem entre atividade econômica e o mercado de trabalho. Além disso, o crédito e a confiança precisa melhorar primeiro”, aponta Alessandra Ribeiro, economista da Consultoria Tendências</p>

Fonte: Do autor.

Na manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, do dia 20 de junho, a temática desemprego foi novamente abordada. A reportagem apresenta gráficos evolutivos sobre a taxa de aumento do desemprego, a desigualdade e a parcela das pessoas que ganham de R\$ 200,00 a R\$ 600,00 (Figuras 22 e 23). O que se destaca nesses gráficos é que o jornal dá ênfase sempre ao segundo mandato de Dilma. Essa problemática é afirmada na linha fina da reportagem, que mostra que: “desde o início da segunda gestão de Dilma Rousseff, a desigualdade na força de trabalho aumentou quase 3%”.

Figura 22 – Manchete do jornal *Folha de S. Paulo*, 20 de junho de 2016

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 96 • SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2016 • Nº 31.855 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 08H04 • R\$ 3,50

ESPORTE
Técnico Tite chora ao se despedir do Corinthians; time anuncia Cristóvão 31

Cleveland Cavaliers, de LeBron James, é campeão pela 1ª vez da NBA 31

SAÚDE
Estudos sobre efeitos da maconha a longo prazo ainda são escassos 310

ILUSTRADA
Italiana lança no Brasil quadrinhos 'amorais' sobre mulher e sexo 11

Personagem de Giovanna Casotto

Tite, que deixou o Corinthians para dirigir a seleção, durante homenagem no Itaquero

Desigualdade no país volta a crescer com o desemprego

Distância entre renda de ricos e pobres aumentou 3% desde 2015, diz estudo

Efeito da escalada do desemprego no país, a desigualdade social voltou a aumentar com força no primeiro trimestre deste ano, após anos de queda contínua. A tendência de alta na distância entre a renda dos ricos e dos pobres é verificada em estudo do professor da USP Rodolfo Hoffmann, especialista em políticas sociais, a partir de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Desde 2015, quando começou o segundo mandato da presidente afastada, Dilma Rousseff (PT), a desigualdade entre os que compõem a força de trabalho no país aumentou quase 3%.

Já a taxa de desemprego subiu de 7,9% para 10,9%. O aumento da desigualdade no período mais recente ocorre devido à redução da renda dos mais pobres. A renda da população que ocupa a base da pirâmide caiu no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2015. Para estimar o impacto das demissões, Hoffmann considerou na pesquisa só a renda proveniente do trabalho (excluindo pensões, aluguéis e benefícios) e incluiu a população desocupada. Segundo o IBGE, 11 milhões de pessoas tentaram, sem êxito, se ocupar de janeiro a março. Mercado A15

ITALO NOGUEIRA
Nova crise cria o temor de que Rio repita Atenas 04
Opinião A2

Olimpíada ajudou a quebrar Estado, diz especialista norte-americano
Esporte B4

ENTREVISTA DA 2ª
KEN LOACH

Alternativa à União Europeia é terrível, afirma cineasta

Às vésperas do plebiscito que definirá se o Reino Unido ficará na União Europeia, o cineasta britânico Ken Loach, ganhador em maio da Palma de Ouro em Cannes, defende a permanência. Para ele, uma Europa desunida será "terrível", com "mais intranquilidade, racismo e xenofobia". Pág. A14

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Distorção parlamentar", acerca de ameaça de Renan a Janot, e "Erros aos bilhões", sobre cálculo do impacto do reajuste do funcionalismo.

» DO BARULHO Aglomeração em frente à PUC, em Perdizes (zona oeste de SP), festas promovidas por alunos da universidade, com som alto, bebidas e drogas, deixam rastro de sujeira e atormentam moradores da região nas noites de sexta. Cotidiano B8

Temer vai cobrar contrapartida para socorrer Estados

O Planalto quer o compromisso de ajuste nas contas públicas dos Estados antes de renegociar suas dívidas. Em reunião com governadores hoje, o presidente interino, Michel Temer, deve definir o tempo de moratória e quais Estados exigem tratamento especial. Mercado A19

Bandidos resgatam traficante carioca de hospital público

A um mês e meio da Olimpíada, um bando armado invadiu o hospital Souza Aguiar, maior emergência pública do Rio, para resgatar o traficante Nicolas de Jesus. Um paciente foi morto no tiroteio. A cúpula da segurança no Rio salda o plano, mas não conseguiu evitar a invasão. Cotidiano B5

ISSN 2446-3200 3 1893 7771414127209

CONTAÇÃO
209 ANOS de Imprensa e Digital
42.000.000 de leitores
62.000.000 de acessos online/dia

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao leitor em: atendimento@folha.com.br

ATMOSFERA Cotidiano B2
Chego a qualquer momento em São Paulo
Mínima 12°C Máxima 18°C

RODÍZIO Cotidiano B6
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1.02

HYUNDAI ix35. ELEITO O MELHOR SUV PREMIUM SUPERANDO TIGUAN, AUDI Q3 E Q5 E BMW X1, X3 E X4.

(EDIÇÃO ESPECIAL 2016 "QUAL COMPRAR" DA REVISTA AUTOESPORTE)

NOVO HYUNDAI ix35. ELEITO O MELHOR SUV DO BRASIL E O MELHOR DO MUNDO NOS ESTADOS UNIDOS.

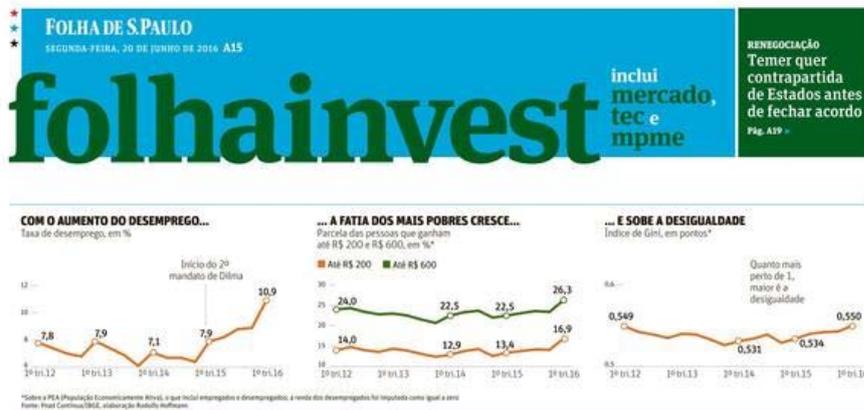
LANÇAMENTO NOVO ix35 2017 2.0 FLEX A PARTIR DE R\$ 99.990

VEJA NA PÁGINA 5.

CAOA NEW THINKING HYUNDAI. NEW POSSIBILITIES.

Fonte: *Folha de S. Paulo*.

Figura 23 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 20 de junho de 2016



Desemprego piora distribuição de renda

Desde o início da segunda gestão de Dilma Rousseff, desigualdade na força de trabalho aumentou quase 3%

Para estimar impacto de demissões, pesquisa da USP considera renda do trabalho e inclui população desocupada

MARIANA CARNEIRO
DE SÃO PAULO

A escalada do desemprego tem produzido um efeito adverso na distribuição de renda do país. Após anos de queda contínua, a desigualdade — a distância de renda entre ricos e pobres — voltou a crescer com força no primeiro tri-

mestre deste ano. A tendência é objeto de estudo do professor da USP Rodolfo Hoffmann, especialista em políticas sociais, que usou dados do IBGE para estudar o impacto da falta de vagas. Desde o início do segundo mandato da presidente afastada, Dilma Rousseff, em 2015, a desigualdade entre os que compõem a força de trabalho (desempregados e ocupados) aumentou quase 3%. É bastante para um indicador que varia pouco ao longo tempo. Nesse período, a taxa de desemprego subiu de 7,9% para 10,9%.

O levantamento se baseia em informações da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), cuja série começou em 2012. E capta apenas os movimentos da renda proveniente do mercado de trabalho. Deixa de lado, portanto, recursos que venham de aposentadoria, pensões e aluguéis, por exemplo. Assim, se a pessoa perdeu o emprego, a renda, por esse estudo, vai a zero, mesmo que eventualmente receba recursos do Bolsa Família ou da Previdência.

Seguro-desemprego e FGTS, que têm efeitos só temporários, também não são computados. A métrica mais apurada para medir a desigualdade é a renda dividida por morador de um domicílio, mas esse dado só é divulgado pelo IBGE uma vez por ano, em setembro. Até lá, para não ficar no escuro, estudiosos costumam usar como régua a renda dos trabalhadores ocupados. Hoffmann, porém, decidiu tribuir outra via, para ajustar a visão sobre o que constitui o núcleo da recessão.

“Como uma característica importante da crise é o aumento do desemprego, é mais apropriado analisar a distribuição do rendimento da força de trabalho, e não apenas dos ocupados. Considerar apenas os ocupados implica desconsiderar os ‘desempregados’”, diz. No primeiro trimestre deste ano, segundo o IBGE, 11,089 milhões de pessoas tentaram, sem êxito, se ocupar. São desempregados pela estatística oficial. A informalidade também aumentou no período. Entre o primeiro trimestre de 2015 e o início deste ano,

segundo Hoffmann, “aumentou o desemprego, diminuiu a renda média e cresceu a pobreza” (leia na pág. A17). **ECONOMIA NO ALMOÇO** Na fila do restaurante popular no bairro de Santana, na zona norte de São Paulo, a cuidadora de idosos Bejane Araújo, 56, sentiu na pele o sinal mostrado pelos números. Perdeu a carteira assinada, faz trabalho informal e recorre ao prato popular para economizar no almoço. “A vida era mais fácil antes.” **LEIA MAIS nas págs. A17 e A18**

vivo EMPRESAS

Um plano inteligente para a sua empresa falar à vontade com qualquer Vivo Móvel ou Fixo de todo o Brasil.

SMARTVIVO EMPRESAS

VOZ para celular Vivo LOCAL + Dados com Vivo Bis A partir de R\$ 59,90 ao mês

ILIMITADA Vivo FIXO em todo o Brasil COMPARTILHADOS A INTERNET QUE SOBRA VAI PARA O PRÓXIMO MES.

Ligue 0800 151 1515 ou acesse vivo.com.br/smartvivoempresas

SOLUÇÕES EMPRESARIAIS | 24x7

vivo tudo

Adote em 10/12/17 para clientes pessoa jurídica. O Plano Compartilhado possui franquia de 90 minutos local para fixo e móvel de outros operadores, pacote de SMS limitado para Vivo e outros operadores, pacote de dados com franquia de 120 MB com opção de compartilhamento, 2.000 minutos em ligações locais para qualquer celular Vivo e 5.000 minutos em ligações nacionais de móvel para qualquer telefone Vivo. Ao contratar o total da franquia de dados compartilhada no plano é utilizada de forma prioritária e limitada. O plano disponível apenas no plano para "Pessoa Jurídica". Consulte o site vivo.com.br/smartvivoempresas. Caso tenha dúvidas, ligue gratuitamente para o Central de Relacionamento 0800 151 1515 de um celular Vivo cadastrado no 1516 de qualquer telefone. Tenha em consideração especial de falha/ausência, ligue 142.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

O texto da jornalista Mariana Carneiro faz uma retomada do desemprego, ao apontar seus efeitos adversos na distribuição de renda do país. “Após anos de queda contínua, a desigualdade – distância de renda entre ricos e pobres – voltou a crescer com força no primeiro trimestre deste ano”. Novamente destaca-se o primeiro trimestre de 2016, período em que Dilma estava no poder.

As escolhas semânticas também se baseiam em palavras que estabelecem sentidos negativos ao texto. Os dados que compõem essa matéria são baseados no levantamento da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua). Chama a atenção também a palavra *recessão* em quase todas as matérias da *Folha de S.Paulo*. Nesse caso, a palavra foi utilizada no intertítulo, seguido da entrevista de Rodolfo Hoffmann, professor da USP, que menciona que uma característica importante da crise é o aumento do desemprego. Como dispositivo de silenciamento, a fala do professor é complementada, reafirmando que a crise se iniciou em 2015, ao apontar que, entre o primeiro trimestre de 2015 e o início de 2016, aumentou o desemprego, diminuiu a renda média e cresceu a pobreza.

No processo da intertextualidade, percebe-se que a palavra *queda*, substantivo feminino que significa ato ou efeito de cair, foi utilizada no texto jornalístico como uma figura de linguagem, a metonímia, ou seja, empregando um termo no lugar do outro e dando sentido à oração. A palavra *impacto* também é utilizada para dar ênfase à palavra *queda* e estabelecer relações de sentido entre os textos, tornando-os correlatos.

A reportagem traz a entrevista de um cidadão para endossar as consequências da falta de emprego. Com o discurso que “a vida era mais fácil antes”, uma cuidadora de idosos, que perdeu a carteira assinada e faz trabalho informal, conta que recorre ao prato popular para economizar no almoço.

Fica claro nessa reportagem que o dispositivo de silenciamento total mostra uma análise negativa do segundo mandato de Dilma, principalmente quando relaciona um restaurante popular à situação de uma senhora que “sentiu na pele o sinal mostrado pelos números”.

Na heterogeneidade enunciativa, diferentemente das outras reportagens analisadas, não há o discurso direto e o discurso indireto de forma separada. Em um texto totalmente voltado a uma pesquisa feita pelo professor da USP, Rodolfo Hoffmann, percebe-se no mesmo momento o “discurso do poder” e o “discurso popular”, conforme estabelece Marcuschi (2007, p. 146).

No discurso do poder, em um discurso direto e indireto, o verbo **dizer**, no término da fala de Hoffmann, colocado como *dicendi* pela jornalista, “Como uma característica importante

da crise é o aumento do desemprego, é mais apropriado analisar a distribuição do rendimento da força de trabalho, e não apenas dos ocupados. Considerar apenas os ocupados implica desconsiderar os desempregados, **diz**”, postula-se que “este é considerado coringa” (MARCUSCHI, 2007, p. 164) e estabelecem-se relações em todas as situações, pois sua análise depende “dos contextos e dos tipos de discursos. Na posição do jornal *Folha de S.Paulo*, ao utilizar esse verbo, percebe-se o “jogo do empurra” ou coloquialmente “o disse ou quem-me-disse”. Com a análise das reportagens foi possível perceber que o jornal recorre a esse tipo de prática, ao inserir uma voz externa ao texto jornalístico, para legitimar o discurso enunciado.

O discurso popular aparece nesse texto para deslegitimar as propagandas petistas em torno do aumento do poder aquisitivo das classes mais pobres do país. Em uma fala de apenas seis palavras, “a vida era mais fácil antes”, uma moradora do bairro de Santana, zona norte de São Paulo, retrata a situação vivida ao ter que economizar no almoço para garantir o dinheiro de sua alimentação para os próximos dias. O advérbio de tempo *antes*, remete a outros governos, negando e contradizendo o discurso petista de valorização do pobre.

Quadro 7 – Análise discursiva do jornal *Folha de S. Paulo*: “Desigualdade no país volta a crescer com desemprego”

Escolhas semânticas	desemprego, piora, desigualdade, distância, pobres, ricos, renda, informalidade
Intertextualidade	Impacto de demissões Queda da desigualdade Queda de carteiras assinadas
Dispositivos do silêncio local	Análise negativa do segundo mandato de Dilma
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>Não ocorreu</p> <p>Discurso Indireto</p> <p>Não ocorreu</p> <p>Discurso direto e indireto Hoffmann, porém, decidiu trilhar outra via, para ajustar a visão sobre o que considera núcleo da recessão “Como uma característica importante da crise é o aumento do desemprego, é mais apropriado analisar a distribuição do rendimento da força de trabalho, e não apenas dos ocupados. Considerar apenas os ocupados implica desconsiderar os desempregados”, diz</p> <p>Entre o primeiro trimestre de 2015 e o início deste ano, segundo Hoffmann “aumentou o desemprego, diminuiu a renda média e cresceu a pobreza”</p> <p>Na fila do restaurante popular no bairro de Santana, na zona norte de São Paulo, a cuidadora de idosos Rejane Araújo, 56, sentiu na pele o sinal mostrado pelos números. Perdeu a carteira assinada, faz trabalho informal e recorre ao prato popular para economizar no almoço. “A vida era mais fácil antes”</p>

Fonte: Do autor.

Em reportagem de 2 de julho, percebe-se novamente uma menção positiva ao governo Temer. No título da reportagem, “produção industrial sinaliza recuperação”, verifica-se uma seleção precisa de palavras como *sinaliza recuperação*, para permitir ao leitor o processo de indução e conclusão de uma determinada conjuntura política (Figuras 24 e 25).

Figura 24 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 2 de julho de 2016

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 96 • SÁBADO, 2 DE JULHO DE 2016 • Nº 31.847 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 08H1 • R\$ 3,50

Operação da PF investiga empresários de JBS e Gol

Operação da PF mirou Joesley Batista, da J&F (controladora da JBS), e Henrique Constantino, da Gol, por suspeita de pagarem propina para obter recursos do FGTS administrados pela Caixa. Com aval do STF, foram cumpridos mandados de busca e apreensão. As empresas disseram não ser alvos da PF. A assessoria de Batista o aconselhou a não confrontar o STF. Constantino não foi localizado. Poder A4

Caixa embolsou 80% de propina de esquema na Caixa, diz diretor. A6



Foto: Braga/Polyspress

INVERNO TROPICAL. Homem toma sol em praça na zona oeste de São Paulo, as temperaturas devem subir na capital nos próximos dias. Cefimmo 86

Supremo suspende processos de juizes contra jornalistas da 'Gazeta do Povo'

Poder A10

IGOR GIELOW

Erosão das classes dominantes do país é evidente

Mesmo enfrentando reação cada vez mais crescente do establishment político e empresarial, a Lava Jato avança. Não há volta, ainda que o paroxismo futuro seja evidente; a erosão das classes dominantes como combemos, sem sombra de substitutos no mercado. Opinião A2

PERÍCIA ISENTA DILMA DE CRIME DE RESPONSABILIDADE?

SIM VANESSA GRAZZIOTIN

Perícia desmonta completamente as acusações

NÃO SIMONE TEBET

Lei orçamentária brasileira foi desrespeitada

Opinião A3

África aumenta o uso do carvão e potencializa os riscos ambientais

Elc. New York Times pág. 3

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Fechado e ineficiente", a respeito de subsídios à indústria nacional, e "Custo PF", acerca de taxa para acelerar a emissão de passaportes.

ESPORTE

País de Gales bate a Bélgica e vai à semifinal em sua 1ª Eurocopa 811

Com brasileiro no ataque, Itália tenta derrubar a Alemanha 811

Alemanha a Itália 10h Globo, Band e SporTV

Indústria dá sinais de retomada após 2 anos

Produção acumula 3 meses sem queda, segundo dados do IBGE

A produção da indústria ficou estável em maio, na comparação com o mês anterior, e deu sinais de que as perdas mais íntensas podem ter ficado para trás, mostram dados do IBGE. A crise no setor, que fechou 1,4 milhão de vagas em 12 meses, já dura ao menos oito anos. Foi a primeira vez desde 2012 que o setor teve três meses consecutivos sem baixa na produção. Outros indicadores reforçam a tese. A confiança da indústria e os estoques de produtos também apontam para essa recuperação.

A produção de veículos automotores, que vinha sendo fortemente atingida pela crise, teve expansão de 4,2% em maio. Outros segmentos relevantes como perfumaria, limpeza e higiene pessoal, indústria extrativa e metalurgia também registraram expansão. Apesar dos sinais positivos, alguns economistas dizem ser prematuro falar em retomada e afirmam que a recuperação, quando vier, será lenta, já que a indústria pode demorar de quatro a cinco anos para voltar aos níveis de 2013. Mercado A17

ILUSTRADA

Teor político marca debates no segundo dia da Flip, em Paraty 85

CIÊNCIA

Tartaruguinha carnívora do Paleoceno é achada em PE 810



Os galeses Hennessey (1) e Collins festejam em Nice (França)



A atriz Luiza Brunet

COTIDIANO

Atriz Luiza Brunet acusa ex-companheiro de agressão 89

ATMOSFERA

Cefimmo 82

Sol forte e umidade geram 30% de chuva

Mínima 13°C. Máxima 22°C

FALE COM A FOLHA

Vota como sempre em consulto com o serviço ao assinante, ao eletrônica e a distribuição. Fale.folha.com.br

CÓDIGO DE BARRAS: 0001-0001 0001-0001 0001-0001 0001-0001

0001-0001 0001-0001 0001-0001 0001-0001



NOVO HYUNDAI ix35. ELEITO O MELHOR SUV PREMIUM SUPERANDO TIGUAN, AUDI Q3 E Q5 E BMW X1, X3 E X4. EDIÇÃO ESPECIAL 2016 "IGUAL COMPRAR" DA REVISTA AUTOESPORTE.

VEJA NA PÁGINA 8.

NOVO ix35 2.0 FLEX A PARTIR DE R\$ 99.990

ix35. ELEITO O MELHOR SUV DO BRASIL E O MELHOR DO MUNDO NOS ESTADOS UNIDOS.

CAOA HYUNDAI NEW THINKING. REVEILHENDO AS POSSIBILIDADES. Todos juntos fazem um trânsito melhor. LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DOMINGOS ATÉ AS 19 HORAS.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 25 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 2 de julho de 2016

FOLHA DE S.PAULO
SÁBADO, 2 DE JULHO DE 2016 - A17

mercado

COTAÇÕES (ONTEM)
Bovespa +1,37% / 52.233 pontos
Poupança (hoje) ^{anterior} 0,6963%
Poupança (hoje) ^{atual} 0,6963%
Dólar livre R\$ 3,231/3,233
Dólar turismo R\$ 3,130/3,310

Produção industrial sinaliza recuperação

Pela primeira vez desde meados de 2012, fábricas conseguem passar 3 meses consecutivos sem baixa na atividade

Produtos de bens de capital, que indicam ritmo de investimento, tiveram aumento de 1,5% no mês de maio

BRUNO VILLAS BOAS
DO RIO

A produção da indústria brasileira ficou estável em maio e renovou sinais de que o período de perdas mais intensas pode ter passado, mostram dados do IBGE.

Divulgada nesta sexta (1º), a produção industrial do país ficou estável na passagem de abril para maio, após registrar aumento de produção em março (1,4%) e abril (0,2%).

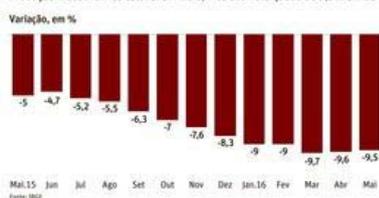
Pode parecer pouco, mas foi a primeira vez desde meados de 2012 que as fábricas conseguem atravessar um período de três meses consecutivos sem baixa na produção.

"O momento do setor é de estabilização. A recuperação vai começar em algum momento à frente", diz Marcel Caparoz, da RC Consultores.

SINAIS DE RECUPERAÇÃO
Outros indicadores reforçam essa tese. A confiança da indústria medida pela FGV melhorou pelo terceiro mês

PAROU DE CAIR

Produção industrial fica estável em maio, mas acumula queda de 9,5% em 12 meses



Varição em maio ante abril, em %



“O momento é de estabilização. A recuperação vai começar em algum momento à frente”

MARCEL CAPAROZ
economista da RC Consultores

O emprego, a renda e o crédito continuam jogando contra

RAFAEL CALZINI
economista do Ibope

de competitividade provocada pela desvalorização do dólar nos últimos anos. Depois, a crise econômica derrubou as vendas e elevou o nível dos estoques das empresas.

Na passagem de abril para maio, porém, 12 dos 24 ramos da indústria conseguiram acelerar a produção. A principal contribuição para o resultado geral veio de veículos automotores, rebocues e carrocerias (4,8%).

Outros segmentos relevantes que aceleraram a produ-

ção são perfumaria, limpeza e higiene pessoal (3,6%) e as indústrias extrativas (1,4%) e metalurgia (3,4%).

SINAIS DE INVESTIMENTO

Das grandes categorias econômicas, os bens de capital (incluindo máquinas e equipamentos) chamam a atenção dos analistas, porque são um termômetro dos investimentos no país.

Passada pelo ramo de caminhões, a fabricação de produtos de bens de capital aumentou

1,5% em maio em relação ao mês anterior, a quinta alta seguida (período em que acumulou avanço de 9%).

Em relatório a clientes, o Bradesco prevê que o dado sugere um aumento dos investimentos no PIB do segundo trimestre (eles estão em queda há dez trimestres).

SINAIS DE DIFICULDADE

Rafael Calzini, economista do Ibope (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), porém, diz que continua prematuro falar numa retomada do setor.

"É clara a existência de uma ruptura da trajetória industrial de 2015 para 2016. Mas o emprego, a renda e o crédito continuam jogando contra o desempenho da indústria", avalia Calzini.

Quando iniciada, essa retomada também será lenta e tortuosa. Para recuperar as perdas de produção registradas desde seu melhor momento histórico, em junho de 2013, a produção teria de avançar mais de 25%.

Pelas contas de Alberto Ramos, diretor de pesquisa econômica para América Latina do Goldman Sachs, serão necessários de quatro a cinco anos para conseguir esse tipo de crescimento.

Cliente HSBC Brasil, seja bem-vindo ao Bradesco.

O Bradesco está assumindo as operações do HSBC no Brasil. Isso significa que os clientes HSBC Brasil passarão a ser clientes Bradesco por meio de um processo natural de transição no qual todas as etapas serão detalhadamente divulgadas.

Para você, que é cliente HSBC Brasil, nada muda em seu dia a dia. Na prática, as agências do HSBC Brasil continuam existindo e os gerentes de relacionamento de cada conta permanecem atendendo seus respectivos clientes.

Agora você contará com uma rede de agências ainda maior, soluções tecnológicas integradas, atendimento ampliado em nossos canais digitais e muito mais.

Se você está chegando do HSBC Brasil, aceite o nosso abraço de boas-vindas.

Se você já é cliente Bradesco, parabéns: o seu banco ficará ainda maior e mais próximo.



Bradesco
Tudo de BRA para você.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Na linha fina, o jornalista Bruno Villas Bôas aplica o dispositivo de silenciamento no texto ao fazer uma comparação com 2012. No discurso impresso, tem-se que: “pela primeira vez desde meados de 2012, fábricas conseguem passar 3 meses consecutivos sem baixa de atividade”. A presença desse marcador discursivo, mostrando o período em que Dilma esteve na Presidência, fica em evidência. As escolhas semânticas **pela primeira vez, conseguem e 3 meses** mostram a valorização do governo Temer, uma vez que Dilma é afastada no dia 12 de maio de 2016, totalizando aproximadamente dois meses do mandato de Temer.

Nos dois primeiros parágrafos do texto principal, a reportagem enfatiza que a “produção da indústria brasileira ficou estável” e “a produção industrial do país ficou estável”. A intensidade de significação da palavra *estável* aparece como um adjetivo que se associa aos termos *firme* e *duradouro*. A afirmativa desse momento aparece na fala de Marcel Caparoz, da RC Consultores, que aponta “o momento do setor é de estabilização. A recuperação vai começar em algum momento à frente”. Esse **momento à frente** estabelece uma relação com Dilma, uma vez que toda a responsabilidade de o Brasil ter **mergulhado** e **afundado** pertence ao seu governo. Em nenhum momento o nome de Dilma é citado na reportagem, todavia, percebe-se um enunciado tendencioso voltado à sua gestão.

Novamente aparece a palavra *recuperação* em um intertítulo, semelhante à matéria anterior. Conforme cita Barthes (1984), “a ação repentina de uma única palavra pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão”. A crise econômica dá destaque ao texto ao apontar que ela “derrubou as vendas e elevou o nível de estoques nas empresas”. Esse sujeito explícito, *a crise*, representa o governo de Dilma, enquanto o termo *recuperação* faz uma analogia com o governo Temer, que ocupa de maneira interina a Presidência do país.

A reportagem cria uma intertextualidade ao elencar que, na passagem de abril para maio, porém, 12 dos 24 ramos da indústria conseguiram acelerar a produção. Essa intertextualidade é trabalhada com o dispositivo de silenciamento, uma vez que Dilma foi afastada no dia 12 de maio. A comparação de períodos, fazendo referência a uma efetiva melhora, faz com que o leitor coloque em prática as memórias discursivas, estabelecendo relações entre os dois governos.

O aumento do PIB, considerado um fator decisivo da crise, também foi explorado no texto, no qual o jornalista enuncia que: “em relatório a clientes, o Bradesco prevê que o dado sugere um aumento dos investimentos no PIB do segundo trimestre (eles estão em queda há dez trimestres)”. Ao utilizar os parênteses (eles estão em queda há dez trimestres), a reportagem

traz uma forma metaenunciativa que desempenha função particular como justificativa, explicação, correções, reformulações teóricas ou até mesmo alusões. Nesse caso, os parênteses foram utilizados como justificativa para mostrar que foi durante o segundo mandato de Dilma que o PIB não teve nenhum crescimento.

No discurso direto, percebe-se, segundo Maingueneau (2001, p. 139), que “o discurso relatado constitui uma enunciação sobre outra enunciação; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante”. Nesse caso, a reportagem apresenta apenas uma citação direta, “O momento do setor é de estabilização. A recuperação vai começar em algum momento à frente”, diz Marcel Caparoz, da RC Consultores”, “simulando” uma reconstituição da fala.

Acerca da utilização do discurso indireto, Maingueneau (2001, p. 149-150) afirma que “o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas, sim, o conteúdo do pensamento”, o autor complementa também que no discurso indireto “a escolha do verbo introdutor é bastante significativa, pois condiciona a interpretação, dando certo direcionamento ao discurso citado”. O verbo mostrar é utilizado para evidenciar os dados, no parágrafo “A produção da indústria brasileira ficou estável em maio e renovou sinais que o período de perdas mais intensas pode ter passado, mostram dados do IBGE”.

Nessa mesma posição assumida do discurso indireto, percebe-se o posicionamento do jornal *Folha de S.Paulo*, indicando que “pode parecer pouco, mas foi a primeira vez desde meados de 2012 que as fábricas conseguiram atravessar um período de três meses consecutivos sem baixa na produção”.

Já nos marcadores enunciativos dos discursos direto e indireto, nos parágrafos, verbos introdutórios de opinião foram utilizados e são considerados da esfera da subjetividade, como o verbo **dizer** e **avaliar**, mostrados nas partes textuais: “O momento do setor é de estabilização. A recuperação vai começar em algum momento à frente”, **diz** Marcel Caparoz, da RC Consultores”, e “Rafael Cagnin, economista do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), porém, diz que continua prematuro falar numa retomada do setor. “É clara a existência de uma ruptura de trajetória industrial de 2015 para 2016. Mas o emprego, a renda, e o crédito continuam jogando contra o desemprego da industrial, **avalia** Cagnin”.

Quadro 8 – Análise discursiva do jornal *Folha de S. Paulo*: “Indústria dá sinais de retomada após 2 anos”

Escolhas semânticas	recuperação, investimento, aumento, renovou, produção, estabilização, desempenho, acelerar
Intertextualidade	Apresenta sinais de recuperação
Dispositivos do silêncio local	Compara a gestão de Dilma e aponta a responsabilidade pelo não crescimento do Brasil
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“O momento do setor é de estabilização. A recuperação vai começar em algum momento à frente”, diz Marcel Caparoz, da RC Consultores.</p> <p>Discurso indireto</p> <p>A produção da indústria brasileira ficou estável em maio e renovou sinais que o período de perdas mais intensas pode ter passado, mostram dados do IBGE</p> <p>Pode parecer pouco, mas foi a primeira vez desde meados de 2012 que as fábricas conseguiram atravessar um período de três meses consecutivos sem baixa na produção (POSIÇÃO DO JORNAL)</p> <p>Além disso, os estoques de produtos finais do setor recuaram pelo sétimo mês consecutivo em maio, segundo a CNI (Confederação Nacional da Indústria)</p> <p>A crise do setor dura mais de dois anos. Somente de um ano para cá, 1,4milhão de postos de trabalho foram fechados, segundo a pesquisa de emprego do IBGE</p> <p>Pelas contas de Alberto Ramos, diretor de pesquisa econômica para a América Latina de Goldman Sachs, serão necessários de quatro a cinco anos para conseguir esse tipo de crescimento</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>Rafael Cagnin, economista do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), porém, diz que continua prematura falar numa retomada do setor. “É clara a existência de uma ruptura de trajetória industrial de 2015 para 2016. Mas o emprego, a renda, e o crédito continuam jogando contra o desemprego da industrial”, avalia Cagnin</p>

Fonte: Do autor.

A matéria do dia 13 de agosto de 2016 novamente apresenta o governo Temer como responsável por aumentar o PIB do País. A reportagem tem início com o texto “A arrecadação de impostos superou as projeções do governo em julho, após dois meses abaixo das estimativas oficiais, reforçando a confiança da equipe econômica nos primeiros sinais de recuperação da economia do país” (Figuras 26 e 27).

Figura 26 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 13 de agosto de 2016

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

ANO 95 • SÁBADO, 13 DE AGOSTO DE 2016 • Nº 31.909 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18H • R\$ 4,00

baby do brasil

RAFAEL SILVA, O "BABY", É BRONZE, MAS JUDÔ NÃO BATE META DE MEDALHAS 81



Rafael Silva comemora após sua última luta

Governo vê indícios de melhora na arrecadação

Fazenda refaz projeções de crescimento do PIB e já fala em evitar alta de imposto

A arrecadação tributária superou as projeções do governo em julho, após dois meses abaixo das estimativas oficiais. Para a equipe econômica, o resultado reforça sinais de retomada econômica. A gestão Michel Temer (PMDB) previa crescimento em 2017 de 1,2% do PIB (soma das riquezas produzidas pelo país). A nova projeção, a ser definida na próxima semana, poderá passar de 1,5%. Caso a previsão se concretize, aumentam as chances de evitar alta de impostos, avaliam assessores do ministro Henrique Meirelles (Fazenda).

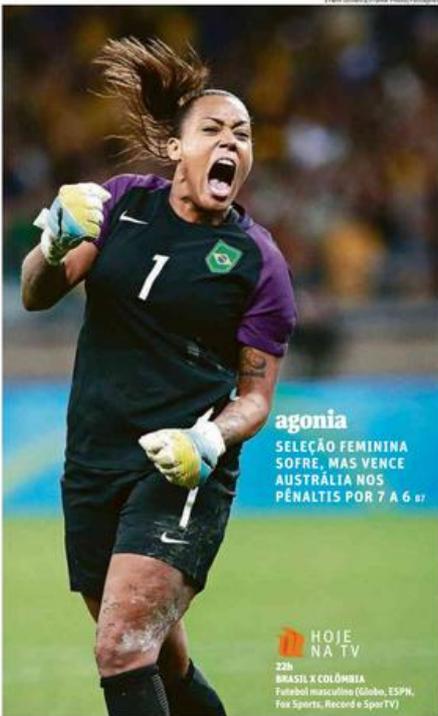
O boletim Focus, em que o Banco Central reúne análises do mercado financeiro, estima crescimento de 1,1%. A **Folha** apurou que as receitas federais superaram em R\$ 500 milhões o total previsto para julho — o equivalente a 0,5% do esperado. O resultado, no entanto, é insuficiente para reverter a tendência de queda das receitas do governo, que se iniciou no fim de 2014 e se aprofundou com a recessão. A previsão do governo federal é fechar suas contas neste ano com um rombo de R\$ 170,5 bilhões. Mercado pág. 1

boxe
ROBSON CONCEIÇÃO GARANTE MEDALHA PARA O BRASIL NA CATEGORIA LEVE 81

raio na pista
BOLT ESTREIA NAS PISTAS HOJE; VEJA MAIS DESTAQUES DO ATLETISMO 89

doping
BRASILEIRO DO CICLISMO E MAIS TRÊS ATLETAS SÃO SUSPENSOS 87

ANDRÉ BARCINSKI
Atletas da Coreia do Norte podem ter que pagar com a vida um fracasso olímpico 85



agonia

SELEÇÃO FEMININA SOFRE, MAS VENCE AUSTRÁLIA NOS PÊNALTIS POR 7 A 6 87

Bárbara, que defendeu duas cobranças; brasileiras enfrentarão Suécia na semi, na terça (16)

QUADRO DE MEDALHAS
Considerando total de ouro*

1ª	EUA	20	13	17	50
2ª	China	13	10	14	37
3ª	Rússia	7	9	4	22
4ª	Japão	7	3	34	24
5ª	Coreia do Sul	6	3	4	13
6ª	BRASIL	1	2	4	7

*198 a 200

Compare a posição do Brasil na Rio-16 com Olimpíadas anteriores

Rio-2016	22ª
São Paulo-2016	21ª
London-2012	21ª
Beijing-2008	22ª
Atenas-2004	19ª
Sydney-2000	22ª

CIÊNCIA
Desastre natural tende a piorar conflito armado, mostra estudo 818

ILUSTRADA
Decisão sobre espólio de Kafka deve trazer à luz textos inéditos 81

ANDRÉ SINGER
Eleição em SP antecipa corrida pela Presidência

LUÍS F. CARVALHO FILHO
Texto contra abuso de poder deveria ter o apoio de Moro

A disputa entre Marta, Dória e Russomanno em São Paulo antecipa a corrida para ver quem carregará o troféu do antipetismo. Como Marta representa Serra e Dória simboliza Aekim, desconfio que Temer precisará colocar pelo menos um pé na candidatura Russomanno. Opinião A4

O movimento do juiz Sérgio Moro contra projeto de lei que define crimes de abuso de autoridade tem visões reacionárias. A lei atual é péssima. Editada em 2005, pune o prisão ilegal com pena de multa. Cotidiano B12

EDITORIAIS *Opinião A4*
Leia "Diversidade em alta", sobre eleição para a Prefeitura de São Paulo, e "Injustiças com o SUS", acerca da chamada judicialização da saúde.

HOJE NA TV

22h
BRASIL X COLÔMBIA
Futebol masculino (Globo, ESPN, Fox Sports, Record e SporTV)

ATMOSFERA *Cotidiano B12*
Sol quente e céu azul e temperatura: Mínima 19°C. Máxima 29°C.

É AGORA OU NUNCA.

COMPRE AGORA E COMECE A PAGAR AS PARCELAS SÓ NO ANO QUE VEM.

HB20 COMPLETÍSSIMO.

4 PARCELAS PAGAS PELA CADA.

ENTRADA + 30 26X R\$ 449

TAXA 0%



HB20 SEDAN 1.6 AUTOMÁTICO

CÂMBIO AUTOMÁTICO GRÁTIS

UM BÔNUS DE R\$ 4.300,00



HB20 COMPLETÍSSIMO

VEJA NA PÁGINA 7.

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DOMINGOS ATÉ AS 19 HORAS.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 27 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 13 de agosto de 2016



Gov. revê projeções para o Orçamento

Receita de julho supera previsão, e equipe econômica pode aumentar para 1,5% estimativa para o PIB no próximo ano

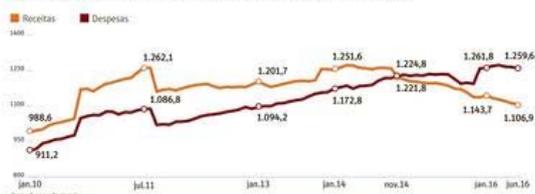
Ministério da Fazenda acha que retomada da economia pode ajudar a fechar contas sem aumento de impostos

VALDO CRUZ DE BRASÍLIA

A arrecadação de impostos superou as projeções do governo em julho, após dois meses abaixo das estimativas oficiais, reforçando a confiança da equipe econômica nos primeiros sinais de recuperação da economia do país. O governo do presidente interino, Michel Temer, apostava num crescimento de 1,2% do PIB (Produto Interno Bruto) no ano que vem, mas um assessor presidencial disse acreditar agora que a taxa poderá ficar acima de 1,5%. A nova projeção do governo para o PIB deve ser definida na próxima semana, no processo de elaboração da proposta de Orçamento da União para 2017, que será encaminhada ao Congresso. Segundo o boletim Focus, em que o Banco Central reúne projeções de economistas do mercado financeiro, os analistas esperam crescimento de 1,5% no ano que vem.

NO VERMELHO Arrecadação do governo vem perdendo força desde o fim de 2014

Evolução das receitas e despesas federais acumuladas em 12 meses, em R\$ bilhões corrigidos



A *Folha* apurou que as receitas administradas pela União ficaram R\$ 500 milhões acima do previsto pelo governo em julho. É o equivalente a 0,5% da arrecadação prevista para o mês por analistas do mercado, segundo o Ministério da Fazenda. O resultado é insuficiente para reverter a tendência de queda das receitas do governo, que teve início no fim de 2014 e se aprofundou com a

recessão econômica. A meta do governo federal é fechar suas contas neste ano com um déficit de R\$ 170,5 bilhões. Nos meses de maio e junho, o governo tinha registrado uma frustração de receita de R\$ 4 bilhões, em relação às projeções orçamentárias. Caso se confirme a previsão de um crescimento de pelo menos 1,5% no ano que vem, a equipe do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles,

avalia que há grandes chances de não precisar aumentar impostos para cumprir a meta fiscal de 2017, quando o governo espera reduzir seu déficit para R\$ 139 bilhões. Segundo um assessor, a probabilidade de aumento da carga tributária no próximo ano diminuiu. Numa hipótese mais otimista, em que a taxa de crescimento atingisse 2%, não haveria necessidade de aumentar tributos, disse.

Um auxiliar de Temer afirmou que a orientação do Ministério da Fazenda é não elevar impostos de forma precipitada, porque isso poderia prejudicar a recuperação da economia num momento em que surgem sinais positivos.

FRUSTRAÇÃO
No primeiro semestre, a frustração da receita em relação ao que estava previsto na lei orçamentária superou

R\$ 50 bilhões. Em 2015, também por causa da recessão econômica, a receita efetiva da União foi R\$ 115 bilhões menor do que a previsão que constava no Orçamento. Nas últimas contas do governo, ainda será necessário obter R\$ 50 bilhões para garantir o cumprimento da meta de fechar 2017 com déficit de R\$ 139 bilhões. A previsão anterior era de R\$ 55 bilhões. Parte desses recursos será coberta por uma reavaliação das projeções para a receita com a melhora na expectativa de crescimento da economia. Outra virá do programa de concessões e privatizações em discussão no governo. O aumento de impostos seria um último recurso. A ideia de aumentar alíquota da Cide, tributo cobrado sobre o preço dos combustíveis, perde força por causa do seu impacto inflacionário. O Banco Central é contra a medida. O governo estuda reaver alguns regimes especiais de tributação que beneficiam pouquíssimas empresas, o que poderia gerar uma receita de R\$ 1,5 bilhão. A equipe econômica estuda ainda acabar com isenções ou aumentar impostos sobre produtos consumidos por famílias de poder aquisitivo mais alto.

ANTECIPE-SE AO LANÇAMENTO
CENTRO

VIVA CITTÀ
VIDA INTEGRAL

Residência integrada ao Parque

1 > 2 > 3 dorms. com suite
»»» 34 a 59 m²

- » Bicicleta decorada na garagem
- » Office
- » Salão de jogos
- » Pet place
- » Salão de festas
- » Playground infantil
- » Spa com hidromassagem
- » Piscina adulto e infantil descoberta
- » Quadra recreativa
- » Jardim gourmet
- » Churrascoqueijaria e forno de pizza

NESTE FIM DE SEMANA, ABERTURA DO DECORADO.
O melhor lazer pelo menor preço por m² do Centro.

»»» A PARTIR DE R\$ 199 MIL* «««

*Valor variável e sujeito a alteração de acordo com o projeto executivo. Consulte o site para mais informações.

VISITE O DECORADO

»»» Tel.: **3181.6086** ««« www.br.brookfield.com/vivacitta «««

RUA GLICÉRIO, 114

Informações: **LOPES** **ITAPLAN**

Realização: **Brookfield** Incorporações

Incorporadora responsável: Brookfield São Paulo Empreendimentos, S.A. - CNPJ: 02.716.943/0001-80, com sede na Av. Marginal de Carini, 4.800 - Torre 3, 7º e 8º Andares - Jardim Papanova - CEP: 05522-000 - São Paulo-SP. Projeto arquitetônico: Roberto Carlinhos. Projeto decorativo: Niccolò Barozzi. Projeto de interiores: Ana Assunção de Aguiar. Registro de Incorporação: 02/16.016.026, no âmbito do 12154-017 e Registro de Imóveis nº 016.016.016. Todos os projetos e parâmetros são controlados pelo Ministério Público. Responsabilidades: CREA/SP 24022/O-1 - CREA/RJ 10.506/O-1 - CREA/RS 21.286/O-1.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Fica evidente nesse *lead* que o jornalista usou termos como *superou*, *reforçando* e *recuperação*, utilizados em praticamente todas as matérias analisadas do jornal *Folha de S.Paulo*, para criar significado ambíguo. A palavra *crescimento* é recorrente nessa reportagem,

sendo usada quatro vezes. A repetição dessa palavra, dentro do processo de conjuntura econômica, tem um papel conotativo, corroborando a visão de que o país se recupera da crise econômica e já apresenta sinais de crescimento. A expressão *recessão econômica*, como marcador enunciativo de negação, aparece no jornal sempre que é mencionada a gestão petista. Esse marcador de intertextualidade está no parágrafo: “A queda das receitas do governo, que teve início no fim de 2014 e se aprofundou com a recessão econômica”. Também se percebe que, ao aplicar o dispositivo de silenciamento total, abordando 2014, nesse caso, as palavras utilizadas de forma estratégica, na maioria das reportagens, são *mergulhou*, *aprofundou*, entre outras.

Nota-se também que o jornal não utiliza um sujeito explícito ao falar da equipe técnica de Michel Temer. Fala-se em equipe econômica. Na análise das reportagens durante o período que antecedeu o *impeachment*, o próprio jornal evidencia que Dilma não dava atenção à sua equipe e que muitas coisas foram feitas sem o acordo de ambos. Nesse caso, a reportagem mostra que Temer consulta e concede espaço para a equipe, ao apontar que ela “estuda ainda acabar com isenções ou aumentar impostos sobre produtos consumidos por famílias de poder aquisitivo mais alto”.

Um gráfico da evolução das receitas e despesas federais também foi utilizado como forma de se posicionar contrariamente à gestão Dilma. O marcador de silenciamento está em comparar tais receitas e despesas de 2010 até junho de 2016. O gráfico aponta o período de transição do governo Lula, em 2010, até Dilma. A utilização do trocadilho **no vermelho**, foi colocado em negrito, dizendo que a “arrecadação do governo vem perdendo força desde o fim de 2014”. Novamente o dispositivo de silenciamento apresenta o segundo mandato de Rousseff.

Na heterogeneidade enunciativa, junto com os marcadores do discurso direto, indireto e misto, essa reportagem pode gerar uma incerteza, uma vez que não aparece nenhuma fonte entrevistada e nos discursos indiretos presentes não constam o nome nem o cargo dos entrevistados.

Sabe-se em jornalismo, que um dos critérios de noticiabilidade é o jornalista pautar o conteúdo e citar via discurso direto ou indireto quem emitiu o enunciado.

Para Marcuschi (2007, p. 146) “ao se reproduzirem as opiniões de alguém, procede-se a uma nova seleção de termos e a outra construção sintática que as do autor”. Assim, a não reprodução, juntamente com os termos **apurou**, **segundo**, **estuda** e **afirmou**, cria efeito de sentido de “possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado”.

Quadro 9 – Análise discursiva do jornal *Folha de S.Paulo*: “Governo vê indícios de melhora na arrecadação”

Escolhas semânticas	revê, projeções, reforçando, confiança, recuperação, proposta, crescimento, reverter, aumentar, rever
Intertextualidade	Estimativas favoráveis aos leitores, mediante o que o que o governo de Michel Temer mostra
Dispositivos do silêncio local	Comparação da gestão Dilma Evolução das despesas Aumento das receitas
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto Não houve</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Segundo o boletim Focus, em que o Banco Central reúne projeções de economistas no mercado financeiro, os analistas esperam crescimento de 1,1% no ano que vem</p> <p>A Folha apurou que as receitas administrativas pela União ficaram R\$ 500 milhões acima do previsto pelo governo em julho. É o equivalente a 0,5% da arrecadação prevista para o mês por analistas do mercado, segundo o Ministério da Fazenda</p> <p>Segundo um assessor, a probabilidade de aumento da carga tributária no próximo ano diminuiu. Numa hipótese mais otimista, em que a taxa de crescimento atingisse 2%, não haveria necessidade de aumentar tributos”, disse</p> <p>Um auxiliar de Temer afirmou que a orientação do Ministério da Fazenda é não elevar os impostos de forma precipitada, porque isso poderia prejudicar a recuperação da economia num momento em que surgem sinais positivos</p> <p>O governo estuda rever alguns regimes especiais de tributação que beneficiam pouquíssimas empresas, o que poderia gerar uma receita de R\$ 1,5 bilhão. A equipe econômica estuda ainda acabar com isenções ou aumentar impostos sobre produtos consumidos por famílias de poder aquisitivo mais alto</p> <p>Discurso direto e indireto Não houve</p>

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Na reportagem da *Folha de S.Paulo*, de 29 de setembro de 2016, intitulada “Crise acelera volta dos empregos sem carteira assinada”, percebe-se um jogo de formas verbais como

encolhe e cresce (Figuras 28 e 29). Esse mecanismo aproxima o leitor do discurso e fazem com que as palavras construam significados pragmáticos, criando efeitos de sentido que o Brasil voltou a crescer.

Figura 28 – Manchete do jornal *Folha de S.Paulo*, 29 de setembro de 2016

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 96 • QUINTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2016 • Nº 31.956 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01:33 • R\$ 4,00

Candidato é morto a tiros em carreta no interior goiano

Um ataque a tiros em uma carreta em Itumbiara (GO) matou José Gomes da Rocha, o Zé Gomes, candidato do PTB à prefeitura da cidade, e feriu o vice-governador do Estado, José Eliton (PSDB). O atirador, Gilberto Ferreira do Amaral, o Beba, era auxiliar de serviços gerais da Secretaria Municipal de Saúde. Em troca de tiros com a polícia, ele e um cabo da PM morreram. O motivo da ação de Beba está sob investigação. Eleições 2016 pág. 5



Gilberto do Amaral na ação em que matou Zé Gomes, candidato a prefeito em Itumbiara (GO); no chão, o PM Vanilson Rodrigues, que também morreu

Doria tem 28% em SP, e Russomanno, 22%, afirma Ibope

Jólio Doria (PSDB) continua numericamente na liderança na corrida à Prefeitura de São Paulo, indica o Ibope. O racano repetiu os 28% obtidos no levantamento anterior. Celso Russomanno (PRB) oscilou de 24% para 22%. Como a margem de erros é de três pontos, estão no limite do empate técnico. Marta Suplicy (PMDB) tem 16%, Fernando Haddad (PT), 13%, e Laila Fundinã, do PSOL, 5%. Eleições 2016 pág. 1

ILUSTRADA

Peça de norueguês sobre transgressor ganha versão com Beatles e Queen c1

TURISMO

Sul de Flórida é mais conservado e menos disputado que o norte c1

CIÊNCIA

Ensino de arte e educação física gera benefícios, dizem estudos a7

ESPECIAL

Veja exemplos de profissões promissoras, as ditas 'criativas' pág. 1

Crise acelera volta dos empregos sem carteira assinada

Atuação informal na construção civil dispara 11% do 1º para o 2º trimestre; alta no serviço doméstico foi de 3,4%

Levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostra que entre o primeiro e o segundo trimestre de 2016 foram cortadas 225,7 mil vagas com carteira assinada e 259 mil pessoas deixaram de trabalhar por conta própria. Já no setor informal houve uma expansão de 668 mil postos, situação que diminui o poder de compra das famílias pois os rendimentos são, em média, 40% inferiores.

"As pessoas estavam se virando sozinhas, tentando formar seu próprio negócio. Mas neste ano essa alternativa se esgotou", diz Fernando de Holanda Barbosa Filho, economista da FGV-Rio. Um dos setores com maior elevação na informalidade foi o da construção civil, um dos mais afetados pela crise. Do primeiro para o segundo trimestre deste ano, as vagas formais caíram 4,2% e as informais subiram 10,7%.

Dinâmica similar se viu na categoria dos trabalhadores domésticos, com queda de 4,6% nos contratados com carteira assinada e aumento de 3,4% nos que exercem informalmente a função. A expansão da informalidade, além de inibir o consumo — um dos principais motores da atividade econômica —, afeta as receitas do governo, já que as contribuições à Previdência também diminuíram. Mercado pág. 1

STF adia decisão sobre acesso a medicamentos

O julgamento no STF que decidirá se o Estado é obrigado a fornecer medicamentos de alto custo ou que não são registrados no Brasil foi suspenso por pedido de vistas do ministro Teori Zavascki. A discussão havia sido retomada nesta quarta (28). Ainda não há data para que ela seja encerrada. Os três ministros que votaram propuseram critérios para o fornecimento de remédios sem registro no país. Cotidiano B1



Defensores de acesso a remédios fazem vigília em frente ao STF

ANÁLISE C. COLLUCCI

Sem critérios, desigualdade na saúde brasileira tende a crescer Cotidiano B3

MERCADO ABERTO

Prazo de bancos para repatriação de recursos está próximo do fim Mercado pág. 2

Individualização de penas do Carandiru volta a ser debatida

A decisão de anular os julgamentos que condenaram 74 PMs pelo massacre do Carandiru reabriu discussão sobre possibilidade de individualizar crimes cometidos por cada um dos policiais. Desembargadores argumentaram que não há provas das condutas individuais dos acusados. A Procuradoria diz que todos que participaram da invasão e atiraram têm responsabilidade pelo resultado final. Cotidiano B6

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Massacre, sim", sobre anulação de julgamento de PMs do Carandiru, e "Potencial desperdiçado", acerca de queda do Brasil em ranking global.

ATMOSFERA Cotidiano B2

Dia técnica nublado e com chuvas Min 15°C Max 26°C

FALE COM A FOLHA

Vista como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editoriais e assinaturas. E-mail: folha.com.br

mundos a11

Funeral de Shimon Peres terá mais de 80 líderes em Israel

CONTARDO CALLIGARIS

Somos os nossos piores censores e inimigos da nossa chance de pensar Ilustrada C6



A CAO A PAGA TABELA FIPE

A CAO A PAGA O VALOR CHEIO DA TABELA FIPE NO SEU HB20 SEMI-NOVO NA TROCA POR UM 0 KM.

NOVO HB20 COMPLETÍSSIMO

À VISTA

R\$ 39.990



Procedimento usado para a tabela

VEJA NA PÁGINA 7.

WWW.CAOA.COM.BR/HB20

ÚLTIMOS DIAS.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Figura 29 – Reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, 29 de setembro de 2016

FOLHA DE S. PAULO
QUINTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2016

mercado

Setor formal encolhe e vaga sem carteira volta a crescer

Com salário menor, aumento da informalidade trava retomada econômica

Redução de postos formais na construção foi de 4,2% em um trimestre; alta no setor informal foi de 10,7%

FERNANDA PEREIRA
DE SÃO PAULO

A perda de empregos no mercado formal tem levado muitos trabalhadores a aceitar vagas sem carteira assinada neste ano, com salários mais baixos e sem garantias. Produto da recessão em que o país mergulhou há dois anos, o fenômeno contribui para atrasar a retomada da economia. Os rendimentos do trabalho informal são, em média, 40% inferiores aos do setor formal, o que reduz o poder de compra das famílias, um dos principais motores da atividade econômica.

O aumento da informalidade também prejudica as receitas do governo, porque o desemprego e a migração dos trabalhadores para vagas sem carteira assinada reduzem as contribuições à Previdência.

Levantamento feito pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que, entre o primeiro e o segundo trimestres de 2016, foram cortadas 226 mil vagas com carteira assinada e 259 mil pessoas deixaram de trabalhar por conta própria. Do lado informal, porém, houve uma expansão de 668 mil postos no período.

"As pessoas estavam se virando sozinhas, tentando formar seu próprio negócio. Mas neste ano o conta própria caiu. Ou seja, essa alternativa se esgotou", diz Fernando de Holanda Barbosa Filho, economista da FGV (Fundação Getúlio Vargas) no Rio.

Isso indica uma crise tão profunda que não houve demanda suficiente nem mesmo para sustentar o trabalho por conta própria, diz Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico da Diretoria Departamental Interindustrial de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

Um dos setores com maior aumento de informalidade foi a construção civil. O número

COTAÇÕES/ONTEM

Bovespa **+1,67%** / 59.355 pontos

Poupança (01/10) ******** 0,6930%

Poupança (01/10) ******** 0,6930%

Dólar livre **R\$ 3,219/3,221**

Dólar turismo **R\$ 3,130/3,330**

NA INFORMALIDADE
Estoque de empregos formais cai, enquanto crescem vagas sem carteira assinada

Varição entre 1º e 2º tri de cada ano, em %

Trimestre	Com carteira	Sem carteira	Conta própria
2012	1,28	1,44	-1,28
2015	0,98	-0,64	-0,83
2016	1,34	4,5	-1,13

Número de trabalhadores, em milhões

Setor	1º tri. 2016	2º tri. 2016
Formal	2,13	2,04
Informal	1,26	1,39
Formal + Informal	3,39	3,43

Setor doméstico

Setor	1º tri. 2016	2º tri. 2016
Formal	2,16	2,06
Informal	4,11	4,25
Formal + Informal	6,27	6,31

Fonte: Ipea e IBGE

“As pessoas estavam se virando sozinhas, tentando formar seu próprio negócio. Mas neste ano essa alternativa se esgotou”

FERNANDA BARBOSA FILHO
economista do IBGE

INIMAGINÁVEL

Piscina de 50 m / Pool houses / Região da Faria Lima

Inimaginável?

ON SIXTY | cyrela.com.br

BY 100

(11) 3181-6279

COELHO DA FONSECA

CONSESSORES

CYRELA

Projeto arquitetônico: Arq. Roger Delacoste; Int. Arq. J. J. Costa e Carlos Rossi; Paisagismo: Bernardo Ribot; Incorporadora responsável: ON SIXTY Empreendimentos Imobiliários Ltda. O Memorial de Incorporação do empreendimento ON SIXTY foi registrado em 22/10/2015 sob o nº 1, no cartório 188.022 do 4º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo, SP. O empreendimento está em construção em um terreno localizado na Rua Quilô, nº 278, Jd. São Roberto - Jardim Paulista, Cidade Brasil, São Paulo, SP. Localização: Av. Faria Lima, 1.600 - 2º andar - CEP 04542-900 - São Paulo - SP. Contato: (11) 3181-6279. Registro Autônomo. Substituição, transferência de titularidade e equipamentos serão entregues conforme Memorial Descritivo. Propriedade arca com o pagamento das taxas de registro e de escritura em nome do proprietário.

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

Logo no primeiro parágrafo, percebe-se que a jornalista utiliza a palavra *perda*, afirmando que “A perda de empregos no mercado formal tem levado muitos trabalhadores a aceitarem vagas sem carteira assinada neste ano, com salários mais baixos e sem garantias”. O parágrafo é totalmente escrito em forma negativa.

No parágrafo seguinte, na frase “Produto de recessão em que o país mergulhou há dois anos”, observa-se que foi utilizada uma estratégia para abrandar a informação e fazer referência ao governo Dilma Rousseff (PT). Todavia, não aparece um sujeito explícito representando o governo. Assim, **recessão** e **mergulhou** fazem com que esses termos indiquem um futuro incerto sobre o Brasil.

A jornalista continua seu texto sempre utilizando expressões como *aumento da informalidade, prejudica o governo e reduzem a contribuição com a previdência*. Ao deparar com tais palavras em um mesmo parágrafo, as formas verbais *prejudica* e *reduzem* ainda são destaques, pois mostram aspectos semânticos utilizados de forma negativa como referência ao período de crise do governo PT.

Como fonte utilizada na matéria, o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) reafirmam esse contexto, pois o jornal apresenta números indicando que, entre o primeiro e segundo semestre de 2016, foram cortadas mais de 200 mil vagas com carteira assinada e que 259 mil pessoas deixaram de trabalhar por conta própria.

A complementação do texto se dá no momento em que aparece o testemunho do diretor técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos”, Ganz Lúcio: “Isso indica uma crise tão profunda que não houve demanda suficiente nem mesmo para sustentar o trabalho por conta própria”.

Percebe-se que o verbo *mergulhar*, apresentado no início da reportagem, se faz compreender nessa fala, na qual ele diz que a “crise é tão profunda”, ou seja, o Brasil mergulhou em uma crise e devido à sua gravidade será difícil conseguir sair.

A intertextualidade aparece no texto, no momento em que é apresentado um enunciado, dizendo que um dos setores com maior aumento da informalidade foi da construção civil. Provocar esse efeito de sentido no leitor é fazer relações com os planos da gestão anterior, como o Minha Casa Minha Vida, que fez com que aumentasse diretamente o número de empregos na construção civil.

Durante quatro parágrafos, é trabalhado o processo de queda da construção civil,

fazendo comparativos de 2012 até 2016, período em que Dilma Rousseff (PT) esteve na Presidência. Um economista da USP (Universidade de São Paulo), Hélio Zylberstajn, é entrevistado e afirma que essa recaída deve ser revertida com a retomada do crescimento, ou seja, o Brasil irá crescer só quando Temer assumir o país. Nesse momento, é fundamental lembrar que o julgamento oficial de Dilma só ocorre em agosto pelo Supremo Tribunal Federal. Essa maneira de enunciar proporciona uma forma de negatizar sua imagem. Essa é uma opção do jornal para comprometer a imagem pública e pressionar a votação do *impeachment* no Senado.

Na heterogeneidade enunciativa, percebe-se que o texto foi formado por três vozes enunciativas que estabelecem relações e efeitos de sentido no texto jornalístico.

O discurso direto no texto é neutro e é a “reprodução literal de palavras próprias ou alheias” (MALDONADO, 1991, p. 16). Diante disso, a preocupação do jornalista não está em citar fielmente as palavras, mas extrair o sentido delas e reafirmá-lo com termos como *diz*, *afirma* e *para ele*, remetendo às personalidades entrevistadas.

“Isso indica uma crise tão profunda que não houve demanda suficiente nem mesmo para sustentar o trabalho por conta própria, **diz** Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos)”.

“Essa recaída, porém, deve ser revertida com a retomada do crescimento, **afirma** o economista Hélio Zylberstajn, da USP (Universidade de São Paulo)”. “**Para ele**, a diferença é que atualmente, com o acolhimento do mercado formal, muitos trabalhadores acabam obrigados a optar por empregos de pior qualidade, sem a mesma proteção oferecida pelas vagas formais e com salários inferiores”.

O substantivo masculino *levantamento* foi utilizado no discurso misto, ou seja, direto e indireto, com base no IBGE para comprovar o número de vagas cortadas durante o ano.

“Levantamento feito pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que, entre o primeiro e o segundo trimestres de 2016, foram cortadas 226 mil vagas com carteira assinada e 259 mil pessoas deixaram de trabalhar por conta própria. Do lado informal, porém, houve uma expansão de 668 mil postos no período. “As pessoas estavam se virando sozinhas, tentando formar seu próprio negócio. Mas neste ano o conta própria caiu. Ou seja, essa alternativa se esgotou”, diz Fernando de Holanda Barbosa Filho, economista da FGV (Fundação Getúlio Vargas), do Rio”.

Quadro 10 – Análise discursiva do jornal *Folha de S.Paulo*: “Crise acelera volta de empregos com carteira assinada”

Escolhas semânticas	encolhe, cresce, perda, aceitar, recessão, mergulhou, atrasar, retomada, prejudica, reduzem, cortadas, tentando, informalidade, retração, recaída
Intertextualidade	Faz uma análise negativa desde 2012 Apresenta aspectos negativos do Minha Casa Minha Vida
Dispositivos do silêncio local	Comparação com o Minha Casa Minha Vida
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto “Os fatores que contribuíram para a formalização da economia, como maior escolaridade, maior fiscalização e nota fiscal, continuam”, diz Barbosa Filho, da FGV</p> <p>Discurso indireto Isso indica uma crise tão profunda que não houve demanda suficiente nem mesmo para sustentar o trabalho por conta própria, diz Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos)</p> <p>Essa recaída, porém, deve ser revertida com a retomada do crescimento, afirma o economista Hélio Zylberstajn, da USP (Universidade de São Paulo)</p> <p>Para ele, a diferença é que atualmente, com o acolhimento do mercado formal, muitos trabalhadores acabam obrigados a optar por empregos de pior qualidade, sem a mesma proteção oferecida pelas vagas formais e com salários inferiores</p> <p>Discurso direto e indireto Levantamento feito pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que, entre o primeiro e o segundo trimestres de 2016, foram cortadas 226 mil vagas com carteira assinada e 259 mil pessoas deixaram de trabalhar por conta própria. Do lado informal, porém, houve uma expansão de 668 mil postos no período “As pessoas estavam se virando sozinhas, tentando formar seu próprio negócio. Mas neste ano o conta própria caiu. Ou seja, essa alternativa se esgotou”, diz Fernando de Holanda Barbosa Filho, economista da FGV (Fundação Getulio Vargas), do Rio</p>

Fonte: Do autor.

4.2 Jornal *O Estado de S. Paulo*

Na primeira matéria analisada do jornal *O Estado de S. Paulo*, do dia 10 de janeiro de 2016, denominada “Crise econômica faz aumentar espera de desempregados por nova vaga”, verifica-se que o processo de escolha semântica aparece no primeiro parágrafo do texto jornalístico escrito por Renée Pereira, quando ele trabalha com uma hipótese aparente.

Para o jornalista: “Em pouco mais de um ano, o brasileiro saiu do quase pleno emprego para engrossar a fila dos desocupados, sem data para voltar ao mercado de trabalho”, com essa frase, percebe-se a falta de perspectiva de um cenário instável. Isso fica evidente também no segundo parágrafo: “O porcentual de desocupados há mais de sete meses subiu de 24,1% em janeiro do ano passado para 33,8% em novembro- o maior nível mensal desde 2006”.

Para dar credibilidade ao texto jornalístico, utiliza-se uma fonte, no caso um economista, que diz que “a recolocação mais lenta dos trabalhadores desestimula a busca por uma nova vaga e pressiona o aumento da população desalentada, que desiste de procurar emprego”. Outra fala que deixa evidente é “em parte, a demora para conseguir emprego também explica a reversão da tendência de crescimento da população economicamente ativa”.

Outra fonte é utilizada, o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João Saboia, que, nas palavras do jornalista, diz que “a melhora do mercado de trabalho demorou dez anos para ocorrer, gradualmente” e que “em poucos meses, parte desses ganhos se foi”, fazendo alusão a uma possível má gestão da presidente Dilma.

A frase “para economistas, o País ainda não atingiu o fundo do poço no mercado de trabalho. A tendência é que os indicadores continuem piorando ainda mais” mostra de forma negativa a gestão do PT. E reforça que “a taxa de desemprego vai aumentar; a renda cair; o número de pessoas ocupadas, minguar; e a informalidade, crescer” (Figuras 30 e 31).

Figura 31 – Reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, 10 de janeiro de 2016

B1 DOMINGO, 10 DE JANEIRO DE 2016

ESTADO DE S. PAULO

R&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

Bolsa Família sob pressão

Dependência do programa cresce com a crise

Pág. B5

Energia eólica ganha espaço

12% da energia do País até 2020 virá dos ventos

Pág. B6

Mercado de trabalho. Índice de desempregados que procura trabalho há mais de sete meses chegou a 33,8% em novembro, pior resultado desde 2006, segundo a Tendências; fatia de trabalhadores que consegue recolocação em 30 dias caiu de 29,6% para 20,2%

Crise econômica faz aumentar espera de desempregados por nova vaga

Renê Pereira

Em pouco mais de um ano, o brasileiro saiu do quase pleno emprego para engrassar a fila dos desocupados, sem data para voltar ao mercado de trabalho. Um levantamento feito pela Tendências Consultoria Integrada, a pedido do 'Estado', mostra que, com a rápida deterioração da atividade econômica em 2015, o trabalhador está demorando mais tempo para conseguir um novo emprego.

O percentual de desocupados há mais de sete meses subiu de 24,3%, em janeiro do ano passado, para 33,8% em novembro — o maior nível mensal desde 2006. A faixa que mais cresceu foi a que inclui desempregados entre 7 e 11 meses, cujo percentual dobrou no período, de 7,3% para 14,2%. Enquanto isso, o percentual de trabalhadores que conseguia emprego no curto prazo, em até 30 dias, caiu de 29,6% para 20,2%. A faixa entre 31 dias e seis meses ficou estável, com 46% dos desocupados.

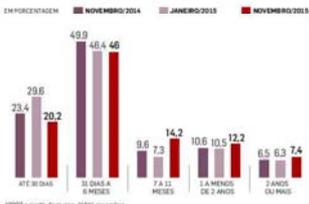
Segundo Thiago Xavier, economista da Tendências, a recolação mais lenta dos trabalhadores desestimula a busca por uma nova vaga e pressiona o aumento da população ociosa por um tempo, que desiste de procurar emprego. Ele explica que esse grupo de trabalhadores cresceu 17,6% no acumulado de 12 meses até novembro de 2015. No

RÁPIDA DETERIORAÇÃO

Tempo que o brasileiro fica desempregado aumentou no último ano

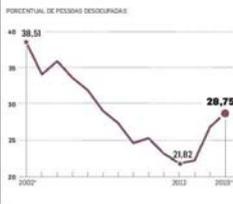
Perfil do desemprego

Percentual da população desocupada por tempo de procura



Média anual dos últimos anos

(mais de sete meses)



Taxa de desemprego

ACUMULADA EM 12 MESES ATÉ NOVEMBRO DE CADA ANO



mesmo período do ano anterior, havia queda de 8,2% nessa população. "Em parte, a demora para conseguir emprego também explica a reversão da tendência de crescimento da população economicamente ativa (a partir de outubro)."

Reversão. Os primeiros sinais de deterioração do mercado de trabalho começaram a aparecer em 2014. Embora a taxa de desemprego da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), de 4,8%, tenha atingido o menor nível da

série histórica, houve redução do número de vagas naquele período. Além da economia já demonstrar fraqueza, o avanço da Operação Lava Jato provocou uma série de demissões em massa na construção civil, que se intensificou no início de 2015.

"O que mais assustou a velocidade com que os índices de emprego pioraram", afirma João Saboia, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo ele, a melhora do mercado de trabalho demora dez anos para ocorrer, gra-

Brasil volte aos níveis do início dos anos 2000, na casa de 12%. Isso significaria tirar o emprego de aproximadamente 1 milhão de brasileiros. Entre janeiro e novembro do ano passado, último dado disponível, o País já havia perdido 945,363 postos de trabalho, segundo dados do Caged. Em 12 meses, foram fechadas 1.527.463 vagas.

Chaila afirma que a economia ainda não sentiu todos os efeitos desse avanço do desemprego por causa das indenizações e do seguro-desemprego. "Nessa fase, as pessoas otimizam o consumo, mas não eliminam todos os gastos. A partir do momento que esse dinheiro acaba, elas são obrigadas a cortar tudo. Já entra a segunda onda de demissões, que será no comércio." Pelas contas dos economistas, essa segunda rodada deve ocorrer no fim do primeiro semestre e provocar uma piora generalizada da economia.

Para os economistas, ainda é difícil vislumbrar uma perspectiva de reversão do desemprego, que é o último a reagir numa recessão. A recuperação dos indicadores vai depender da melhora das expectativas, diz Saboia. "O problema é que o cenário interno está muito complexo, seja do ponto de vista econômico ou político. A questão do impeachment precisa ser definida com urgência, seja qual for a decisão, para que o País volte a caminhar em alguma direção."

Preocupação

"O que mais assustou é a velocidade com que os índices pioraram. Em poucos meses, parte do ganho se foi."

João Saboia
PROFESSOR DA UFRJ

(alho) alcance os dois dígitos já em janeiro", diz Xavier. Alexandre Chaila, economista e professor do Insper, acredita que a taxa de desemprego do

Ano novo, vida nova

META DE 2016: 'ARRUMAR UM EMPREGO'

Na primeira semana do ano, desempregados saem em busca de nova chance no mercado

Depois de passar boa parte de 2015 desempregada, à base de bicos e com o dinheiro da indenização do último emprego, Cátia de Jesus Soares, de 35 anos, traçou uma única meta para 2016: conseguir um emprego, e logo. Na quarta-feira passada, na primeira semana do ano, ela e a amiga Claudete Maria da Silva, de 35 anos, saíram cedo do Jardim Boa Vista, na Zona Oeste de São Paulo, para tentar a sorte no Centro de Apoio ao Trabalhador (CAT), da Prefeitura, no bairro da Luz.

As duas trabalhavam em hotel e foram demitidas no ano passado por causa da crise econômica — justificativa dada pelos empregadores, afirmam elas. Cátia está há quase um ano desempregada e Claudete, há seis meses. "Está muito difícil conseguir emprego. Já fiz algumas entrevistas, mas nenhuma deu certo", diz Cátia, baiana de Ilhéus, que mora há sete anos em São Paulo.

Mãe de uma menina de dois anos, cujo pai desapareceu, ela tem sobrevivido nos últimos meses de bicos na área de limpeza, que agora

também estão escassos, e da ajuda dos irmãos, que dão uma cesta básica por mês. "Mas tem as outras necessidades, como roupa para a filha e transporte. Tenho vergonha de pedir dinheiro para eles. O ideal é estar empregada e não depender de ninguém." Cátia era camaraira e tem buscado emprego em qualquer área.

Claudete trabalhou quatro anos e seis meses em um hotel da capital até ser demitida. O dinheiro da indenização e do seguro-desemprego já acabou e ela ainda está com o nome sujo na praça. "Quando estava empregada tinha o meu salário, cesta básica e vale-refeição. Tudo isso reforçava o orçamento mensal. Sem essa renda, tive de cortar todas as coisas supérfluas, como sobremesa, pizza e McDonald's."

O porteiro Denis Zacarias de Jesus, de 40 anos, também tem passado por nos últimos meses. Casado, pai de dois filhos, sendo um recém-nascido, ele está há seis meses desempregado — a mulher saiu do emprego depois que o filho nasceu. O que segurou o orçamento dele nesse tempo foi um consórcio que havia feito para a compra de uma motocicleta. Como já ha-



Em apuros. Desempregado há seis meses, Denis de Jesus teve de vender uma moto para bancar as contas da casa



Efeito. Sem renda, Claudete cortou todos os supérfluos



Ativo. Ex-camaraira, Cátia busca vaga em qualquer área

via pago boa parte do bem, ele retirou a moto e vendeu. Com o dinheiro, pagou dívidas e tem se mantido até hoje.

Além dos gastos com os filhos e despesas com água e luz, ele paga R\$ 500 de aluguel. "Antes conseguia fazer alguns bicos como pintor e pedreiro, mas ho-

je não tem mais nada", diz ele, que conseguiu uma carta de recomendação no CAT para fazer entrevista numa empresa.

Ônibus. Essa também era a esperança de Jacqueline Miriam Domêlles da Silva, de 47 anos. Há três meses desempregada,

ela estava à procura de uma vaga na área de limpeza anunciada pelo CAT. Sozinha, teve de voltar a morar com a mãe, em Embu, na Grande São Paulo, por falta de dinheiro. Antes, dividia um apartamento com uma prima no centro de São Paulo. Sem recursos até mesmo

para a passagem de ônibus, ela conta que tem andado a pé para economizar. "Nos últimos dois meses, tenho batido a perna para tentar achar um emprego, mas está difícil. Até para auxiliar de limpeza eles fazem uma série de exigências." /R.P.

O professor do Insper, Alexandre Chaia, fonte consultada pelo jornalista, finaliza o discurso dizendo que “o problema é que o cenário interno está complexo, seja do ponto de vista econômico ou político. A questão do *impeachment* precisa ser definida com urgência, seja qual for a decisão, para que o país volte a caminhar em alguma direção”. Nesse discurso, percebem-se marcas semânticas afirmando que retirar a então presidente Dilma Rousseff do poder é a saída para acabar com essa crise econômica. A matéria traz claramente uma associação do fim da crise econômica com o *impeachment* de Dilma, sobretudo quando dá voz a economistas de renomadas instituições acadêmicas, reforçando a legitimidade do discurso do jornal.

Na intertextualidade, nota-se o recurso da memória discursiva. Em alguns momentos, ficam evidentes traços de um discurso voltado para Dilma Rousseff, em que o jornalista abre um intertítulo “Reversão”, e diz que “os primeiros sinais de deterioração do mercado de trabalho começaram a aparecer em 2014”, fim do primeiro mandato de Dilma e início do segundo. Para fundamentar ainda esses interdiscursos, o jornalista utiliza argumentos afirmando que a Operação Lava Jato colaborou para a falta de emprego, na passagem “o avanço da Operação Lava Jato provocou uma série de demissões em massa na construção civil, que se intensificou em 2015”, período em que Dilma inicia o segundo mandato.

No processo de silenciamento, tem-se a crise internacional como pano de fundo e indicadores de desemprego, ocorridos também na gestão FHC, como foi mencionado anteriormente.

Na heterogeneidade enunciativa, o conceito de discurso misto, em que se trabalha com o discurso direto e o indireto, teve mais destaque. No total, nove parágrafos compuseram a reportagem jornalística, sendo o texto praticamente construído com falas de agentes discursivos. Apenas os dois primeiros parágrafos da reportagem são ancorados pelo discurso do próprio jornal e os outros por vozes de personagens que irão reforçar o discurso do *impeachment*, mostrando um Brasil em franco declínio na perspectiva econômica.

A expressão *para economistas* foi utilizada três vezes como ferramenta discursiva para fortalecer o discurso da crise econômica. Na perspectiva do discurso, a expressão foi colocada no texto discursivo direto e indireto como forma de legitimar o discurso do jornal, ao trazer um especialista econômico para a reportagem. O que fortalece ainda mais um discurso negativo, já que todas as entrevistas estabelecem uma associação com o governo Dilma, aludindo que uma mudança só aconteceria após o segundo semestre de 2016, quando o *impeachment* se efetivasse.

As palavras *segundo* e *afirma* aparecem como marcadores discursivos nesses enunciados, evidenciando as marcas do discurso direto e indireto. Ao fazer uso apenas de um discurso indireto, a forma verbal *acredita*, utilizada na fala de um economista, tem o sentido de ficar convencido de algo ou crer. Assim, são apresentados números fazendo um comparativo de 12 meses, período em que Rousseff ficou na Presidência.

Quadro 11 – Análise discursiva do jornal *O Estado de S. Paulo*: “Crise econômica faz aumentar espera de desempregados por nova vaga”

Escolhas semânticas	desempregados, assusta fundo do poço, engrossar, deterioração, demorando, mais lenta, queda, redução, fraqueza, demissões, índices de emprego pioraram, demora, renda cair, número de pessoas ocupadas, minuar, informalidade crescer, voltar ao início, fechadas, dinheiro acaba, cortar tudo, reagir numa recessão
Intertextualidade	Faz uma análise desde 2002 do perfil do desempregado Mostra que os primeiros “sinais de deterioração” apareceram em 2014 Melhora do “mercado ocorre daqui 10 anos”
Dispositivos do silêncio local	Crise internacional Indicadores de desemprego na gestão Fernando Henrique Cardoso
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“O que mais assusta é a velocidade que os índices de emprego pioraram”, afirma João Saboia, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Alexandre Chaia, economista e professor do Insper, acredita que a taxa de desemprego do Brasil volte aos níveis do início dos anos 2000, na casa de 12%. Isso significaria tirar o emprego de aproximadamente 3 milhões de brasileiros. Entre janeiro e novembro do ano passado, último dado disponível, o País já havia perdido 945.363 postos de trabalho, segundo os dados do Caged. Em 12 meses, foram fechadas 1.527.463 vagas</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>Segundo Thiago Xavier, economista de tendências, a recolocação mais lenta dos trabalhadores desestimula a busca por uma nova vaga e pressiona o aumento da população desalentada, que desiste de procurar emprego. Ele explica que esse grupo de trabalhadores cresceu 17,6% no acumulado de 12 meses até novembro de 2015. No mesmo período do ano anterior, havia queda de 8,5% nessa população. “Em parte, a demora para conseguir emprego também explica a reversão da tendência de crescimento da população economicamente ativa (a partir de outubro)”</p> <p>Segundo ele, a melhora do mercado de trabalho demorou dez anos para ocorrer, gradualmente. “Em poucos meses, boa parte desse ganho se foi”</p> <p>Para economistas, o País ainda não atingiu o fundo do poço no mercado de trabalho. A tendência é que os indicadores continuem piorando ainda mais: a taxa de</p>

	<p>desemprego vai aumentar; a renda cair; o número de pessoas ocupadas; minguar; e a informalidade, crescer. “Pelos nossos cálculos, é possível que o índice de desemprego (de 8,9% pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Caged, do Ministério do Trabalho) alcance os dois dígitos já em janeiro”, diz Xavier</p> <p>Chaia afirma que a economia ainda não sentiu todos os efeitos desse avanço do desemprego por causa das indenizações e do seguro-desemprego. “Nessa fase, as pessoas otimizam o consumo, mas não eliminam todos os gastos. A partir do momento que esse dinheiro acaba, elas são obrigadas a cortar tudo. Aí entra a segunda onda de demissões, que será no comércio”. Pela conta dos economistas, essa segunda rodada deve ocorrer no final do primeiro semestre e provocar piora generalizada na economia</p> <p>Para os economistas, ainda é difícil vislumbrar uma perspectiva de reversão do desemprego, que é o último a reagir numa recessão. A recuperação dos indicadores vai depender da melhora das expectativas, diz Saboia. “O problema é que o cenário interno está muito complexo, seja do ponto de vista econômico ou político. A questão do impeachment precisa ser definida com urgência, seja qual for a decisão, par que o País volte a caminhar em alguma direção”</p>
--	--

Fonte: Do autor.

Na segunda reportagem, intitulada “País fecha 1,5 milhões de vagas e analistas preveem piora”, logo no primeiro parágrafo do texto, percebe-se a utilização da palavra *retração* (Figuras 32 e 33). Esse substantivo, que remete à volta ao estado anterior, reforça um discurso de piora, medo, e até uma condição de insegurança para o trabalhador brasileiro.

Pensar a crise pelo viés econômico, que faz parte desta tese, é também compreender que seu efeito causou inúmeros problemas para a contratação de trabalhadores. O jornalista, ao analisar a situação do Brasil nesse parágrafo, por meio de números da Ceaged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), diz que o cenário “é o pior nos últimos 24 anos”, e termina afirmando que “o mercado espera que 2016 tenha um desemprego semelhante, com alguns analistas prevendo um ano ainda pior”.

Em um único parágrafo, a palavra *pior*, utilizada como um advérbio de modo, intensifica o sentido da palavra enunciada no campo semântico. Esse modo de utilização coloca a língua em ação e proporciona que a comunicação definida como uma operação intrapragmática

estabeleça sentido para quem está lendo, expressando uma ideia já definida da situação dos discursos.

Figura 32 – Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo*, 22 de janeiro de 2016

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1859 JULIO MESQUITA (1867 - 1957)

22 DE JANEIRO DE 2016 R\$ 4,00 ANO 137 Nº 44856 EDIÇÃO DE 23H40 estado.com.br

SEXTA-FEIRA



Caderno 2
Dos dois lados David Duchovny, de *Arquivo X*, estreia como autor de ficção



Crise. Em vez de cruzeiro, encontro de Roberto Carlos com fãs será em resort. **PÁG. C6**



Música. Janaina Fellini lança *Casa Aberta* e faz show em SP. **PÁG. C8**

País fecha 1,5 milhão de vagas e analistas preveem piora

Indústria foi setor que mais cortou; governo acredita em reversão da crise

O Brasil fechou 1,5 milhão de postos de trabalho com carteira assinada em 2015. O resultado do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) é o pior dos últimos 24 anos, segundo o Ministério do Trabalho e Previdência. Analistas de mercado já esperam para este ano um desempenho semelhante ou até pior. A indústria foi responsável pelo maior número de cortes de vagas – 668,8 mil. A construção civil ficou em segundo, com menos 417 mil. O único setor que mais contratou do que demitiu foi a agricultura, com saldo positivo de 9,8 mil. O estoque de empregos no País caiu 3,7%, retrocedendo ao patamar de 2014. Só em dezembro, foram encerradas 596 mil vagas. De acordo com o ministro do Trabalho e Previdência Social, Miguel Rosseto, o resultado de 2015 foi pior que o esperado pelo governo, mas “não foi capaz de destrair as conquistas dos trabalhadores dos últimos anos”. Ele disse esperar reversão da crise e retomada das contratações. **ECONOMIA / PÁG. B1**

● **Queda na arrecadação**
A crise afetou fortemente o pagamento de impostos por empresas e pessoas físicas. O total arrecadado pela Receita Federal em 2015 foi de R\$ 1,22 trilhões, 5,6% menos do que em 2014. **PÁG. B3**

● **O problema são os emergentes**
Ex-economista-chefe do FMI, Kenneth Rogoff disse, em Davos, que a queda do petróleo é boa para o crescimento global. Para ele, Brasil e Rússia são os emergentes em pior situação. **PÁG. B5**

● **Direito da Fonte**
O pacote de incentivo ao consumo que o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, está montando incluirá uma fórmula pela qual a garantia de compra seria o FGTS do comprador. **PÁG. C2**

Dólar atinge maior valor desde o início do Plano Real

O dólar foi afetado pela manutenção da taxa básica de juros e fechou o dia com alta de 1,73%, cotado a R\$ 4,1720, o maior valor nominal (sem considerar a inflação) desde o início do Plano Real, em 1994. Para o mercado, houve interferência política na decisão do Banco Central. A Bolsa, influenciada pelo aumento do preço do petróleo, que subiu 4,16% em Nova York, terminou o dia com ganho de 0,19% no Ibovespa. **ECONOMIA / PÁG. B4**

Manutenção de juro fortalece Tombini, avalia mercado

A decisão do Copom de manter a taxa de juros em 14,25% ao ano, enquanto o mercado esperava elevação, afetou a credibilidade do Banco Central, mas não enfraqueceu o presidente Alexandre Tombini no cargo, segundo analistas consultados pelo *Brazilist*. A avaliação é de que ele está politicamente forte, já que a mudança de posição atende à pressão do governo. Apesar de o resultado não ter sido unânime, não há divergências na diretoria do BC e o clima é de coesão. **ECONOMIA / PÁG. B4**

Delator diz que Vaccari cuidava de propinas

O lobista Milton Pasowitich afirmou anteontem à Justiça Federal que o ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto assumia em 2010 o controle do pagamento de propinas ao partido no esquema de corrupção da Petrobras. Ele disse ter entregue dinheiro com “malinha de rodinha” a Vaccari no Diretório Nacional do PT, em São Paulo. **POLÍTICA / PÁG. A4**

● **Capez é acusado de fraude**
O presidente da Assembleia paulista, Fernando Capez (PSDB), e um ex-funcionário da gestão Geraldo Alckmin são acusados de participar de fraude em merenda. Capez nega. **PÁG. A8**

Macri ‘vende’ Argentina pós-populismo em Davos

O presidente argentino, Mauricio Macri, chegou a Davos para apresentar uma Argentina pós-populista, disposta a negociar com credores, fazer ajustes e com oportunidades de investimento, informa *Rolf Kuntze*. Sobre a recessão brasileira, disse que afeta seu país, mas a desvantagem pode ser atenuada se investimentos dirigidos ao Brasil forem para a Argentina. **ECONOMIA / PÁG. B7**

Samarco aceita acordo para reduzir danos

METROPÓLE / PÁG. A18

USP, Unicamp e Unesp terão menos verba

METROPÓLE / PÁG. A23

Ato do MPL tem adesão menor

Manifestantes sentados na Rua Boa Vista, no centro, durante ato do Movimento Passe Livre contra o aumento das tarifas de transporte. Protesto teve menor adesão que anteriores e, pela primeira vez, seguiu sem mascarados na linha de frente. Para Fernando Haddad, passe livre para todos só elegendo um prefeito “mágico”. **METROPÓLE / PÁG. A14**

MARCOS MENDES e BERNARD APFY
Injusto, ineficiente e caro
A alternativa às reformas é a estagnação econômica e a consolidação da desigualdade extrema. **ESPAÇO ABERTO / PÁG. A2**

ANTERO GRECO
Voo incerto
No início, a carreira de Pató parecia promissora. Agora, está à procura de rumo e time. Cambiinha para ser mais uma promessa que não virou. **ESPORTES / PÁG. A19**

Tempo em SP
27 Min. 18 Min. **Clima**
Sobretudo **Pág. A18**

MISTO
O que não mudou em SP
FISCAL C112839

NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES

A desmoralização do BC
O BC permanece, até há poucos dias, como um raro fator de segurança. Isso acabou. **PÁG. A3**

Devolvendo o sonho
Do pouco que o mercado imobiliário vende, muito é devolvido pelos compradores. **PÁG. A3**



HYUNDAI *****

ELANTRA X COROLLA

A COMPARAÇÃO PONTO A PONTO COMPROVA: O ELANTRA É SUPERIOR E PONTO FINAL.

ELANTRA, O MELHOR DO MUNDO.

VEJA NA PÁGINA 5.



TOYOTA

ELANTRA X COROLLA

A COMPARAÇÃO PONTO A PONTO COMPROVA: O ELANTRA É SUPERIOR E PONTO FINAL.

ELANTRA, O MELHOR DO MUNDO.

CAOA HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*.

O interlocutor propõe também um nível de significado ao texto quando entrevista o economista Rodrigo Melo, que avalia que irá haver um maior número de demissões na medida em que a crise econômica se acentua. Para finalizar esse discurso, associando ao governo de Dilma (PT), o jornalista materializa o discurso textual mostrando expressões de temporalidade, instauradoras de novos sentidos semânticos e intertextuais ao campo jornalístico, ao utilizar a frase “em 2014, o mercado brasileiro havia gerado 420 mil vagas formais. Com o dado negativo do ano passado, no entanto, o estoque de empregos no País, que vinha em crescimento contínuo até 2014 – caiu 3,7%, retrocedendo ao patamar observado em 2012”.

No campo da intertextualidade, conforme citam Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 9): “todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe”, percebe-se uma posição do jornalista frente ao primeiro mandato de Dilma Rousseff e os perigos de mantê-la pelo segundo ano no governo.

A apresentação dos setores em que mais houve demissões, como a indústria e a construção civil, cria um processo de interdiscursividade com a política petista e os planos de governo. Ao utilizar um dispositivo de silenciamento, aplicado na fala do presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIG), José Carlos Martins, tem-se um discurso totalmente direcionado de forma negativa aos planos do governo Dilma, em especial, ao ritmo lento do programa Minha Casa Minha Vida. “Não tem obra começando, só acabando. Terminou a obra, dispensa o trabalhador”. A utilização de um advérbio de negação no início da fala confere um tom pessimista ao discurso e coloca-o em uma situação de silenciamento, que é reafirmado pelos antônimos começando e acabando. Também para apresentar um fator semântico ao texto, a utilização de verbos declaratórios como *terminar* e *dispensar* exerce função semelhante, emitindo juízo de valor.

No princípio da heterogeneidade enunciativa, percebe-se que não houve nenhum marcador de discurso totalmente direto. Como pontua Sousa (2001), esse recurso é uma característica que identifica com propriedade e facilidade a fala do outro.

Quadro 12 – Análise discursiva do jornal *O Estado de S. Paulo*: “País fecha 1,5 milhões de vagas e analistas preveem piora”

Escolhas semânticas	retração, fechamento, pior, espera, dispensa, crise econômica, desemprego, aumentar, destruir, acabando, fechar
Intertextualidade	Faz uma análise negativa do Minha Casa Minha Vida
Dispositivos do silêncio local	Coloca em descrédito o primeiro mandato de Dilma
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>Não houve</p> <p>Discurso indireto</p> <p>O mercado de trabalho brasileiro registrou forte retração em 2015, com o fechamento de 1,5 milhão de empregos com carteira assinada. O resultado geral do Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados (Caged) é o pior dos últimos 24 anos, conforme informou ontem o Ministério do Trabalho e Previdência Social. E o mercado já espera que em 2016 tenha um desempenho semelhante, com alguns analistas prevendo um ano ainda pior</p> <p>O ministro afirmou que a melhora do quadro será possível com efeitos positivos da redução da inflação, que dinamiza a demanda, da desvalorização do real, que beneficia os exportadores, e da ampliação do crédito, fortemente defendida pelo ministro da fazenda, Nelson Barbosa</p> <p>Para o presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), José Carlos Martins, a construção civil deve perder ainda mais empregos em 2016. “Não tem obra começando, só acabando. Terminou a obra, dispensa o trabalhador”, afirmou, se referindo ao ritmo lento como o Minha Casa Minha Vida</p> <p>O analista econômico da RC Consultores Everton Carneiro, avalia que os dois setores podem ter um desempenho ainda pior neste ano e fechar até dois milhões de postos. “O comércio e os serviços empregam 27 milhões de trabalhadores. Caso esses setores sofram o mesmo ajuste que a indústria está sofrendo, podemos chegar a 2 milhões de desempregados em 2016”, disse Carneiro</p> <p>O líder do PPS na Câmara dos Deputados, Rubens Bueno(PR), disse que o resultado do Caged mostra que “o desespero bate à porta do trabalhador”, com o número recorde de empregos fechados no ano passado. Em nota, Bueno diz que os números são alarmantes “um desastre do ponto de vista social”, já que trata de desemprego afetando milhares de famílias</p>

	<p>Discurso direto e indireto</p> <p>O economista-chefe da Icatu Vanguarda, Rodrigo Melo, avalia que a tendência é a de um maior número de dispensas, à medida que a crise econômica se acentua. “O desemprego vai aumentar e podemos ver a taxa chegar aos dois dígitos já nos dados da Pnad (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios do IBGE) de março”, disse</p> <p>Segundo o ministro do Trabalho e Previdência Social, Miguel Rosseto, o resultado de 2015 foi o pior que o esperado pelo governo, mas “não foi capaz de destruir as conquistas dos trabalhadores dos últimos anos”</p>
--	---

Fonte: Do autor.

Em outra reportagem analisada, do dia 28 de março de 2016, que traz a chamada “Crise provoca fechamento de 4,4 mil fábricas em São Paulo”, vê-se que novamente a crise é plano de destaque para a construção de um discurso jornalístico com a utilização do substantivo *fechamento* no título, cujo sentido semântico é fechar algo e encerrar, ampliando o número de reportagens em que a crise esteve estampada na capa do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Como linha fina da matéria, a jornalista Cleide Silva utiliza o negrito, destacando ainda mais no discurso a expressão *cemitério da indústria*. Em linguagem figurada, a palavra *cemitério*, nesse caso, tem o sentido de um lugar deserto e silencioso, assim, a indústria é retratada como um lugar morto, sem esperanças de voltar a prosperar diante da crise econômica.

Como forma de intensificar o discurso jornalístico, apresenta-se o seguinte texto: “Encerramento de empresas do setor saltou 24%, elas não resistiram à queda da demanda e aos altos custos dos impostos e energia, juros altos e ao corte brutal dos investimentos; País destruiu 1,1 milhão de empregos industriais em um trimestre”.

Figura 34 – Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo*, 28 de março de 2016

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1890 JULIO MESQUITA (1892 - 1987)

Segunda-feira 28 DE MARÇO DE 2016 R\$ 4,00 ANO 137 Nº 44722 EDIÇÃO DE 21H30 estadão.com.br

Link
Sob demanda Startups falham ao reproduzir modelo do Uber. PÁGS. B10 e B11

DIRETO DA FONTE
Lígia Cabral
"O País precisa de educação para ser democrático. Sem isso, não tem futuro." PÁG. C2

Caderno 2
Dose dupla no cinema Mariana Ximenes está em *Zoom* e *O Grande Circo Místico*

Crise provoca fechamento de 4,4 mil fábricas em SP

Número do ano passado é 24% superior ao de 2014; País perdeu 1,1 milhão de empregos em um trimestre



Portas fechadas. Unidade da PK Cables do Brasil, em Curitiba, paralisada desde dezembro: indústria enfrenta dificuldades em todo o País

A crise que paralisa a economia brasileira deixa um rastro de empresas desativadas. Somente no Estado de São Paulo, 4.451 indústrias de transformação fecharam as portas em 2015, número 2,4% superior ao de 2014, quando 3.584 fabricantes deixaram de operar, segundo a Junta Comercial. O quadro se estende por todo o País, formando um cemitério de fábricas de variados setores, muitas delas fechadas definitivamente e, algumas, em busca de alternativas para voltar a operar e outras à espera de compradores, informa Cleide Silva. Muitos trabalhadores demitidos não receberam salários e rescisões. De acordo com o IBGE, entre novembro e janeiro, a indústria brasileira fechou 1,33 milhão de vagas, número recorde para um trimestre. Algumas das fabricantes foram líderes em seus segmentos, mas não resistiram à queda da demanda, aos custos elevados e à falta de investimentos. **ECONOMIA / PÁGS. B1, B3 e B4**

Aliados de Temer isolam governistas do PMDB

Animados com o apoio do PMDB do Rio, os aliados do vice-presidente Michel Temer acreditam ser capazes não só de garantir o rompimento do partido com o governo como de construir unidade no reunião do diretório nacional, amanhã. A tendência é de que seja aprovada a entrega de cargos, a começar pelos 7 ministérios que a sigla comandava. Para Temer, a unanimidade na reunião do diretório seria importante como sinal de que o PMDB está unido em torno dele. **POLÍTICA / PÁG. A4**

● Aposta no distanciamento
Presidente da Câmara no impeachment de Collor, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) diz que é melhor se afastar do governo e que partido deveria liberar voto. **PÁG. A5**

Análise
José Roberto de Toledo
Tudo ou nada
Pelo roteiro de Michel Temer, PMDB rompe amanhã com Dilma e provoca desarticulação da base aliada. **PÁG. A8**

Atentado mata 69 pessoas no Paquistão

Um homem-bomba deixou pelo menos 69 mortos e mais de 300 feridos em um parque na cidade de Lahore, no Paquistão. O Jamaat-ul-Ahrar, facção do Taleban, assumiu a autoria do ataque. O grupo disse que o atentado tinha como alvo a comunidade cristã, no domingo de Páscoa, e avisou que fará novos ataques. **INTERNACIONAL / PÁG. B5**

Edição de Esportes

Após goleada, Palmeiras é lanterna do grupo

O Palmeiras foi goleado por 4 a 1 pelo Água Santa e, com 15 pontos ganhos, saiu da zona de classificação para a próxima fase do Campeonato Paulista. Ao final da partida, os jogadores fizeram uma reunião no gramado. O time é lanterna do Grupo B e está a três pontos da zona de rebaixamento. Foi a quarta derrota consecutiva do técnico Caca. Na Vila Belmiro, Santos e São Paulo empataram (1 a 1). **PÁGS. D1 e D2**



Dia difícil. João Pedro desaba em Prudente (acima); na Vila, Calleri divide jogada em clássico morno

Antero Greco
Horror verde
Caca desemburcou no Parque há duas semanas e está perdido, sem saber para que lado correr. **PÁG. D2**

Paulo Calçade
De lá você não passa
O diagnóstico da crise é simples. Tomara que tenha chegado ao fundo do poço, pois de lá não passa. **PÁG. D4**

MOISÉS NAIM
Os números do terrorismo
Embora o terrorismo exista desde sempre, no século 21 tanto o número de ataques como o de mortes aumentaram com grande rapidez. **INTERNACIONAL / PÁG. A10**

LÚCIA GUIMARÃES
Trump e a mídia
A metáfora da ovelha angustiada jornalista norte-americana. Mais uma vez, se encontram esbofados para subir num trem já em movimento. **CADERNO 2 / PÁG. C6**

Tempo em SP
37 Max. 20° Min. 14°
Duro 13/36 Pq. A4

MUITO
FISCAL
PSP-C118289

NOTAS & INFORMAÇÕES
Há um déficit pior que o fiscal
O rombo fiscal é grave. O pior, mesmo, é o déficit de credibilidade do governo. **PÁG. A3**

A velocidade do desemprego
É dramático o custo social que a irresponsabilidade do governo do PT impõe ao País. **PÁG. A3**

Figura 35 – Reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, 28 de março de 2016

B1 | SEGURANÇA PÚBLICA | 28 DE MARÇO DE 2016
INCLUI CLASSIFICADOS
O ESTADO DE S. PAULO

ECONOMIA & NEGÓCIOS

Mais pressão nas despesas
Auditor da Receita ganha aumento e vai ter até bônus
Pág. B5

'Problema na 'uberização'
Startups falham ao tentar replicar modelo do Uber
Pág. B10

Investa em Ouro!

PARMETAL

Quota: R\$ 100,00

Valor: R\$ 100,00

Dividendos: R\$ 10,00

Preço: R\$ 100,00

Volume: R\$ 100,00

Valor: R\$ 100,00

Dividendos: R\$ 10,00

Preço: R\$ 100,00

Volume: R\$ 100,00

Cemitério da indústria. Encerramento de empresas do setor saltou 24%, elas não resistiram à queda da demanda e aos altos custos de impostos e energia, juros altos e ao corte brutal dos investimentos. País destruiu 1,1 milhão de empregos industriais em um trimestre

Crise provoca o fechamento de mais de 4 mil fábricas em São Paulo em um ano

Cidade Silva

A crise que paralisa a economia brasileira deturpa um rastro de empresas desativadas. Só no Estado de São Paulo, 4,4 mil indústrias de transformação fecharam as portas no ano passado, número 24% superior ao de 2014, quando 3,584 fabricantes deixaram de operar, segundo a Junta Comercial.

O quadro se estende por todo o País, formando um cemitério de fábricas de variados setores, muitas delas fechadas definitivamente, algumas em busca de alternativas para voltar a operar e outras à espera de compradores.

Muitos trabalhadores demitidos não receberam salários e rescisões. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre novembro e janeiro, a indústria brasileira fechou 1,1 milhão de vagas, número recorde para um trimestre.

"As fábricas fechadas e os empregos perdidos viraram pó; não há como reverter esse quadro nos próximos anos", diz Fabio Silveira, diretor de pesquisas econômicas da consultoria GO Associados.

Algumas das fábricas foram líderes em seus segmentos, mas não resistiram à queda da demanda e aos altos custos de impostos, energia, juros elevados e à falta de investimentos que secaram, em parte, em razão da queda da confiança no País, somado a erros administrativos e estratégicos.

A desativação de indústrias segue em níveis alarmantes neste ano. Um exemplo é o da cidade de Guarulhos, na Grande São Paulo, onde, só na semana passada, ocorreram anúncios de encerramento de atividades produtivas das metalúrgicas Eaton, Maxion e Randon.

"O mercado de implementos rodoviários teve retração de 20% e não há perspectivas de mudança de cenário no curto prazo", informa Daniel Ely, diretor de Recursos Humanos da Randon, que atualmente emprega 130 pessoas, mas já teve mais de mil, segundo o sindicato local.

anos, mas pertence ao grupo americano Eaton desde 2001. Já teve entre 500 e 600 funcionários, mas atualmente emprega 140 pessoas, segundo Silveira Neto. A empresa não comenta o assunto.

O grupo atua em diversos segmentos e também tem fábricas em Campinas do Sul (RS), Jundiaí, Mogi Mirim, São José dos Campos, Valinhos e Votorantim, todas no Estado de São Paulo.

A produção acelerada nas últimas semanas, na via do sindicalista, é para garantir estoque de peças no período de transição. "A mudança é uma estratégia para reduzir custos, não é em razão da crise", acredita Silveira Neto.

Na semana passada, os trabalhadores decretaram greve após rejeitarem um pacote de benefícios na demissão, como seus salários extras.

De acordo com o sindicalista, a Eaton queria pagar apenas os direitos normais da rescisão, mas, após a greve, ofereceu R\$ 3 mil extras para cada trabalhador, além de R\$ 1,2 mil já estava acertado anteriormente como participação nos lucros. "Nesse momento de crise não podemos aceitar só isso", afirma o diretor do sindicato.

plano a produção num momento em que a própria empresa está em crise", informa José Barros da Silva Neto, diretor do sindicato.

"Eles nos procuraram e fomos falar com o representante da empresa, que confirmou a transferência da produção para a unidade de Guaratinguetá, no interior de São Paulo".

A fábrica está na cidade há 27

Venda sem frutos



Invivível. Criada há 60 anos, Corneta fechou em janeiro

APÓS VENDA, GRUPO FECHA AS PORTAS
Novo dono não enxergou viabilidade do negócio

Para tentar salvar a metalúrgica Corneta, fundada em São Paulo por seu avô há 60 anos, o empresário Christian Benneck contratou, no fim do ano passado, uma consultoria de gestão para administrar a empresa, que emprega atualmente cerca de 280 funcionários, e colocar as contas em ordem. O trabalho culminou com a venda da fábrica de ferramentas e acessórios de Osasco (SP) em agosto, ao grupo de investidores M. Investimentos.

"Inicialmente eles disseram que iriam investir na empresa, mas fizeram o contrário", afirma Jorge Nazareno, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. Segundo ele, os funcionários entraram em férias coletivas no início de dezembro, e

Descomposo



Sem aviso. Eaton leva produção de Guarulhos para interior

ANTES DO FIM, RITMO DE PRODUÇÃO MAIOR
Na véspera de fechar, Eaton faz estoque de peças

Não houve anúncio oficial de encerramento de atividades. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, a direção da Eaton, fabricante de peças hidráulicas, só confirmou o fechamento da unidade após ser procurada pela entidade, no início do mês.

"Os trabalhadores perceberam um movimento fora da rotina na fábrica, pois estavam am-

Pé no freio



Duplo. Com queda nas vendas, PK fecha duas fábricas

DUAS FÁBRICAS FECHADAS EM 2015
Finlandesa PK só manteve uma unidade no País

A queda das vendas de componentes elétricos (cabos) para seus principais clientes – as fabricantes de caminhões, ônibus e tratores – levou a PK Cables do Brasil a fechar, em dezembro, a fábrica de Curitiba (PR).

Em maio, o grupo de origem finlandesa que atua no Brasil há 17 anos já tinha em-

Sem caixa



Têxtil. Após 45 anos, Polyenka suspende atividades

SEM EMPREGO E COM RESCISÃO PARCELADA
Polyenka não tinha recurso para pagar obrigações

Tradicional fabricante de produtos têxteis, a Polyenka, instalada em Americana (SP) há 45 anos, já foi uma das maiores empresas do ramo de filamento de poliéster no País e chegou a empregar 2 mil pessoas no fim dos anos 90.

Em janeiro, encerrou atividades e fez um acordo com os atuais 350 funcionários para parcelar o valor das rescisões.

A empresa estava em recuperação judicial desde 2006 e, segundo o advogado Gerardo Gouveia operava com "significativo prejuízo", principalmente após a queda de 30% nas vendas registradas nos últimos meses.

"O principal insumo usado na produção (polímero químico) é importado e ficou mais caro com a alta do dólar, além do custo da energia e da falta de

mil cada um, além de três meses de vale mercado e plano médico. Nenhum representante da empresa foi localizado na semana passada para falar sobre o assunto.

Em junho, em entrevista ao *Estado*, o responsável pelo setor de Recursos Humanos da PK Cables, Celso Silva, havia confirmado o fechamento das duas unidades, mas, segundo ele, a fábrica de Curitiba seria mantida até março deste ano.

Na época, ele informou que as encerradas tinham caído 45% e não havia alternativa se não a concentração das atividades em uma única unidade. "Passamos por dificuldades em 2008, mas a crise atual é muito mais forte", disse ele.

No ano passado, a produção de caminhões caiu 47% em relação aos números de 2014, enquanto as de ônibus tiveram redução de 14%. O segmento de máquinas agrícolas apresentou recuo de 32,8%, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Nos dois primeiros meses deste ano o cenário segue crítico, com redução acumulada de 40,7% na produção de caminhões, de 45,2% na de ônibus e de 24% na de máquinas agrícolas.

obra", explica Gouveia.

Ele diz que a Polyenka pertence a um grupo de empresários brasileiros e busca alternativas para retomar atividades, seja para atender apenas sob encomenda, ter certificar parte das atividades ou apenas importar e revender. "Tudo vai depender dos rumos do País".

Em Jacaré (SP), a Riboldi fechou a fábrica de fios têxteis de poliamida em abril do ano passado e concentrou a produção desse item na filial de Santo André (SP). Os 130 funcionários demitidos, segundo a empresa, receberam bônus extras de acordo com o tempo de trabalho.

A multinacional francesa informa que o fechamento "é resultado do cenário econômico de forte queda do consumo de produtos industrializados, que acarretou redução das vendas de fios de poliamida". Também alega que, ao longo dos últimos anos, houve crescimento substancial dos custos de produção, agravados em 2015 pelo aumento do preço da energia.

Mercado faz o ajuste, e sem anestesia, diz analista
Fig. B3

Fonte: *O Estado de S. Paulo*.

Na heterogeneidade enunciativa, percebe-se que não houve o discurso direto por si só, uma vez que o jornal busca sempre reforçar uma fala com uma fonte direta, porém, trazendo um enunciado anterior que intensifica mais o resultado do discurso. Mostra-se, nesse caso, um

discurso bem heterogêneo, conforme cita Pinto (1999), afirmando que este sempre se organiza por meio de contextos diferentes e apresenta vozes dos outros, também de formas diferentes.

Nessa segunda matéria, existe um alto índice de discursos mistos, formados por discurso direto e indireto. Percebe-se também que nesses discursos o artigo definido *o* aparece em praticamente todos os parágrafos, indicando o sujeito do discurso principal. Percebe-se isso em “o mercado” “o ministro” “o analista” “o líder” e o “economista”.

Todos os discursos enunciados apresentam características negativas do mandato de Dilma Rousseff. Em um dos discursos, existe um posicionamento do jornal em relação ao programa Minha Casa Minha Vida.

O discurso misto aparece com um enunciado do jornalista, seguido do marcador linguístico *aspas*, que segundo Maingueneau, demarca aquilo que é exterior à fala, são “[...] sintagmas atribuídos a outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o locutor não quer assumir” (MAINGUENEAU, 1997, p. 90).

Assim, ao utilizar esse recurso com muita frequência, o jornalista faz uma imagem de seus leitores, pois sabe o que está presente ou não na formação discursiva do público leitor do jornal. Mediante isso, as *aspas* são utilizadas para não se distanciar da posição do jornal e não chocar este leitor previamente estabelecido.

Nesse pequeno parágrafo, as expressões *encerramento*, *não resistiram*, *queda*, *corte brutal* e *destruiu* trazem um tom pessimista para o conteúdo jornalístico antes mesmo de o leitor inteirar-se do texto e, ao finalizar com a expressão *destruição em um trimestre*, mostra um dispositivo de silenciamento total referente aos três meses de Dilma no segundo mandato.

A reportagem inicia-se utilizando verbos como *paralisar* e *desativar*, mostrando o não progresso da área industrial nesses três meses. A apresentação de indicadores de 2014 também serve de margem para a discussão de um marcador de silenciamento referente ao governo PT. Tem-se um texto jornalístico totalmente negativo. “A crise que paralisa a economia brasileira deixa um rastro de empresas desativadas. Só no Estado de São Paulo, 4.451 indústrias de transformação fecharam as portas no ano passado, número 24% superior ao de 2014, quando 3.584 fabricantes deixaram de operar, segundo a Junta Comercial”.

Para comprovar o marcador de silenciamento contra Dilma, a jornalista deixa claro que “muitos trabalhadores demitidos não receberam salários e rescisões. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre novembro e janeiro, a indústria brasileira fechou 1.131 milhão de vagas, número recorde para um trimestre”. O marcador comparativo de

silenciamento está nos meses apresentados, pois mostra o período em que Dilma é eleita para o segundo mandato e também o período em que assume.

A intertextualidade também está presente quando a jornalista descreve que o declínio das empresas esteve atrelado à “queda da confiança no País, somada a erros administrativos e estratégicos”, ou seja, mais uma referência ao período em que Dilma esteve no poder. No processo de heterogeneidade enunciativa, percebe-se a utilização do recurso misto, por meio do qual os jornalistas trabalharam o discurso direto e o discurso indireto. Pelo fato de a reportagem apresentar uma grande quantidade de empresas que foram fechadas por causa da crise, como forma de legitimá-la, abre-se espaço para personagens da sociedade civil, como segue: “As fábricas fechadas e os empregos perdidos viraram pó; não há como reverter esse quadro nos próximos anos”, “Inicialmente, eles disseram que iriam investir na empresa, mas fizeram o contrário”, entre outras.

No discurso direto, a utilização de vozes de especialistas aparece para reforçar o discurso da crise com expressões como *retração* e *não há perspectivas de melhora*. Já o discurso indireto, por meio do qual os jornalistas representam as vozes dos executivos das empresas com marcadores enunciativos, como “segundo, acredita, afirma e informou”, também mostra as marcas da crise econômica e a falta de perspectiva de crescimento do Brasil.

Quadro 13 – Análise discursiva do jornal *O Estado de S. Paulo*: “Crise provoca fechamento de 4,4 mil fábricas em São Paulo”

Escolhas semânticas	Crise, paralisa, deixa, desativada, fecharam, deixaram, cemitério, espera, demitidos, empregos perdidos, investimentos que secaram, queda da confiança
Intertextualidade	Apresenta números de novembro de 2015 a janeiro de 2016, negatizando o mandato de Dilma.
Dispositivos do silêncio local	Empresários perderam a confiança no País, devido a erros administrativos e estratégicos do mandato Dilma
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>“As fábricas fechadas e os empregos perdidos viraram um pó; não há como reverter esse quadro nos próximos ano”, diz Fábio Silveira, diretor de pesquisas econômicas da consultoria GO Associados”</p> <p>“O mercado de implementos rodoviários teve retração de 50% e não há perspectiva de mudança de cenário no curto prazo”, informa Daniel Ely, diretor de Recursos Humanos da Rondon”</p> <p>“Os trabalhadores perceberam um movimento fora da rotina da fábrica, pois estavam ampliando a produção num momento em que a própria empresa reclama da crise”, informa José Barros da Silva Neto, diretor do Sindicato</p> <p>“Eles nos procuraram e fomos falar com o representante da empresa, que confirmou a transferência da produção para a unidade de Guaratinguetá, no interior de São Paulo”</p> <p>“O principal insumo usado na produção (polímero químico) é importado e ficou mais caro com a alta do dólar, além do custo da energia e da mão de obra”, explica Gouveia.</p> <p>Discurso indireto</p> <p>A crise que paralisa a economia brasileira deixa um rastro de empresas desativadas. Só no Estado de São Paulo, 4.451 indústrias de transformação fecharam as portas no ano passado, número 24% superior ao de 2014, quando 3.584 fabricantes deixaram de operar, segundo a Junta Comercial</p> <p>Muitos trabalhadores demitidos não receberam salários e rescisões. De acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas (IBGE), entre novembro e janeiro, a indústria brasileira fechou 1.131 milhão de vagas, número recorde para o trimestre</p> <p>O diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Francisco de Assis do Nascimento, afirma que, ao</p>

	<p>serem dispensados, os trabalhadores foram orientados pela chefia a buscar seus direitos na Justiça.</p> <p>Não houve anúncio oficial de encerramento de atividades. Segundo o sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, a direção da Eaton, fabricante de peças hidráulicas, só confirmou fechamento da unidade após ser procurada pela entidade no início do mês.</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>“Inicialmente eles disseram que iriam investir na empresa, mas fizeram o contrário”, afirma Jorge Nazareno, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. Segundo ele, os funcionários entraram em férias coletivas no início de dezembro e, ao retornarem em janeiro, foram informados que a fábrica seria fechada.</p> <p>A produção acelerada nas últimas semanas, na visão do sindicalista, é para garantir estoque de peças no período de transição. “A mudança é uma estratégia para reduzir custos, não é em razão da crise”, acredita Silva Neto.</p> <p>De acordo com o sindicalista, a Eaton queria pagar apenas os direitos normais da rescisão, mas, após a greve, ofereceu R\$ 3 mil extras para cada trabalhador, sendo que R\$ 1,2 mil já estava acertado anteriormente como participação nos lucros. “Nesse momento de crise não podemos aceitar só isso”, afirma o diretor do Sindicato.</p> <p>A empresa estava em recuperação judicial desde 2006 e, segundo o advogado Geraldo Gouveia operava com “significativo prejuízo”, principalmente após a queda de 30% nas vendas registradas nos últimos meses.</p> <p>Ele diz que a Polyenka pertencente a um grupo de empresários brasileiros e busca alternativas para retomar atividades, seja para atender apenas sob encomenda, terceirizar parte das atividades, ou apenas importar e revender. “Tudo vai depender dos rumos do País.”</p> <p>A multinacional francesa informa que o fechamento “é resultado do cenário econômico de forte queda do consumo de produtos industrializados, que acarretou redução das vendas de fio de poliamida”. Também alega que, ao longo dos últimos anos, houve acréscimo substancial dos custos de produção, agravados em 2015 pelo aumento do preço da energia</p>
--	--

Fonte: Do autor.

Na matéria do dia 5 de abril, intitulada “Governo sacrifica ajuste para ajudar a negociar a crise”, há marcas de interdiscursividade logo na linha fina, na qual a jornalista Adriana Bernardes, ao escrever o texto, diz que “Na tentativa de evitar *impeachment*, equipe econômica prioriza ‘bondades’ e retarda recuperação fiscal, como aconteceu em 2014”.

Figura 36 – Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo*, 5 de abril de 2016

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1895 JULIO MESQUITA (1867-1957)

3 DE ABRIL DE 2016 R\$ 4,00 ANO 137 Nº 44730 EDIÇÃO DE 211640 estado.com.br

Viagem
Bê-á-bá nórdico
Dinamarca, Suécia
e Noruega ao lado
de um bebê

Caderno 2
Memórias da mãe
Possíveis inspiram
peça de Matheus
Nachtergaele

Adeus a
Terезa Rachel.
Com grandes papéis
no cinema, no teatro
e na TV, atriz morreu
sabado no Rio, aos
82 anos. **PÁG. 02**

Governo estuda só dar cargos após votação de impeachment

Para evitar ser traído por aliados, integrantes do governo querem estender negociações até decisão

● Nova estratégia contra Temer
Após sequência de ataques contra o vice Michel Temer, a ordem no Planalto é evitar as ofensivas para que não tenham o efeito contrário de torná-lo vítima. **PÁG. A4**

Com medo de traições de aliados, parte da cúpula do governo estuda estender o batido de negociações de cargos até a votação, no plenário da Câmara, do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A previsão é de que o afastamento da petista seja decidido pelos 513 deputados a partir do dia 15. Segundo integrantes do governo, a ideia é "amarra" acordos com o chamado centrão (PSB, PP, PR e PRB) e entregar cargos só depois da votação. O receio é de que, diante do alto número de dissidentes nesses partidos, o governo não teria tempo para fazer uma reforma ministerial em dois dias, pra-



Na Câmara, Cardozo faz defesa do governo diante de 'pixuleco'

Cardozo entrega defesa da presidente e fala em 'golpe'

O advogado-geral da União, José Eduardo Cardozo, defendeu a rejeição do pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff com o argumento de que não há base legal para destituí-la do cargo. Durante exposição de uma hora e 40 minutos, o ministro afirmou que o afastamento da presidente é um "golpe" à Constituição de 1988 e, numa estocada no vice Michel Temer (PMDB), beneficiário direto de uma eventual saída de Dilma, disse que o novo governo não terá "estabilidade".

● Eliane Cantanhêde
Se o impeachment é tudo o que José Eduardo Cardozo disse, só se pode chegar a uma conclusão: Fernando Collor não poderia ter sido deposto. **PÁG. A5**

nem "condições democráticas" para conduzir o País. Declarou ainda que "nada se faz um golpe apenas com armas". A defesa entregou pelo chefe da AGU tem 201 páginas. **POLÍTICA / PÁG. A5**

PT perde um terço dos prefeitos em SP

De meados de 2015 até sábado, o PT perdeu 24 dos 72 prefeitos que elegu no Estado de São Paulo em 2012. Também deixaram o partido 186 (28%) dos 664 vereadores. **PÁG. A7**

'O maior erro de Dilma foi a mentira'

Michael Klein, sócio da Cassa Bahia, diz que a presidente Dilma Rousseff mentiu durante a campanha eleitoral e defende que deve o cargo. "Ninguém gosta de ser enganado." **ECONOMIA / PÁG. B4**

50% dos casos de gripe no País já são de H1N1

O vírus H1N1 já é responsável pela metade dos casos de gripe registrados no País, segundo o Ministério da Saúde. Apenas nos três primeiros meses deste ano, o H1N1 provocou 71 mortes no País, o dobro do que foi registrado entre janeiro e dezembro de 2015. **METROPOL / PÁG. A13**

Assassino do cartunista Glauco é morto na cadeia

METROPOL / PÁG. A14

Assalto com explosivos e fuzis mata 3 em Santos

METROPOL / PÁG. A14

Esportes
Clássicos terão torcida única

A Secretaria da Segurança Pública de SP anunciou que, até o fim do ano, os clássicos em São Paulo terão torcida única. A medida foi tomada após os conflitos de domingo, antes e depois do clássico entre Palmeiras e Corinthians, que debarraram um morto e dezenas de feridos. **PÁG. A17**

Justiça penhora bens de Fittipaldi

Com dívidas de R\$ 27 milhões e pelo menos 96 processos, o bicampeão mundial de Fórmula 1 Emerson Fittipaldi teve bens penhorados, incluindo carros de corrida e telefones. **PÁG. A20**

Europa começa a deportar imigrantes

Um grupo de 204 imigrantes retidos em ilhas da Grécia foi expulso ontem, dia em que entrou em vigor acordo de União Europeia e Turquia para "trancar" 72 mil deportados por refugiados que estão em solo turco. **INTERNACIONAL / PÁG. A20**

ILAN GOLDFAJN
Euforias no meio da crise
Não é o caso de reduzir ainda os juros, com risco de sanccionar o mercado. Importante garantir antes a desinflação. **ESPAÇO ABERTO / PÁG. A2**

HUMBERTO WERNECK
O cara do papo
Difícil imaginar alguém mais jovial no trato com seu semelhante – se é que existe isso, alguém que se associe ao Afonso Borges. **CADERNO 2 / PÁG. 02**

Tempo em SP
32º Máx. 17º Min. Não chove. **Pág. A8**

MISTO
O que não mudou para o PSB? **CADERNO 2**

NOTÍCIAS & INFORMAÇÕES

O golpe sem o impeachment
É inevitável a mudança perspectiva de um governo ainda pior que o de governo de hoje. **PÁG. A3**

Sem rumo na economia
A recessão se prolonga e mantém-se a expectativa de muita dificuldade nos negócios. **PÁG. A3**

Fonte: *O Estado de S. Paulo*.

Figura 37 – Manchete do jornal O Estado de S. Paulo, 5 de abril de 2016



Crise. Proposta de formar uma nova coalização com a realização de uma reforma ministerial deve ser descartada e Palácio do Planalto estuda estender o balcão de negócios no Congresso até o final do processo; arranjos serão costurados agora, mas definição postergada

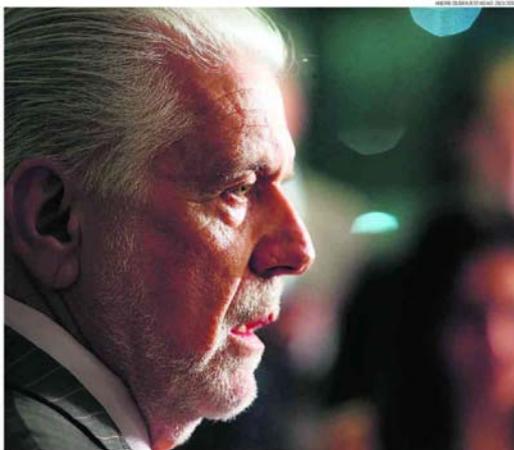
Governo avalia cumprir acordos só após Dilma se livrar do impeachment

Erich Decat
Daniel Carvalho
Tânia Monteiro / BRASÍLIA

Com receio de traições de aliados, integrantes da cúpula do governo estudam estender o balcão de negociações dos cargos até a votação, no plenário da Câmara, do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A previsão inicial é de que o afastamento da petista seja discutido pelos 513 deputados a partir do próximo dia 15. De acordo com integrantes do governo ouvidos pelo Estado, a ideia estudada é "amarrazar" os acordos com o chamado centrão (PSD, PP, PR e PRB) e entregar os cargos apenas depois da votação. Dessa forma, o governo poderia diminuir os riscos de ser traído.

Segundo lideranças envolvidas nas tratativas, o receio é de que, diante de um alto número de dissidentes nesses partidos, o governo não teria tempo para realizar uma nova reforma ministerial em apenas dois dias, prazo que o processo de impeachment deve sair da Comissão Especial e ser votado em plenário. Apesar das discussões dentro do governo sobre o tema, não há consenso em torno da proposta de estender as negociações, já que outra corrente de assessores diretos da presidente Dilma Rousseff considera essa ideia descabida.

Nos últimos dias, o Planalto resolveu apostar na atuação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há a avaliação de que sua ação já tem feito a diferença na contabilidade dos votos contra o impeachment, embora ainda não haja segurança sobre os votos necessários para evitar o afastamento da presidente. O adiamento entra neste contexto de que Lula possa ampliar as negociações com as cúpulas partidárias de modo que o grande percentual de indecisos no cham-



mado "centrão" se decida pela manutenção da presidente.

Negociações. Apesar das divergências dentro da cúpula do governo, o presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PI), enviou o diretamente nas negociações, informou ao Estado que a legenda não pretende assumir nenhuma pasta até que seja concluída a votação do afastamento de Dilma pelos deputados. "Ninguém assume cargos até a votação do impeachment", ressaltou Nogueira. "Quero apenas que o PP após a votação seja reconhecido como a maior ban-

cada governista", acrescentou. Segundo ele, a decisão ocorreu após reunião com o PR e o PSD. Procurado, o presidente do PSD, Guilherme Campos, considerou que a previsão de conclusão das tratativas não ocorrerá nos próximos dias. "As negociações vão se estender pelos próximos dias. Não deve ser nada definido agora", afirmou Campos. Estuda-se dar mais um ministério ao PR, que hoje comanda o Ministério dos Transportes. Pela última equação do Planalto, o partido de 40 deputados pode ficar com Turismo, pasta que era comandada pelo PMDB, ou

Esporte, antes nas mãos do PRB. O PR pretende definir seu posicionamento em relação ao impeachment somente após a apresentação do relatório da Comissão Especial. Já o PRB, com 22 deputados, que havia deixado a base governista, deve retornar em troca da pasta que não ficou com o PR. O líder do PMDB na Câmara, Leonardo Piccini (RJ), atrela os 25 votos que diz ter a permanência de seus indicados no comando de ministérios: Marcelo Castro (Saúde), Celso Pansera (Ciência) e Mauro Lopes (Aviação Civil).

Parceria. Ministro-chefe do gabinete da presidente, Jacques Wagner permanece como um dos aliados de Dilma no Palácio do Planalto

Agora, Planalto quer aliviar ofensiva contra Temer

BASTIDOR: Erich Decat
Após a sequência de ataques realizados contra o vice-presidente Michel Temer por integrantes da cúpula do governo e do PT, a ordem no Palácio do Planalto é "baixar a bola" e aliviar as ofensivas contra o peemedebista nos próximos dias.

Segundo na linha sucessória, Temer é considerado como o maestro do rompimento do PMDB com o Palácio do Planalto, em ato realizado na terça-feira da semana passada. Desde a decisão pelo desembarque do partido da gestão, o vice se transformou em alvo e teve sua autoridade, sua liderança política e suas propostas nas áreas econômica e social atacadas pelos petistas. Foi o caso, por exemplo, do discurso realizado durante manifestação em Fortaleza no último sábado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "O Temer é um constitucionalista, ele é professor de direito, ele sabe que o que está fazendo é golpe. E isso, ele sabe, que vão cobrar e pra o filho dele, para o neto dele amanhã, porque a forma mais vergonhosa de chegar ao poder é tentar impugnar o mandato, dar o golpe numa mulher da qualidade e seriedade da presidenta Dilma Rousseff", afirmou.

Segundo o Estado apurou, após as ofensivas, que também foram ecoadas em plenário por parlamentares do PT no Congresso, ao longo da semana passada, o entendimento de parte das lideranças é de que Temer já foi "exposto ao ridículo" e que estender a pancadaria poderá ter um efeito contrário: o de vitimizá-lo. Outro receio é de que, a partir dessa vitimização, acabe se criando um "espírito de corpo" entre os peemedebistas, e dessa forma Temer volte a reagrupar setores do partido, que até aqui têm batido de frente com a decisão do desembarque do governo.

Geddel quer expulsar Kátia Abreu do PMDB

Além de permanecer no ministério de Dilma, seu comportamento seria desafiador; partido ainda mantém 6 pastas

Erich Decat / BRASÍLIA
Gustavo Porto / RIBEIRÃO PRETO

Presidente estadual do PMDB da Bahia e primeiro-secretário nacional da legenda, Geddel Vieira Lima, ingressou hoje no Conselho de Ética do partido com pedido de expulsão da ministra Kátia Abreu (Agricultura). Os motivos, segundo ele, são, além da manutenção dela no cargo, mesmo com a decisão do PMDB de deixar os postos no governo da presidente Dilma Rousseff, seu "comportamento provocativo".



Protesto em Porto Alegre

Depois da passagem de Dilma Rousseff por Porto Alegre, o prédio onde a presidente reside foi pichado na madrugada de ontem. No muro externo do edifício, foi escrita a frase "Quem matou Celso Pansera?"

"Além de ela descumprir uma decisão do diretório nacional, ela tem tido um comportamento provocativo, desafiador, em relação ao partido. É um com-

portamento inapropriado", afirmou Geddel. Segundo ele, o processo será acompanhado de liminar com pedido de suspensão imediata da ministra.

Câmara pede que Supremo archive pedido contra vice

Gustavo Aguiar / BRASÍLIA

A Câmara dos Deputados enviou ontem ao ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal, uma manifestação em que defende o arquivar-

mento do pedido de impeachment do vice-presidente Michel Temer. De acordo com o documento, apenas o presidente da República pode ser impedido pelo Congresso Nacional, e ministros do Supremo não podem in-

tervir em ato do Legislativo.

O ofício, assinado pelo advogado da Câmara, Renato Oliveira Ramos, foi protocolado após o vazamento, na sexta-feira passada, de um rascunho de voto do ministro para que, em caráter liminar, o presidente da Casa, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), acite o pedido contra Temer e instaura uma comissão na Câmara para analisar a denúncia. Marco Aurélio,

no entanto, nega que já tenha decidido sobre o caso e prevê divulgar o despacho oficial sobre o assunto hoje.

No ofício, no entanto, o ministro afirma que Cunha extrapolou de suas atribuições ao afirmar que não havia indícios de que o vice-presidente cometera crimes de responsabilidade. O pedido de afastamento de Temer foi elaborado pelo advogado Marcel Martey Marra,

que alega que o vice cometeu crime de responsabilidade e atentado contra a lei orçamentária ao assinar quatro decretos que autorizavam a abertura de crédito suplementar sem a permissão do Congresso.

O advogado da Câmara defende que os decretos foram assinados por Temer quando substituiu a presidente Dilma Rousseff e apenas para dar seguimento a uma orientação de Lula.

chel Temer, do senador Renan Calheiros e do ex-presidente da República José Sarney, além de outros amigos. "Me garantiram que eu era bem-vinda e que seria bem recebida", concluiu. A ministra Kátia Abreu recorreu na semana passada às redes sociais para dizer que não pretende deixar o governo.

Embratur. A presidente Dilma Rousseff exonerou ontem, a pedido, Vinícius René Lummertz Silva do cargo de presidente do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur). Lummertz, que é catariense e ligado ao PMDB, estava no comando da Embratur desde junho de 2015.

Antes, ele ocupava o cargo de secretário nacional de Políticas de Turismo. Ele deixa o cargo após decisão do partido de sair da base aliada. O diretório do PMDB em Santa Catarina foi um dos primeiros a oficializar rompimento com o governo petista. COLABOROU LUCI RIBEIRO

A utilização de aspas, como um recurso linguístico, utilizadas para destacar o substantivo *bondade*, representa uma tentativa de associar a ação de Dilma a uma suposta manipulação política, uma vez que busca demonstrar que o PT estava tentando utilizar todas as estratégias possíveis para se manter no poder.

As “bondades” econômicas, também inseridas no corpo da reportagem, são conduzidas com o verbo retardar, no trecho “as bondades econômicas ou retardadas ações para não atrapalhar à reeleição da presidente Dilma Rousseff”. No parágrafo seguinte, a jornalista utiliza um interdiscurso, sem fonte, porém afirma que “Para muitos economistas, essa foi a raiz do engavetamento da crise que o **País vive hoje**”.

Palavras com o marcador linguístico das aspas aparecem com frequência no texto jornalístico, como *neoaliados* e *equilibrista fiscal*. Nas explicações do ex-secretário da equipe de Mantega, o economista Marcio Holland, “É o fenômeno político afetando as decisões”.

Na reportagem não houve o discurso do silenciamento.

No processo de heterogeneidade enunciativa, percebe-se que logo no primeiro parágrafo aparece um marcador de discurso indireto, “de acordo”. Nesse caso, os jornalistas citam que integrantes do governo foram ouvidos, porém não apresentam quem são esses personagens do discurso gerando certa suspeição sobre o texto jornalístico. No processo de análise, verifica-se também que foi utilizado o verbo *amarrar*, com aspas. Nesse caso, a utilização das aspas serve para colocar a voz do próprio jornal no texto jornalístico, mostrando a opinião do veículo de informação. Essa exposição da opinião fica explícita no final do parágrafo com “Dessa forma o governo poderia diminuir os riscos de ser traído”. O segundo parágrafo também dialoga com um discurso direto do primeiro, em que a voz do jornalista aparece com a expressão *segundo lideranças*. Nenhuma liderança nesse parágrafo é enunciada, tentando evidenciar que um número significativo de autoridades políticas foram ouvidas.

O discurso misto, formado pelo direto e indireto, aparece em um parágrafo com duas vozes presentes, a do senador Ciro Nogueira (PT) e a do presidente do PSD, Guilherme Campos. Ambos os discursos foram inseridos para mostrar o processo dicotômico favorável e contrário a assumir um cargo no governo Dilma, durante o processo de tramitação do *impeachment*.

Apesar das divergências dentro da cúpula do governo, o presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PT), envolvido diretamente nas negociações, informou ao Estado que a legenda não pretende assumir nenhuma pasta até que seja concluída a votação do afastamento de Dilma pelos deputados. “Ninguém assume cargos até a votação do *impeachment*”, ressaltou Nogueira. “Quero apenas que o PP, após a votação, seja

reconhecido como maior bancada governista”, acrescentou. Segundo ele, a decisão ocorreu após reunião com o PR e o PSD. Procurado, o presidente do PSD, Guilherme Campos, considerou que a previsão de conclusão das tratativas não ocorrerá nos próximos dias. “As negociações vão se estender pelos próximos dias. Não deve ser nada definido agora”, afirmou Campos. (O ESTADO DE S. PAULO)

Não houve nenhum discurso direto na reportagem, o que mostra um discurso de não apuração.

Quadro 14 – Análise discursiva do jornal *O Estado de S. Paulo*: Governo sacrifica ajuste para ajudar a negociar a crise

Escolhas semânticas	ajuste, conter, retardam, recuperação, abatimento, despesas, pacote de socorro, rombo, recessão, grave, crise
Intertextualidade	Compara 2014 e reforça que essa crise é devido a má administração.
Dispositivos do silêncio local	A pior gestão ocorreu no período de Dilma
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>Discurso indireto</p> <p>De acordo com integrantes do governo ouvidos pelo Estado, a ideia estudada é “amarrar” os acordos com o chamado “centrão” (PSD, PP, PR e PRB) e entregar os cargos apenas depois da votação. Dessa forma o governo poderia diminuir os riscos de ser traído</p> <p>Segundo lideranças envolvidas nas tratativas, o receio é de que, diante de um alto número de dissidentes nesses partidos, o governo não teria tempo para realizar uma nova reforma ministerial em apenas dois dias, prazo que o processo de <i>impeachment</i> deve sair da Comissão Especial e ser votado em plenária</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>Apesar das divergências dentro da cúpula do governo, o presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PT), envolvido diretamente nas negociações, informou ao Estado que a legenda não pretende assumir nenhuma pasta até que seja concluída a votação do afastamento de Dilma pelos deputados. “Ninguém assume cargos até a votação do <i>impeachment</i>”, ressaltou Nogueira. “Quero apenas que o PP após a votação, seja reconhecido como maior bancada governista”, acrescentou. Segundo ele, a decisão ocorreu após reunião com o PR e o PSD. Procurado, o presidente do PSD, Guilherme Campos, considerou que a previsão de conclusão das tratativas não ocorrerá nos próximos dias. “As negociações vão se estender pelos próximos dias. Não deve ser nada definido agora”, afirmou Campos.</p>

Fonte: Do autor.

Na quinta reportagem analisada parte-se para o período em que Michel Temer assume interinamente a Presidência do Brasil. No jornal *O Estado de S. Paulo*, do dia 12 de maio de 2016, a reportagem de capa foi denominada de “A chance de Temer: Vice de Dilma assume Presidência da República como desafio de superar uma crise histórica e encerrar a era do PT do poder” (Figuras 38 e 39).

Figura 38 – Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo*, 12 de maio de 2016.

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1899 JULIO MESQUITA (1862-1927)
 EDIÇÃO DE 22H

Quinta-feira 12 DE MAIO DE 2016 R\$ 4,00 ANO 137 Nº 44767 estado.com.br

A CHANCE DE TEMER

VICE DE DILMA ASSUME A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA COM O DESAFIO DE SUPERAR UMA CRISE HISTÓRICA E ENCERRAR A ERA DO PT NO PODER

EDIÇÃO ESPECIAL, PÁGINAS A4 A A44



21H25, DIA 11 DE MAIO DE 2016.
Gabinete da Vice-Presidência, Brasília

AVOTAÇÃO NO SENADO E O NOVO GOVERNO. PÁGS. A4 A A22 | DA EUFORIA À CRISE, OS 13 ANOS DA ERA PT. PÁGS. A23 A A42 | EDITORIAL: RETORNO À IRRELEVÂNCIA. PÁG. A3

RECICLADO 100%
 FIC
 PÁG. 01-10000

Fonte: *O Estado de S. Paulo*.

Figura 39 – Reportagem do jornal O Estado de S. Paulo, 12 de maio de 2016

Política



Pronunciamento
Ato vai marcar despedida de Dilma Rousseff. Pág. A12

COLUNA DO ESTADÃO

ANDRÉIA NATIVE
RAFAEL DE MORAES
POLÍTIKA DO ESTADO DE S. PAULO

Se houver agitação, MST perderá verbas

A estratégia do governo Michel Temer para reagir a qualquer ataque dos movimentos sociais está definida. O deputado Osmar Terra (PMDB-RS), convidado para comandar o Ministério do Desenvolvimento Social e da Reforma Agrária, tem posição clara sobre como lidar com o MST: "Se estiverem usando as verbas públicas para serem eficazes, tudo bem. Mas se for só agitação contra o governo, guerra é guerra. E cada um vai usar as armas que tem e as nossas são as verbas".

» **Vai ter luta.** O PT conta com os movimentos sociais para complicar a vida do novo governo.

» **Bolso vazio.** Futuro ministro da Saúde, o deputado Ricardo Barros (PP-PI) planeja uma renegociação de gastos dentro da pasta. "Porque duvido que vai ter algum dinheiro novo", diz.

» **Sem imposto.** Ricardo Barros não esconde que já não conta com a rejeição da CPMF para ajudar seu caixa.

» **Sim senhor.** Barros revela que sequeirá o que Michel Temer mandar fazer na pasta. "O que o chefe acha, eu também acho. Eu sou muito bem mandado".

» **Olho da rua.** O governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), demitiu todos os indicados do PSDB. Foi uma reação ao fato de o partido lançar o deputado Daniel Coelho para a prefeitura do Recife.

» **Dívida.** O PSB cobra dos taxistas cumprimento de acordo pelo qual apoiou Aécio Neves no segundo turno da disputa presidencial em troca de o partido não lançar candidato à prefeitura. Aécio avisou que não vai se meter.

» **Papo no cafezinho.** Com tantas articulações, de um lado e de outro, formou fila ontem em na sala reservada no cafezinho do plenário do Senado. O líder do PMDB, Eunício Oliveira (CE), praticamente alagou o espaço. E não esconde que as conversas eram com Michel Temer.

» **Esperança.** O grupo pró-governo contabiliza 23 votos na votação que irá decidir em definitivo o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Faltam quatro para derrubar a cassação.

» **Água quente.** A proposta do ex-presidente Lula de fazer um plebiscito para angariar apoio a novas eleições só dará certo se "Temer der com os burros a água para lascar", sentença o senador José Agripino (RN).

» **BOMBOU NA INTERNET**

» **Distovam Buarque** Senador (PPS-DF)
No Twitter: "Até agora, pelos nomes que tenho visto na imprensa, cotados para compor o Ministério Temer, não dá para ser muito otimista".



» **Click.** O presidente do STF, Ricardo Lewandowski, ganhou sala no Senado para despachar enquanto comanda o processo de impeachment de Dilma Rousseff.

» **Debandada.** Aliado de Dilma, o PDT não para de perder quadros importantes. Só neste ano, o número deve chegar a 12.

» **Fin de papo.** Sem conseguir convencer senadores de que sua gravata era laranja e não vermelha, Sérgio Percebio, pró-impeachment, foi convencido a trocá-la por uma azul.

» **Bem longe.** O PT quer a presidente Dilma fora do País. Não se trata de vontade de vá-la longe, mas estratégia para vender o discurso do golpe.

COM DANIEL CARVALHO E LUIZA FOLIO



Vice-presidente prevê um pronunciamento à nação hoje com as principais diretrizes de seu governo; Dilma marca ato para selar sua despedida do poder e iniciar afastamento

Temer faz programa de crescimento e quer diálogo

O FIM DA ERA PT 2003-2016

O vice-presidente Michel Temer planeja anunciar hoje ao País seu projeto de governo, que terá entre as principais promessas a retomada do crescimento econômico e a abertura de um grande diálogo nacional como antidotos contras as graves crises política e econômica. Temer passará o dia de ontem reunido com assessores, conselheiros e parlamentares de sua confiança ajustando os detalhes do pronunciamento que deverá fazer hoje, quando for confirmado o afastamento pelo Senado da presidente Dilma Rousseff. O plenário da Casa iniciou ontem pela manhã a sessão do parecer do senador Antonio Anastasia (PSDB-MG) pela admissibilidade do impeachment de Dilma com base nas pedidas fiscais (manobras contábeis condenadas pelo Tribunal de Contas da União). Até as 22h, 24 dos 29 senadores haviam se manifestado em discursos no plenário favoráveis ao impeachment da presidente. Conforme levantamento feito pelo Estado, ao menos 21 votos a favor do relatório estavam garantidos — eram necessário 41 do total de 80 (o senador Delcídio Amarel foi cassado antecedente). Com a admissibilidade do processo, conforme a lei, Dilma é afastada imediatamente da Presidência por até 180 dias.

No início da tarde, o ministro Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal (STF), negou recurso do governo pela anulação do processo de impeachment, iniciado na Câmara dos Deputados. Dilma passou a manhã no Palácio da Alvorada. Segundo auxiliares da petista, ela já estava pronta para deixar a Presidência e começar um período de defesa de seu mandato. Ela deve fazer hoje de manhã um ato para selar sua despedida do poder. A economista Dilma Viana Rousseff, de 68 anos, assumiu a Presidência da República pela primeira vez no dia 12 de janeiro de 2011 e foi reeleita, em vitória apertada sobre Aécio Neves (PSDB), em outubro de 2014. Acusada pela oposição e pela Operação Lava Jato, que investiga desvios e corrupção na Petrobras, a petista não reuniu apoios políticos suficientes para barrar o avanço do impeachment e, em dezembro de 2015, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), aceitou o pedido assinado pelos advogados Miguel Reale Jr., Jamina Pascoal e pelo promotor Helião Bicaldo. O impeachment marca o fim da Era PT no Palácio do Planalto, iniciada em janeiro de 2003 com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que passou o dia de ontem em Brasília articulando como será o papel do partido na oposição a Michel Temer.



Reta final. Temer chega ao Palácio do Jaburu; com assessores, ele definiu detalhes do discurso que deverá fazer hoje

Com foco no investimento privado, 'Crescer' será o novo PAC

Programa de Temer vai focar em concessões, nas parcerias público-privadas, além das privatizações

Abriliana Fernandes
Marilto Rodrigues Alves
BRASÍLIA

Com o afastamento iminente hoje da presidente Dilma Rousseff do cargo pelo Senado Federal, o vice-presidente, Michel Temer, vai lançar o Crescer, o Programa de Crescimento e Geração de Emprego e Renda. Temer quer fazer do programa a marca do seu governo, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foi da gestão petista. No entanto, o programa de Temer promete dar estímulo aos investimentos privados por meio de concessões, parcerias público-privadas, além de privatizações.

O Crescer ficará diretamente ligado à Presidência da República. Segundo apuro o Estado, o ex-ministro Moreira Franco será o secretário-executivo do programa, mas não terá status de ministro como inicialmente estava previsto no

desenho da equipe de governo. A decisão foi tomada a partir da estratégia do PMDB de reduzir o número de ministérios na Esplanada, depois das críticas de que iria repetir o mesmo modelo de loteamento dos cargos da presidente Dilma para garantir o apoio dos partidos nas votações do Congresso.

Diferença. O desenho do Crescer difere do modelo do PAC porque vai priorizar, segundo aliados do vice, o emprego. Ou seja, a importância da concessão de cada obra estará atrelada ao número de vagas formais de trabalho que o empreendimento for gerar. O eventual governo pretende fazer uma campanha para atrair os investidores estrangeiros considerados fundamentais neste momento em que as maiores construtoras brasileiras estão envolvidas na Lava Jato.

A equipe do vice já mapeou com os empresários quais concessões despertam mais interesse. Não descartam mudanças nas regras dos leilões que vêm sendo estruturados pela equipe da presidente, como os acordos de Fortaleza, Salvador, Florianópolis e Porto Alegre. Criado em 2007 pelo ex-presi-

» **Livre-iniciativa**
"O Estado deve transferir para o setor privado tudo o que for possível em matéria de infraestrutura"

» **Alinda não tive condição de definir a remodelagem, mas certamente não terá esse tipo de equívoco (falção de taxa de retorno dos investimentos feitos pelas empresas com leilões, que é vista como excesso de intervencionismo)**

» **Moreira Franco** do Ministério

dente Luiz Inácio Lula da Silva, o PAC foi uma tentativa da gestão petista de aumentar os investimentos, como o apoio do setor público, para garantir um crescimento mais rápido da economia, o que poderia ajudar nas contas públicas. Desde o ano passado, o PAC está comprometido por causa da frustração de arrecadação, que exigiu cortes nos investimentos. A ideia da equipe de Temer é aproveitar apenas os empreendimentos que são atrativos à iniciativa pri-

vada em uma nova roupagem, mas sem a marca do PAC. "O Estado deve transferir para o setor privado tudo o que for possível em matéria de infraestrutura", diz o documento A Traversia Social, da Fundação Ulisses Guimarães, do PMDB.

O governo Dilma sempre foi criticado pela forma como tratou as concessões, principalmente, por estabelecer regras que espantaram investidores e travaram os leilões. Em entrevista ao Estado, Moreira Franco afirmou que, caso Temer assumira a Presidência, será modificado o modelo pelo qual há fracionamento de taxas de retorno dos investimentos feitos pelas empresas. A regra, sempre criticada e associada a um excesso de intervencionismo do governo no setor privado, fixa qual deve ser o lucro máximo para investimentos adicionais feitos nos empreendimentos.

"Alinda não tive condição de definir remodelagem, mas certamente não terá esse tipo de equívoco", afirmou Moreira Franco. Para ele, as regras devem ser mais claras e transparentes, condição necessária para o sucesso dos leilões.

» **NA WEB**
Pleacar. A votação no plenário do Senado
estadão.com.br/e/ptacaresumo

A matéria que explica a capa, que começa na página A4 do jornal, já apresenta no título um dispositivo de silenciamento total: “Temer faz programa de crescimento e quer diálogo”. A utilização da palavra *diálogo*, no final da frase, reforça a prática não adotada por Dilma Rousseff (PT), uma vez que esta assumia uma postura de afrontamento a deputados e senadores, preferindo manter distanciamento.

Como já foi mencionado, e segundo levantamento do jornal *O Globo*²⁸, Dilma recebeu apenas dois dos 513 deputados federais e 13 dos 81 senadores durante os quatro anos em que exerceu a Presidência no seu primeiro mandato. *O Globo* evidenciou ainda que o pouco apreço da petista pelos congressistas foi alvo de discussão.

Já no *lead* da reportagem lê-se que “o vice-presidente Michel Temer planeja anunciar hoje ao País seu projeto de governo, que terá entre as principais promessas a retomada do crescimento econômico e a abertura de um grande diálogo nacional como antídotos contra as graves crises política e econômica”. Ao utilizar enunciados afirmativos, como os verbos *retomar* e *abrir*, a reportagem busca elencar as melhorias previstas pelo governo Temer, cuja principal função será a retomada do crescimento econômico. A escolha semântica também é presente nesse primeiro parágrafo, em que os sentidos das palavras e expressões valorativas são propostas no texto para conduzir o leitor à formulação de várias interpretações, criando sentido de melhorias do atual governo com ênfase na narrativa do discurso jornalístico.

A reportagem confere maior destaque às pedaladas fiscais e aos discursos no plenário. Em um segundo momento, o jornalista utiliza a intertextualidade, trabalhada com a memória discursiva, apontando que “a economista Dilma Vana Rousseff, de 68 anos, assumiu a Presidência da República pela primeira vez no dia 01 de janeiro de 2011”. A estratégia discursiva de fazer referência à profissão de Dilma em um contexto de crise econômica ajuda a consolidar a imagem de má gestora, já que os problemas enfrentados no Brasil foram decorrentes de crises políticas e econômicas do sistema.

Novamente, o dispositivo de silenciamento total aparece no texto, uma vez que o jornalista diz que “acusada pela oposição e pela Operação Lava Jato, que investiga desvios e corrupção da Petrobrás, a petista não reuniu apoios políticos suficientes para barrar o avanço do *impeachment*”. Percebe-se novamente a retomada do título da matéria envolvendo a palavra *diálogo*.

²⁸Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/no-primeiro-mandato-dilma-recebeu-somente-15-dos-594-parlamentares-14512018#ixzz4SuKnawRa>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

Na mesma matéria, um intertítulo é aberto descaracterizando o programa PAC e valorizando o novo investimento privado proposto por Michel Temer, o Crescer. Os jornalistas de Brasília, Adriana Fernandes e Murilo Rodrigues Alves, apresentam no primeiro parágrafo o programa Crescer, que propunha um Programa de Crescimento e Geração de Emprego e Renda. Nas palavras dos jornalistas, “Temer quer fazer do programa a marca do seu governo, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foi da gestão petista”. Nesse caso, o dispositivo de intertextualidade é utilizado provocando no certos efeitos de sentido comparando o programa anterior e com o atual.

O jornalista utiliza o recurso de suíte, voltando a 2007, para falar do PAC, criado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na tentativa de aumentar os investimentos com o apoio do setor público. A reportagem esta afirmação, sem citar a fonte: “o governo Dilma sempre foi criticado pela forma como tratou as concessões, principalmente, por estabelecer regras que espantavam investidores e travaram os leilões”.

Para corroborar o texto acima, o, na ocasião, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência do governo Michel Temer, Moreira Franco, aponta que, no governo atual, “certamente não terá esse tipo de equívoco”.

No processo de heterogeneidade enunciativa, percebe-se a utilização de um discurso do jornal, porém, conduzido pelo texto do documento “A travessia social: uma ponte para o futuro”²⁹, que norteia o governo PMDB com o objetivo de mudar o Brasil. Este documento, além de trazer propostas do governo, pretende nortear a justiça social.

²⁹ PMDB. **A travessia social: uma ponte para o futuro.** Disponível em: <https://complemento.veja.abril.com.br/pdf/TRAVESSIA%20SOCIAL%20-%20PMDB_LIVRETO_PNTE_PARA_O_FUTURO.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2019.

Quadro 15 – Análise discursiva do jornal *O Estado de S. Paulo*: A chance de Temer: vice de Dilma assume Presidência da República com o desafio de superar uma crise histórica e encerrar a era do PT do poder

Escolhas semânticas	projeto, crise, economia, diálogo, barrar, investigar, reunir, aumento de vagas formais
Intertextualidade	Faz uma análise negativa desde 2007 do perfil PAC. Apresenta novas mudanças do programa Crescer e afirmativas como se fosse o melhor programa já existente
Dispositivos do silêncio local	Uma economista não soube administrar e economizar para o Brasil sair da miséria e gerar índices positivos
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Discurso direto e indireto</p> <p>A ideia da equipe de Temer é aproveitar apenas os empreendimentos que são atrativos à iniciativa privada em uma nova roupagem mas sem a marca do PAC. “O Estado deve transferir para os setor privado tudo o que for preciso em matéria de infraestrutura”, diz o documento A Travessia Social, da Fundação Ulisses Guimarães, do PMDB</p> <p>“Ainda não tive condição de definir a remodelagem, mas certamente não terá esse tipo de equívoco”, afirmou Moreira Franco. Para ele, as regras devem ser mais claras e transparentes, condição necessária para o sucesso dos leilões</p>

Fonte: Do autor.

Na última reportagem, intitulada “Governo trava gastos e mercado reage com cautela”, de 25 de maio de 2016, escrita por Adriana Fagundes, Eduardo Rodrigues e Murilo Rodrigues Alves, são apresentadas novas perspectivas para o cenário econômico do país.

Ao utilizar o verbo *travar* no título, com o sentido de fazer parar e frear, a reportagem busca mostrar que, depois da saída de Dilma, os indicadores econômicos estão melhorando de forma gradual, porém, positiva. A utilização do verbo *reagir*, na mesma oração, cria uma sequência discursiva, ou seja, uma intertextualidade mostrando que Michel Temer freou os gastos e o Brasil reagiu.

O texto inicia apresentando um tópico frasal da pressão que Michel Temer está sofrendo após assumir o cargo de presidente do Brasil. No texto, “Pressionado desde que assumiu o cargo

a apresentar um plano para o Brasil sair da crise econômica, o presidente em exercício Michel Temer apresentou um pacote de sete medidas em que a principal delas prevê a fixação de um limite de gastos públicos, incluindo saúde e educação” (Figuras 40 e 41).

Figura 40 – Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo*, 25 de maio de 2016

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875 JULIO MESQUITA (1862 - 1947)

Quarta-feira 25 DE MAIO DE 2016 R\$ 4,00 ANO 137 Nº 44780 EDIÇÃO DE 23140 estado.com.br

Estadão PME
Por conta própria
Com a crise, cresce o
número de empresas.
ECONOMIA / PÁG. B11

Caderno 2
Busca pelo perdão
Bill Clegg traz para
a Flip seu novo e
elogiado livro. PÁG. C3

Festa punk. Mostra
em Londres
reine raridades
do Sex Pistols,
de Johnny
Rotten. PÁG. C5



Governo trava gastos e mercado reage com cautela

Plano prevê limite para despesas, incluindo Saúde e Educação, e deve enfrentar resistência política

O presidente em exercício, Michel Temer, apresentou ontem um pacote de corte de gastos e combate à crise econômica. Das sete medidas listadas, a principal prevê a fixação de limites para despesas públicas, incluindo Saúde e Educação, que só poderão subir com base na inflação do ano anterior. A proposta é uma das quatro que dependem de aprovação do Congresso e representará forte aperto nos gastos públicos no futuro. O pacote também inclui a devolução de R\$ 100 bilhões do BNDES ao Tesouro e a extinção do Fundo Soberano Nacional, com o uso dos R\$ 2 bilhões do seu patrimônio atual para reduzir a dívida pública. Analistas avaliam que as medidas vão na direção correta, mas questionam os riscos de implementação de algumas delas, já que são impopulares. **ECONOMIA / PÁG. B1 a B3**

Temer rebate críticas e diz que sabe lidar com 'bandidos'

O presidente em exercício, Michel Temer, rebateu críticas à sua gestão e afirmou que não vai impedir "qualquer investigação apartidária". Um dia após o senador Romero Jucá (PMDB-RR) ter debatido o Ministério do Planejamento sob suspeita de tramitar contra a Lava Jato, Temer chegou a bater na mesa ao dizer que não é "coitadinho". "Fui secretário de Segurança em São Paulo por duas vezes e tratava com bandidos. Sei o que fazer no governo", afirmou, em reunião no Palácio do Planalto com líderes da base aliada. **POLÍTICA / PÁG. A4**



Medidas. Meirelles e Temer anunciam pacote

Superávit nas contas externas
As contas externas do País tiveram, em abril, superávit de US\$ 412 milhões, o primeiro em 7 anos. queda de viagens internacionais e de remessas de lucros determinou o resultado. PÁG. B9

Novo ministro afirma que cultura não tem partido

O diplomata Marcelo Calero tomou posse como ministro da Cultura, afirmando que "o partido da cultura é a cultura, não qualquer outro". Na cerimônia, no Palácio do Planalto, Michel Temer garantiu o pagamento de débitos atrasados da pasta, de R\$ 36 milhões, este ano. **CADERNO2 / PÁG. C1**

Partidos pedem cassação de Jucá

Maduro reajusta alimentos em 1.000%

Lojas de Cumbica estão sem laudo

A falta de laudo dos bombeiros no Aeroporto de Cumbica ameaça 80 lojas que funcionam nos terminais de passageiros, onde circulam 100 mil pessoas por dia. **MEGASPOL / PÁG. A14**

Tuboção causou morte no Itaquero

Laudo aponta que queda de guindaste que matou dois operários na construção do estádio, em 2013, foi provocada por ruptura de duto, informa Raphael Ramos. **ESPORTES / PÁG. A19**

Lula quer que STF julgue nomeação

O ex-presidente Lula protocolou recurso no STF para que as ações contra a sua nomeação à Casa Civil sejam julgadas. Caso vença, ato do juiz Sérgio Moro poderia ser questionado. **PÁG. A8**

Entrevista. Carlos Kawall, economista
'TETO É MEDIDA PODEROSA'

• A proposta de estabelecer um teto para o gasto público é "poderosa", pois poderá propiciar queda estrutural dos juros e recuperação de um ciclo virtuoso da economia, avalia o economista e ex-secretário do Tesouro Nacional, Carlos Kawall. **PÁG. B5**

Análises
Celso Ming
É pouco, mas é o começo
As medidas apontam a intenção de mostrar serviço, mas são insuficientes para reverter a trajetória comprometedora da dívida pública. **PÁG. B2**

Raul Velloso
Na direção certa
A equipe econômica está certa em propor um limite para conter o crescimento real dos gastos totais no momento crítico que vivemos. **PÁG. B5**

J. KERRY, J. MCCAIN, BOB KERREY
Aproximando-se do Vietnã
A parceria dos EUA com o Vietnã será fortalecida pelo desejo de liberdade e pelo reconhecimento de que a paz é melhor do que a guerra. **INTERNACIONAL / PÁG. A12**

ROBERTO DAMATTA
O lado cultural da cultura
Tudo que um brasileiro comum deveria aprender para conviver de modo igualitário um cotidiano justo ainda está para ser debatido no Brasil. **CADERNO2 / PÁG. C8**

NOTAS & INFORMAÇÕES
Um pacote em novo estilo
Michel Temer tenta definir um novo e positivo estilo de relação entre Executivo e Congresso. **PÁG. A3**

Os produtos do atraso político
Demissão de Romero Jucá escancara o conflito entre o interesse nacional e o patrimonialismo. **PÁG. A3**

ÚLTIMAS UNIDADES

NOVO HB20 COMPLETO

A PARTIR DE **R\$ 39.990,00**

VEJA NO JORNAL DO CARRO.

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DIAS DO FÉRIADO ÀS 19 HORAS. www.estado.com.br   NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*.

Na perspectiva dos estudos da intertextualidade, o enunciado do texto indica medidas para congelar os gastos com saúde e educação, itens que, segundo a reportagem, mais demandam e oneram os recursos públicos, mas, reduzindo-os, o presidente Michel Temer encontrou a solução para retirar o país da crise. Como forma de legitimar o discurso intertextual, a matéria traz uma entrevista do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, que apresenta um dispositivo de silenciamento total ao dizer que a inflação vem crescendo do fim do mandato de Fernando Henrique Cardoso até Dilma Rousseff. “As despesas cresceram quase 6% acima da inflação entre 1997 e 2015. De 2008 a 2015, enquanto a receita anual cresceu 12,1%, em termos reais, a despesa cresceu 47,7%”.

Nota-se, ao longo da matéria, que a política de coalizão aparece como um dispositivo de silenciamento total, ao se referir às alianças que o governo Temer estabelecia ao longo dos primeiros meses no poder, na passagem: “Para ser implementado o teto, o governo precisa alterar a Constituição, o que exige a aprovação de três quintos dos parlamentares da Câmara e do Senado, em dois turnos. O governo espera queda de 1,5% a 2% dos gastos públicos em comparação ao PIB em três anos caso o teto seja aprovado no Congresso Nacional”.

O presidencialismo de coalizão também aparece na reportagem na passagem: “ao pedir apoio aos líderes da sua base de apoio do Congresso, Temer disse que essas medidas iniciais e outras virão para a retomada do crescimento”. Percebe-se que Michel Temer está em busca de aliados políticos para aprovar o seu plano de medidas e colocar em prática suas propostas.

Na análise da heterogeneidade enunciativa, percebe-se o discurso misto na entrevista com Henrique Meireles, que afirma que durante o período em que o Partido dos Trabalhadores esteve no poder, a despesa do Brasil cresceu mais de 40%. Como forma de reafirmar o discurso, o jornalista utiliza a expressão “efeito continuado”, fazendo com que o leitor crie a ideia de que esse crescimento ocorreu desde a Presidência de Lula até Dilma.

Quadro 16 – Análise discursiva do jornal *O Estado de S. Paulo*: A chance de Temer: vice de Dilma assume Presidência da República com o desafio de superar uma crise histórica e encerrar a era do PT do poder

Escolhas semânticas	congelar, pressionado, fixação, limite, inflação, cortes, alterar, queda, controle de gastos
Intertextualidade	Faz uma análise negativa desde 1997 Apresenta novas mudanças para o Brasil Propõe um voto de confiança da base aliada
Dispositivos do silêncio local	Mostra novamente o PT como um partido que não soube administrar o Brasil e que afundou duas principais áreas do país, a educação e a saúde
Heterogeneidade enunciativa	<p>Discurso direto</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Discurso direto e discurso indireto</p> <p>O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirmou que as despesas cresceram quase 6% acima da infração entre 1997 e 2015. De 2008 a 2015, enquanto a receita anual cresceu 12,1%, em termos reais, a despesa cresceu 47,7%. “Isso faz necessidade de cortes importantes, disse, ao defender o “efeito continuado” da medida</p>

Fonte: Do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas relações estabelecidas entre o jornalismo e a política, percebe-se, com esta tese, um grande direcionamento editorial e uma notável representatividade da classe política na mídia, em especial no direcionamento dos discursos dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. As relações estabelecidas entre os veículos de comunicação e os interesses da mídia são apresentadas para o público por meio dos textos, evidenciando que as coberturas jornalísticas precisam evoluir, principalmente quando se fala em jornalismo político, todavia, os profissionais que trabalham nesses veículos não conseguem manter sua independência editorial. Segundo Bucci (2000), “A independência do jornalista só é verdadeira quando é escancaradamente explícita” (p. 81).

Desta maneira, percebe-se que processo de divulgação dos acontecimentos sociais do jornal impresso, principalmente dos políticos e econômicos, norteia o campo midiático e reconstrói a dimensão do real e da imagem do político frente a sociedade.

O discurso, visto como instrumento de poder, mostra que os dois jornais analisados respondem pela produção de uma parcela significativa dos discursos que circulam pelo Brasil e exterior, exercendo grande influência na dinâmica social, codificando ideias, e respondendo à sociedade no processo do agir de determinados grupos.

Diante das análises desta tese, percebem-se várias peculiaridades em relação às linhas editoriais dos veículos no processo da articulação do saber e do poder.

Retornando aos conceitos teóricos que contribuíram com esta pesquisa, é fundamental destacar que os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* mantêm um discurso tendencioso, uma vez que, pela Análise do Discurso, percebem-se mecanismos que possibilitam ao analista do discurso encontrar no texto jornalístico características intencionais para ofuscar um fato ou até mesmo torná-lo evidente por meio de recursos linguísticos utilizados, como a intertextualidade, os dispositivos de silenciamento, a heterogeneidade enunciativa e as escolhas semânticas, fundamentais para estabelecer relações entre o texto e os efeitos de sentido.

Os eixos interpretativos da análise de discursos colaboraram no sentido de demonstrar o papel do jornalismo no âmbito político. A análise das reportagens dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a crise, durante os quatro últimos meses que antecederam o afastamento de Dilma Rousseff (PT) da Presidência do Brasil, retratam uma conjuntura de total descompasso econômico, com elevados marcadores de recessão e desemprego, buscando

associar todos os desajustes ao governo petista. Na contramão, quando Dilma é afastada e Temer (MDB) assume a Presidência, nota-se um deslocamento do discurso da crise, que é substituído por expressões que apostam em recuperação e retomada do crescimento econômico. As reportagens que retratam aspectos negativos da econômica, durante o governo Temer, estão em grande medida associadas a gestão Dilma.

Nesse sentido, como inúmeros autores já destacaram (SOUZA, SINGER, DANTAS, JABOOUR,), a crise econômica, endossada e alimentada pela mídia, funcionou como o fio condutor para o afastamento e posterior *impeachment* da ex-presidente Dilma.

Nesse caso, a mídia, mais precisamente os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de São Paulo*, atuaram como atores políticos, já que muitas reportagens buscavam associar uma possível retomada do crescimento econômico ao afastamento da presidente petista.

Há que se considerar que inúmeros governantes do Brasil, entre os quais José Sarney (MDB) e Fernando Henrique Cardoso (PSDB), enfrentaram extensos períodos de crise econômica, que não resultaram em questionamento ou afastamento do mandato presidencial. Nesse sentido, a relação *impeachment* e crise econômica, construída ao lado de interlocutores de diversas instituições privadas, demonstra o interesse do mercado no processo que culminou com a queda da presidente petista. Os entraves em dialogar com variáveis do neoliberalismo demonstram ter sido, após a chegada de Michel Temer (MDB) ao poder, o fator chave para a derrocada da era petista.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, S. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, IUPERJ, v. 31, n. 1, p. 3-55, 1988.
- ABRAMO, C. W. Império dos sentidos: critérios e resultados na *Folha de S.Paulo*. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 31, p. 41-67, out. 1991.
- ADGHIRNI, Z. L. Jornalismo *on-line* e identidade profissional do jornalista. In: **Encontro Nacional da Compós**, 10, 2001. Brasília. Anais... Brasília, 2001.
- ALBUQUERQUE, A. Manipulação editorial e produção da notícia: dois paradigmas da análise da cobertura jornalística política. In: RUBIM, A. A. C.; BENTZ, I.; PINTO, M. (Org.). **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apres. Marlene Teixeira. Revisão da trad. Leci B. Barbisan e Valdir do N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. Heterogeneidades enunciativas. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.
- _____. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Trad. Maria Onice Payeretal. Campinas: Unicamp, 1998.
- _____. **Ces mots qui ne vont pas de soi**. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse, 1995. 2 tomes.
- ANDRADE, C. D. **Poesia completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2002.
- ARENDT, H. **O que é política?** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- ALDÉ, A. **A construção da política**: cidadão comum, mídia e atitude política. 2001. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- ANTUNES, R. As rebeliões de junho de 2013. **Osal – Observatório Social de América Latina**, XIV, n. 34, nov.2013.
- ARAÚJO, Carlos Roberto Vieira. **História do pensamento econômico**. Atlas: São Paulo. 1995.
- AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Revista Opinião Pública**, v. 12, n. 1, p. 88-113, abr./maio 2006.
- BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Vozes legitimadoras em interlocução: quando a mídia se pronuncia sobre concurso para professores. In: SANT'ANNA, Vera; DEUSDARÁ, Bruno (Org.). **Trajetórias em enunciação e discurso: conceitos e práticas**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 83-92.
- BARBOSA, M. Reflexões sobre a imprensa no Brasil de 1808. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, v. V, p. 91-109, 2008. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p91>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

BARBOSA, S. **Jornalismo digital em base de dados**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/tese_suzana_barbosa.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.

BARROS Filho, C. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.

BARROSO, Luís Roberto. *Impeachment: crime de responsabilidade. Exoneração do cargo*. **Revista de Direito Administrativo**, v. 212, p. 174, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/47174/45642>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Z. As redes sociais são uma armadilha. **El País**. Disponível em: <<http://migre.me/sYzpc>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahude e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 2007.

BRUCK, P. Crisis as Spectacle: Tabloid News and Politics of Outrage. In: RABOY, M.; DAGENAIS, B. **Media, Crisis and Democracy**. London: Sage, 1992.

BRETON, Philippe; PROULX Serge (1997). **Explosão da comunicação**, Lisboa: Bizâncio.

BROSSARD, Paulo. **O impeachment**. Porto Alegre: Globo, 1965.

BONELLI, M. O retrato da política: cobertura jornalística e eleições. In: GOLDMAN, M; PALMEIRA, M. (Org.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, P. G. **Comunicação social: filosofia, ética, política**. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

BULOS, Uadi Lammêgo. **Curso de direito constitucional**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

CAPARELLI, S.; LIMA, V. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

CAPELATO, Maria Helena; MOTA, Carlos Guilherme. **História da Folha de S.Paulo (1921-1981)**. São Paulo: IMPRES, 1980.

CHAUÍ, M. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. In: **Revista Teoria e Debate** [on-line], 113. Disponível em:

<<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-dejunho-de-2013-nacidade-de-sao-paulo?page=full>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006; 2013.
- _____. **Discurso das mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CÔRTEZ Filho, D. B. **Maléficos efeitos da crise**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/maleficos-efeitos-da-crise-blkeum87cx77u15q5zcge5x98>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- COURTINE, Jean-Jacques. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. **Langages**, n. 114, p. 5-12, jun. 1994.
- COURTINE, J-J.; SWIFT, J. **A arte da mentira política**. Campinas: Pontes, 2006.
- CYRRE, M. R. L. **O funcionamento do discurso político na mídia impressa**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/24915>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ERCAN, S. A. MENDONÇA, R. F. Deliberation and Protest: Strange Bedfellows? Revealing the Deliberative Potential of 2013 Protests in Turkey and in Brazil. **American Political Science Association Conference**, Washington D. C., p. 28-31, 2014.
- EASTON, D. **A Systems Analysis of Political Life**. Nova York: John Wiley, 1965.
- ERMAN, M. As ambiguidades da fala política. **Conexão Letras. História, linguística & literatura**, UFRGS, v. 3, n. 3, p. 11-18, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **A ordem do discurso**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005b.
- _____. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- FIGUEREIDO, R. (Org.). **Marketing político e persuasão eleitoral**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- FRANCISCATO, C. E. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre noticiabilidade. In: **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Rio de Janeiro, 2002. Anais. Belo Horizonte: Compus, 2002.
- FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES/PARTIDO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO/PMDB. **Uma ponte para o futuro**. 2015. Disponível em: <<https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/UMA-PONTE-PARA-O-FUTURO.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOMES, W. **Transformações da política na era de comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.
- _____. Propaganda política, ética e democracia. In: MATOS, H. (Org.). **Mídia, eleições e democracia**. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Pressupostos éticos-políticos da questão da democratização da comunicação. In: PEREIRA, C. A. M.; FAUSTO Netto, A. (Org.). **Comunicação e cultura contemporâneas**. e. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**. Cómo se forma el presente. Barcelona: Paídos, 1991.

GUREVITCH, M. **The Crisis of Public Communication**. New York: Routledge, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

IANNI, Octavio. O príncipe eletrônico. **Perspectivas**, São Paulo, n. 22, p. 11-29, 1999.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGO, Cláudia. Campo social. In: MARCONDES Filho, Ciro (Org.). **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

LANDOWSKI, E. Viagem às nascentes do sentido. In: SILVA, I. Assis (Org.). **Corpo e sentido**. São Paulo: Edunesp, 1992.

LIMA, V. A. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMONGI, F. A democracia no Brasil: presidencialismo, coalizão partidária e processo decisório. In: **Novos estudos Cebrap**, São Paulo, n. 76, p. 17- 41, nov. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000300002>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 29, out. 1995.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. A análise do discurso e suas fronteiras. **Revista Matraca**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, jan./jun. 2007b.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez: 2001.

_____. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F., **A ideologia alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**.

Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATOS, H. Comunicação pública, democracia e cidadania: o caso do legislativo. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 2, n. 3-4, p. 32-37, 1999.

MIGUEL, Luís Felipe. Mitos políticos. In: RUBIM, Antônio Canellas (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004, p. 379- 408.

MCNAIR, B. **The Sociology of Journalism**. Londres: Edward Arnold, 1998.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

MCQUAIL, D. The Influence and Effects of the Mass Media. In: CURRAN, J.; GUREVITCH, M.; WOOLLACOTT, J. (Org.) **Mass Communication and Society**. Londres: Edward Arnold, 1987.

MOTTA, L. G. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **In Texto**, UFRGS, v. 2, p. 1-25, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3461>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

_____. Teoria da notícia: entre o real e o simbólico. In: MCNAIR, B. (Org.). **An Introduction to Political Communication**. London: Routledge, 1995.

MELO, Marcus A. Crisis and Integrity in Brazil. **Journal of Democracy**, v. 27, n. 2, abr. 2016.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, Cedec, n. 55-56, 2002.

_____.; BIROLI, F. Comunicação e política: um campo em estudos e seus desdobramentos no Brasil. In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. (Org.). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTUORI, C. **A liderança da presidente Dilma Rousseff na mídia internacional: uma análise dos jornais *Le Monde*, *El País* e *New York Times***. SP, 2011. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/657>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

_____. **A liderança da presidente Dilma Rousseff na mídia internacional**. São Paulo: Scortecci, 2012.

MOISÉS, J. A. **Brasileiros e a democracia: bases sócio-políticas da legitimidade democrática**. São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2002.

_____. De quelques effets des processus de médiatisation sur la démocraties contemporaines. **Réseaux**, v. 18, n. 100, 2000.

NETTO, V. **Lava Jato: o juiz Sergio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil**. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2016.

NOGUEIRA, S. G. Voz a los que no la tienen: a integração regional no olhar bolivariano da Telesur. In: OLIVEIRA, R. P.; NOGUEIRA, S. G.; MELO, F. R. (Org.). **América andina: integração regional, segurança e outros olhares**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

NOBRE, M. **Choque de democracia**: razões da revolta. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

_____. **Imobilismo em movimento**: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Análise do discurso, princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

_____. Paráfrase e polissemia: a fluidez dos limites do simbólico. **Rua**, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, Unicamp, n. 4, p. 9-19, 1998.

OLIVEIRA, L. A. **A Propaganda Política no Brasil e as suas peculiaridades**: um olhar sobre a interface entre Comunicação e Política de Afonso Albuquerque. UFRGS, 2008.

PAULANI, L. M. **Modernidade e discurso econômico**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PATTERSON, T. Time and News: the Media's Limitations as an Instrument of Democracy. **Internacional Political Science Review**, 19, 1, 1998.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória. Trad. e introd.: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PENTEADO, C.; GUERBALI, J. G. As manifestações do *impeachment* no Twitter: uma análise sobre as manifestações de 2015. **Revista Ponto e Vírgula**, PUCSP, n. 19, p. 23-43, 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/29891/20742>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

PIOVEZANI, C. Política e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, M. . (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

PORTO, M. Agendamento da política. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador: EDUFBA, 2004.

POSSENTI, S.; BARONAS, R.L (Org.). **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro e João, 2008.

POSSENTI, Sírio. Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do Discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2002.

POULANTZAS, N. **Classes in Contemporary Capitalism**. Londres: Verso, 1978.

_____. **Poder político y clases sociales en el estado capitalista**. México: SigloVeintiuno, 1972.

- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005.
- RESENDE, F. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista. In: LEMOS, A.; BERGER, C.; BARBOSA, M. (Org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas.** Porto Alegre: Sulina, 2006.
- RIBEIRO, L. M. Imprensa e esfera pública: o processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964). **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom, Umesp, n. 41, p. 97-114, 2004.
- RINGOOT, R.; UTARD, J.-M. Genres journalistiques et “dispersion” du journalisme. In: RINGOOT, R.; UTARD, J.-M. (Org.). **Le journalisme en invention.** Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs. Rennes: PUF, 2005.
- RIBEIRO, L. M. Imprensa e espaço público: a institucionalização do jornalismo no Brasil 1808-1964. **E-papers**, Rio de Janeiro, 2004.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.
- RODRIGUES, A. D. **Estratégias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1990
- RUA, M. G. Mídia, informação e política: a eleição presidencial brasileira de 1994. **Comunicação e Política**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 77-94, abr./jul., 1995. Nova série.
- RUBIM, A. A. C. A política na Idade Mídia. In: ALMEIDA, J.; CANCELLI, V. (Org.). **Estratégia: a luta política além do horizonte visível.** São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 1998.
- RUBIM, A. A. C. Mídia e política: transmissão de poder. In: MATOS, H. (Org.). **Mídia, eleições e democracia.** São Paulo: Scritta, 1999.
- SALGADO, S. **Os veículos da mensagem política: estudo de uma campanha eleitoral nos media.** Lisboa: Horizonte, 2007.
- SANTOS, W. G. Nostalgia do silêncio. **Caderno Mais**, *Folha de S.Paulo*, 24 jan. 1999.
- SANTOS, W. G. **A democracia impedida: O Brasil no século XXI.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017
- SCALZO, M. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2006.
- SEABRA, R. **Jornalismo político: teoria, história e técnicas.** Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SILVEIRA, F. E. A dimensão simbólica da escolha eleitoral. In: FIGUEIREDO, R. (Org.). **Marketing político e persuasão eleitoral.** São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- SINGER, A. **Por uma frente ampla, democrática e republicana.** Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso.** Porto: Porto Editora, 2001.

SCHUDSON, M. **Descobrimdo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHWARZ, Peter. A crise europeia. World Socialist Web Site, 27 de julho de 2011. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/2011/jul2011/pteu-j27_prn.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2012.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Trad. A. S. Lima. São Paulo: Martins Fontes, 2003. v. 2.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

UOL Notícias. Supremo absolve ex-presidente Collor por falta de provas. 2014. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/04/24/maioria-dos-ministros-do-stf-absolve-collor-por-falta-de-provas.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. De 132 pedidos de impeachment desde Collor, ação contra Dilma é a 2ª aceita. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/12/03/de-132-pedidos-de-impeachment-desde-collor-acao-contradilma-e-2-aceita.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

TUCHMAN, Gaye. La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.

VEIGA, L. F. **Propaganda política e voto**: o estudo do efeito da persuasão do horário gratuito. Estado do Rio de Janeiro, em 1994, 2º turno. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

VILLAVARDE, J. **Perigosas pedaladas**: os bastidores da crise que abalou o Brasil e levou ao fim do governo Dilma Rousseff. São Paulo: Geração, 2016.

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1968.

_____. **A política como profissão**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

WESTIN, R. **A queda de Dilma**: os bastidores do *impeachment* da presidente que desprezou as lições políticas de Maquiavel. São Paulo: Universo do Livro, 2017.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

ZELIZER, B. **.Taking Journalism Seriously**. Thousand Oaks: Sage, 2004.

